Ninguém faz isso melhor do que Grisham

TELEGRAPH

John Grisham



O MANIPULADOR

Ele foi traído pelo FBI.
Agora ele quer vingança...

JOHN GRISHAM

O MANIPULADOR

Tradução de
ANA MENDES LOPES



O MANIPULADOR

JOHN GRISHAM

Tradução de ANA MENDES LOPES

BERTRAND EDITORA

Lisboa.

Título original: The Racketeer

Autor: John Grisham

© 2012 by Belfry Holdings, Inc.

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta.

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 6.

Fax: 21 762 6.

Correio eletrônico: editora@bertrand.pt

www. bertrandeditora. pt

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Imagem da capa: David Gibson/Trevillion Images

Revisão: Miguel Martins Rodrigues

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

1ª edição: novembro d.

Depósito legal nº 364 397/13

ISBN: 978-972-25-2719-4

contracapa

O juiz federal Raymond Fawcett acaba de ser assassinado.

Quem é o Manipulador?

E o que tem ele a ver com a inoportuna morte do juiz?

Por ora, seu nome é Malcolm Bannister.

Profissão? Antigo advogado.

Endereço atual? O Campo Prisional Federal perto de Frostburg, Maryland.

Em teoria, a situação de Malcolm não é vantajosa, mas ele tem um truque na manga. Sabe quem matou o juiz Fawcett, e sabe por quê.

O corpo do juiz foi encontrado em sua remota casa do lago. A entrada não foi forçada, não há sinais de luta, apenas dois cadáveres: o do juiz Fawcett e o de sua jovem secretária. E um cofre grande, extremamente seguro, aberto e vazio.

O que estaria no cofre? O FBI adoraria saber. E Malcolm Bannister adoraria contar.

Mas tudo tem seu preço, especialmente informações tão explosivas quanto a sequência de acontecimentos que levaram à morte do juiz Fawcett.

E o Manipulador não nasceu ontem...

ma-ni-pu-la-dor aquele que condiciona, influencia ou domina de forma indevida.

capítulo **1**

Sou advogado e estou na prisão. É uma longa história.

Tenho quarenta e três anos e estou no meio de uma sentença de dez anos, atribuída a mim por um juiz federal fraco e hipócrita em Washington, D.C. Todos os meus recursos percorreram os trâmites habituais e não resta procedimento, mecanismo, estatuto obscuro, detalhe técnico, lacuna ou Deus nos acuda no meu arsenal completamente esgotado. Não tenho nada. Uma vez que conheço a lei, podia fazer o que alguns detidos fazem e entupir os tribunais com pilhas de moções inúteis, recursos e outras manobras de empate, mas nada disso ajudaria minha causa. A verdade é que não tenho a menor esperança de sair antes de mais cinco anos, com exceção talvez de umas míseras semanas, perdoadas por bom comportamento — e o meu comportamento tem sido exemplar.

Não devia me intitular advogado, porque tecnicamente não sou. A Ordem do estado da Virginia retirou minha licença pouco tempo depois de ter sido condenado. As palavras estão todas lá, preto no branco: uma condenação equivale à expulsão da Ordem. Minha licença foi retirada e meus problemas disciplinares foram devidamente publicados no Registo de Advogados da Virginia. Naquele mês, fomos três os expulsos da Ordem, o que está mais ou menos dentro da média.

No meu pequeno mundo, porém, sou conhecido como o advogado da prisão e, como tal, passo várias horas por dia ajudando meus companheiros de cárcere em seus problemas legais. Estudo recursos e moções. Preparo testamentos simples e uma escritura de vez em quando. Revejo contratos para alguns dos rapazes presos por crime de colarinho branco. Já processei o governo por causas legítimas, mas nunca por causas que considerasse frívolas. E há muitos divórcios.

Oito meses e seis dias depois de ter começado a cumprir pena, recebi um envelope grosso. Os internos anseiam por receber correspondência, mas eu teria passado bem sem aquela em particular. Era de um escritório de advogados de Fairfax, Virginia, que representava minha mulher que, surpreendentemente, queria o divórcio. No espaço de poucas semanas, Dionne tinha passado da mulher que me dava apoio, disposta a ficar comigo para o resto da vida, a uma vítima em fuga que queria acabar desesperadamente com o casamento. Fiquei incrédulo. Li os papéis em absoluto estado de choque, com os joelhos tremendo e os olhos marejados de lágrimas, e quando receei começar a chorar apressei-me

a ir para minha cela em busca de um pouco de privacidade. As lágrimas caíam muitas vezes na prisão, mas sempre escondidas.

Quando saí de casa, Bo tinha seis anos. Era nosso único filho, mas planejávamos ter mais. As contas são fáceis de fazer, e eu já as fiz vezes sem conta. Terá dezesseis quando eu sair da cadeia, um adolescente já crescido, e eu terei perdido os dez anos mais importantes que um pai e um filho podem ter. Até terem mais ou menos dez anos, os meninos veneram os pais e acreditam que nada do que eles possam fazer está errado. Treinei Bo no beisebol e no futebol infantil, e ele me seguia como um cachorrinho, íamos pescar e acampar, e à vezes ia comigo para o escritório no sábado de manhã, depois de um café apenas para meninos. Ele era o meu mundo, e tentar explicar que ia estar ausente por tanto tempo despedaçou o coração dos dois. Depois de preso, não permiti que me visitasse. Por muito que quisesse abraçá-lo, não suportava a ideia de aquele menino ver o pai encarcerado.

É virtualmente impossível lutar contra um divórcio quando se está na cadeia e não se vai sair tão cedo. Nossos rendimentos, que já não eram volumosos, esgotaram-se após dezoito meses de queda de braço com o governo federal. Tínhamos perdido tudo menos nosso filho e o compromisso de um com o outro. A criança era o porto seguro; o compromisso foi por água abaixo. Dionne fez algumas promessas bonitas sobre como devia perseverar e aguentar aquele tempo, mas assim que saí de casa a realidade se abateu sobre ela. Sentia-se sozinha e isolada na nossa pequena cidade. “As pessoas olham para mim e cochicham”, escreveu numa das suas primeiras cartas. “Sinto-me tão sozinha”, queixou-se noutra. Não demorou muito até que as cartas se tornassem cada vez mais curtas e espaçadas. Assim como as visitas.

Dionne cresceu em Filadélfia e nunca gostou muito da vida na província. Quando um tio lhe ofereceu trabalho, ficou subitamente ansiosa por voltar para casa. Voltou a se casar dois anos atrás e Bo, que agora tinha onze anos, estava sendo treinado por outro pai. As últimas vinte cartas que escrevi ao meu filho não tiveram resposta. Tenho certeza de que ele nunca as viu.

Questiono-me muitas vezes se voltarei a vê-lo. Acho que farei um esforço para isso, embora vacile muito quanto ao assunto. Como se confronta uma criança que amamos tanto que até dói, mas que não nos reconhece? Nunca mais vamos viver juntos, como pai e filho típicos. Seria justo para Bo que o pai há tanto tempo desaparecido regressasse e insistisse em fazer parte de sua vida?

Tenho tempo demais para pensar nisso.



Sou o recluso número 44.861-127 no Campo Prisional Federal perto de Frostburg, Maryland. Um “campo” é um estabelecimento prisional de baixa segurança para internos como eu, considerados não violentos e que cumprem penas de dez anos ou menos. Por motivos que nunca me foram justificados, os primeiros vinte e dois meses de pena, passei-os numa prisão de segurança média perto de Louisville, Kentucky. No interminável e confuso alfabeto da linguagem burocrática, é conhecido como uma ICF — Instituição de Correção Federal — e era bem diferente do campo em Frostburg. Uma ICF é para homens violentos sentenciados a mais de dez anos. A vida ali é muito mais dura, embora eu tenha sobrevivido sem ser fisicamente atacado. Ter sido *marine* ajudou tremendamente. No que diz respeito a prisões, um campo é um balneário. Não há muros, vedações, arame farpado nem torres de vigia e são poucos os guardas armados. Frostburg é relativamente recente e as instalações são melhores do que muitas escolas secundárias públicas.

E por que não? Nos Estados Unidos, gastamos quarenta mil dólares por ano para encarcerar cada recluso e oito mil para educar cada aluno do secundário. Aqui temos terapeutas, gestores, assistentes sociais, enfermeiras, secretárias, assistentes de várias espécies e dúzias de administradores que teriam de ser bastante pressionados para explicar como ocupam verdadeiramente suas oito horas de trabalho diário. Afinal de contas, é o governo federal. O estacionamento dos funcionários na porta de entrada está cheio de bons carros.

Há seiscentos internos e, com algumas exceções, somos todos homens bem comportados. Aqueles com passado violento aprenderam a lição e apreciam o ambiente civilizado. Os que passaram suas vidas na prisão encontraram finalmente a melhor casa. A maior parte destes rapazes que fazem carreira na prisão não quer ir embora. Estão completamente institucionalizados e não sabem funcionar no exterior. Uma cama quente, três refeições diárias, seguro de saúde... Como ter mais do que isso nas ruas?

Não estou insinuando que seja um local agradável. Não é. Há muitos homens como eu que nunca sonharam que um dia cairiam tão baixo. Homens com profissões, carreiras, negócios; homens com bens, boas famílias e inscrições nos clubes de campo. Na gangue dos brancos, há Carl, optometrista que manipulou demais as contas que enviava à Medicare; Kermit, especulador imobiliário que

empenhou duas e três vezes as mesmas propriedades em vários bancos; Wesley, antigo senador estadual da Pensilvânia que aceitou suborno, e Mark, banqueiro de hipotecas de uma cidade pequena que fazia atalhos nos processos.

Carl, Kermit, Wesley e Mark. Todos brancos, com média de idade de cinquenta e um anos. Todos admitem culpa.

E depois, eu. Malcolm Bannister, negro, quarenta e três anos, condenado por um crime que não sabia que estava cometendo.

Neste momento, em Frostburg, sou o único negro cumprindo pena por crime de colarinho branco. Que grande distinção.

Na gangue dos negros, a qualidade dos associados não é tão distinta. A maior parte é de garoto das ruas de D.C. e Baltimore apanhados por crimes relacionados a drogas, e quando receberem liberdade condicional voltarão às ruas com apenas vinte por cento de chance de evitar nova condenação. Sem educação, competências e com ficha, como se espera que consigam ter sucesso?

Na verdade, não há gangues num campo federal, nem violência. Se nos envolvermos numa luta ou se ameaçarmos alguém, tiram-nos daqui e nos enviam para um lugar muito pior. Há muitas discussões, principalmente por causa da televisão, mas ainda estou para ver alguém dando um murro em outra pessoa. Alguns homens cumpriram tempo em prisões estaduais e as histórias que contam são horríveis. Ninguém quer trocar este lugar por outra cadeia.

Por isso, contamos os dias e nos portamos bem. Para os caras de colarinho branco, o castigo é a humilhação e a perda de status, de reputação, de estilo de vida. Para os negros, a vida no campo é mais segura do que o lugar de onde vieram e para onde vão. Seu castigo é mais uma mancha na ficha, mais um passo para se tornarem criminosos de carreira.

Por esses motivos, sinto-me mais branco do que negro.

Há outros dois ex-advogados aqui em Frostburg. Ron Napoli foi por muitos anos um exuberante advogado de direito penal em Filadélfia, até a cocaína arruiná-lo. Especializou-se em crimes relacionados a drogas e representou muitos dos principais negociantes e traficantes da região do Médio Atlântico, de New Jersey às Carolinas. Preferia receber os honorários em dinheiro e coca e acabou por perder tudo. O Fisco o pegou por evasão fiscal, e está na metade de uma pena de nove anos. Ultimamente, Ron não tem andado muito bem. Parece deprimido e não faz exercícios, sob circunstância alguma, nem procura se cuidar. Está ficando mais pesado, mais lento, mais rabugento e cada vez mais doente. Costumava contar histórias fascinantes sobre seus clientes e suas aventuras no narcotráfico, mas agora se limita a ficar sentado no pátio, a comer pacote atrás de pacote de salgadinhos, com um ar perdido. Alguém lhe envia dinheiro e ele gasta quase tudo em comida de plástico.

O terceiro ex-advogado é um tubarão de Washington chamado Amos Kapp, um homem bem posicionado e especulador manhoso que passou a carreira se esquivando de fininho de todos os grandes escândalos políticos. Kapp e eu fomos julgados em conjunto, condenados em conjunto e sentenciados a dez anos de prisão cada um pelo mesmo juiz. Havia oito réus — sete de Washington e eu. Kapp sempre foi culpado de alguma coisa e era certamente culpado aos olhos dos jurados. Mas Kapp sabia então e sabe agora que nunca tive nada a ver com a conspiração, apenas foi covarde e desonesto demais para falar. A violência é estritamente proibida em Frostburg, mas me deem cinco minutos com Amos Kapp e quebro o pescoço dele. Ele sabe disso, e desconfio que contou ao diretor há muito tempo. Fica no campus oeste, tão longe da minha cela quanto possível.

Dos três advogados, sou o único que está disposto a ajudar os demais internos com seus problemas legais. Gosto do trabalho. É desafiador e me mantém ocupado. Também faz com que minhas capacidades de advogado continuem atualizadas, embora duvide seriamente que meu futuro passe pela advocacia. Posso voltar a me candidatar à Ordem quando sair, mas todo o procedimento pode ser bem árduo. A verdade é que nunca ganhei dinheiro com advocacia. Era advogado numa cidade pequena, ainda por cima negro, e eram poucos os clientes que podiam me pagar honorários decentes. Havia dúzias de outros advogados na Braddock Street, todos disputando os mesmos clientes; a competição era dura. Não sei bem o que vou fazer quando isso acabar, mas tenho sérias dúvidas de que algum dia retome a carreira.

Se Deus quiser, terei quarenta e oito anos, serei solteiro e saudável.

Cinco anos são uma eternidade. Todos os dias dou um grande passeio, sozinho, por uma trilha de corrida que passa pela extremidade do campo e segue a fronteira, ou a “linha”, como é mais conhecida. Se passarmos para o lado de lá da linha, somos considerados fugitivos. Não obstante ser a localização de uma prisão, é uma bonita região campestre com vistas espetaculares. Enquanto caminho e admiro as montanhas distantes, luto sempre contra o impulso de continuar a andar, de pisar na linha. Não há cerca que me detenha, nem guardas que gritem meu nome. Podia desaparecer na floresta densa e depois sumir para sempre.

Quem me dera que existisse um muro, com três metros de altura, feito de tijolos, com espirais de arame farpado brilhando em cima; um muro que me impedisse de admirar as montanhas e sonhar com a liberdade. Isso é uma prisão, caramba! Não podemos sair daqui. Ergam um muro e parem de nos tentar.

A tentação está sempre lá e, por muito que tente lutar contra ela, juro que está mais forte a cada dia.

capítulo 2

Frostburg fica a poucos quilômetros da cidade de Cumberland, Maryland, no meio de uma tira de terra entalada por Pensilvânia ao norte e Virginia Ocidental a oeste e ao sul. Olhando para o mapa, torna-se óbvio que aquela parte exilada do estado foi resultado de um exame topográfico mal executado e que não devia pertencer de todo a Maryland, embora também não seja claro quem devia ficar com ela. Trabalho na biblioteca, e na parede acima da minha pequena mesa há um grande mapa dos Estados Unidos. Passo tempo demais olhando para ele, sonhando acordado, questionando como me tornei um prisioneiro federal numa parte remota do longínquo oeste de Maryland.

A noventa e cinco quilômetros daqui fica Winchester, Virginia, com população de vinte e cinco mil pessoas, o local de meu nascimento, infância, educação, carreira e, por fim, da minha *Queda*. Dizem que pouco mudou desde que vim embora. A firma de advogados Copeland & Reed continua no mesmo escritório em que trabalhei. Fica na Braddock Street, na Cidade Velha, ao lado de um restaurante. O nome, pintado a preto no vidro da janela, costumava ser Copeland, Reed & Bannister, e era a única firma exclusivamente negra num raio de cento e sessenta quilômetros. Pelo que sei, Mr. Copeland e Mr. Reed estão bem, certamente não prosperando ou enriquecendo, mas ganhando o suficiente para pagar duas secretárias e o aluguel. Era mais ou menos o que fazíamos quando eu era sócio da firma — íamos nos virando. Na época da *queda*, eu tinha sérias dúvidas de como sobreviver numa cidade tão pequena.

Contam-me que Mr. Copeland e Mr. Reed se recusam a falar de mim ou dos meus problemas. Escaparam de ser acusados por uma unha e sua reputação também ficou abalada. O procurador do Ministério Público que me pegou atirava em todos remotamente ligados a sua grandiosa conspiração e quase limpou a firma inteira. Meu crime foi escolher o cliente errado. Meus dois ex-sócios nunca cometeram crime. Lamento o que aconteceu em muitos aspectos, mas a difamação de seu bom nome tira meu sono à noite. Estão com sessenta e muitos anos, e em seus primeiros tempos como advogados não só tiveram que superar o desafio de manter uma firma numa cidade pequena, como também travaram algumas das últimas batalhas da era Jim Crow. Por vezes, os juízes os ignoravam no tribunal e decidiam contra eles sem motivo legal aparente. Outros advogados eram frequentemente mal-educados e pouco profissionais com eles. A associação local da Ordem não os convidava. De vez em quando, funcionários judiciais

perdiam seus processos. Os júris exclusivamente brancos não acreditavam neles. Mas o pior de tudo era que os clientes não os contratavam. Os clientes negros. Nos anos setenta, nenhum cliente branco contratava um advogado negro, pelo menos não no sul, e isso ainda não tinha sofrido grande alteração. Mas a Copeland & Reed quase morreu no nascimento, porque as pessoas negras achavam que os advogados brancos eram melhores. O trabalho árduo e o profissionalismo foram mudando esta ideia, embora lentamente.

Winchester não foi minha primeira escolha como local para cimentar uma carreira. Andei na Faculdade de Direito George Mason, nos subúrbios de D.C., no norte de Virginia. No verão após o segundo ano, tive sorte e arranjei um lugar de escrivão numa firma gigantesca na Pennsylvania Avenue, perto de Capitol Hill. Era uma daquelas firmas com mil advogados, escritórios pelo mundo, o nome de antigos senadores no cabeçalho do papel de carta, clientes importantes e um ritmo frenético que adorei. O ponto alto foi bancar o mensageiro no julgamento de um antigo congressista (nosso cliente), acusado de conspirar com o irmão criminoso para receber suborno de um empreiteiro. O julgamento foi um circo e eu fiquei deliciado por estar tão perto do palco central.

Onze anos depois, entrei na mesma sala de julgamento no Tribunal E. Barrett Prettyman, centro de Washington, para meu próprio julgamento.

Naquele verão, era um dos dezessete escrivães. Os outros, todos vindos das dez melhores faculdades de direito, receberam ofertas de emprego. Uma vez que tinha colocado todas as esperanças no mesmo local, passei o terceiro ano do curso de Direito rodando D.C., batendo nas portas, sem encontrar nenhuma aberta para mim. Devem existir vários milhares de advogados desempregados percorrendo as ruas de D.C., e é fácil se perder no desespero. Acabei por alargar minhas fronteiras para os subúrbios, onde as firmas são muito menores e os empregos ainda mais raros.

Acabei por voltar para casa, derrotado. Meus sonhos de fazer parte da gloriosa primeira liga foram arrasados. Mr. Copeland e Mr. Reed não tinham trabalho suficiente e certamente não podiam arcar com a despesa de um novo associado, mas tiveram pena de mim e me ofereceram uma velha sala de arquivo no andar de cima. Trabalhei tão arduamente quanto possível, embora às vezes fosse um desafio fazer muitas horas de trabalho com tão poucos clientes, mas nos demos muito bem, e cinco anos depois eles adicionaram generosamente meu nome à sociedade. Meu salário quase não subiu.

No julgamento, foi doloroso ver o bom nome deles arrastado na lama, e era tudo tão desprovido de sentido... O agente principal do FBI me informou que, se não me declarasse culpado e colaborasse com o procurador, Mr. Copeland e Mr. Reed seriam indiciados. Pensei que ele estivesse blefando, mas não tinha como

saber com certeza. Mandei-o para o inferno.

Felizmente, ele blefava.

Escrevi-lhes cartas, longas cartas chorosas pedindo desculpa e tudo o mais, mas não recebi resposta. Pedi-lhes que viessem me visitar para podermos falar cara a cara, mas não responderam. Embora a cidade ficasse a menos de cem quilômetros de distância, só tinha uma visita regular.



Meu pai foi um dos primeiros soldados de cavalaria negros contratados pela Commonwealth da Virginia. Henry patrulhou as estradas e autoestradas em redor de Winchester durante trinta anos e adorou cada minuto do seu trabalho. Adorava o trabalho em si, a sensação de autoridade e de história, o poder de fazer cumprir a lei e a compaixão para ajudar aqueles que precisassem. Adorava o uniforme, o carro de patrulha, tudo menos a arma que usava no cinto. De vez em quando, era obrigado a empunhá-la, mas nunca a disparou. Esperava que os brancos ficassem ressentidos contra ele e que os negros quisessem brandura, mas estava determinado a demonstrar um senso de justiça absoluto. Era um policial duro que não hesitava no cumprimento da lei. Se um ato não era legal, então era certamente ilegal, sem espaço de manobra nem tempo para detalhes técnicos.

A partir do instante em que fui indiciado, meu pai acreditou que eu era culpado ou algo assim. Esqueçam a presunção da inocência. Esqueçam meus discursos sobre ser inocente. Enquanto orgulhoso homem de carreira, meu pai sofreu lavagem cerebral completa a vida inteira perseguindo os que infringiam a lei e, se os agentes federais, com seus recursos e imensa sabedoria, me achavam digno de uma acusação de cem páginas, então eles estavam certos e eu errado. Tenho certeza de que sentiu compaixão e tenho certeza de que também terá rezado para que eu conseguisse sair daquela confusão, mas teve dificuldade em me transmitir esses sentimentos. Sentia-se humilhado, e deixou isso bem claro. Como seu filho advogado pôde se deixar enredar daquela maneira por um bando de criminosos manhosos?

Já me fiz a mesma pergunta um milhão de vezes. Não há uma boa resposta.

Henry Bannister acabou o ensino secundário com dificuldade e, depois de alguns problemas menores com a lei, alistou-se nos *marines* com dezanove anos. Os *marines* transformaram-no rapidamente num homem, num soldado que ansiava por disciplina e que tinha grande orgulho no uniforme. Combateu em

três campanhas no Vietname, onde foi baleado, queimado e capturado por um breve período de tempo. As suas medalhas estão na parede do escritório da pequena casa onde fui criado. Vive lá sozinho. Minha mãe foi morta por um motorista embriagado, dois anos antes de eu ser acusado.

Henry viaja até Frostburg uma vez por mês para uma visita de uma hora. Está aposentado e não tem muito o que fazer, podia me visitar uma vez por semana se quisesse. Mas não quer.



Há tantas reviravoltas cruéis numa pena de prisão longa. Uma delas é a sensação de que somos lentamente esquecidos pelo mundo e por aqueles que amamos e de que necessitamos. O correio, que nos primeiros meses chegava aos maços, foi diminuindo gradualmente para uma ou duas cartas por semana. Amigos e familiares que antes pareciam ansiosos por me visitarem não aparecem há anos. O meu irmão mais velho, Marcus, vem cá duas vezes por ano para passar uma hora a pôr-me ao corrente dos seus últimos problemas. Tem três filhos adolescentes, todos em vários graus de delinquência juvenil, mais uma mulher maluca. Acho que afinal não tenho problemas nenhuns. Apesar da sua vida caótica, gosto das visitas dele. Marcus passou a vida inteira imitando Richard Pryor, e cada palavra que lhe sai da boca é engraçada. Normalmente, passamos a hora toda rindo enquanto ele vai descarregando nos filhos. A minha irmã mais nova, Ruby, vive na Costa Oeste e vejo-a uma vez por ano. Escreve-me religiosamente uma carta por semana que eu recebo com grande carinho. Tenho um primo distante que cumpriu pena de sete anos por assalto à mão armada — fui eu o advogado de defesa, e vem me visitar duas vezes por ano, porque também o visitei quando esteve preso.

Depois de três anos aqui, passo frequentemente meses sem visita, à exceção de meu pai. A Direção Prisional tenta colocar os internos num raio de oitocentos quilômetros de casa. Tenho sorte por Winchester ser tão perto, mas é a mesma coisa se estivesse a mil e quinhentos quilômetros de distância. Tenho vários amigos de infância que nunca fizeram a viagem até aqui e outros dos quais não tenho notícia há dois anos. A maior parte dos antigos amigos advogados é de pessoas ocupadas demais. Meu parceiro de corrida da universidade me escreve mês sim, mês não, mas não consegue encaixar uma visita em seus hábitos. Vive em Washington, duzentos e cinquenta quilômetros para o leste, onde diz que

trabalha sete dias por semana numa grande firma de advogados. Meu melhor amigo *marine* vive em Pittsburgh, a duas horas de distância, e veio a Frostburg exatamente uma vez.

Acho que devia ser grato pelo esforço de meu pai.

Como sempre, está sentado na pequena sala de visita, com um saco de papel pardo na mesa a sua frente. Devem ser bolachas ou bolo de chocolate da minha tia Racine, a sua irmã. Cumprimentamo-nos com um aperto de mão, mas não nos abraçamos Henry Bannister nunca abraçou outro homem em toda a sua vida. Observa-me de alto a baixo para se certificar de que não ganhei peso e, como sempre, interroga-me sobre a minha rotina diária. Em quarenta anos, não ganhou meio quilo que fosse e ainda consegue vestir o uniforme dos *marines*. Está convencido de que comer menos significa viver mais, e Henry tem medo de morrer novo. O pai e o avô caíram para o lado quando tinham cinquenta e tal anos. Por isso, caminha oito quilômetros por dia e acha que eu devia começar fazendo o mesmo. Já aceitei o fato de que ele nunca vai deixar de me dizer como devo viver minha vida, encarcerado ou não.

Deu uma pancadinha no saco de papel e disse: — Racine mandou isso.

— Diga-lhe, por favor, que agradeço — respondi.

Se ele está assim tão preocupado com meu perímetro abdominal, por que me traz um saco de sobremesas calóricas a cada vez que me visita? Eu como duas ou três e depois dou o resto.

— Tem falado com Marcus ultimamente? — perguntou.

— Não, pelo menos não no último mês. Por quê?

— Porque há um grande problema. Delmon engravidou a namorada. Ele tem quinze anos, a garota quatorze.

Sacudiu a cabeça enquanto franzia a testa. Delmon com dez anos já era um fora da lei, e a família sempre esperou que ele levasse uma vida de criminoso.

— É seu primeiro bisneto — disse eu, tentando ser engraçado.

— E olha como estou orgulhoso! Uma garota branca de quatorze anos grávida de um idiota negro de quinze cujo sobrenome é Bannister.

Falamos daquilo algum tempo. As nossas visitas são muitas vezes definidas não tanto por aquilo que se diz, mas pelo que fica por dizer. O meu pai tem agora sessenta e nove anos e, em vez de saborear os seus anos dourados, passa a maior parte do tempo lambendo as feridas e sentindo pena de si mesmo. Não que o culpe por isso. A sua querida mulher de quarenta e dois anos foi-lhe roubada numa fração de segundos. Enquanto andava perdido na sua mágoa, descobrimos que o FBI se mostrava interessado em mim, e a investigação evoluiu rapidamente. Meu julgamento durou três semanas e meu pai compareceu todos os dias. Ver-me perante o juiz e ser sentenciado a dez anos de prisão despedaçou

seu coração. Depois, nos tiraram Bo, dos dois. Agora, os filhos de Marcus já tinham idade suficiente para atormentar os pais e o resto da família.

Nossa família já merecia ter alguma sorte, mas não parece muito provável que isso venha a acontecer.

— Falei com Ruby ontem à noite — disse-me. — Ela está bem, manda dizer olá e contou que sua última carta foi muito engraçada.

— Diga-lhe, por favor, que as cartas dela significam muito para mim. Em cinco anos, não falhou uma semana.

Ruby é a parte brilhante na nossa família desmoronada. É conselheira matrimonial e está casada com um pediatra. Têm três filhos perfeitos que são mantidos afastados do infame tio Mal.

Depois de uma longa pausa, disse-lhe: — Obrigado pelo cheque, como sempre.

Meu pai encolheu os ombros.

— Fico feliz de ajudar.

Ele me envia cem dólares todos os meses, e eu agradeço muito. Vai para a minha conta e permite-me comprar coisas como canetas, blocos de notas, livros e comida decente. A maior parte dos rapazes da gangue dos brancos recebe cheques de casa e praticamente ninguém na gangue dos negros recebe um tostão. Na prisão, sabemos sempre quem recebe dinheiro.

— Já está quase no meio — disse meu pai.

— Faltam duas semanas para os cinco anos — afirmei.

— O tempo passa voando.

— Talvez do lado de fora. Posso assegurar que deste lado do muro o relógio anda muito mais devagar.

— Ainda assim, custo a acreditar que você está aqui há cinco anos.

Sim, custa de fato. Como se sobrevive tantos anos na prisão? Não se pensa nos anos, meses ou semanas. Pensa-se no dia de hoje — como o ultrapassar, como sobreviver a ele. No dia seguinte, quando acordarmos, já há mais um dia atrás de nós. Os dias vão-se somando; as semanas passam em grupos; os meses tornam-se em anos. Apercebemo-nos de como somos resistentes, de como conseguimos funcionar e sobreviver porque não temos outra escolha.

— Tem alguma ideia do que vai fazer depois? — perguntou meu pai.

Agora, todos os meses me faz a mesma pergunta, como se a minha libertação estivesse mesmo ao virar da esquina. Tem paciência, recordo-me. É o teu pai. E está aqui! Isso vale muito.

— Nenhuma. Ainda falta muito tempo.

— Se eu fosse você começaria a pensar nisso — disse ele, certo de que saberia exatamente o que fazer se estivesse em meu lugar.

— Acabei agora mesmo o terceiro nível de espanhol — disse eu com algum orgulho. Na gangue dos mestiços, tenho um bom amigo, Marco, que é um excelente professor de línguas. Drogas.

— Parece que em breve vamos todos falar muito bem espanhol. Eles estão tomando conta de tudo.

Henry tem pouca paciência para emigrantes, qualquer pessoa que tenha pronúncia, pessoas de New York e New Jersey, qualquer pessoa que viva da Seguro Social, qualquer pessoa que esteja desempregada, e acha que os sem-abrigo deviam ser reunidos e colocados em campos que se assemelhariam, na sua visão, a qualquer coisa pior do que Guantánamo.

Há alguns anos, trocamos algumas palavras mais duras por causa disso, e ele ameaçou que deixaria de me visitar. Discutir era uma perda de tempo. Não vou conseguir mudar a sua maneira de pensar.

Ele é suficientemente bondoso para vir até aqui, o mínimo que posso fazer é me comportar. Eu sou um condenado; ele não. Ele é o vencedor; eu sou o derrotado. Isto parece ser importante para Henry, embora eu não perceba porquê. Talvez seja porque pude estudar, ir à faculdade de Direito, algo com que ele nunca sonhou.

— O mais certo é sair do país — disse-lhe. — Ir para um lugar qualquer em que possa usar o espanhol, talvez Panamá ou Costa Rica. O tempo é quente, há praias, as pessoas têm a pele mais escura. Eles não se importam com fichas e com quem já esteve na prisão.

— A galinha da vizinha dá mais ovos do que a minha, não é?

— Sim, pai, quando se está na cadeia, qualquer lugar parece melhor. O que vou fazer? Voltar para casa, talvez virar solicitador sem licença para trabalhar com pesquisa numa firma pequena que não tem dinheiro para me pagar? Talvez pudesse me especializar em fianças? Que tal detetive particular? Não há muitas opções.

Ele foi acenando com a cabeça. Tivemos essa conversa pelo menos uma dúzia de vezes.

— E odeia o governo — disse.

— Oh, sim. Odeio o governo federal, o FBI, a procuradoria, os juízes federais e os idiotas que gerem as prisões. Há tantas coisas que odeio neles. Estou aqui cumprindo dez anos por um crime que não cometi porque um figurão da procuradoria precisava aumentar sua cota de abates. E, se o governo pode me condenar a dez anos sem provas, pense só nas possibilidades à minha frente agora que tenho a palavra “Condenado” tatuada na testa. Vou embora daqui, pai, assim que puder.

Ele sorria e acenava com a cabeça. *Claro, Mal*.

capítulo **3**

Dada a importância do que fazem, das controvérsias que os rodeiam e das pessoas violentas que por vezes confrontam, é notável que na história deste país tenham sido assassinados apenas quatro juízes federais na ativa.

O ilustre Raymond Fawcett acabava de ser o quinto.

O corpo foi encontrado no porão de uma casa que o próprio construíra junto ao lago e que usava frequentemente aos fins de semana. Quando não apareceu num julgamento na segunda-feira de manhã, os funcionários judiciais entraram em pânico e chamaram o FBI. Na altura devida, os agentes encontraram o local do crime. A casa do lago ficava numa zona fortemente arborizada do sudoeste da Virginia, na encosta de uma montanha, à beira de uma pequena e primitiva superfície de água conhecida na região como lago Higgins. O lago não aparece na maior parte dos mapas de estradas.

Não parecia ter havido arrombamento, luta ou agitação; não havia nada além de dois cadáveres, com tiros na cabeça, e um cofre de metal vazio no porão. O juiz Fawcett foi encontrado perto do cofre, com dois tiros na nuca, sem dúvida uma execução, e havia uma grande poça de sangue seco em volta dele. O primeiro perito a chegar ao local estimou que o juiz tinha sido morto pelo menos dois dias antes. Saiu do escritório na sexta-feira por volta das três da tarde, de acordo com um de seus secretários, com planos de ir diretamente para a casa do lago, onde passaria o fim de semana trabalhando.

O outro cadáver pertencia a Naomi Clary, trinta e quatro anos, divorciada e mãe de duas crianças, recentemente contratada como secretária do juiz Fawcett. O juiz, que tinha sessenta e seis anos e cinco filhos adultos, não era divorciado. Ele e Mrs. Fawcett viviam separados há alguns anos, embora ainda fossem vistos juntos em Roanoke quando a ocasião o exigia. Era do conhecimento comum que estavam separados e, como ele era um homem tão proeminente da cidade, a maneira como viviam gerava alguns mexericos. Ambos confidenciaram aos filhos e amigos que simplesmente não tinham coragem de se divorciar. Mrs. Fawcett tinha o dinheiro. O juiz Fawcett, o status. Ambos pareciam relativamente satisfeitos e ambos haviam prometido não ter casos amorosos. O acordo tácito que tinham estipulava que, se algum deles conhecesse alguém, avançariam com o divórcio.

Evidentemente, o juiz tinha encontrado alguém de quem gostava. Os rumores no tribunal de que o juiz andava novamente com alguém surgiram quase

imediatamente após a contratação de Miss Clary. Algumas pessoas de sua equipe sabiam que ele tinha grande dificuldade para manter a calça vestida por muito tempo.

O corpo de Naomi foi encontrado no sofá perto do local onde o juiz tinha sido assassinado. Estava nua, tornozelos bem presos com fita adesiva prateada, deitada de costas, os pulsos amarrados atrás do corpo. Tinha levado dois tiros na testa. O corpo estava coberto de pequenas queimaduras. Depois de algumas horas de debate e análise, o chefe da investigação concluiu que o mais provável era ela ter sido torturada para obrigarem Fawcett a abrir o cofre. Aparentemente, tinha funcionado. O cofre estava vazio, a porta aberta e não restava uma migalha no interior. O ladrão limpara tudo e executara as vítimas.

O pai do juiz Fawcett tinha sido empreiteiro de estruturas em madeira, e o garoto acompanhava o pai, sempre de martelo em punho. Nunca deixou de construir coisas — uma varanda nova nos fundos, um terraço, uma cabana de arrumação. Quando os filhos eram pequenos e o casamento feliz, tinha demolido e reformado completamente uma casa senhorial no centro de Roanoke, assumindo o papel de empreiteiro principal e passando os fins de semana em cima de uma escada. Anos mais tarde, renovou um apartamento para seus encontros que se tornou, mais tarde, sua casa. Para ele, martelar, serrar e transpirar eram terapia, um escape mental e físico de um emprego carregado de estresse. Desenhara a casa do lago em forma de A e, em quatro anos, construiu a maior parte com as próprias mãos. No porão onde morreu havia uma parede coberta de elegantes prateleiras de cedro, atulhadas de grossos livros jurídicos. No centro, uma porta falsa. Um conjunto de prateleiras girava para trás e ali, perfeitamente escondido, estava o cofre. Na cena do crime, o cofre tinha sido puxado para fora quase um metro e esvaziado por completo.

O cofre era feito de metal e chumbo, montado em quatro rodas de doze centímetros de diâmetro. Tinha sido fabricado pela Companhia de Cofres Vulcan de Kenosha, Wisconsin, e vendido online ao juiz Fawcett. De acordo com as especificações, tinha um metro e dezesseis centímetros de altura, noventa e um centímetros de largura e um metro de profundidade; oferecia um espaço de armazenamento de 0,25 m3; pesava duzentos e trinta e um quilos; o preço era de 2.100 dólares; e, quando devidamente selado, era à prova de fogo, de água e, segundo se dizia, de ladrões. Um teclado na porta exigia um código de seis dígitos para sua abertura.

O motivo que levava um juiz federal com salário de 174 mil dólares por ano a precisar de um cofre tão seguro e tão bem escondido para seus bens intrigou de imediato o FBI. Na altura da sua morte, o juiz Fawcett tinha 15 mil dólares numa conta pessoal, 60 mil dólares num depósito que lhe rendia menos de um por

cento ao ano, 31 mil dólares num fundo do Tesouro e 47 mil dólares num fundo mútuo que estava abaixo do valor de mercado por quase uma década. Também possuía uma poupança previdenciária e os benefícios normais a que funcionários federais de topo tinham direito. Sem praticamente dívida alguma, seu registro financeiro era pouco impressionante. Sua verdadeira segurança estava no trabalho. Uma vez que a Constituição permitia que continuasse trabalhando até morrer, o salário jamais pararia de cair na conta.

A família de Mrs. Fawcett era proprietária de uma grande quantidade de ações bancárias, mas o juiz nunca tinha conseguido chegar perto delas. Agora, com a separação, estava ainda mais distante. Em suma: o juiz vivia com conforto, mas estava longe de ser rico e não era do tipo que precisaria de um cofre secreto para proteger bens.

O que havia no cofre? Ou, mais diretamente, o que causara sua morte? Os interrogatórios de parentes e amigos revelaram mais tarde que ele não tinha hábitos dispendiosos, não colecionava moedas de ouro, diamantes raros ou qualquer outra coisa que precisasse daquele tipo de proteção. Com exceção de uma notável coleção de cromos de basebol que tinha desde a juventude, não havia provas de que o juiz tivesse interesse em colecionar outras coisas.

A casa do lago estava de tal forma inserida nas colinas que era quase impossível encontrá-la. Uma varanda contornava a construção e, de qualquer ponto em que se estivesse, não havia pessoa, veículo, cabana, casa, barraca ou barco à vista. Era totalmente isolada. O juiz tinha um caiaque e uma canoa no porão e era conhecido por passar horas no lago, pescando, pensando e fumando charuto. Era um homem sossegado, nem solitário nem tímido, mas cerebral e sério.

Tornava-se dolorosamente óbvio para o FBI que não havia testemunhas porque não havia outros humanos num raio de muitos quilômetros. A casa do lago era o local indicado para se matar alguém e estar já bem longe quando o crime fosse descoberto. Desde que chegaram, os investigadores sabiam que estavam muito atrasados em relação ao crime. E, para eles, as coisas ainda pioraram. Não havia uma única impressão digital, pegada, pedaço de fibra, algum folículo capilar perdido ou marcas de pneu que servissem de prova. A casa não tinha sistema de alarme e certamente nem câmeras de vigilância. Para quê? O policial mais próximo ficava a meia hora de distância e, partindo do princípio de que conseguisse sequer encontrar a casa, o que devia fazer assim que chegasse? Até um ladrão idiota já teria ido embora há muito.

Os investigadores inspecionaram cada centímetro da casa e do hectare e meio de terreno que a rodeava durante três dias, mas nada encontraram. O fato de o assassino ter sido tão calmo e metódico não ajudava o estado de espírito da

equipa. Estavam lidando com alguém verdadeiramente talentoso, um assassino dotado que não deixava pistas. Por onde começar?

A pressão do Departamento de Justiça em Washington já se fazia sentir. O diretor do FBI estava reunindo uma equipe de investigação, uma espécie de unidade de operações especiais, para ir até Roanoke e resolver o crime.



Como era de prever, o assassinato brutal de um juiz adúltero e de sua jovem namorada eram presentes esplêndidos para a mídia tradicional e para os tabloides. Quando Naomi Clary foi sepultada três dias depois de seu corpo ter sido encontrado, a polícia de Roanoke usou barricadas para impedir que jornalistas e curiosos entrassem no cemitério. Quando, no dia seguinte, realizou-se o serviço fúnebre de Raymond Fawcett na igreja episcopal apinhada de gente, um helicóptero sobrevoou o local, abafando a música. O chefe de polícia, um velho amigo do juiz, foi obrigado a enviar o seu próprio helicóptero para afugentar o outro. Mrs. Fawcett estava inalterável na fila da frente entre os filhos e netos, recusando-se a derramar uma lágrima ou olhar para o caixão. Foram muitas as palavras bondosas ditas sobre o juiz, mas algumas pessoas, principalmente os homens, estavam pensando: “Como é que esse velhote arranjou uma namorada tão nova?”

Quando ambos já estavam frios e enterrados, a atenção virou-se para a investigação. O FBI não dizia uma palavra em público, principalmente porque não tinha nada para dizer. Uma semana depois da descoberta dos cadáveres, a única prova que havia em cima da mesa era o relatório da balística. Quatro balas, de ponta oca, disparadas por uma pistola de calibre 38, uma de um milhão que circulavam pelas ruas e que agora repousava provavelmente no fundo de um lago nas montanhas da Virginia Ocidental.

Analisavam-se também outros motivos. Em 1979, o juiz John Wood foi alvejado no exterior da sua casa em San Antônio. O assassino foi contratado por um poderoso traficante de droga que estava prestes a ser sentenciado pelo juiz Wood, que odiava o tráfico de drogas e as pessoas que o faziam. Com a alcunha de Maximum John, o motivo era bastante óbvio. Em Roanoke.

As equipes do FBI inspecionaram cada caso, penal e civil, do registro de julgamentos do juiz Fawcett e fizeram uma pequena lista de potenciais suspeitos, praticamente todos envolvidos em casos de narcotráfico.

Em 1988, o juiz Richard Daronco foi alvejado e morto enquanto tratava do jardim na sua casa em Pelham, New York. O assassino foi o pai zangado de uma mulher que acabara de perder um caso no tribunal do juiz Daronco. O pai matou o juiz e a seguir suicidou-se. Em Roanoke, o FBI examinou os arquivos do juiz Fawcett e interrogou os seus assistentes. Havia sempre alguns lunáticos que enchiam os tribunais federais de lixo e exigências destrambelhadas, e uma lista começou a formar-se lentamente. Eram nomes, mas não suspeitos verdadeiros.

Em 1989, o juiz Robert Smith Vance foi assassinado na sua casa em Mountain Brook, no Alabama, quando abriu uma encomenda que continha uma bomba. Acabaram por encontrar o assassino, que foi condenado à pena de morte, mas o motivo nunca ficou claro. A acusação especulava que estaria zangado com uma decisão recente do juiz Vance. Em Roanoke, o FBI interrogou centenas de advogados com casos nas mãos do juiz Fawcett, atualmente ou num passado recente. Todos os advogados têm clientes que são suficientemente loucos ou maldosos para procurarem vingança, e alguns destes tinham passado pela sala de audiências do juiz Fawcett. Foram localizados, interrogados e eliminados.

Em janeiro de 2011, um mês antes do homicídio de Fawcett, o juiz John Roll foi alvejado perto de Tucson no mesmo assassinato em massa que feriu a congressista Gabrielle Giffords. O juiz Roll estava no lugar errado à hora errada e não era o alvo. A sua morte não serviu de ajuda para o FBI em Roanoke.

A cada dia que passava, o rastro ficava mais difícil de seguir. Sem testemunhas, sem provas do crime plausíveis, sem erros por parte do assassino, com apenas uma mão-cheia de dicas inúteis e poucos suspeitos oriundos dos arquivos do juiz, a investigação deparava-se constantemente com becos sem saída.

O grande anúncio de uma recompensa de cem mil dólares fez pouco para animar as linhas telefônicas do FBI.

capítulo **4**

Uma vez que Frostburg é um campo, e brando na segurança, temos mais contato com o mundo exterior do que a maior parte dos internos. O nosso correio pode sempre ser aberto e lido, mas é raro. Temos acesso ao e-mail, mas não à Internet. Há dúzias de telefones e imensas regras que determinam o seu uso, mas geralmente podemos fazer as chamadas que quisermos, desde que pagas pelo destinatário. Os celulares são estritamente proibidos. Temos autorização para comprar assinaturas de dúzias de revistas de uma lista de publicações aprovadas. São vários os jornais que chegam logo pela manhã, sempre disponíveis num canto do refeitório conhecido como sala do café.

Foi lá, ao início da manhã, que vi a manchete do *Washington Post*:

JUIZ FEDERAL ASSASSINADO PERTO DE ROANOKE.

Não consegui esconder um sorriso. Tinha chegado o momento.

Nos últimos três anos, desenvolvi uma obsessão por Raymond Fawcett. Nunca o conheci, nunca entrei em seu tribunal, nunca tive processo na jurisdição dele — o Distrito Sul da Virginia. Praticamente todos os meus casos foram apresentados em tribunais estaduais. Raramente me aventurei na arena federal e, quando o fiz, foi sempre no Distrito Norte de Virginia, que inclui tudo ao norte de Richmond. O Distrito Sul cobre Roanoke, Lynchburg e a enorme área metropolitana de Virginia Beach-Norfolk. Antes de Fawcett morrer, havia doze juízes federais no Distrito Sul e treze no Norte.

Conheci aqui vários internos que foram condenados por Fawcett e, sem parecer curioso demais, perguntei tudo sobre ele.

Fiz isso com a desculpa de que o conhecia pessoalmente, de que já tinha levado processos a seu tribunal. Esses homens sem exceção odiavam o juiz e sentiam que ele tinha exagerado em suas sentenças. Ele parecia ter um prazer especial em dar lições de moral aos acusados de colarinho branco enquanto lhes atribuía as penas e os mandava para a prisão. Normalmente, as audiências de leitura de sentença desses casos atraíam mais imprensa, e Fawcett tinha um ego gigantesco.

Estudou na Universidade de Duke e na Faculdade de Direito de Columbia, trabalhando depois alguns anos numa firma de Wall Street. A mulher e o dinheiro dela eram de Roanoke, e acabaram por se instalar lá quando ele tinha

trinta e poucos anos. Foi trabalhar para a maior firma de advogados da cidade e subiu rapidamente os degraus até o topo. O sogro era contribuinte antigo do Partido Democrata e, em 1993, o presidente Clinton nomeou Fawcett para um cargo vitalício no Tribunal Distrital dos Estados Unidos para o Distrito Sul da Virginia.

No mundo do direito americano, uma nomeação dessas dá imenso prestígio, mas não muito dinheiro. Na época, o salário dele era de 125 mil dólares por ano, cerca de trezentos mil dólares a menos do que recebia como sócio esforçado na próspera firma de advogados. Aos quarenta e oito anos, tornou-se num dos juízes federais mais jovens do país e, com cinco filhos, um dos que viviam em maior dificuldade. O sogro não demorou a complementar seus vencimentos, e a pressão diminuiu.

Em certa ocasião, descreveu aqueles primeiros anos no tribunal numa longa entrevista a um dos jornais jurídicos que quase ninguém lê. Encontrei-o por acaso na biblioteca da prisão, no meio de uma pilha de revistas prestes a ir para o lixo. Não há muitos livros e revistas que escapem aos meus olhos curiosos. É frequente ler durante cinco ou seis horas por dia. Os computadores aqui são de mesa, alguns anos desatualizados e, devido à grande solicitação, muito usados. Mas sou o bibliotecário, os computadores estão sob meu controle, e tenho o acesso facilitado. Assinamos dois sites de pesquisa jurídica e usei-os para ler todas as decisões publicadas pelo falecido, o eminente Raymond Fawcett.

Aconteceu alguma coisa com ele na virada do século, no ano de 2000. Em seus primeiros sete anos de tribunal, era protetor dos direitos individuais, com claras tendências políticas de esquerda; compadecia-se dos pobres e oprimidos, era rápido em admoestar a polícia, encarava as grandes empresas com ceticismo e parecia ansioso por castigar litigantes teimosos com rapidez austera. Mas, um ano depois, algo mudou. Suas opiniões eram mais sucintas, não muito bem fundamentadas, por vezes até maldosas, e estava definitivamente se inclinando para a direita.

Em 2000, foi nomeado pelo presidente Clinton para preencher a vaga no Quarto Tribunal de Recursos de Richmond. Era a promoção lógica para um juiz distrital talentoso ou com os contatos certos. No Quarto Tribunal, seria um dos quinze juízes que julgavam apenas recursos. A única posição acima desta era a Suprema Corte, e não ficou claro se Fawcett tinha essa ambição. A maior parte dos juízes federais deseja chegar lá em determinada fase da carreira. No entanto, Bill Clinton estava de saída da Casa Branca e sob uma espécie de nuvem negra. Suas nomeações ficaram empatadas no Senado e, quando George W. Bush foi eleito, o futuro de Fawcett permaneceu em Roanoke.

Tinha cinquenta e cinco anos. Os filhos já eram adultos ou estavam saindo de

casa. Talvez tivesse sucumbido a uma espécie de crise de meia-idade. Talvez o casamento já não estivesse bem. O sogro tinha morrido, deixando-o de fora do testamento. Os antigos sócios enriqueciam, enquanto ele continuava com salário de operário, por assim dizer. Fosse qual fosse o motivo, o juiz Fawcett se tornou um homem diferente no tribunal. Nos casos criminais, suas sentenças se tornaram erráticas e muito menos compassivas. Nos casos civis, mostrava pouca simpatia pelo elo mais fraco, defendendo frequentemente os interesses dos poderosos. É normal que os juízes mudem à medida que envelhecem, mas poucos sofrem uma mudança tão abrupta como a de Raymond Fawcett.

O maior caso de sua carreira foi a guerra relacionada à extração de urânio, que começou em 2003. Nessa altura, eu ainda praticava e conhecia o assunto e os detalhes básicos. Não se podia evitar; a história estava nos jornais praticamente todos os dias.

Um filão abundante de minério de urânio passa por baixo da região central e sul da Virginia. Uma vez que a extração de urânio é um pesadelo ambiental, o Estado promulgou uma lei que o proibia. Naturalmente, os proprietários das terras, os rendeiros e as empresas de prospecção que controlavam as jazidas já há muito queriam começar a escavar e gastaram milhões em lobby para tentar convencer os legisladores a revogar a proibição. Mas a Assembleia Geral da Virginia resistiu. Em 2003, uma empresa canadense chamada Armanna Mines processou o Distrito Sul da Virginia, atacando a proibição como inconstitucional. Foi um ataque frontal sem pudores, fortemente financiado e dirigido pelos melhores talentos jurídicos que o dinheiro podia comprar.

Como rapidamente se veio a saber, a Armanna Mines era um consórcio de empresas mineiras dos Estados Unidos, da Austrália e da Rússia, assim como do Canadá. Uma estimativa do valor potencial das jazidas de minério só na Virginia ia de quinze a vinte bilhões de dólares.

Pelo sorteio que se realizava na época, o caso foi atribuído ao juiz McKay de Lynchburg, que tinha oitenta e quatro anos e sofria de demência. O juiz declinou, invocando motivos de saúde. O próximo na fila era Raymond Fawcett, que não tinha motivo para recusar. O acusado era a Commonwealth da Virginia, mas logo outras cidades, vilas e condados situados em cima das jazidas foram incluídos, assim como proprietários que não queriam fazer parte da destruição. O processo se transformou numa enorme e interminável onda de litigações com mais de uma centena de advogados envolvidos. O juiz Fawcett recusou as moções iniciais de anulação do julgamento e ordenou que se fizessem testes extensivos. Pouco tempo depois, dedicava noventa por cento de seu tempo ao processo.

Em 2004, o FBI entrou na minha vida, e perdi o interesse no caso. Subitamente, tinha outro assunto bem mais urgente para tratar. Meu julgamento

começou em outubro de 2005 em D.C. Nesse momento, o julgamento da Armanna Mines já completava um mês numa sala apinhada do tribunal de Roanoke. Naquela altura, estava pouco ligando para o que acontecia com o urânio.

Depois de um julgamento de três semanas, fui condenado a uma pena de dez anos. Depois de um julgamento de três semanas, o juiz Fawcett decidiu a favor da Armanna Mines. Não havia relação possível entre os dois julgamentos; pelo menos, foi o que pensei quando fui para a prisão.

No entanto, pouco tempo depois, conheci o homem que viria a matar o juiz Fawcett. Conheço a identidade do assassino e conheço seu motivo.



O motivo era uma questão intrigante para o FBI. Nas semanas que se seguiram ao crime, a equipe de investigação concentrou-se na litigação da Armanna Mines e interrogou dezenas de pessoas relacionadas ao julgamento. Alguns grupos ativistas ambientais radicais decidiram aparecer e operar nas sombras da litigação. Foram cuidadosamente monitorados pelo FBI. Fawcett recebera ameaças de morte e durante o julgamento andava sempre com segurança. As ameaças foram minuciosamente investigadas e consideradas pouco prováveis, mas os guarda-costas permaneceram por perto.

A intimidação não era um motivo provável. Fawcett tomou a decisão e, embora seu nome fosse como veneno para os ambientalistas, o estrago estava feito. Seu parecer foi confirmado em 2009 pelo Quarto Tribunal e o caso está agora entregue à Suprema Corte. Enquanto durarem os recursos, ninguém pode mexer no urânio.

A vingança é um motivo, embora o FBI não fale sobre isso. As palavras “crime contratado” estão sendo usadas por alguns jornalistas, que aparentemente não têm quaisquer dados em que basear a expressão, a não ser no profissionalismo das mortes.

Considerando o local do crime e o cofre vazio que fora tão cuidadosamente escondido, roubo parece um motivo mais provável.

Eu tenho um plano, um plano que ando a congeminar há anos. É a minha única saída.

capítulo 5

Todos os internos federais fisicamente capazes têm de ter um emprego e quem controla a tabela salarial é a Direção Prisional. Nos últimos dois anos, trabalhei como bibliotecário e recebo trinta centavos por hora. Cerca de metade desse dinheiro, assim como os cheques do meu pai, são entregues ao Programa de Responsabilidade Financeira do Recluso. A Direção Prisional pega no dinheiro e aplica-o em avaliações de crime, multas e indemnizações. A par da minha pena de dez anos, fui condenado a pagar cerca de 120 mil dólares de sanções várias. A trinta centavos por hora, vou precisar do resto do século e mais uns anos.

Outros empregos por aqui incluem cozinhar, lavar a louça, limpar as mesas, lavar o chão, fazer trabalhos de canalização, eletricidade, carpintaria, manutenção, recolha de lixo, lavagem de roupa, pintura, jardinagem e ensino. Considero-me um felizardo. O meu trabalho é um dos melhores e não me obriga a andar a limpar o que os outros sujam. De vez em quando, dou aulas de história aos internos que pretendem tirar a equivalência ao diploma do liceu. O ensino é pago a trinta e cinco centavos a hora, mas não me deixo tentar pelo aumento salarial. Acho-a uma atividade bastante deprimente, devido aos níveis de iliteracia da população prisional. Negros, brancos, mestiços — não importa. São tantos os que mal sabem ler e escrever, que uma pessoa se questiona que diabos está acontecendo com o nosso sistema de ensino.

Mas não estou aqui para resolver os problemas do sistema de ensino, nem do sistema legal, judicial ou prisional.

Estou aqui para sobreviver um dia de cada vez e fazê-lo mantendo tanto quanto possível o meu amor-próprio e dignidade. Somos escumalha, zés-ninguém, criminosos comuns que foram isolados da sociedade, e as recordações desta condição nunca estão muito longe. Um guarda prisional é chamado oficial de correção, ou simplesmente um OC. Nunca nos devemos referir a eles como guardas. Não, *sir*. Ser um OC é muito superior; é mais como um título. A maior parte dos OC são antigos policiais, delegados ou militares que não tiveram um desempenho muito bom nas suas áreas e que agora trabalham na prisão. Há alguns que são bons, mas a maior parte é de fracassados, burros demais para perceberem que são. E quem somos nós para lhes dizer? Eles são muito superiores a nós, não obstante sua estupidez, e gostam de nos lembrar disso.

Os OC vão rodando, para evitar que se tornem próximos demais dos

internos. Presumo que isso possa acontecer, mas uma das regras principais da sobrevivência de um recluso é evitar o seu OC sempre que possível. Devemos tratá-lo com respeito; fazer exatamente o que ele disser; não lhe causar problemas; mas, acima de tudo, tentar evitá-lo.

O meu atual OC não é um dos melhores. Chama-se Darrel Marvin, um rapaz branco de peito largo e barriga proeminente, que não tem mais de trinta anos e tenta andar com estilo, mas tem peso demais para isso. Darrel é um racista ignorante que me detesta porque sou negro e tenho duas licenciaturas, ou seja, mais duas do que ele. Cada vez que sou obrigado a lhe dar graxa, trava-se dentro de mim uma feroz batalha, mas não tenho alternativa. Neste momento, preciso dele.

— Bom dia, oficial Marvin — cumprimentei, com um sorriso falso, quando o vi fora do refeitório.

— O que foi, Bannister? — rosnou.

Entreguei-lhe uma folha de papel, o formulário de um pedido oficial. Ele aceitou-o e fez de conta que o leu. Senti-me tentado a ajudá-lo com palavrões, mas mordi a língua.

— Preciso falar com o diretor — disse educadamente.

— E para que quer falar com o diretor? — perguntou, ainda tentando ler o pedido bem simples.

Os assuntos que tenho a tratar com o diretor não dizem respeito ao OC nem a nenhuma outra pessoa, mas recordar Darrel disto só iria causar-me problemas.

— Minha avó está às portas da morte e eu gostaria de ir ao enterro dela. Fica apenas a noventa e cinco quilômetros de distância.

— Quando acha que ela vai morrer? — perguntou o grande espertalhão.

— Em breve. Por favor, oficial Marvin, não a vejo há anos.

— O diretor não aprova esses truques, Bannister. Já devia saber disso.

— Eu sei, mas ele me deve um favor. Dei-lhe alguns conselhos jurídicos há alguns meses. Por favor, entregue meu pedido.

Ele dobrou a folha de papel e enfiou-a no bolso.

— Está bem, mas é perda de tempo.

— Obrigado.

Minhas duas avós morreram há anos.



Nada numa prisão é concebido para a conveniência do presidiário. A aceitação ou recusa de um simples pedido devia demorar algumas horas, mas isso seria fácil demais. Passaram-se quatro dias antes que Darrel me informasse que devia me apresentar no escritório do diretor às dez da manhã do dia seguinte, 18 de fevereiro. Com mais um sorriso falso, respondi: — Obrigado.

O diretor é o rei deste pequeno império, com o ego que se espera de uma pessoa que governa por editais, ou julga que devia fazê-lo. Estes tipos entram e saem e é impossível entender o propósito de tanta transferência. Mais uma vez, como não me compete a mim reformar o nosso sistema prisional, não me preocupo com o que acontece no edifício da administração.

O diretor atual é Mr. Robert Earl Wade, um homem com carreira cimentada no sistema correcional que leva muito a sério o seu trabalho. Acabou de sair do segundo divórcio e, de fato expliquei-lhe algumas noções básicas do sistema de pensões de alimentos de Maryland. Entrei no escritório; não se levantou, não me estendeu a mão nem teve nenhuma outra cortesia que denotasse respeito. Enquanto acenava para uma cadeira vazia, disse: — Olá, Bannister.

— Olá, diretor Wade. Como tem passado? — Instalei-me na cadeira.

— Sou um homem livre, Bannister. A número dois já é história e nunca mais vou me casar.

— Que bom saber, ainda bem que pude ajudar.

Com a parte inicial da conversa rapidamente encerrada, Wade empurrou um bloco de notas e disse: — Não posso deixá-lo ir em casa para todos os enterros, Bannister, tem que entender isso.

— Não é enterro — respondi. — Já não tenho avós.

— Mas que diabo?

— Está informado sobre a investigação do assassinato do juiz Fawcett, em Roanoke?

Ele franziu a testa e jogou a cabeça para trás, como se se sentisse insultado. Eu estava ali com falsos pretextos e num dos inúmeros manuais federais isso devia contar como violação. Enquanto tentava reagir, sacudiu a cabeça e repetiu: — Mas que diabo?

— O assassinato do juiz federal. Está na imprensa toda.

Era difícil acreditar que ele pudesse ter deixado passar a notícia do crime, mas também era inteiramente possível. Se eu leio vários jornais por dia não quer dizer que todo mundo o faça.

— O juiz federal? — perguntou.

— Esse mesmo. Foi encontrado com a namorada na casa dele num lago no sudoeste da Virginia, ambos alvejados...

— Sim, sim. Vi no noticiário. O que tem isso a ver com você?

Estava me repreendendo porque tinha mentido, e tentava pensar no castigo adequado. Um homem supremo e poderoso como um diretor não podia ser manipulado daquela maneira por um recluso. Os olhos de Robert Earl movimentavam-se agitados, enquanto tentava decidir como reagir à minha trapaça.

Precisava parecer o mais dramático possível, porque Wade provavelmente daria uma gargalhada quando eu respondesse à sua questão.

Os internos têm tempo demais para desenvolver teorias intrincadas quanto à sua inocência, para inventarem teorias da conspiração que envolvem crimes por resolver ou para guardarem segredos que podem ser trocados por uma súbita liberdade condicional. Em suma, os internos andam sempre a elaborar esquemas para sair da prisão e tenho certeza de que Robert Earl já tinha ouvido de tudo.

— Sei quem matou o juiz — disse, com toda a seriedade que me foi possível conjurar.

Para meu grande alívio, ele nem sequer sorriu. Balançou-se na cadeira, levou a mão ao queixo e começou a acenar com a cabeça.

— E como obteve essa informação? — perguntou.

— Conheci o assassino.

— Aqui ou lá fora?

— Não posso dizer, diretor. Mas não estou tentando enganá-lo. Pelo que tenho lido na imprensa, a investigação do FBI não está sendo muito bem sucedida. Nem vai ser.

Minha ficha disciplinar é imaculada. Nunca proferi uma palavra mais rude para um guarda. Nunca me queixei. Não há contrabando na minha cela, nem sequer um pacote de açúcar trazido do refeitório. Não jogo nem peço dinheiro emprestado. Já ajudei dúzias de colegas internos, assim como alguns civis, incluindo o diretor, nos seus problemas legais. A minha biblioteca é mantida na mais meticulosa ordem. Ou seja... para recluso, tenho alguma credibilidade.

Ele se debruçou sobre os cotovelos e mostrou os dentes amarelos. Tem olheiras escuras, que estão sempre úmidas; os olhos de um consumidor de álcool.

— E deixe-me adivinhar, Bannister: gostaria de partilhar sua informação com o FBI, fazer um acordo e sair da prisão, certo?

— Absolutamente. É essa a minha ideia.

Wade riu, finalmente. Uma longa e aguda gargalhada entrecortada que por si só seria motivo de riso. Quando se acalmou, disse: — Quando acaba sua pena?

— Em cinco anos.

— Oh, então é um negócio dos diabos, não é? Basta dar-lhes o nome e sair daqui andando cinco anos antes do tempo?

— Nada é assim tão simples.

— O que quer que eu faça, Bannister? — rosnou ele, a gargalhada há muito desaparecida. — Que chame o FBI e lhes diga que tenho aqui um cara que conhece o assassino e está pronto para um acordo? Eles devem estar recebendo uma centena de chamadas por dia, a maior parte de oportunistas que farejam o dinheiro da recompensa. Por que eu arriscaria minha credibilidade para entrar nesse jogo?

— Porque eu conheço a verdade e sabe que não sou oportunista, nem mentiroso.

— Por que não lhes escreve uma carta e me deixa fora do assunto?

— Posso fazê-lo, se é isso que deseja. Mas a certa altura vai ser envolvido, porque garanto que vou conseguir convencer o FBI. Faremos um acordo e eu me despeço. O senhor estará aqui para tratar da logística.

Ele voltou a se recostar na cadeira, como se estivesse sendo esmagado pela pressão. Coçou o nariz com o polegar.

— Sabe, Bannister, desde hoje de manhã tenho seiscentos e dois internos em Frostburg e você é o último que eu esperava que entrasse aqui com uma ideia tão absurda. O último mesmo.

— Obrigado.

— Não tem de quê.

Debrucei-me e olhei-o bem nos olhos.

— Ouça, diretor, eu sei do que estou falando. Sei também que não pode confiar num preso, mas escute só o estou dizendo. Tenho algumas informações extremamente valiosas e o FBI vai ficar desesperado por tê-las em seu poder. Por favor, ligue.

— Não sei, Bannister. Vamos fazer papel de idiota, os dois.

— Por favor.

— Posso pensar melhor no assunto. Agora desapareça e diga ao oficial Marvin que recusei seu pedido para ir ao enterro.

— Sim, senhor, obrigado.



Meu palpite é que o diretor não vai conseguir resistir a um pouco de excitação. Gerir um campo prisional de baixa segurança com internos que se portam bem é um trabalho entediante. Por que não se envolver na mais badalada

investigação criminal do país?

Saí da administração e dirigi-me ao pátio, a área central do nosso campo. No lado oeste, localizam-se dois dormitórios que alojam 150 homens cada um; no lado leste do pátio há dois edifícios iguais. Denominam-se campus oeste e leste, como se passeássemos por um agradável recinto universitário.

Os OC têm uma sala de lazer perto do refeitório e foi aí que encontrei o caro oficial Marvin. Se metesse um pé no interior da sala deles, o mais certo era levar um tiro ou ser enforcado. Mas a porta de metal estava aberta e consegui olhar lá para dentro. Marvin estava esparramado numa cadeira dobrável, com uma xícara de café numa mão e um grande bolo na outra. Estava rindo com outros dois OC. Se os pendurassem pelo pescoço e os pesassem em conjunto numa balança de carne, chegariam provavelmente a 450 quilos.

— O que quer, Bannister? — rosnou Darrel quando me viu.

— Queria apenas agradecer, oficial. O diretor disse que não, mas de qualquer maneira obrigado.

— Não há de que, Bannister. Lamento por sua avó.

E, com isso, um dos guardas fechou a porta com um chute. Fechou-se com força na minha cara, o metal a estalar e a vibrar, e por uma fração de segundos aquilo abalou-me profundamente. Já tinha ouvido aquele ruído antes.

A minha detenção. O Clube Cívico do centro reunia-se para almoçar todas as quartas-feiras no histórico Hotel George Washington, que ficava a cinco minutos a pé do meu escritório. O clube tinha cerca de setenta e cinco membros e apenas três não eram brancos. Naquele dia, eu era o único negro presente; não que isso tivesse algum significado. Estava sentado a uma mesa comprida, a comer o frango rijo com ervilhas frias do costume, enquanto trocava trivialidades com o presidente da Câmara e um mediador de seguros. Já tínhamos falado dos tópicos habituais — do tempo e do futebol e tocamos brevemente na política, embora este assunto fosse sempre abordado com grande cuidado.

Era um almoço típico do Clube Cívico — trinta minutos para a refeição, seguidos de trinta minutos de discurso por parte de um orador que normalmente não era muito entusiasmante. Porém, naquele dia memorável, eu não teria oportunidade de ouvir o discurso, Ouviu-se uma agitação junto à porta da sala de banquetes; depois, subitamente, um esquadrão de agentes federais fortemente armados irrompeu pela sala como se estivessem prestes a nos matar a todos. Era uma equipe SWAT, com a indumentária ninja completa — uniformes pretos, coletes grossos, armas de fogo assustadoras e aqueles capacetes de combate alemães tornados famosos pelas tropas de Hitler. Um deles gritou:

— Malcolm Bannister!

Levantei-me instintivamente e murmurei: — Mas que diabo?

Pelo menos, cinco espingardas automáticas se viraram imediatamente para mim.

— Mãos ao alto! — ordenou o destemido líder, e eu levantei as mãos.

Numa questão de segundos, baixaram minhas mãos e as prenderam nas costas, e pela primeira vez na vida senti o indescritível aperto das algemas grossas nos meus pulsos. É uma sensação horrível e inesquecível. Fui empurrado pelo corredor estreito entre as mesas e levado para fora da sala. A última coisa que ouvi foi o presidente da Câmara gritando: — Isto é um ultraje!

Desnecessário dizer que a invasão dramática fez esmorecer o resto da reunião do Clube Cívico.

Com aqueles rufiões militares a rodear-me, fui levado através do pátio do hotel e pela porta da frente. Alguém tinha amavelmente dado a dica à estação de televisão local, e uma equipe de filmagens registrou tudo enquanto me empurravam para o banco traseiro de um Chevrolet preto, com um rufia de cada lado. Enquanto nos encaminhávamos para a prisão municipal, perguntei: — Mas é mesmo necessário este aparato todo? O líder, sentado no lugar do passageiro, disse sem sequer se virar para trás: — Bico calado.

— Pois, mas não tenho de ficar de bico calado — respondi. — Vocês podem me deter, mas não me podem obrigar a calar. Tem noção disso?

— Limite-se a ficar calado.

O valentão à minha direita encostou o cano da espingarda em meu joelho.

— Não se importa de afastar essa arma? — disse eu, mas a arma nem se mexeu.

Continuamos a andar.

— Vocês devem estar se divertindo muito, não? Deve ser terrivelmente emocionante andar por aí com ar durão, aterrorizando gente inocente, como a Gestapo fazia.

— Ele disse para calar o bico.

— E eu disse que não me calo. Tem um mandado para me deter?

— Tenho.

— Deixe-me ver.

— Mostro quando chegarmos à prisão. Por ora, cale-se.

— Olhe, por que não se cala você?

Conseguia ver uma parte do pescoço dele por baixo do capacete alemão de combate, e a pele estava ficando vermelha de raiva. Inspirei profundamente e tentei ficar calmo.

O capacete. Tinha usado o mesmo tipo de capacete durante os quatro anos em que estive nos *marines*, quatro anos de serviço ativo que incluíram combates na primeira Guerra do Golfo. Segundo Regimento, Oitavo Batalhão, Segunda

Divisão, do U.S. Marine Corps. Tínhamos sido as primeiras tropas americanas a combater os iraquianos no Kuwait. A batalha não foi grande coisa, mas vi suficientes mortos e feridos em ambos os lados.

Agora, estava rodeado de um monte de soldadinhos de chumbo que nunca tinham ouvido um tiro sendo disparado com fúria e que não eram capazes de correr dois quilômetros sem cair para o lado. E estes eram os bons da fita.

Quando chegamos à prisão, estava lá um fotógrafo do jornal local. Os meus rufiões levaram-me para o interior do edifício com toda a lentidão, certificando-se de que eu era convenientemente fotografado. Era a versão deles do passeio da vergonha.

Em breve, descobriria que outra equipe de bandidos governamentais tinha invadido os escritórios da Copeland, Reed & Bannister, mais ou menos à mesma hora em que me sentava para almoçar com os meus colegas membros do Clube Cívico. Com um planejamento brilhante e meticuloso, o grupo de assalto esperou até o meio-dia, quando a única pessoa presente no escritório era a pobre Mrs. Henderson. Mais tarde, relataria que eles entraram pela porta da frente de armas em riste, gritando, praguejando e ameaçando. Atiraram um mandado de busca para cima da sua secretária, obrigaram-na a ficar sentada numa cadeira junto à janela, juraram que a prendiam se ela fizesse mais do que respirar e começaram a esquadrinhar os nossos modestos escritórios. Levaram todos os computadores, impressoras e várias caixas de processos. A certa altura, Mr. Copeland regressou do almoço. Quando protestou, apontaram-lhe uma arma e o sentaram ao lado da chorosa Mrs. Henderson.



Minha detenção foi certamente uma surpresa. Há mais de um ano que andava a lidar com o FBI. Tinha contratado um advogado e fizemos o possível para cooperar com eles. Passei dois exames de polígrafo feitos por especialistas do FBI. Tínhamos revirado toda a papelada que eu, como advogado, podia mostrar sem quebras de ética. Não contei a Dionne a maior parte destes acontecimentos, mas ela sabia que eu andava preocupadíssimo. Tinha imensas insônias. Esforçava-me por comer mesmo quando não tinha apetite. Até que finalmente, quase doze meses depois de começar a viver com medo e a recear o momento em que me batessem à porta, o FBI informou o meu advogado que o governo já não tinha interesse em mim.

O governo mentiu, e não foi a primeira nem a última vez.

Dentro da prisão, um local que eu visitava pelo menos duas vezes por semana, estava outra equipe de agentes. Usavam os blusões em azul escuro com as letras amarelas “FBI” estampadas nas costas e movimentavam-se com grande determinação, embora eu não soubesse bem o que faziam. Os policiais locais, muitos dos quais eu conhecia bem, recuavam e olhavam para mim com confusão e pena.

Seria realmente necessário mandar duas dúzias de agentes federais para me prender e confiscar os meus arquivos.

Tinha acabado de caminhar do meu escritório para o Hotel George Washington. Qualquer policial idiota em sua hora de almoço poderia me parar e prender. Mas isso iria retirar a alegria do que aquela gente imensamente importante fazia para ganhar a vida.

Levaram-me para uma sala pequena, sentaram-me a uma mesa, tiraram-me as algemas e disseram-me para esperar. Alguns minutos mais tarde, um homem de terno escuro entrou na sala e disse: — Sou o agente especial Don Connor, do FBI.

— É um verdadeiro prazer conhecê-lo — respondi.

Ele deixou cair alguns papéis em cima da mesa na minha frente e disse: — Este é o mandado para sua captura. — Depois deixou cair um grosso maço de folhas grampeadas. — E esta é sua acusação. Dou-lhe alguns minutos para ler.

Com isso, virou-se e saiu da sala, batendo a porta com tanta força quanto possível. A porta era de metal espesso, que estalou e vibrou, e o som reverberou na sala durante alguns segundos.

Um som que jamais esquecerei.

capítulo 6

Três dias depois da minha conversa com o diretor Wade, fui novamente chamado a seu escritório. Quando entrei, ele estava sozinho, falando ao telefone, no meio de uma conversa importante. Fiquei junto à porta, numa espera desconfortável. Quando chegou ao fim da conversa com um rude "Vai ter de servir", levantou-se e disse-me: — Venha comigo.

Passamos por uma porta lateral e entramos numa sala de conferências adjacente, pintada no verde pálido típico das repartições governamentais e equipada com mais cadeiras de metal do que o espaço comportava.

Uma auditoria do ano passado revelou que a Direção Prisional tinha comprado quatrocentas cadeiras a 800 dólares a unidade para "uso administrativo". O mesmo fabricante vendeu a mesma cadeira no varejo por 79 dólares. Eu já nem devia me importar com essas coisas, mas trabalhar por trinta centavos a hora dá uma perspetiva totalmente diferente de como gerir o dinheiro.

— Sente-se — disse ele, e sentei numa das feias e dispendiosas cadeiras.

Ele escolheu uma do outro lado da mesa, porque precisa haver sempre uma barreira entre nós. Olhei em redor e contei vinte e duas cadeiras. *Esqueça isso*.

— No outro dia, depois que você saiu do meu escritório, liguei para Washington — disse com ar grave, como se telefonasse para a Casa Branca regularmente só para ver se estava tudo bem. — O Bureau aconselhou-me a usar o meu próprio discernimento.

Ponderei o caso durante algumas horas e depois entrei em contato com o FBI em Roanoke. Mandaram aqui dois sujeitos; estão esperando no fim do corredor.

Mantive uma expressão indecifrável, embora ficasse extasiado por ouvir aquilo.

Apontou-me o dedo e disse:

— Estou avisando, Bannister. Se isso vier a se revelar um esquema seu e eu ficar mal, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para tornar sua vida um inferno.

— Não é esquema, diretor, juro.

— Não sei por que acredito em você.

— Não vai se arrepender.

Tirou os óculos de leitura do bolso, empoleirou-os a meio do nariz e olhou para uma folha de papel.

— Falei com o diretor assistente Victor Westlake, o tipo que está

encarregado da investigação. Ele enviou dois dos seus homens para terem uma conversa com você, o agente Hanski e o agente Erardi. Não revelei o seu nome, por isso eles não sabem nada sobre você.

— Obrigado, diretor.

— Fique aqui. — Wade deu uma palmada suave na mesa, levantou-se e saiu da sala.

Enquanto fiquei ali sentado esperando ouvir os passos deles se aproximando, comecei a sentir uma dor aguda no estômago. Se isso não funcionasse, ficaria ali fechado mais cinco anos, e mais o que eles conseguissem desencavar para me castigar.

O agente especial Chris Hanski é um agente veterano, mais ou menos da minha idade, com muito cabelo grisalho. O agente Alan Erardi é o seu parceiro mais novo. Um artigo do jornal dizia que havia naquele momento quarenta agentes do FBI trabalhando no caso Fawcett, e parti do princípio de que estes tipos estavam bem na base da cadeia de comando. A primeira reunião seria importante, como seriam todas, mas era evidente que tinham enviado dois soldados rasos para me tirarem a pinta.

O diretor não ficou na sala. Presumi que tivesse voltado ao escritório, não muito longe dali, com uma orelha colada na porta.

Os agentes começaram sem usar canetas e blocos de notas, um sinal evidente de que estavam ali apenas para se divertir um pouco. Nada sério. Acho que não tiveram esperteza suficiente para entender que já passei horas diante de agentes do FBI.

— Então, quer fazer um acordo — disse Hanski.

— Sei quem assassinou o juiz Fawcett e por quê. Se a informação tiver alguma utilidade para o FBI, então, sim, podemos chegar a um acordo.

— Parte do princípio de que já não sabemos quem é o assassino — disse Hanski.

— Tenho certeza de que não sabem. Se soubessem, o que estariam fazendo aqui?

— Porque estamos verificando todas as pistas e duvidamos seriamente que esta nos leve a algum lugar.

— Ponham-me à prova.

Os agentes trocaram olhares fanfarrões. Estavam se divertindo na maior.

— Portanto, você nos dá um nome e quer o que em troca?

— Quero sair da prisão e quero proteção.

— É assim tão simples?

— Não, na verdade, é bem complicado. Este cara é um homem bem perigoso e tem amigos ainda mais perigosos. Além do que não estou disposto a esperar

dois anos até ele ser condenado. Se der o nome dele, saio da prisão. Imediatamente.

— E se ele não for condenado?

— O problema é seu. Se derem cabo da acusação, não podem atribuir-me as culpas.

Nesta altura, Erardi pegou o bloco de notas, tirou a tampa da caneta barata e escreveu qualquer coisa. Conseguira captar a atenção deles. Continuavam a esforçar-se arduamente para parecerem indiferentes, mas os tipos estavam sob grande pressão. A sua pequena equipe de investigação andava à nora porque não tinha pistas credíveis, isto de acordo com o que diziam os jornais. Hanski continuou: — E se nos der o nome errado? Digamos que vamos atrás do suspeito errado; entretanto, você é um homem livre.

— Jamais seria um homem livre.

— Estaria fora da prisão.

— E olhando por cima do ombro para o resto da vida.

— Nunca perdemos um informante que estivesse no programa de proteção de testemunhas. Já tivemos oito mil e o número continua crescendo.

— Isso é o que vocês divulgam. Francamente, não estou preocupado demais com suas estatísticas ou com o que não aconteceu aos outros. Estou preocupado é com minha própria pele.

Erardi fez uma pausa nas notas e decidiu falar.

— Este tipo aparenta estar inserido numa gangue qualquer, talvez seja um traficante de droga. O que mais nos pode dizer sobre ele?

— Nada, e não lhes disse nada ainda. Podem fazer todas as suposições que quiserem.

Hanski sorriu, embora nada daquilo tivesse graça.

— Duvido que nosso chefe fique muito impressionado com seu esquema para sair da prisão. até o dia de hoje, tivemos mais dois internos que nos contataram afirmando ter informações valiosas. Claro que eles também querem sair da prisão. Não é incomum.

Não tinha como saber se isso era verdade, mas parecia plausível. O nó no meu estômago não desaparecera. Encolhi os ombros, ofereci um sorriso e relembrei que devia permanecer calmo.

— Vocês podem fazer o que quiserem. Estão, obviamente, no comando da situação. Podem continuar batendo cabeça. Podem desperdiçar tempo com esses outros internos. A decisão é sua. Mas quando quiserem saber quem matou o juiz Fawcett eu posso dar o nome.

— É alguém que conheceu na prisão? — perguntou Erardi.

— Ou talvez fora dela. Até fazerem um acordo comigo, nunca saberão.

Seguiu-se uma longa pausa enquanto me fitavam e eu os fitava de volta. Até que Erardi fechou finalmente o bloco de notas e enfiou a caneta no bolso.

— Muito bem. Vamos falar com o nosso chefe — disse Hanski.

— Sabem onde encontrar-me.

Junto-me à gangue dos brancos várias vezes por semana e caminhamos em largos círculos em redor de um campo usado para futebol e *futebol flag*. Carl, o optometrista, vai sair da prisão dentro de poucos meses. Kermit, o especulador imobiliário, ainda tem dois anos de pena por cumprir. Wesley, o senador, deve sair mais ou menos na mesma altura que eu. Mark é o único que ainda tem o processo em fase de recurso. Encontra-se aqui há dezoito meses e diz que o advogado está otimista, embora admita livremente que falsificou os documentos de uma hipoteca.

Não falamos muito sobre os nossos crimes, e isso é uma coisa que acontece normalmente na prisão. Quem fomos ou o que fizemos no exterior não é importante e é doloroso demais para ser tema de debate.

A mulher de Wesley acabou de lhe pedir o divórcio e ele não está a aceitar muito bem. Uma vez que já passei por isso, assim como Kermit, tentamos animá-lo e dar-lhe conselhos. Adorava poder distraí-los com os pormenores do meu encontro com o FBI, mas é um assunto que deve ser tratado com discrição. Se meu plano funcionar, um dia eles aparecem aqui para a nossa caminhada e eu já não estarei cá, subitamente transferido para outro campo por motivos que nunca conhecerão.

capítulo 7

O quartel-general provisório da equipe de investigação do FBI que se dedicava ao caso Fawcett ficava num armazém do parque industrial perto do Aeroporto Regional de Roanoke. O último ocupante a arrendar o espaço tinha sido uma empresa que importava camarão da América Central e que depois o congelava durante anos. O armazém ficou quase imediatamente conhecido como "o Congelador". Tinha muito espaço, era isolado e oferecia privacidade em relação à imprensa. Os carpinteiros construíram rapidamente paredes e delimitaram escritórios, corredores e salas de reuniões. Os técnicos de Washington trabalharam em contrarrelógio para instalar os equipamentos e engenhocas mais avançados para as divisões de comunicações, informações e segurança. Chegaram inúmeros caminhões cheios de mobília alugada e equipamentos até o CC — centro de comando — estar atafulhado com mais secretárias e cadeiras do que algum dia seria necessário. Uma frota de viaturas de aluguel enchia o estacionamento. Foi contratada uma equipe de *catering* para providenciar três refeições por dia à equipa, que não tardou muito a atingir os setenta membros — cerca de quarenta agentes, mais o pessoal de apoio. Não havia orçamento nem qualquer preocupação com os gastos. Afinal, a vítima era um juiz federal.

Assinou-se um contrato de arrendamento por seis meses, mas, três semanas e pouco progresso depois, pairava por entre os Feds a sensação geral de que podiam ter de ficar ali mais tempo. À exceção de uma curta lista com nomes de suspeitos escolhidos aleatoriamente, todos reconhecidos como pessoas violentas e que tinham estado presentes ao juiz Fawcett nos últimos dezoito anos.

não havia pistas reais. Um homem chamado Stacks tinha escrito da prisão uma carta ameaçadora ao juiz em 2002. Encontraram Stacks trabalhando numa loja de bebidas em Panamá City Beach, na Florida, que tinha um álibi para o fim de semana em que o juiz e Miss Clary foram assassinados. Há pelo menos cinco anos que Stacks não punha os pés na Virginia. Um traficante de droga chamado Ruiz tinha amaldiçoado o Meritíssimo em espanhol quando este o condenou a uma pena de vinte anos em 1999. Ruiz ainda estava numa penitenciária de segurança média, mas depois de alguns dias a vasculhar o seu passado o FBI concluiu que os tipos da sua quadrilha de passadores de coca estavam todos mortos ou igualmente presos.

Uma equipe examinou metodicamente todos os processos que Fawcett

julgou durante o período de dezoito anos em que exerceu. Tinha sido um mouro de trabalho, com cerca de trezentos processos por ano, tanto cíveis como criminais, quando a média de processos para um juiz federal andava pelos 225. O juiz Fawcett enviara aproximadamente três mil e cem homens e mulheres para a cadeia. Trabalhando sob a frágil presunção de que o seu assassino era um deles, a equipe gastou centenas de horas a adicionar mais nomes à lista dos suspeitos e a eliminá-los de seguida. Outra equipe estudava os processos, tanto cíveis como criminais, que estavam na mesa do juiz na altura do seu homicídio. Ainda uma outra equipe dedicava todo o seu tempo à litigação Armanna Mines, prestando particular atenção a um par de loucos ambientalistas radicais que não gostavam de Fawcett.

Assim que se tornou num espaço organizado, o Congelador era o epicentro de toda a tensão, com reuniões urgentes, nervos em franja, becos sem saída a todo o instante, carreiras em risco, e com alguém permanentemente a reclamar em Washington. A imprensa tentava contatá-los ininterruptamente. Os *bloggers* alimentavam o frenesi com rumores criativos e flagrantemente falsos.

Depois, um recluso chamado Malcolm Bannister entrou em cena.

A equipe de investigação era dirigida por Victor Westlake, um agente com trinta anos de carreira que tinha um agradável escritório com uma boa vista no Edifício Hoover, 54 na Pennsylvania Avenue, em Washington. Porém, há quase três semanas que estava enfiado numa sala acabada de pintar, sem janelas, no centro do CC. Não era de todo a sua primeira deslocação em trabalho. Westlake tinha feito nome muitos anos antes como um organizador mestre, que conseguia acorrer ao local do crime, alinhar as tropas, cuidar de mil detalhes, planejar o ataque e resolver o crime. Em certa ocasião, tinha passado um ano num motel perto de Buffalo enquanto perseguia um gênio que se divertia a enviar encomendas com bombas aos inspetores federais de carne. Veio a revelar-se que era o gênio errado, mas Westlake não cometeu o erro de deter a sua presa. Dois anos mais tarde, apanhou o bombista.

Westlake estava no seu escritório, como sempre de pé atrás da secretária, quando os agentes Hanski e Erardi entraram. Uma vez que o chefe estava de pé, eles imitaram-no. Ele acreditava que era pouco saudável, e até letal, estar sentado atrás de uma secretária horas sem fim.

— Muito bem, sou todo ouvidos — rosnou, estalando os dedos. Hanski começou a falar rapidamente.

— O cara se chama Malcolm Bannister, homem negro, quarenta e três anos, com uma pena de dez anos por violações à lei RICO[1], julgado no tribunal federal em D.C., antigo advogado de Winchester, Virginia. Diz que sabe o nome do assassino, assim como o motivo, mas, claro, quer sair da prisão.

— Quer sair imediatamente e também quer proteção — acrescentou Erardi.

— Que surpresa. Um vigarista que quer sair da prisão. Dá para acreditar?

Hanski encolheu os ombros.

— Para um vigarista, acho que sim. O diretor diz que o cara não é trapaceiro, que tem ficha imaculada e que devíamos ouvi-lo.

— O que ele disse?

— Absolutamente nada. É muito esperto. Pode saber realmente de alguma coisa e, se souber, pode ser sua única chance de sair da prisão.

Westlake começou a andar de um lado para o outro atrás da mesa, pelo chão de cimento escorregadio, até uma parede com serragem espalhada no chão. Voultou à mesa.

— Que tipo de advogado era? Penal? Narcóticos?

— Vem de uma cidade pequena — respondeu Hanski. — Tinha um escritório de prática geral, alguma experiência penal, mas poucas presenças em tribunal. É antigo *marine*.

Como também era ex-*marine*, Westlake gostou daquele detalhe.

— E o registro militar dele?

— Serviu quatro anos, desmobilizado com honras, lutou na primeira Guerra do Golfo. O pai também foi *marine* e fez parte da Cavalaria da Virginia.

— Foi preso por quê?

— Não vai acreditar nisso. Barry *the Backhander*[2].

Westlake franziu a testa e sorriu ao mesmo tempo.

— Ora...

— Sério. Ele cuidou de algumas transações imobiliárias para Barry e foi apanhado no meio da tempestade. Como se recorda, o júri apanhou-os com a acusação de violação da lei RICO e conspiração. Acho que foram julgados oito simultaneamente. Bannister era um peixe pequeno apanhado na rede dos grandes.

— Tem alguma ligação com Fawcett?

— Ainda não sabemos. Só temos o nome dele há três horas.

— E já têm um plano?

— Mais ou menos — disse Hanski. — Se partirmos do princípio de que Bannister conhece o assassino, então será seguro presumir que o conheceu na cadeia. Duvido que tenha conhecido o cara nas ruas sossegadas de Winchester; é muito mais provável que tenham cruzado na prisão. Bannister está detido há cinco anos, tendo passado os primeiros vinte e dois meses em Louisville, Kentucky, numa penitenciária de segurança média e população de dois mil internos. Desde então, está em Frostburg, um campo com seiscentos internos.

— Isso é muita gente; e estão sempre entrando e saindo — disse Westlake.

— Exato. Portanto, vamos começar pelo local mais lógico. Requisitamos o registro prisional dele, vemos os nomes dos companheiros de cela, talvez de dormitório. Vamos às duas prisões, falamos com os diretores, com os encarregados de unidade, com os OC, falamos com todo mundo que possa dizer alguma coisa sobre Bannister e seus amigos. Começamos a reunir nomes e veremos então quantos cruzam o caminho de Fawcett.

— Ele diz que o assassino tem amigos perigosos, por isso é que precisa de proteção — acrescentou Erardi. — Parece uma gangue. Assim que começarmos a reunir nomes, concentramo-nos naqueles que tenham relações com gangues.

Seguiu-se uma pausa, depois Westlake disse, incerto: — Mais nada?

— É o melhor que podemos fazer por ora.

Westlake bateu com os calcanhares, arqueou as costas, prendeu as mãos atrás da cabeça e inspirou profundamente. Espreguiçou-se, expirou, espreguiçou-se novamente e disse: — Muito bem. Vão buscar o registro dele e comecem. De quantos homens precisam?

— Pode conseguir dois?

— Não, mas podem levá-los assim mesmo. Vão. Comecem.



Barry *Propina*. O cliente que nunca conheci até nos arrastarem para o tribunal federal numa manhã cinzenta e terem lido a acusação completa em voz alta.

Num escritório de rua modesto, aprende-se o básico de muitas tarefas legais mundanas, mas é difícil especializarmo-nos. Tentei sempre evitar divórcios e falências e nunca gostei de transações imobiliárias, mas para sobreviver tive de aceitar muitas vezes quem entrava pela porta. Estranhamente, seria o setor imobiliário a provocar a *Queda*.

A referência veio de um colega de faculdade que estava trabalhando para uma firma razoavelmente grande no centro de D.C.

Tinham um cliente que queria comprar um pavilhão de caça no Shenandoah County, no sopé das montanhas Allegheny, a cerca de uma hora a sudoeste de Winchester. O cliente desejava grande secretismo e exigia manter o anonimato, coisa que devia ter sido o primeiro sinal de alerta para mim. O valor da compra era de quatro milhões de dólares e, depois de regatear um pouco, consegui uma comissão de cem mil dólares para a Copeland, Reed & Bannister, que trataria da

transação. Os meus sócios e eu nunca tínhamos visto uma comissão daquelas e, a princípio, ficamos entusiasmados. Coloquei os restantes casos de lado e dediquei-me a pesquisar os registros de propriedades no Shenandoah County.

O pavilhão tinha cerca de vinte anos e fora construído por uns médicos que gostavam de caçar galinhas-bravas, mas como acontece geralmente neste tipo de empreitadas os parceiros desentenderam-se. Foi um desentendimento sério, que envolveu advogados e processos, até uma falência ou duas. Porém, um par de semanas depois, eu tinha todos os detalhes tratados e não tive problema em informar o meu cliente, ainda anônimo, que a propriedade estava em boas condições de venda. Marcou-se uma data e comecei a preparar os contratos e escrituras necessários. Havia muita papelada para tratar, mas também íamos ganhar uma comissão bem recheada.

A escritura foi adiada um mês e pedi ao meu colega de faculdade um adiantamento de cinquenta mil dólares, ou seja, metade da comissão. Semelhante pedido não era incomum e, uma vez que naquela altura já tinha investido cem horas, queria ser pago. Ele ligou ao cliente que não concordou com o pagamento. Não faz mal, pensei. Numa transação de propriedade típica, os advogados não são pagos até que se faça a escritura. Fui informado que o meu cliente, uma empresa, tinha mudado de nome. Voltei a redigir os documentos e esperei. A escritura foi novamente adiada e os vendedores começaram a ameaçar desistir.

Durante este tempo, conhecia vagamente o nome e a reputação de um frequentador da cena social e política chamado Barry Rafko, ou, mais notoriamente, Barry *Propina*. Tinha cerca de cinquenta anos e passara a maior parte da vida adulta rondando os corredores de D.C. à procura de maneiras fáceis de ganhar uns tostões. Tinha sido consultor, estrategista, analista, levantador de fundos, porta-voz e trabalhara nos níveis inferiores de algumas campanhas eleitorais de congressistas e senadores, tanto democratas como republicanos. A ideologia não importava para Barry. Desde que lhe pagassem, podia analisar e delinear estratégias para ambos os lados. Mas a sua melhor jogada foi quando abriu, juntamente com um sócio, um bar junto ao Capitólio. Barry contratou umas prostitutas jovens para servirem bebidas de minissaia e o local tornou-se, quase da noite para o dia, no mercado de carne favorito para as legiões de funcionários que povoavam Capitol Hill. Congressistas menores e burocratas de status médio descobriram o local, e Barry ficou conhecido. Com os bolsos cheios de dinheiro, a sua empreitada seguinte foi um restaurante elegante de bifes, a dois quarteirões do bar. Servia os homens do lobby, oferecia grandes bifes e vinhos a preços razoáveis e não demorou muito tempo até os senadores terem as suas mesas preferidas. Barry adorava esportes e comprava montes de bilhetes — dos Redskins, dos Capitals, dos Wizards, dos Georgetown Hoyas — que depois

oferecia aos amigos. Nessa altura, já tinha fundado sua própria firma de "relações governamentais", que crescia rapidamente. Ele e o sócio desentenderam-se e Barry comprou a parte dele da empresa. Sozinho, rico e alimentado pela ambição, Barry decidiu ser o melhor na sua profissão. Sem se deixar controlar por considerações éticas, tornou-se num dos provedores de influências mais agressivos de Washington. Se um cliente rico queria uma nova lacuna nas leis tributárias, Barry encontrava quem a pudesse escrever, inserir, convencia os seus amigos a apoiá-la e depois fazia um trabalho de mestre para esconder toda a manobra. Se um cliente rico precisava expandir uma fábrica na terra natal, Barry tratava do negócio de maneira a que o congressista assegurasse a sua parte, enviasse o dinheiro para a fábrica e guardasse um cheque gordo para a sua campanha de reeleição. E todos ficavam contentes.

No seu primeiro confronto com a lei, Barry foi acusado de dar dinheiro a um importante conselheiro de um senador. A acusação não pegou, mas o apelido, sim: Barry *Propina*.

Como trabalhava no lado mais manhoso de um ofício manhoso, Barry conhecia o poder do dinheiro e do sexo. O iate que tinha no Potomac tornou-se um reconhecido *barco do amor*.

famoso por festas loucas e muitas mulheres jovens. Era dono de um campo de golfe na Carolina do Sul, para onde levava membros do Congresso durante longos fins de semana, normalmente sem as respetivas mulheres.

Contudo, para Barry, quanto mais poderoso se tornava, mais riscos estava disposto a correr. Os velhos amigos foram se afastando, assustados por problemas que pareciam inevitáveis. O seu nome foi mencionado numa investigação sobre ética feita na Casa dos Representantes. O The Washington Post apanhou-lhe o rastro, e Barry Rafko, o homem que sempre desejara ser o centro das atenções, estava a receber mais do que tinha pedido.

Eu não fazia ideia, não tinha como saber, que o pavilhão de caça era um dos seus projetos.

O nome da empresa voltou a mudar; a papelada foi refeita. Mais uma escritura adiada e, a seguir, uma nova proposta: o meu cliente queria alugar o pavilhão durante um ano pelo valor de duzentos mil dólares por mês, com as rendas a serem creditadas no preço de venda da propriedade. Isto levou a uma semana de intensas negociações, mas acabamos por chegar a um acordo. Voltei a redigir os contratos e insisti para que a minha firma recebesse a primeira parte da comissão. Quando isso aconteceu, Mr. Copeland e Mr. Reed ficaram um tanto aliviados.

Quando os contratos foram finalmente assinados, meu cliente era uma empresa *offshore* na minúscula ilha de St. Kitts e eu continuava não fazendo

ideia quem estava por trás dela. Os contratos foram assinados por um representante da empresa, que nunca vi, lá no Caribe e enviados à noite para meu escritório. Conforme estipulava o acordo, o cliente transferiria para a conta da firma a quantia de 450 mil dólares, mais uns trocados, que serviriam para pagar os dois primeiros meses de aluguel, além do resto da nossa comissão e algumas despesas. Eu passaria um cheque de duzentos mil dólares aos proprietários do pavilhão por cada um dos dois primeiros meses, e meu cliente voltaria a transferir dinheiro para a conta. Depois de doze meses de transações semelhantes, o aluguel seria transformado em venda e nossa pequena firma receberia mais uma comissão generosa.

Quando o dinheiro foi transferido para o nosso banco o gerente ligou para informar que nossa conta-corrente tinha acabado de receber quatro milhões e meio de dólares, em vez de 450 mil. Achei que alguém tinha se entusiasmado com os zeros; e havia coisas bem piores do que ter dinheiro a mais no banco. Mas alguma coisa não batia. Tentei contato com a empresa representante em St. Kitts, que era na verdade meu cliente, mas me empurraram de um lado para o outro. Procurei meu colega de faculdade que tinha me indicado o caso e ele prometeu que veria o que podia descobrir. Distribuí a renda do primeiro mês e a comissão da nossa firma e aguardei instruções para transferir de volta o excedente. Passaram-se dias, depois semanas. Um mês depois, o gerente da conta ligou para dizer que tinham sido transferidos mais três milhões de dólares.

Nessa altura, Mr. Reed e Mr. Copeland já estavam profundamente perturbados. Instruí o gerente a se livrar do dinheiro — bastaria transferi-lo para a conta de origem, e depressa. Ele se debateu dias com a questão, mas acabou por descobrir que a conta em St. Kitts tinha sido encerrada. Finalmente, meu colega de faculdade enviou e-mail com instruções para transferir metade do dinheiro para uma conta nas ilhas Caymán e a outra metade para uma conta no Panamá.

Enquanto advogado pouco importante, não tinha experiência nenhuma em transferências de dinheiro para contas cifradas, mas depois de uma ligeira pesquisa no Google percebi que estava às cegas entre alguns dos paraísos fiscais mais conhecidos do mundo. Desejei nunca ter concordado em trabalhar para um cliente anônimo, não obstante o dinheiro.

A transferência para o Panamá voltou — cerca de três milhões e meio de dólares. Berrei com meu colega de faculdade e ele berrou com alguém acima dele. O dinheiro ficou onde estava por dois meses, ganhando juros, embora eticamente não pudéssemos ficar com eles. A ética também me obrigava a dar todos os passos necessários para proteger aquele dinheiro indesejado. Não era meu e eu não tinha certamente pretensão alguma sobre ele, mas mesmo assim

teria que mantê-lo em segurança.

Inocentemente, ou talvez estupidamente, permitira que o dinheiro sujo de Barry *Propina* ficasse sob os cuidados da Copeland, Reed & Bannister.

Assim que se viu na posse do pavilhão de caça, Barry fez algumas reformas rápidas, melhorou um pouco as instalações, construiu um spa e instalou um heliporto. Alugou um helicóptero Sikorsky S-76, que demorou cerca de vinte minutos para levar dez dos melhores amigos de Barry de D.C. para o pavilhão de caça. Numa típica tarde de sexta-feira, o helicóptero fazia várias viagens e a festa começava. Nesta altura da carreira, Barry já deixara de lado burocratas e lobistas, concentrando-se principalmente em congressistas e chefes de gabinete. No pavilhão, tudo estava disponível: boa comida e bom vinho, charutos cubanos, drogas, uísque de trinta anos e mulheres de vinte. De vez em quando, organizava-se uma caçada, mas os convidados estavam normalmente mais preocupados com a impressionante coleção de louras à disposição.

A garota era da Ucrânia. Durante o julgamento — o *meu* julgamento —, o agente dela disse, com ênfase, que tinha recebido cem mil dólares pela garota, levada para o pavilhão e instalada num quarto. O dinheiro tinha sido entregue por um rufião que testemunhou, pela acusação, ser na época um dos muitos operadores de Barry.

A garota morreu. A autópsia revelou que sofrera overdose depois de uma noite de farra com Barry e os amigos de Washington. Circulavam rumores de que não tinha acordado quando ainda estava na cama de um congressista, embora isso não pudesse ser provado. Barry tratou de tudo antes que a polícia chegasse. Nunca seria revelado com quem a garota tinha dormido em sua última noite. Uma tempestade mediática explodiu em torno de Barry, de seus negócios, amigos, jatos, iates, helicópteros, restaurantes, vilas de luxo, e da amplitude e profundidade de sua sórdida influência. À medida que a imprensa esmagava Barry, amigos e clientes começaram a dispersar. Membros indignados do Congresso perseguiam jornalistas e exigiam audiências e investigações.

A história ficou muito pior quando encontraram a mãe da garota em Kiev. Ela apresentou certidão de nascimento provando que a filha só tinha dezesseis anos. Uma escrava sexual de dezesseis anos envolvida em festas com membros do Congresso num pavilhão de caça nas montanhas Allegheny, a menos de duas horas de viagem do Capitólio.

A acusação original tinha uma centena de páginas e apontava quatorze suspeitos de uma variedade impressionante de crimes. Eu era um dos quatorze e o meu alegado crime era o que vulgarmente se conhece por lavagem de dinheiro. Ao permitir que uma das empresas-fantasma de Barry Rafko depositasse dólares na conta da minha firma, estaria presumivelmente ajudando sua manobra de

extorquir dinheiro de clientes, limpá-lo um pouco em contas *offshore* e depois transformá-lo num bem valioso: o pavilhão de caça. Também fui acusado de ajudar Barry a esconder dinheiro do FBI, do fisco e de outros organismos.

As manobras que antecederam o julgamento eliminaram alguns dos acusados; vários puderam colaborar com o governo ou ter seu julgamento em separado. Com meu advogado, apresentamos vinte e duas moções desde o dia em que fui indiciado até o dia em que fui julgado, e apenas uma foi aprovada. Uma vitória inútil.

O Departamento de Justiça, através do FBI e do Gabinete do Ministério Público em D.C., jogou tudo que tinha contra Barry Rafko e seus associados, incluindo um congressista e um assistente. Não importava que alguns de nós fosse inocente, nem importava que nossa versão da verdade fosse distorcida pelo governo.

Ali estava eu, sentado numa sala de tribunal lotada, com outros sete acusados, incluindo o traficante de influência mais perverso que Washington produzira nas últimas décadas. Eu era culpado, sim. Culpado de ter sido burro e me deixar envolver numa trapalhada daquela dimensão.

Depois de selecionado o júri, o Ministério Público ofereceu-me um último acordo. Assumia-me culpado de uma violação à lei RICO, pagava uma multa de dez mil dólares e cumpria dois anos de prisão.

Mais uma vez, mandei-os para o inferno. Eu era inocente.

---

[1] Do inglês *Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act*. Lei criada nos Estados Unidos para regular o crime organizado. (N. do T.)

[2] Ataque indireto, gíria para suborno, propina.

capítulo 8

Mr. Victor Westlake
Diretor Assistente do FBI
Edifício Hoover
REENCAMINHAR
935 Pennsylvania Avenue
Washington D.C. 2.
Caro Mr. Westlake:

Meu nome é Malcolm Bannister e sou recluso no Campo Prisional Federal em Frostburg, Maryland. Na segunda-feira, dia 21 de fevereiro de 2011, encontrei-me com dois dos seus agentes que estão investigando o assassinato do juiz Fawcett — os agentes Hanski e Erardi. São bons homens e tudo o mais, mas fiquei com a sensação de que não ficaram muito impressionados comigo e com a minha história.

De acordo com as notícias desta manhã em The Washington Post, The New York Times, Wall Street Journal *e* The Roanoke Times, *o senhor e sua equipe continuam a perseguir sombras e não têm grandes pistas. Não tenho como saber se tem uma lista credível de suspeitos, mas posso garantir-lhe que o verdadeiro assassino não está em nenhuma das listas compiladas por si e pela sua equipa.*

Conforme expliquei a Hanski e Erardi, conheço a identidade do assassino e o seu motivo.

Para o caso de Hanski e Erardi não terem entendido bem os pormenores, e, já agora, a maneira como tiram notas não é muito impressionante.

Aqui vai a minha ideia de acordo: revelo o nome do assassino, e o senhor (o governo) autoriza a minha libertação da prisão. Não vou aceitar nenhum tipo de suspensão condicional da minha pena. Não vou aceitar liberdade condicional. Saio daqui um homem livre, com uma identidade nova e proteção garantida da sua pane.

Obviamente, um acordo destes precisará do envolvimento do Departamento de justiça e do Ministério Público dos listados Unidos nos distritos norte e sul da Virginia.

Também quero o dinheiro da recompensa, ao qual tenho direito.

De acordo com The Roanoke Times *de hoje, acabou de ser aumentada para 150.000 dólares.*

Por favor, sinta-se à vontade para continuar a perseguir sombras. Enquanto dois antigos marines*, devíamos realmente falar.*
Sabe onde me encontrar.
Cordialmente,
Malcolm Bannister
44 861-127

Meu companheiro de cela é um garoto negro de dezenove anos, de Baltimore, condenado a oito anos por vender crack. Gerard é como milhares de caras que encontrei nos últimos cinco anos, um jovem negro de uma cidade do interior, cuja mãe era adolescente quando o teve e cujo pai desapareceu há muito. Abandonou a escola no décimo ano e arranjou trabalho lavando pratos. Quando a mãe foi presa, Gerard foi viver com a avó, que está a criar uma horda de primos. Começou a consumir crack, depois a vender. Não obstante a vida nas ruas, Gerard é uma alma bondosa sem um pingo de maldade. Não tem qualquer histórico de violência e não devia desperdiçar a vida na prisão. É um de entre um milhão de jovens negros que estão sendo armazenados pelos contribuintes. Neste país, somos aproximadamente dois milhões e meio de internos, de longe o maior número de encarcerados em qualquer sociedade semicivilizada.

Não é incomum termos um companheiro de cela de quem realmente não gostamos. Tive um que não precisava dormir muito e brincava com o iPod durante a noite. Usava fones, obrigatórios depois das dez da noite, mas o volume era tão alto que eu conseguia ouvir a música do mesmo jeito. Demorei três meses para conseguir uma transferência. Gerard, porém, entende as regras. Disse-me que uma vez chegou a dormir num carro abandonado durante semanas e quase morreu congelado. Qualquer coisa é melhor do que isso.

Gerard e eu começamos o dia às seis da manhã, quando uma campainha nos acorda. Vestimos rapidamente as roupas de trabalho da prisão, com cuidado para dar ao outro tanto espaço quanto a cela de três por três metros e meio permite. Fazemos as camas. Ele ficou com a de cima e eu, por ser mais velho, com a de baixo. Às seis e meia, vamos para o refeitório para o café.

O refeitório tem barreiras invisíveis que determinam onde nos sentamos e comemos. Há uma seção para os negros, outra para os brancos e uma para os mestiços. As misturas não são bem aceitos e quase nunca acontecem. Embora Frostburg seja um campo, continua sendo uma prisão, com muito estresse. Uma das regras de etiqueta mais importantes é respeitar o espaço do outro. Nunca

furar uma fila. Nunca estender a mão para pegar em nada. Se quiser o sal e a pimenta, peça a alguém que lhos passe, por favor. Na minha anterior casa, em Louisville, não era incomum haver brigas no refeitório, e normalmente começavam quando um idiota qualquer de cotovelos salientes invadia o espaço de outra pessoa.

Aqui, comemos devagar e com modos que são surpreendentes para um bando de criminosos condenados. Fora das celas minúsculas, gostamos do espaço aberto que o refeitório nos proporciona. Há muita troça, piadas porcas e conversas sobre mulheres. Conheci homens que já passaram algum tempo no buraco, ou na solitária, e a pior parte é a falta de interação social. Alguns lidam bem com isso, mas a maior parte deles quebra passados alguns dias. Mesmo os mais solitários, e na prisão há muitos, precisam ter gente em volta.

Depois do café, Gerard se apresenta ao trabalho, que consiste em lavar o chão. Eu tenho uma hora livre antes de ir para a biblioteca, e é nessa hora que vou para a sala de café ler os jornais.

Mais uma vez, hoje não parece haver grandes progressos na investigação Fawcett. E, mais interessante, seu filho mais velho se queixou a um repórter do *Post* porque o FBI está fazendo um trabalho péssimo em manter a família informada. O FBI não respondeu à crítica. A cada dia que passa, a pressão aumenta.

Ontem, um jornalista escreveu que o FBI estava interessado no antigo marido de Naomi Clary. O divórcio, três anos antes, tinha sido litigioso, uma parte acusando a outra de adultério. De acordo com o jornal, suas fontes diziam que o FBI interrogara o ex-marido pelo menos duas vezes.

A biblioteca fica num anexo que também abriga uma pequena capela e a sala de enfermagem. Tem exatamente doze metros de comprimento por nove de largura, com quatro cubículos privados, cinco computadores e três mesas compridas em que os internos podem ler, escrever e pesquisar. Há também estantes de dez prateleiras que contêm cerca de mil e quinhentos livros, a maior parte de capa dura. Em Frostburg, somos autorizados a ter até dez livros nas celas, embora quase todo mundo tenha mais do que isso. Um recluso pode visitar a biblioteca nas horas vagas, e as regras são bem flexíveis. Podem ser requisitados dois livros por semana, e passo metade do tempo tentando manter um registro dos livros que já deviam ter sido entregues.

Outro quarto do meu tempo sirvo de advogado de prisão, e todos os dias tenho um cliente novo. Hoje apareceu Roman. Veio de uma pequena cidade da Carolina do Norte, onde tinha uma loja de penhores que se especializara na receptação de objetos roubados, principalmente armas. Seus fornecedores eram dois idiotas de gangue, sempre drogados, que assaltavam boas casas em plena

luz do dia. Sem a menor centelha de sofisticação, os ladrões foram apanhados em flagrante e alguns minutos depois estavam acusando um ao outro.

Roman foi rapidamente chamado ao barulho e acusado de toda espécie de violações federais. Declarou-se inocente, mas, como se veio a revelar, o advogado que o tribunal lhe atribuiu era sem dúvida a pessoa mais burra na sala de audiências.

Não me assumo como especialista em direito penal, mas qualquer aluno do primeiro ano de Direito saberia enumerar os erros cometidos pelo advogado de Roman durante o julgamento. Roman foi condenado a sete anos de prisão e o processo estava agora em fase de recurso. Trouxe seus "documentos legais", a mesma resma que todos os internos são autorizados a ter nas celas, e examinamos tudo no meu pequeno escritório, um cubículo cheio com minhas coisas e vedado aos demais internos. Roman não para de se queixar do advogado de defesa, e não demoro muito para concordar com ele. A atuação profissional irregular é uma queixa comum dos condenados em julgamento, mas raramente constitui base para anulação da sentença nos casos em que não foi aplicada a pena de morte.

Fiquei entusiasmado com a possibilidade de atacar o serviço sofrível de um advogado que continua a exercer, que continua a ganhar a vida e a fingir que é muito melhor do que realmente é. Passei uma hora com Roman e marcamos nova reunião.

Foi um de meus primeiros *clientes* que me falou do juiz Fawcett. O homem estava desesperado para sair da prisão e achou que eu fazia milagres. Ele sabia exatamente o que havia no cofre daquela casa do lago e andava obcecado em pôr as mãos naquilo antes que desaparecesse.

capítulo 9

Passava-se alguma coisa: estava de volta ao escritório do diretor. Ele vestia terno escuro, camisa branca engomada, gravata com cornucópias e as botas de bico à *cowboy* bem engraxadas e polidas brilhavam. Estava tão presunçoso como sempre, mas um pouco nervoso.

— Não sei o que lhes disse, Bannister — começou —, mas eles gostaram da sua história. Detesto repetir, mas se isso é sua ideia de truque vou fazê-lo pagar caro.

— Não é truque nenhum, diretor. — Desconfio que ele ouviu atrás da porta e sabe exatamente o que lhes disse.

— Enviaram quatro agentes há dois dias; andaram bisbilhotando em toda parte, queriam saber com quem você se dá, quem ajuda com aconselhamento legal, com quem joga xadrez, com quem trabalha, com quem come, com quem toma banho, com quem partilha a cela, e por aí afora.

— Eu tomo banho sozinho.

— Acho que estão tentando entender quem são seus amigos, não é?

— Não sei, diretor, mas não estou surpreso. Já esperava que o fizessem. Sabia que o FBI andava bisbilhotando em Frostburg, embora não tenha visto os agentes. É muito difícil manter segredos numa prisão, principalmente quando vem gente de fora e começa a fazer perguntas. Na minha opinião, e baseada em alguma experiência, foi uma maneira desastrada de investigar meu passado.

— Pois bem, eles estão de volta — disse o diretor. — Chegam às dez e dizem que podem demorar algum tempo.

Faltavam cinco minutos para as dez. A mesma dor aguda atacou, novamente o estômago e tentei inspirar profundamente sem demonstrar. Encolhi os ombros, como se não fosse nada de especial.

— Quem vem? — perguntei.

— Macacos me mordam se sei.

Segundos depois, o telefone tocou e a secretária transmitiu a mensagem.

Estávamos na mesma sala adjacente ao escritório do diretor. Como é óbvio, ele não estava presente. Os agentes Hanski e Erardi estavam de volta, assim como um jovem feroz chamado Dunleavy, um advogado assistente do MP do Distrito Sul da Virginia, vindo do escritório de Roanoke.

Eu estava ganhando força, a suscitar credibilidade e curiosidade. O meu pequeno grupo de interrogadores mostrava um ar mais impressionado.

Embora fosse o mais jovem dos três, Dunleavy era um procurador federal e os outros dois, meros policiais federais. Assim sendo, era hierarquicamente superior e naquele momento parecia muito cheio de si, o que não era incomum num homem da sua posição. Não podia ter saído da Faculdade de Direito há mais de cinco anos, e presumi que ele dirigiria a conversa.

— Como é óbvio, Mr. Bannister — começou ele com um tom de voz detestavelmente condescendente —, não estaríamos aqui se não tivéssemos algum interesse na sua pequena história.

Pequena história. Que fedelho.

— Posso tratá-lo de Malcolm? — perguntou.

— Por enquanto, vamos continuar com Mr. Bannister e Mr. Dunleavy — respondi. Sou um recluso e há anos que não me tratam por Mr. Bannister. Gosto do som.

— Claro que sim — disse ele com brusquidão; depois levou rapidamente a mão ao bolso. Tirou um pequeno gravador e colocou-o em cima da mesa, a meio entre mim, de um lado da mesa, e os três homens, do outro lado. — Se não se importa, gostaria de gravar a nossa conversa.

E, com este gesto, a minha causa deu um gigantesco passo em frente. Uma semana antes, Hanski e Erardi tinham revelado uma certa relutância em pegar as canetas e tomar notas. Agora, o governo queria captar cada uma das minhas palavras. Encolhi os ombros e respondi: — Não me importo.

Ele ligou o gravador e disse:

— Muito bem, diz saber quem matou o juiz Fawcett e quer trocar essa informação por um bilhete de saída da prisão. Uma vez lá fora, quer a nossa proteção. E esta é a estrutura básica do nosso acordo?

— Claro que sim — respondi, imitando a resposta dele.

— Por que devemos acreditar?

— Porque eu sei a verdade e porque vocês não andam nem perto dela.

— Como sabe disso?

— Sei apenas. Se tivessem um suspeito provável, não estariam aqui.

— Está em contato com o assassino?

— Não vou responder a essa pergunta.

— Tem que nos dar alguma coisa, Mr. Bannister, alguma coisa que nos faça sentir melhor quanto a este nosso pequeno acordo.

— Eu não o classificaria de pequeno.

— Então, chamamos do que quiser. Por que não o explica? Como prevê que este grande acordo se processe?

— Muito bem. Tem que ser mantido em segredo, altamente confidencial. Teremos um acordo escrito, aprovado pelo Ministério Público do Distrito Norte,

onde fui acusado e sentenciado, e do Distrito Sul, onde esta investigação está a decorrer. O juiz Slater, que me condenou, terá que assinar o acordo. Quando isto estiver feito, dou o nome do assassino. Vocês apanham-no, investigam-no e, quando o júri o acusar de homicídio, serei transferido para outra prisão. Só que não irei cumprir mais tempo. Saio daqui como se estivesse sendo transferido, mas na verdade entro no seu programa de proteção de testemunhas. A minha pena será anulada, minha ficha limpa, meu nome alterado e provavelmente precisarei de uma cirurgia plástica para mudar o aspecto. Recebo documentos novos, um rosto novo, um bom emprego federal e, para rematar, fico com o dinheiro da recompensa.

Três rostos de pedra olharam fixamente para mim. Até que Dunleavy disse finalmente: — E é tudo?

— É tudo. E não é negociável.

— Uau — balbuciou Dunleavy, em choque. — Acho que teve muito tempo para pensar nisso.

— Muito mais que vocês.

— E se estiver errado? Se pegarmos o cara errado, e se conseguirmos acusá-lo, você sai e depois não podemos provar o caso?

— Isso é problema seu. Se destruírem a acusação, a culpa é sua.

— Está bem, mas quando tivermos nosso homem que provas existirão contra ele?

— Vocês têm todo o governo federal à disposição. Certamente conseguem encontrar provas suficientes depois de pegarem o assassino. Não posso fazer seu trabalho todo.

Para efeitos dramáticos, Dunleavy se levantou e se espreguiçou, caminhando de um lado para o outro da sala como se estivesse imerso em pensamentos torturantes e profundos. Depois voltou, sentou-se e olhou para mim fixamente: — Acho que estamos desperdiçando nosso tempo aqui — disse, num blefe sofrível feito por um garoto que nem devia estar naquela sala. Hanski, o veterano, inclinou ligeiramente a cabeça e pestanejou. Não entendia como aquele cara podia ser tão ruim. Erardi não descolava os olhos de mim e consegui sentir seu desespero. Também sentia a tensão entre o FBI e o advogado do MP, o que não era de todo incomum.

Levantei-me lentamente e disse:

— Tem razão. Estamos desperdiçando nosso tempo. Não volto a encontrá-los até enviarem alguém com mais do que penugem na cara. Apresentei meus termos do acordo e da próxima vez que falarmos quero Mr. Victor Westlake na mesa, assim como um de seus chefes, Mr. Dunleavy. E se você estiver presente na sala, eu saio.

E saí. Olhei de relance enquanto fechava a porta e Hanski estava esfregando as têmporas.

Eles iam voltar.



A reunião podia ter sido marcada no Edifício Hoover na Pennsylvania Avenue, em Washington. Victor Westlake teria ficado contente por voltar brevemente a sua casa, ver o chefe, verificar seu pessoal, ter um jantar agradável com a família e todas essas coisas. Mas o diretor queria fazer uma pequena viagem. Precisava sair do prédio por algumas horas, e meteu a comitiva num elegante jatinho, um dos quatro do FBI, e levantou voo rumo a Roanoke numa viagem de quarenta minutos.

Seu nome era George McTavey, tinha sessenta e um anos, homem de carreira, não um favorecido pela política, embora suas convicções políticas o tivessem colocado em maus lençóis com o presidente. De acordo com os incansáveis rumores que corriam no meio social de Washington, o emprego de McTavey estava por um fio. O presidente queria um novo diretor para o FBI. Depois de quatorze anos, McTavey precisava sair. O moral no Edifício Hoover andava baixo e, por isso, os rumores continuavam a circular. Nos últimos meses, McTavey raramente deixava escapar uma oportunidade de sair de Washington, nem que fosse por algumas horas.

E era quase refrescante se concentrar num caso tão antiquado quanto um homicídio. Há dez anos que lutava contra o terrorismo, e não havia o menor indício de que a morte de Fawcett estivesse de algum modo ligada à Al-Qaeda ou a quaisquer células caseiras. Os dias gloriosos da luta contra o crime organizado e da perseguição de contrafatores estavam há muito ultrapassados.

Em Roanoke, uma viatura estava à espera junto às escadas do jato, e McTavey e a equipe foram apressadamente levados até o carro como estivessem sendo observados por atiradores furtivos. Um minuto depois, abrandaram junto ao Congelador e entraram.

Uma visita do diretor tinha dois propósitos. O primeiro era animar a equipe de investigação e transmitir-lhe que, não obstante a falta de progressos, o seu trabalho continuava a ter a maior prioridade. O segundo era para aumentar a pressão. Depois de uma visita rápida às instalações improvisadas e uma ronda de cumprimentos que teria impressionado qualquer político, o diretor McTavey foi

levado até a maior sala de reuniões para o *briefing*.

Estava sentado ao lado de Victor Westlake, um velho amigo; ambos comiam *donuts* enquanto um investigador apresentava um resumo palavroso sobre os últimos acontecimentos, que não eram quase nenhuns. McTavey não precisava daquele *briefing*. Desde o assassinato que falava com Westlake pelo menos duas vezes por dia.

— Vamos falar desse tal Bannister — disse ele depois de meia hora de narrativa entediante que não levava a lado nenhum. Outro relatório foi rapidamente distribuído pela mesa.

— Estes são os últimos dados — disse Westlake. — Começamos pelos colegas do ginásio, depois avançamos para os da universidade e da faculdade de Direito, mas não há suspeitos viáveis. Não há registro de amigos, conhecidos próximos, de ninguém, na verdade, que alguma vez tenha cruzado com o juiz Fawcett. Nenhum membro de gangues, traficantes de drogas ou criminosos mais sérios. A seguir, examinamos os antigos clientes quanto possível, embora esta tarefa tenha sido difícil porque não temos acesso a muitos arquivos antigos. Mais uma vez, não encontramos ninguém digno de interesse. Trabalhou durante dez anos como pequeno advogado da província, com dois advogados afro-americanos mais velhos, e a firma tem um registro imaculado.

— Ele teve processos no tribunal do juiz Fawcett? — perguntou McTavey.

— Não há registro. Não fez grande coisa a nível federal, e estava no Distrito Norte da Virginia. Será adequado dizer que Mr. Bannister não era um advogado muito procurado para julgamentos.

— Então, acredita que quem quer que matou Fawcett conheceu Mr. Bannister na prisão, partindo do princípio, claro, de que acreditamos que ele saiba a verdade.

— Correto. Ele cumpriu os primeiros vinte e dois meses em Louisville, Kentucky, numa penitenciária de segurança média com dois mil internos. Teve três companheiros de cela diferentes e trabalhou na lavanderia e na cozinha. Também desenvolveu competências como advogado de prisão e ajudou pelo menos cinco internos a conseguirem a libertação. Temos uma lista de cerca de cinquenta homens que ele terá provavelmente conhecido bastante bem, mas, com franqueza, é impossível conhecer todo mundo em Louisville. E o mesmo acontece em Erostburg. Está lá há três anos e já cumpriu pena com mil homens.

— Qual o tamanho da lista? — perguntou McTavey.

— Temos cerca de cento e dez nomes, mais ou menos, mas não me sinto muito confiante em relação à maior parte desses sujeitos.

— Quantos foram condenados por Fawcett?

— Seis.

— Portanto, não há um suspeito evidente no histórico de prisão do Bannister?

— Ainda não, mas continuamos investigando. Repare: nossa segunda teoria é que presumimos que quem quer que matou o juiz fez por ressentimento em relação a um mau resultado no tribunal. Nossa primeira teoria é de que foi um assalto clássico com homicídio.

— Tem uma terceira teoria? — perguntou McTavey.

— O ex-marido ciumento da secretária morta — respondeu Westlake.

— Não é muito provável, certo?

— Não.

— Tem uma quarta teoria?

— Não, ainda não.

O diretor McTavey bebericou o café e disse: — Esse café é bem ruim.

Dois homens no fundo da sala se empertigaram e saíram para procurar uma bebida melhor.

— Desculpe — disse Westlake.

Todos sabiam que o diretor apreciava café, e oferecer-lhe uma mistura que não estava à altura era um constrangimento.

— Qual é a história de Bannister, mais uma vez? — perguntou.

— Apanhou dez anos, RICO, apanhado na confusão do Barry Rafko há alguns anos, embora não fosse um interveniente de grande monta. Tinha tratado de umas escrituras para o Barry e deixou-se apanhar.

— Então, não estava na cama com garotas de dezesseis anos?

— Oh, não, isso foi só nosso congressista. Bannister parece ser um bom homem, é antigo *marine* e tudo; apenas escolheu o cliente errado.

— Bem, mas era culpado?

— O júri achou que sim. E o juiz. Não pegaria dez anos se não tivesse feito asneira.

Colocaram outra xícara de café em frente do diretor, que o cheirou, depois bebeu finalmente um gole, enquanto todos sustinham a respiração. Bebeu outro gole e todos voltaram a respirar.

— Por que acreditamos em Bannister? — perguntou McTavey.

Westlake passou rapidamente a batata quente.

— Hanski.

O agente Chris Hanski estava a postos. Pigarreou e foi direto ao assunto: — Bem, não sei ao certo se acreditamos no Bannister, mas ele causou-nos uma boa impressão. Já o interroguei duas vezes, observei-o atentamente e não vi sinal de fraude. É inteligente, perspicaz e nada tem a ganhar mentindo. Depois de cinco anos na prisão, é bem provável que tenha se deparado com alguém que quisesse

dar cabo do juiz Fawcett ou assaltá-lo.

— E não fazemos ideia de quem seja, certo?

Hanski olhou para Victor Westlake, que respondeu: — Até agora, é essa a realidade. Mas continuamos investigando.

— Não gosto que nossa chance de descobrir a identidade do assassino se baseie em quem Mr. Bannister possa ter encontrado na prisão — disse McTavey, parecendo perfeitamente lógico. — Podemos acabar num beco sem saída nos próximos dez anos. Qual é a desvantagem em fazer um acordo com Bannister? É um bandido de colarinho branco que já cumpriu cinco anos por atividades criminosas que me parecem até bem inofensivas se encararmos o esquema geral das coisas. Não acha, Vic?

Vic acenou solenemente com a cabeça. McTavey insistiu: — Então, o cara sai da prisão. Não é como se estivéssemos libertando um assassino em série ou um predador sexual. Se ele tiver razão, o caso fica resolvido e podemos voltar para casa. Se ele estiver nos enganando, qual é o problema?

Naquele momento, ninguém na mesa conseguia ver grande problema.

— Quem se opõe? — perguntou McTavey.

— O Gabinete do Ministério Público não está de acordo — disse Westlake.

— Sem surpresa — respondeu McTavey. — Amanhã à tarde tenho encontro com o procurador-geral. Consigo neutralizar o Ministério Público. Mais algum problema?

Hanski pigarreou mais uma vez.

— Bem, chefe, Mr. Bannister insiste que não nos dará o nome enquanto um juiz federal não assinar uma ordem de comutação de pena. Não tenho certeza se isso funcionará, mas a comutação da pena dele será automática quando o júri acusar nosso homem-mistério.

McTavey desvalorizou a preocupação.

— Temos advogados para tratar disso. Bannister tem advogado?

— Que eu saiba, não.

— E precisa de um?

— Não me importo de perguntar — comentou Hanski.

— Então, vamos em frente com esse acordo, sim? — disse McTavey com impaciência. — Há uma grande vantagem potencial e uma pequena desvantagem. Tendo em conta nossos progressos até o momento, já merecemos uma pausa.

capítulo 10

Passou-se um mês desde os assassinatos do juiz Fawcett e de Naomi Clary. As reportagens nos jornais sobre a investigação tornaram-se mais curtas e menos frequentes. No início, o FBI não tecia comentários e, um mês depois de um ritmo de trabalho frenético sem ter nada para mostrar, a equipe de investigação parecia ter-se esfumado no ar. No último mês, um terramoto na Bolívia, um tiroteio no recreio de uma escola no Kansas, a overdose de uma estrela do rap e a desintoxicação de outra, tinham conspirado para desviar a nossa atenção de assuntos mais importantes.

Tudo isso eram boas notícias para mim. A investigação podia parecer calma à superfície, mas internamente a pressão aumentava. Meu pior pesadelo seria uma manchete anunciando a detenção de alguém, mas isso parecia cada vez menos provável. Os dias passavam e eu esperava pacientemente.

Só recebia clientes com marcação. Recebia-os no meu cubículo da biblioteca. Chegavam com os documentos legais na mão, uma pilha de alegações da defesa, despachos, moções e pareceres que, enquanto internos, temos direito de conservar nas nossas celas. Os OC não podem mexer nos nossos documentos legais.

Para a maior parte dos meus clientes, bastavam duas reuniões para os convencer de que não havia nada a fazer com os seus casos. Durante a primeira reunião, revíamos o básico, e eu examinava os documentos. Depois passava algumas horas a pesquisar.

Durante a segunda reunião, dava normalmente a má notícia de que não tínhamos tido sorte. Não havia lacuna na lei que os pudesse salvar.

Em cinco anos, ajudei seis internos a saírem mais cedo da prisão. Desnecessário dizer que isto ajudava imenso à minha reputação de magistral advogado de internos, mas avisava cada novo cliente que as probabilidades estavam fortemente contra eles.

Foi isso que expliquei ao jovem Otis Carter, de vinte e três anos e pai de dois filhos que vai passar os próximos quatorze meses em Frostburg por um crime que nem devia ser considerado crime. Otis é da província, um batista de fé profunda, eletricista, com um casamento feliz e que ainda não consegue acreditar que está numa prisão federal. Ele e o avô foram acusados e considerados culpados da violação da Lei da Preservação dos Campos de Batalha da Guerra Civil e de Artefatos, de 1979 (posteriormente emendada em 1983, 1989, 1997,

2002, 2008 e 2010). O avô, com setenta e quatro anos e doente de enfisema, estava no Centro Médico Federal no Tennessee, também cumprindo pena de quatorze meses. Devido à sua condição clínica, custará aos contribuintes cerca de vinte e cinco mil dólares por mês.

Os Carter procurar artefatos na sua fazenda de oitenta hectares que fica ao lado do New Market Battlefield State Historical Park, no vale de Shenandoah, a menos de uma hora de distância da minha terra natal, Winchester. A fazenda pertence à família há mais de um século e desde que aprendeu a andar que Otis acompanhava,. o avô quando este ia "à caça" de relíquias e recordações da Guerra Civil. Ao longo das décadas, a família foi reunindo uma coleção impressionante de balas de espingarda e de canhão, cantis, botões de bronze, pedaços de uniformes, alguns estandartes de batalhas e várias dezenas de armas de todos os tipos. Tinham feito isto tudo legalmente. E ilegal remover artefatos e relíquias do Patrimônio Histórico Nacional, que são terrenos federais, e os Carter conheciam esta lei. O seu pequeno museu privado, num celeiro de feno convertido, estava cheio de objetos que tinham encontrado nas suas próprias terras.

No entanto, em 2010.

A Lei da Preservação dos Campos de Batalha da Guerra Civil e de Artefatos foi novamente emendada. Para responder aos esforços levados a cabo pelos ambientalistas no sentido de impedir que o desenvolvimento urbanístico se localizasse perto dos campos de batalha, foram acrescentadas no último instante algumas frases à emenda que já tem uma centena de páginas. Tornou-se ilegal procurar relíquias "num raio de três quilômetros" a partir do limite do Patrimônio Histórico Nacional, mesmo tratando-se do proprietário das terras em questão. Os Carter nunca foram informados das novas regras; na verdade, as minúcias linguísticas estavam tão profundamente enterradas, que quase ninguém sabia da sua existência.

Ao longo dos anos, os agentes federais importunaram o avô de Otis e acusaram-no de escavar em terras protegidas. Passavam periodicamente pela casa dele e exigiam ver o museu. Quando a lei mudou, esperaram pacientemente até apanharem Otis e o avô a perscrutarem a zona florestal da sua propriedade com detetores de metais. Os Carter contrataram um advogado que os aconselhou a declararem-se culpados. Para os crimes federais, já não é necessário ter intenção criminosa. E a falta de conhecimento não era defesa.

Enquanto vítima da lei RICO, uma lei federal frequentemente mal aplicada e notoriamente flexível, tenho um grande interesse pela proliferação do código criminal federal, que tem agora vinte e sete mil páginas e continua a crescer. A Constituição prevê apenas três ofensas federais: traição, pirataria e falsificação.

Hoje em dia, há mais de quatro mil e quinhentos crimes federais e este número está sempre a aumentar à medida que o Congresso trata o crime com mais dureza e os procuradores-gerais se tornam mais criativos a encontrar maneiras de aplicar as suas novas leis.

Otis podia eventualmente atacar a constitucionalidade da emenda que foi feita à lei. Seriam necessários vários anos de litígio e o processo arrastar-se-ia ainda durante muito tempo depois de ele receber a liberdade condicional e estar de volta a casa com a sua família. Enquanto lhe explicava isto na nossa segunda reunião, ele pareceu perder o interesse. Se não conseguia sair imediatamente, para quê dar-se ao trabalho? Mas aquele caso intrigou-me. Decidimos discuti-lo mais tarde.

Se meu grande esquema falhar redondamente, sou capaz de aceitar o caso de Otis e lutar até chegar à Suprema Corte. É coisa para me manter ocupado durante os próximos cinco anos.



A Suprema Corte recusou por duas vezes reconsiderar o meu caso. Embora não o conseguíssemos provar, pairava no ar a sensação de que os meus recursos passavam apressadamente pelo sistema porque o governo andava entusiasmado em prender Barry Rafko e os seus cúmplices, onde me incluía.

Fui condenado em novembro de 2005 e sentenciado dois meses depois a dez anos de cadeia. Na leitura da sentença, fui detido preventivamente, o que significa ser levado para a prisão. Alguns criminosos federais com sorte podem se entregar ou permanecer em liberdade até serem notificados para se apresentar num estabelecimento prisional. Assim, têm tempo para se preparar, mas a maior parte não tem direito a esse luxo.

Meu advogado achava que eu pegaria cinco ou seis anos. Barry Rafko, o acusado principal, o alvo, o vilão exuberante que todos adoravam odiar, recebeu uma pena de doze anos. Certamente que eu merecia menos de metade do que aquele escroque. Dionne, a minha mulher bela, dedicada e feroz defensora, estava sentada corajosamente ao lado do meu humilhado pai. Fui o único dos oito a ouvir a sentença naquele dia, e enquanto estava em pé na frente do juiz Slater, com meu advogado do lado direito, tive dificuldade de respirar. Isso não pode estar acontecendo, dizia incessantemente a mim mesmo, enquanto interiorizava as imagens desfocadas que me rodeavam. Não mereço isso. Posso

explicar. Não sou culpado. Slater ralhou, pregou seu sermão e deu espetáculo para a imprensa, e eu me senti como um peso pesado derrotado no décimo quinto assalto, caindo nas cordas, cobrindo o rosto, esperando o próximo murro na cara. Sentia os joelhos como mingau. Transpirava.

Quando o juiz Slater disse “dez anos”, ouvi um arquejo atrás de mim, com Dionne se desfazendo em lágrimas. Enquanto me levavam, olhei de relance para trás uma última vez. Tinha visto aquilo uma centena de vezes nos filmes, nas séries televisivas e em relatos de julgamentos da vida real — o último e frenético olhar de despedida de um condenado.

No que se pensa quando se abandona a sala de audiências, mas não para ir para casa? A verdade é que tudo se torna confuso. Há pensamentos demais que se atropelam, medo, fúria e emoção pura para se conseguir entender o que está acontecendo.

Dionne cobriu a boca com as mãos, em choque, chorando, lágrimas pra todo lado. Meu pai tinha o braço no ombro dela, tentando consolá-la. Foi a última coisa que vi — minha bela mulher desgostosa e destruída.

Agora está casada com outro homem. Graças ao governo federal.

Os jurados eram do distrito. Alguns pareciam ser inteligentes e instruídos, mas a maior parte não era, digamos, sofisticada. Após três dias de deliberações, anunciaram ao juiz que não estavam fazendo progressos significativos. E quem podia culpá-los? Ao descarregar parte considerável do código federal, a acusação tinha adotado a estratégia já gasta pelo tempo de jogar o barro todo na parede, esperando que alguma parte colasse. Aquele exagero tinha transformado o que devia ser um caso relativamente fácil contra Barry Rafko e o congressista num lamaçal jurídico. Passei incontáveis horas trabalhando na minha própria defesa e não conseguia entender todas as teorias da acusação. Meu advogado previra desde o início um júri confuso.

Depois de quatro dias de deliberações, o juiz Slater fez o que é chamado no círculo dos tribunais de “acusação relâmpago”. Significa basicamente que é exigido dos jurados que voltem à sala e cheguem a um veredicto a todo custo. Não vão para casa até um veredicto! É raro dar certo, mas não tive essa sorte. Uma hora depois, os jurados exaustos e emocionalmente esgotados voltaram com o veredicto unânime contra todos os acusados, considerados culpados de todas as acusações. Foi óbvio para mim e muitos outros que eles não entenderam a maior parte das seções do código nem as intrincadas teorias usadas pela acusação. Um dos jurados foi citado mais tarde por dizer: “Partimos simplesmente do princípio de que são culpados, senão não teriam sido acusados.” Usei esta citação no meu recurso, mas aparentemente ninguém a ouviu.

Observei cuidadosamente os jurados desde o início do julgamento e todos ficaram assoberbados logo com as alegações iniciais. E como não ficariam? Nove advogados diferentes transmitiram suas versões do que tinha acontecido. A sala de audiências teve que ser reestruturada e reformada para dar espaço para todos os acusados e seus advogados.

O julgamento foi um espetáculo, uma farsa, uma forma ridícula de procurar a verdade. Mas, como acabei por aprender, a verdade não era importante. Talvez numa outra época um julgamento fosse um exercício de apresentação de fatos, de busca da verdade e aplicação da justiça. Agora, um julgamento é um concurso em que um lado ganha e o outro perde. Como cada um deles espera que o outro manipule as regras, nenhum dos dois joga limpo. A verdade se perde no meio da disputa.

Dois meses depois, voltei à sala de audiências para a leitura da sentença. Meu advogado tinha solicitado que me fosse permitido me entregar, mas o juiz Slater não ficou impressionado com o pedido. Depois de me condenar a dez anos, ordenou que me levassem.



É realmente notável que mais juízes federais não sejam assassinados. Nas semanas que se seguiram, planejei todo tipo de esquema para infligir uma morte lenta e dolorosa ao juiz Slater.

Fui levado da sala de audiências pelos *marshals* e encaminhado para uma cela no próprio tribunal; dali, levaram-me para a cadeia de D.C., onde fui despido, revistado e recebi um macacão cor de laranja; a seguir colocaram-me numa cela apinhada com outros seis internos. Só havia quatro estrados. Na primeira noite, fiquei sentado no chão, só com um cobertor fino cheio de buracos. A prisão era um barulhento jardim zoológico, superlotada e com pouco pessoal, e era impossível dormir. Estava assustado e atordoado demais para fechar os olhos; assim, fiquei sentado num canto ouvindo os berros, gritos e ameaças até de madrugada. Fiquei lá uma semana, comendo pouco, dormindo pouco, urinando numa privada imunda sem descarga, às claras, a três metros dos companheiros de cela. A certa altura, éramos dez na mesma cela. Nunca tomava banho. Uma aflição intestinal exigia um pedido urgente para visitar a "cagadeira", que ficava no fundo do corredor.

O transporte de prisioneiros federais é feito por *marshals* e é um pesadelo.

Prisioneiros de todos os níveis de segurança são simplesmente reunidos no mesmo espaço, sem consideração pelos crimes cometidos nem pelo risco que podem representar. Assim, somos todos tratados como assassinos selvagens. A cada movimentação, algemavam minhas mãos, acorrentavam meus tornozelos e me prendiam ao recluso da frente e ao de trás. O ambiente era pesado. Os *marshals* têm uma tarefa — transportar internos sem permitir fugas. Os internos, muitos deles novatos como eu, estão assustados, frustrados e espantados.

Quatorze de nós saíram de D.C. num ônibus, um veículo descaracterizado que décadas antes servira para levar crianças para a escola, e dirigimo-nos para sul. Não retiraram algemas e correntes. No banco da frente, ia um *marshal* com uma escopeta. Quatro horas depois, paramos numa prisão de condado na Carolina do Norte. Deram-nos sanduíches e nos deixaram urinar atrás do ônibus, ainda presos e acorrentados. As algemas e os grilhões dos tornozelos nunca saíam. Depois de duas horas à espera, partimos com mais três prisioneiros e encaminhamo-nos para oeste. Nos seis dias que se seguiram, paramos em várias prisões de condado da Carolina do Norte, Tennessee e Alabama, recolhendo prisioneiros, de vez em quando deixando um e dormindo em celas diferentes todas as noites.

As prisões dos condados eram as piores: celas minúsculas e lotadas sem aquecimento, ar condicionado, luz solar ou sanitários adequados; comida que até os cães ignorariam; pouca água; gorilas a servir de guardas; uma ameaça de violência muito mais elevada; internos locais que se ressentem da intrusão dos "prisioneiros federais". Eu não acreditava que neste país existissem condições tão deploráveis, mas era um ingênuo. À medida que a nossa viagem continuava e o nosso moral se afundava cada vez mais, notou-se um aumento significativo das implicâncias no ônibus, que pararam quando um recluso veterano explicou o conceito de "terapia de estrada". Se nos queixássemos ou arranjássemos problemas, os *marshals* nos manteriam no ônibus durante semanas, levando-nos para visitas guiadas gratuitas a dúzias de prisões de condado.

Não havia pressa. Os *marshals* só podiam transportar prisioneiros durante o dia; por isso, as distâncias tendiam a ser curtas. Eles não tinham interesse absolutamente nenhum em nosso conforto ou privacidade.

Acabamos por chegar a um centro de distribuição em Atlanta, um lugar reconhecidamente ruim em que fui mantido na solitária durante vinte e três horas por dia, enquanto minha papelada se acumulava na mesa de alguém em Washington. Depois de três semanas nessas condições, começava a perder o juízo. Não tinha nada para ler, ninguém com quem falar, a comida era péssima, os guardas, perversos. Acabamos sendo novamente agrilhoados, colocados em outro ônibus e levados até um avião de carga no aeroporto de Atlanta.

Acorrentados a um banco de plástico rígido e sentados de joelhos encostados uns aos outros, voamos até Miami, embora não fizéssemos ideia de para onde nos dirigíamos. Um dos *marshals* foi simpático e informou. Pegamos mais alguns internos em Miami e depois voamos até New Orleans, onde ficamos sentados no meio de uma umidade sufocante durante uma hora enquanto os *marshals* carregavam ainda mais prisioneiros.

Tínhamos permissão para conversar no avião, e era refrescante tagarelar. A maior parte de nós tinha acabado de sair de dias na solitária, e mergulhamos nas conversas. Aquela não era a primeira viagem para alguns dos rapazes, que contaram outras histórias sobre como tinham sido transportados acorrentados, cortesia do governo federal. Comecei a ouvir descrições da vida na prisão.

Ao anoitecer, chegamos a Oklahoma City, onde fomos enfiados num ônibus e levados para outro centro de distribuição. Não era tão ruim quanto o de Atlanta, mas nessa altura já eu tinha pensamento suicidas. Depois de cinco dias na solitária, voltamos a ser agrilhoados e levados de regresso ao aeroporto. Voamos até o Texas, a capital mundial da injeção letal, e eu sonhei acordado com a imagem de uma agulha espetada no meu braço, enquanto deslizava para o vazio. Oito homens com ar duro, todos hispânicos, entraram a bordo do Con Air em Dallas e voamos então para Little Rock, depois Memphis, a seguir Cincinnati, onde os meus dias de transporte aéreo terminaram. Passei seis noites numa violenta cadeia municipal.

Antes de uma dupla de *marshals* me levar de carro para a prisão em Louisville, Kentucky.

Louisville fica a oitocentos quilômetros da minha cidade natal, Winchester, na Virginia. Se tivessem permitido que me entregasse, eu e o meu pai teríamos demorado cerca de oito horas para fazer a viagem. Ele ter-me-ia deixado junto ao portão da frente e dito adeus.

Demorei quarenta e quatro dias, vinte e seis dos quais na solitária, com paradas demais para me lembrar de todas. Este sistema é desprovido de lógica e ninguém quer saber. Ninguém presta atenção.

A verdadeira tragédia do sistema penal federal não são os absurdos. São as vidas que arruína e desperdiça. O Congresso exige penas longas e duras, que são adequadas aos criminosos violentos. Os criminosos perigosos são confinados em "Penitenciárias do Estado", fortalezas onde as gangues são ferozes e os homicídios parte da rotina. Mas a maior parte dos prisioneiros federais não é violenta, e muitos são condenados por crimes que têm pouco ou nada a ver com atividades criminosas.

Serei visto como um criminoso para o resto da minha vida e recuso-me a aceitar isto. Terei uma vida, longe deste passado e afastada dos tentáculos do

governo federal.

capítulo **11**

A Regra 35 das Regras Federais de Procedimento Penal determina o único mecanismo de comutação de uma sentença. A sua lógica é brilhante e se aplica perfeitamente a minha situação. Se um recluso conseguir resolver outro crime, um em que o governo federal esteja interessado, então, a pena do recluso pode ser reduzida. Claro que para isso é necessária a cooperação das autoridades que investigam o caso — FBI, DEA, CIA, ATF e por aí em diante — e do tribunal onde o recluso foi condenado.

Se tudo correr conforme planejado, posso vir a ter em breve o privilégio de ver o Ilustre juiz Slater, desta vez nas minhas próprias condições.

Os caras do FBI voltaram.



Ultimamente, o diretor anda muito mais simpático comigo. Ele acha que tem um trunfo que algumas pessoas bem colocadas desejam e por isso quer estar o mais envolvido possível. Sentei-me à sua secretária e ele perguntou-me se queria café. Aquilo era quase surreal demais para compreender — o magnânimo diretor a oferecer café a um recluso.

— Sim — respondi. — Simples.

Ele premiu um botão e transmitiu os nossos pedidos à secretária. Reparei que estava a usar botões de punho, o que era um bom sinal.

— Hoje vêm cá os peixes graúdos, Mal — informou-me, todo presunçoso.

Como se estivesse a coordenar todos os esforços para encontrar o assassino. Uma vez que agora somos bons amigos, usa o meu nome próprio. Até agora era Bannister isto, Bannister aquilo.

— Quem? — perguntei.

— O diretor da equipe de investigação, Victor Westlake, de Washington, e um bando de advogados. Eu diria que você conseguiu captar a atenção deles.

Não consegui impedir um sorriso, mas durou apenas um segundo.

— Este tipo que matou o juiz Fawcett, ele esteve aqui, em Frostburg? — perguntou o diretor.

— Desculpe, diretor, mas não lhe posso responder a isso.

— Ou aqui ou em Louisville.

— Talvez, mas também o posso ter conhecido antes de vir para a prisão.

Ele franziu a testa e esfregou o queixo.

— Compreendo — murmurou.

O café chegou numa bandeja, e pela primeira vez em anos bebi de uma xícara sem ser de plástico ou papel. Gastamos alguns minutos falando de coisas sem importância. Às 11h05, a secretária informou pelo intercomunicador: "Já estão no local." Segui-o até a mesma sala de reunião.

Cinco homens com os mesmos ternos escuros, com as mesmas camisas brancas de colarinhos apertados, com as mesmas gravatas monótonas. Se os tivesse visto no meio de uma multidão a um quilômetro de distância, teria dito: "Sim, agentes federais."

Passamos pelas mesmas apresentações rígidas de sempre, e o diretor desculpou-se relutantemente e saiu da sala. Sentei-me de um dos lados da mesa e os meus novos cinco amigos sentaram-se do outro lado. Victor Westlake estava no meio e à sua direita encontravam-se o agente Hanski e um rosto novo, o agente Sasswater. Nenhum dos dois falaria durante a reunião. À esquerda de Westlake estavam dois advogados do Ministério Público — Mangrum, do Distrito Sul da Virginia, e Craddock, do Distrito Norte. O novato Dunleavy fora deixado para trás.

Na noite anterior, depois da meia-noite, abatera-se sobre a região uma série de tempestades, e Westlake começou a conversa dizendo.

— A tempestade de ontem à noite foi qualquer coisa, hein?

Semicerrei os olhos e o fitei.

— Sério? Quer falar do tempo?

Ele ficou profundamente irritado com isso, mas é um profissional. Sorriu, a seguir fez um pequeno grunhido e depois: — Não, Mr. Bannister, não estou aqui para falar do tempo. Meu chefe acha que devíamos fazer um acordo com você, por isso estou aqui.

— Ótimo. E, sim, foi uma tempestade e tanto.

— Gostaríamos de ouvir seus termos do acordo.

— Acho que já os conhecem. Recorremos à Regra 35. Assinamos um acordo, todos nós, e darei o nome do homem que matou o juiz Fawcett. Vocês o pegam, investigam, fazem o que têm que fazer e, quando um júri federal o acusar, eu saio da prisão. No mesmo dia. Saio de Frostburg e entro no programa de proteção de testemunhas. Não cumpro mais tempo da pena; deixo de ter ficha; deixo de ser Malcolm Bannister. O acordo é confidencial e ficará guardado, enterrado, e assinado pelo procurador-geral.

— Pelo PG?

— Sim. Não confio em você nem em ninguém nesta sala. Não confio no juiz Slater nem em nenhum outro juiz federal, em procuradores ou assistentes de procuradores, agentes do FBI ou qualquer outra pessoa que trabalhe para o governo federal. A documentação tem que perfeita; o acordo tem que ser inquebrável. Quando o assassino for acusado, eu saio da cadeia. Ponto final.

— Vai requerer um advogado?

— Não. Posso tratar eu mesmo do assunto.

— É justo.

Mangrum produziu subitamente uma pasta e tirou vários exemplares de um documento. Fez deslizar um deles pela mesa até parar mesmo à minha frente, perfeitamente posicionado. Olhei-o de relance e o meu coração começou a bater com mais força. O cabeçalho era o mesmo que aparecia em todas as moções e despachos anexados ao meu processo: "Do Tribunal Distrital de Washington, D.C..

Estados Unidos da América contra Malcolm W. Bannister." No centro da página, em maiúsculas, estavam as palavras "MOÇÃO REGRA 35".

— Esta é uma proposta do despacho do tribunal — disse Mangrum. — É apenas o ponto de partida, mas investimos algum tempo nela.

Dois dias mais tarde, instalaram-me no banco traseiro de um Ford e fui levado para fora de Frostburg, na minha primeira saída do campo desde que ali cheguei há três anos. Agora, não tinha correntes nos tornozelos, mas as mãos iam algemadas à frente do corpo. Os meus dois companheiros eram U.S. *marshals*, com nomes desconhecidos, mas eram suficientemente simpáticos. Depois de falarmos do tempo, um deles perguntou se eu sabia boas anedotas. Prendam seiscentos homens e deem-lhes bastante tempo sem nada para fazer, que as anedotas começam a surgir em catadupa.

— Inocentes ou porcas? — perguntei, embora na prisão se ouvissem poucas anedotas inocentes.

— Oh, porcas, claro — disse o motorista.

Contei algumas e recebi umas quantas boas gargalhadas à medida que os quilômetros se sucediam, íamos na Interestadual 68, a passar por Hagerstown, e a sensação de liberdade era maravilhosa. Apesar de ir algemado, quase conseguia saborear a vida lá fora. Observei o trânsito e sonhei em ter o meu próprio carro e dirigir novamente, de poder ir a qualquer lado. Vi restaurantes de comida rápida nas estações de serviço e salivei perante o pensamento de um hambúrguer com batatas fritas. Vi um casal entrar numa loja de mão dada e quase consegui sentir o toque da pele dela. O anúncio de uma cerveja na janela de um bar fez-me sentir sede. Um cartaz de cruzeiros pelo Caribe levou-me para outro mundo. Parecia que estava encarcerado há um século.

Viramos para sul na Interestadual 70 e pouco tempo depois estávamos no troço Washington-Baltimore. Três horas após sairmos de Frostburg, chegamos ao porão do tribunal federal no centro de D.C. Lá me tiraram as algemas; avancei com um Marshal na frente e outro atrás.

A reunião teve lugar no gabinete do juiz Slater, que estava tão irritadiço como sempre e parecia ter envelhecido vinte anos nos últimos cinco. Considera-me um criminoso e mal reconhece a minha presença. Tudo bem, quero lá saber. Era evidente que entre o gabinete dele, a procuradoria-geral, o FBI e o Departamento de Justiça dos Estados Unidos já muito se tinha conversado. A certa altura, contei onze pessoas à volta da mesa. A moção evocativa da Regra 35, com o acordo grampeado, tinha aumentado de tamanho e contava vinte e duas páginas. Li cada uma das palavras cinco vezes. Exigi até que fossem incluídas algumas palavras minhas.

Em suma, o acordo me concedia tudo o que eu queria. Liberdade, uma identidade nova, proteção do governo e a recompensa de 150 mil dólares em dinheiro.

Depois do pigarrear habitual, o juiz Slater assumiu o controle.

— Vamos agora falar oficialmente — disse, e o estenógrafo do tribunal começou a escrever. — Embora este acordo seja confidencial e o despacho do tribunal vá ficar selado, quero um registro desta audiência. — Uma pausa enquanto mexia em alguns papéis. — Esta é uma moção apresentada pelos Estados Unidos para libertação segundo a Regra 35. Bannister, leu a moção completa, o acordo e o despacho proposto?

— Li, sim, Meritíssimo.

— E segundo julgo crer é advogado, ou devo dizer antes que *foi* advogado?

— Correto, Meritíssimo.

— Aprova a moção, o acordo e o despacho?

Então não aprovo, velho amigo?

— Sim, *sir*.

Percorreu as restantes pessoas da mesa e fez a mesma pergunta. É apenas uma formalidade, porque já todo mundo concordou. E, mais importante do que tudo, o procurador-geral tinha assinado o acordo.

Slater olhou para mim e disse:

— Compreende, Mr. Bannister, que se o nome que providenciar não levar a uma acusação este acordo é considerado nulo e sem validade num prazo de doze meses, que a sua pena não será comutada e que cumprirá o tempo restante?

— Sim, *sir*.

— E que até surgir uma acusação continuará sob a custódia da Direção Prisional?

— Sim, *sir*.

Depois de mais alguma discussão dos termos do acordo, o juiz Slater assinou o despacho e a audiência acabou. Não se despediu e eu não o amaldiçoei como gostaria de ter feito. Mais uma vez, é um milagre não fazerem a folha a mais juízes federais.

Fui rodeado por uma comitiva e encaminhado pelas escadas até uma sala onde mais ternos escuros me esperavam. Para meu benefício, foi montada uma câmera de vídeo, e Mr. Victor Westlake andava de um lado para o outro. Pediram-me que me sentasse na extremidade da mesa, de frente para a câmera, e ofereceram-me uma bebida. Era um grupo de pessoas muito nervosas, desesperadas por me ouvir a pronunciar o nome.

capítulo **12**

O nome dele é Quinn Rucker, homem negro, 38 anos, do sudoeste de D.C., condenado há dois anos por distribuição de narcóticos com uma pena de sete anos de prisão. Conheci-o em Frostburg. Saiu há cerca de três meses e nunca mais ninguém o viu. Vem de uma grande família de traficantes de droga que é ativa e bem-sucedida há muitos anos. Não são de maneira nenhuma meros traficantes de rua. São homens de negócios com contatos por toda a Costa Leste. Tentam evitar a violência, mas não a temem. São disciplinados, duros e engenhosos. Vários foram parar à prisão. Alguns foram mortos. Para a família, faz parte do trabalho.

Fiz uma pausa, inspirei. A sala estava silenciosa.

Pelo menos, cinco ternos escuros estavam a tirar notas. Um deles tinha um notebook aberto e já acessara o arquivo de Quinn Rucker, sobre o qual pendiam várias acusações e estava na lista dos cinquenta prováveis suspeitos do FBI, principalmente por ter estado em Frostburg ao mesmo tempo que eu e ter fugido.

— Como estava dizendo, conheci Quinn em Frostburg e ficamos amigos. Como muitos dos internos, ele estava convencido de que eu podia apresentar uma moção mágica para o tirar da cadeia, mas não era o caso. Não estava a dar-se muito bem na prisão, porque Frostburg foi o primeiro local que conheceu. Isto acontece a alguns dos rapazes novos que não estiveram noutras prisões. Não sabem apreciar o ambiente de um campo prisional. De qualquer maneira, à medida que o tempo se arrastava, Quinn começou a ficar inquieto. Não conseguia se imaginar cumprindo mais cinco anos. Tem mulher, dois filhos, dinheiro do negócio da família e muitas inseguranças. Estava persuadido de que alguns dos seus primos estavam a movimentar-se, a apoderar-se da sua posição, a roubar a sua parte do negócio. Ouvi muitas destas queixas, mas não me convenceram inteiramente. Esses caras de gangue são normalmente cheios de manha e exageram nas histórias, principalmente no que diz respeito a dinheiro e violência. Mas eu gostava de Quinn. Ele foi provavelmente o melhor amigo que fiz na prisão. Nunca partilhamos a mesma cela, mas éramos próximos.

— Sabe por que ele foi embora? — perguntou Victor Westlake.

— Acho que sim. Quinn vendia erva e se saía bem. Também fumava muita. Como sabe, a maneira mais rápida para se sair de um campo federal é ser apanhado vendendo drogas ou álcool. É estritamente proibido. Quinn soube por intermédio de um informante que os OC sabiam sobre o seu negócio e que

estavam prestes a apanhá-lo. Ele é extremamente esperto e astuto, e nunca guardava a droga na cela. Como a maior parte dos tipos que vendem no mercado negro, escondeu o seu inventário em áreas comuns. O cerco estava a apertar-se e ele sabia que se fosse apanhado o enviariam para um lugar mais duro. Por isso, foi embora. Tenho certeza de que não foi pelo próprio pé até muito longe. O mais certo era ter alguém à espera ali por perto.

— Sabe onde ele está agora?

Acenei com a cabeça, calmamente, e disse: — Ele tem um primo, não sei como se chama, mas é dono de dois clubes de *strip* em Norfolk, Virginia, perto da base naval. Se encontrarem o primo, encontram o Quinn.

— Sob que nome?

— Não sei, mas não há de ser Quinn Rucker.

— Como sabe disso?

— Lamento, mas não lhes diz respeito.

Chegados aqui, Westlake acenou para um agente que estava à porta e o homem desapareceu. A busca começara.

— Vamos falar do juiz Fawcett — disse ele.

— Muito bem — respondi.

Já nem consigo contar quantas vezes me imaginei vivendo aquele momento. Ensaiei-o na escuridão da minha cela sempre que não conseguia dormir. Escrevi-o em forma de narrativa, depois destruí. Disse as palavras em voz alta enquanto fazia longas e solitárias caminhadas pelos limites de Frostburg. É difícil acreditar que está finalmente acontecendo.

— Uma grande parte do negócio da gangue dele era distribuir cocaína vinda de Miami pelas principais cidades da Costa Leste, principalmente da parte sul: Atlanta, Charleston, Raleigh, Charlotte, Richmond e por aí em diante. A Interestadual 95 era a via favorita porque é muito movimentada, mas a gangue usava todas as autoestradas e estradas secundárias que há no mapa. A maior parte do tráfico fazia-se por correios de droga. Pagavam cinco mil dólares a um condutor para alugar um carro e levar um carregamento de cocaína a um centro de distribuição em... escolha uma cidade. O correio fazia a entrega, depois dava meia volta e regressava ao sul da Florida. Segundo Quinn, noventa por cento da coca snifada em Manhattan chega lá através do carro alugado por um correio em Miami e transportado para norte como se fosse um negócio absolutamente legítimo. É virtualmente impossível detetá-los. Quando os correios são apanhados, é porque alguém os denunciou. Ora, Quinn tinha um sobrinho que estava a subir na hierarquia do negócio da família. O garoto bancava o mensageiro e foi apanhado na Interestadual 81, bem na periferia de Roanoke, por excesso de velocidade. Ia numa van alugada à Avis e disse que ia fazer uma

entrega de mobiliário a uma loja de Georgetown. Havia de fato mobílias na van, mas a verdadeira carga era cocaína, com um valor nas ruas de cinco milhões de dólares. O policial ficou desconfiado e pediu reforços. O sobrinho conhecia as regras e recusou-se a autorizar uma busca à van. O segundo agente era novato, queria mostrar trabalho, e começou a vasculhar em volta da caixa da van. Não tinha mandado, não tinha causa provável e não tinha autorização para revistar o veículo. Quando encontrou a cocaína, o tipo passou-se e tudo mudou.

Fiz uma pausa para beber um gole de água. O agente do notebook continuava a teclar, sem dúvida a enviar indicações para toda a Costa Leste.

— Como se chama o sobrinho? — perguntou Westlake.

— Não sei, mas não me parece que o sobrenome seja Rucker. Existem vários sobrenomes na família e inúmeros nomes falsos.

— Portanto, o caso do sobrinho foi atribuído ao juiz Fawcett? — perguntou Westlake, incentivando-me a avançar, embora ninguém parecesse estar com pressa. Estavam atentos a cada uma das minhas palavras e ansiosos por encontrar Quinn Rucker, mas queriam ouvir a história toda.

— Sim, e o Quinn contratou um advogado importante de Roanoke, que lhe assegurou que a busca à van tinha sido flagrantemente inconstitucional. Se a busca fosse considerada inválida pelo Fawcett, então também as provas seriam inválidas. Sem provas, não havia julgamento, não havia condenação, nada. Algures durante o processo, o Quinn descobriu que o juiz Fawcett podia ser um pouco mais favorável ao caso do sobrinho se algum dinheiro pudesse mudar de mãos. Uma boa quantia de dinheiro. Segundo ele, o acordo foi tratado pelo advogado. E não, não sei o nome do advogado.

— Quanto dinheiro? — perguntou Westlake.

— Meio milhão. — Tal quantia foi recebida com grande ceticismo, o que não me surpreendeu. — Eu também tive dificuldade em acreditar. Um juiz federal a aceitar um suborno. Mas, por outro lado, também fiquei chocado quando um agente do FBI foi apanhado a espiar para os russos. Acho que, em determinadas circunstâncias, um homem faz o que for preciso.

— Não vamos afastar-nos do assunto — disse Westlake, irritado.

— Claro. Quinn e a família pagaram o suborno. O Fawcett aceitou-o. O caso foi se arrastando até um dia em que surgiu uma moção do sobrinho para que as provas obtidas na busca ilegal fossem excluídas. Para grande surpresa de todos, o juiz decidiu contra o sobrinho, a favor do governo, e ordenou o julgamento. Sem defesa, o júri considerou o rapaz culpado, mas o advogado estava otimista em relação às suas chances de recurso. O caso continua a arrastar-se na fase de recurso. E, entretanto, o sobrinho está cumprindo pena de dezoito anos no Alabama.

— Essa história é muito bonita, Mr. Bannister — disse Westlake —, mas como sabe que Quinn Rucker matou o juiz?

— Porque ele me disse que ia fazê-lo, por vingança e para recuperar seu dinheiro. Falava muitas vezes disso. Sabia exatamente onde o juiz morava, onde trabalhava e onde gostava de passar os fins de semana. Desconfiava que o dinheiro devia estar guardado na casa do lago e acreditava piamente que não tinha sido o único roubado por Fawcett. E, como me contou isso tudo, Mr. Westlake, assim que o pegarem ele vai colocar um alvo nas minhas costas. Até posso sair da prisão, mas vou andar sempre olhando por cima do ombro. Essa gente é muito esperta... basta ver pela sua investigação. Não têm nada. Nem uma pista. Eles guardam ressentimento e são muito pacientes. Quinn esperou quase três anos para matar o juiz. Vai esperar vinte até me pegar.

— Se ele é assim tão esperto, por que lhe contou isso tudo? — perguntou Westlake.

— É simples. Como acontece com muitos presos, Quinn achou que eu podia dar entrada em uma moção brilhante qualquer, encontrar uma lacuna na lei e tirá-lo da prisão. Disse que me pagaria; disse que me daria metade de tudo o que conseguisse tirar do juiz Fawcett. Já ouvi promessas semelhantes antes, e depois. Olhei para o processo do Quinn e disse-lhe que não havia nada a fazer.

Eles tinham de acreditar que estava dizendo a verdade. Se Quinn Rucker não fosse acusado, eu passaria os próximos cinco anos na prisão. Continuamos em lados opostos, eu e eles, mas estamos a chegar lentamente a uma base de entendimento.

capítulo **13**

Seis horas depois, dois agentes negros do FBI pagaram a entrada no Velvet Club, a três quarteirões da Base Naval de Norfolk. Estavam vestidos como operários e misturavam-se facilmente com a multidão, que era metade branca, metade negra, metade marinheiros, metade civis. As dançarinas também eram metade-metade, discriminação positiva por todo lado. Duas vans de vigilância esperavam no estacionamento, assim como mais uma dúzia de agentes. Quinn Rucker tinha sido localizado, fotografado e identificado ao entrar no clube às 17h30. Trabalhava como garçom de bar e quando, às 20h45, saiu de seu posto de trabalho para ir ao banheiro foi seguido. No banheiro, os dois agentes confrontaram-no. Depois de uma breve discussão, concordaram em sair por uma porta dos fundos. Quinn entendeu a situação e não fez qualquer movimento súbito. Também não pareceu surpreso. Como acontecia com muitos fugitivos, o fim de uma fuga era, de muitas formas, um alívio. Os sonhos de liberdade desmoronavam-se quando confrontados com os desafios de uma vida normal. Há sempre alguém à espreita.

Foi algemado e levado para os escritórios do FBI em Norfolk. Numa sala de interrogatório, os dois agentes negros serviram-lhe café e iniciaram uma conversa amigável. O crime não era mais do que uma fuga, e ele não tinha como se defender. Era culpado e seria reencaminhado para a prisão.

Perguntaram-lhe se estava disposto a responder a algumas perguntas básicas sobre a sua fuga, cerca de três meses antes.

Ele disse que sim, porque não? Admitiu voluntariamente que se tinha encontrado com um cúmplice, cujo nome não mencionou, não muito longe de Frostburg, e que fora levado de regresso a D.C. Ficou por lá durante uns dias, mas a sua presença não foi bem recebida. Os fugitivos atraem as atenções e os seus rapazes não gostaram da possibilidade de o FBI andar a bisbilhotar por ali à procura dele. Começou a transportar cocaína de Miami para Atlanta, mas o trabalho era escasso. Ele era como uma mercadoria danificada e o seu "sindicato", como chamava, andava desconfiado. Viu a mulher e os filhos ocasionalmente, mas conhecia os perigos de se aproximar demais de casa. Passou algum tempo com uma antiga namorada em Baltimore, mas também ela não estava propriamente entusiasmada com a sua presença. Andou um pouco à deriva, aceitando trabalhos ocasionais de correio, e depois teve sorte quando o primo lhe deu emprego para tratar do bar do Velvet Club.

Na porta ao lado, numa sala de interrogatórios maior, dois veteranos do FBI peritos em interrogatórios ouviam a conversa. Outra equipe estava no piso de cima, ouvindo e esperando. Se as coisas corressem bem, ia ser uma longa noite para Quinn. As coisas tinham de correr bem para o FBI. Sem indícios físicos até o momento, era imperioso que o interrogatório produzisse algumas provas. No entanto, o FBI estava preocupado, porque lidavam com um homem que já conhecia bem aquele meio. Era pouco provável que o suspeito pudesse ser intimidado a revelar alguma coisa.

Assim que Quinn foi levado pela porta dos fundos do Velvet Club, agentes do FBI encurralaram o primo e exigiram-lhe informações. O primo conhecia bem os procedimentos e não teve muito a dizer até ser ameaçado com acusações por ter albergado um fugitivo. Tinha uma ficha impressionante de acusações estaduais e um novo processo judicial iria provavelmente enviá-lo novamente para a cadeia. Ele preferia a vida no exterior e começou a falar. Quinn vivia e trabalhava sob o nome de Jackie Todd, embora seu salário fosse pago em dinheiro e ficasse fora da contabilidade.

O primo levou os agentes do FBI até um degradado parque de trailers a menos de um quilômetro de distância e mostrou-lhes a casa móvel mobiliada que Quinn alugava de mês a mês. Estacionado ao lado do trailer estava um Hummer H3, de 2008, com placa da Carolina do Norte. O primo explicou que, quando o tempo permitia, Quinn preferia andar a pé e esconder o Hummer.

Uma hora depois, o FBI já tinha um mandado de busca para a van e para o Hummer, que foi rebocado até um pátio da polícia em Norfolk, aberto e examinado. A porta principal do trailer estava trancada, mas era frágil. Uma boa estocada com um bastão e os agentes entraram. O lugar estava notavelmente limpo e arrumado. Trabalhando com método, seis agentes passaram tudo a pente fino, de um lado ao outro, os três metros e meio de largura, e de uma ponta à outra, os quinze metros de comprimento. No único quarto, entre o colchão e o estrado, encontraram a carteira, as chaves e o celular de Quinn. A carteira tinha cerca de quinhentos dólares em dinheiro, uma carta de condução falsa da Carolina do Norte, dois cartões Visa pré-pagos no valor de 1200 dólares cada um. O celular era daqueles descartáveis, pré-pago, perfeito para um fugitivo. Por baixo da cama, os agentes encontraram uma pistola Smith & Wesson de cano curto, calibre 38, carregada com balas de ponta oca.

Manejando-a com cuidado, os agentes presumiram imediatamente que era a mesma arma que fora usada para matar o juiz Fawcett e Naomi Clary.

O porta-chaves incluía a chave de uma pequena unidade de armazenamento localizada a três quilômetros de distância. Numa das gavetas da cozinha, um agente encontrou o escritório doméstico de Quinn — um par de pastas de cartão

com poucos documentos. No entanto, um dos formulários era um contrato de arrendamento durante seis meses de uma unidade no Macon's Mini-Storage, assinado por Jackie Todd. O investigador principal ligou para Roanoke, onde um magistrado federal estava de serviço, e o mandado de busca foi enviado por e-mail para Norfolk.

A pasta também continha um registro de propriedade, emitido na Carolina do Norte, de um Hummer H3 de 2008, vendido a Jackie Todd. Não havia qualquer direito de retenção; era por isso seguro presumi que Mr. Todd pagara o carro por inteiro, no momento, em dinheiro ou cheque. Não havia livros de cheques nem extratos bancários na gaveta; também não era expectável que os tivesse. A fatura do carro revelava que tinha sido comprado no dia 9 de fevereiro de 2011, a um concessionário de carros usados em Roanoke. Os corpos tinham sido encontrados dois dias antes.

Com um novo mandado nas mãos, dois agentes entraram na minúscula unidade de armazenamento de Jackie Todd no Macon's Mini-Storage, sob o olhar atento e desconfiado do próprio Mr. Macon. Chão de betão, paredes de blocos de betão por pintar, uma única lâmpada pendurada no teto. Havia cinco caixas de cartão encostadas a uma parede. Uma busca rápida revelou algumas roupas velhas, um par de botas de combate enlameadas, uma pistola Glock de 9 mm com o número de série apagado e, finalmente, uma caixa de metal cheia de dinheiro imaculadamente empilhado. Os agentes levaram as cinco caixas, agradeceram a Mr. Macon pela hospitalidade e saíram apressadamente.

Ao mesmo tempo, o nome Jackie R. Todd estava sendo pesquisado no sistema informático do Centro Nacional de Informação Criminosa. Foi apurado um resultado, em Roanoke, Virginia.

A meia-noite, Quinn foi levado para a sala do lado e apresentado aos agentes especiais Pankovits e Delocke. Começaram por explicar que eram contratados pelo FBI para interrogar fugitivos. Aquilo não era mais do que um procedimento de rotina, uma pequena entrevista para obtenção de fatos que eles muito apreciavam, porque quem não adoraria falar com um fugitivo e saber de todos os detalhes? Já era tarde e, se Quinn quisesse dormir um pouco na central municipal, eles não se importavam nada de começar na manhã seguinte. Ele recusou e disse que preferia despachar o assunto. Trouxeram sanduíches e bebidas. O ambiente era descontraído e os agentes mostravam-se extremamente cordiais. Pankovits era branco, Delocke, negro, e Quinn parecia apreciar a companhia de ambos. Foi comendo um misto enquanto os agentes lhe contavam a história.

De um prisioneiro que andou foragido durante vinte e um anos. O FBI enviara-os à Tailândia para o trazerem para casa. Tinha sido muito divertido.

Perguntaram-lhe sobre a fuga e sobre as suas movimentações nos dias que se seguiram, perguntas e respostas que já tinham sido dadas no primeiro interrogatório. Quinn recusou-se a identificar o seu cúmplice e não lhes deu os nomes de quem o ajudou durante todo o percurso. Não tinha importância. Eles não o pressionaram e pareciam não demonstrar interesse em perseguir outras pessoas. Uma hora depois de conversa descontraída, Pankovits lembrou-se que não lhe tinham lido os direitos. Não havia grande mal nisso, disseram, porque o seu delito era óbvio e ele não se tinha envolvido em mais nenhum crime além da fuga da prisão. Não havia problema, mas, se ele quisesse continuar, teria de renunciar à leitura dos direitos. Quinn concordou e assinou um formulário. Nesta altura o chamavam de Quinn, e os agentes eram Andy, para Pankovits, e Jesse, para Delocke.

Reconstituíram cuidadosamente seus movimentos durante os últimos três meses e Quinn foi surpreendentemente preciso a recordar datas, lugares e acontecimentos. Os agentes ficaram impressionados e elogiaram-no por ter tão boa memória. Prestaram particular atenção ao dinheiro que ele foi ganhando; tudo em dinheiro vivo, claro, mas quanto tinha ganho com cada trabalho?

— Então, Quinn, no segundo transporte de Miami para Charleston — disse Pankovits, sorrindo para as notas que tinha tomado —, aquele uma semana depois do Ano Novo, quanto ganhou?

— Acho que seis mil dólares.

— Certo, certo.

Os agentes escreviam furiosamente, como se acreditassem em cada palavra que ele dizia. Quinn contou que estava morando e trabalhando em Norfolk desde meados de fevereiro, há cerca de um mês. Vivia com o primo e algumas namoradas dele num apartamento espaçoso não muito longe do Velvet Club. Recebia o salário em dinheiro, comida, bebida, sexo e erva.

— Então, Quinn — disse Delocke enquanto somava uma série de números —, pelas minhas contas, ganhou cerca de quarenta e seis mil dólares desde que saiu de Frostburg, tudo em dinheiro, livre de impostos. Nada mal para três meses de trabalho.

— Talvez.

— Desta quantia, quanto gastou? — perguntou Pankovits.

Quinn encolheu os ombros, como se aquilo já não fosse importante.

— Não sei. A maior parte. É preciso muito dinheiro para andar de um lado para o outro.

— Quando transportava drogas de Miami, como alugava os carros? — perguntou Delocke.

— Eu não alugava. Outra pessoa é que o fazia, depois me dava as chaves.

Meu trabalho era dirigir com cuidado, devagar e não ser apanhado pela polícia.

Era simples, como os agentes concordaram alegremente.

— Comprou algum veículo? — perguntou Pankovits sem levantar os olhos do que estava anotando.

— Não — respondeu Quinn com um sorriso. — Que pergunta idiota. — Não se consegue comprar carro quando se está fugindo e não se tem documentos.

— Claro que não.



No Congelador, em Roanoke, Victor Westlake olhava um telão, imóvel diante da imagem de Quinn Rucker. Uma câmera oculta na sala de interrogatório transmitia o vídeo até uma sala improvisada, equipada com uma quantidade impressionante de máquinas e tecnologia. Sentados com Westlake, mais quatro agentes, todos fitando olhares e expressões de Mr. Rucker.

— Não pode ser — murmurou um dos quatro. — Esse cara é esperto demais para isso. Ele sabe que vamos encontrar o trailer, a carteira, os documentos falsos, o Hummer.

— Talvez não saiba — murmurou outro. — Neste momento, é apenas um fugitivo. Ele acha que não temos ideia de que esteja ligado ao assassinato. Isso não é nada sério para ele.

— Concordo — disse um terceiro. — Acho que ele está jogando, brincando com as probabilidades. Acha que pode sobreviver a meia dúzia de perguntas e que depois o levam para a prisão. Acha que depois pode ligar para o primo e pedir que vá lá resolver tudo.

— Esperemos — disse Westlake. — Vamos ver como reage quando a primeira bomba o atingir.

Às duas da manhã, Quinn perguntou: — Posso ir ao banheiro?

Delocke se levantou e o levou por um corredor. Outro agente estava por ali, numa demonstração de força. Cinco minutos depois, Quinn estava de volta a seu lugar.

— Já é bastante tarde, Quinn — disse Pankovits —, quer que o levemos à central para poder dormir um pouco? Temos muito tempo.

— Prefiro ficar aqui do que estar na central — disse Quinn com tristeza. — Quanto tempo a mais acham que vou apanhar? perguntou.

— Não sei, Quinn — respondeu Delocke. — Isso é com o procurador-geral.

O pior é que já não o vão enviar para um campo prisional. Nunca mais. Vai para uma prisão de verdade.

— Sabe, Jesse, até tenho saudade do campo. Afinal, não era assim tão ruim.

— Então, por que foi embora?

— Fui burro. Por quê? Porque podia. Era só sair e ninguém parecia se importar com isso.

— Interrogamos por ano vinte e cinco caras que fogem de campos federais. Acho que "burro" é realmente a melhor palavra.

Pankovits remexeu alguns papéis e disse: — Bem, Quinn, acho que já temos uma boa descrição do tempo que passou aqui fora. Datas, lugares, movimentos, dinheiro ganho. Tudo isto será incluído no seu processo anterior. A parte boa é que não fez nada excepcionalmente ruim nos últimos três meses. Alguns transportes de droga, que não vão ajudá-lo muito, claro, mas pelo menos não feriu ninguém, certo?

— Certo.

— E essa é a história completa, não é? Não deixou nada de fora? Está contando tudo?

— Nem mais nem menos.

Os dois agentes se retesaram um pouco e franziram a testa.

— E quanto a Roanoke, Quinn? — perguntou Pankovits. — Passou um tempo em Roanoke?

Quinn olhou para o teto, pensou um pouco e respondeu: — Talvez tenha passado por lá uma ou duas vezes, mais nada.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza.

Delocke abriu uma pasta, procurou uma folha de papel e perguntou: — Quem é Jackie Todd?

Quinn fechou os olhos e abriu ligeiramente a boca. Ouviu-se um ruído gutural suave, vindo do fundo da garganta, como se ele tivesse sido atingido por alguma coisa abaixo da cintura. Os ombros caíram. Se fosse um homem branco, teria empalidecido.

— Não sei — respondeu finalmente. — Nunca o vi.

— Sério? — continuou Delocke. — Bem, ao que parece, Mr. Jackie Todd foi detido na noite de terça-feira dia oito de fevereiro, num bar em Roanoke. Por embriaguez e agressão. O relatório da polícia diz que ele se envolveu numa briga com alguns bêbados e passou a noite na cadeia. Na manhã seguinte, pagou fiança de oitocentos dólares e saiu.

— Não fui eu.

— Não? — Delocke empurrou uma folha de papel e Quinn a pegou

lentamente. Era a foto do detido, claramente uma imagem de seu rosto.

— Não fica muita dúvida, certo, Quinn?

Ele largou a folha e disse: — Está bem, está bem. Tinha uma identidade falsa, e daí? O que devia fazer? Jogar escondido e usar meu próprio nome?

— Claro que não, Quinn — disse Pankovits. — Mas mentiu, não mentiu?

— Não são os primeiros policiais a quem minto.

— Mentir ao FBI dá mais cinco anos.

— Está bem, inventei um pouco.

— Não nos surpreende, mas agora não conseguimos acreditar em nada do que contou. Acho que vamos ter que recomeçar.

— No dia nove de fevereiro — disse Delocke —, um certo Jackie Todd entrou numa concessionária de carros usados em Roanoke e pagou vinte e quatro mil dólares por um Hummer H3 de 2008, em dinheiro. Isso lhe diz alguma coisa, Quinn?

— Não. Não fui eu.

— Também achei que não. — Delocke fez deslizar por cima da mesa uma cópia da fatura. — E também nunca viu isso antes, certo?

Quinn olhou para a fatura e disse: — Não.

Pankovits disparou:

— Vamos lá, Quinn. Não somos tão estúpidos quanto nos julga. Esteve em Roanoke no dia oito de fevereiro, foi a um bar, envolveu-se numa briga, foi para a cadeia, pagou a fiança na manhã seguinte, voltou ao quarto de motel que tinha alugado no Safe Lodge, quarto que pagou em dinheiro vivo, pegou mais dinheiro e comprou um Hummer.

— Qual é o crime em pagar um carro em dinheiro?

— Absolutamente nenhum — disse Pankovits. — Mas nesta altura não devia ter essa quantia de dinheiro com você.

— Talvez tenha me enganado em algumas datas e pagamentos em dinheiro. Não posso lembrar de tudo.

— Lembra-se de onde comprou as armas? — perguntou Delocke.

— Que armas?

— A Smith & Wesson calibre trinta e oito que encontramos na sua van e a Glock nove milímetros que encontramos, há umas duas horas, na unidade de armazenamento que alugou.

— Armas estas que foram roubadas — acrescentou Pankovits generosamente. — Mais ofensas federais.

Quinn prendeu lentamente as mãos atrás da cabeça e olhou para os joelhos. Passou-se um minuto, depois outro. Sem pestanejar e sem mexer qualquer músculo, os dois agentes fitaram Quinn. A sala ficou em silêncio, quieta, tensa.

Até que Pankovits remexeu em alguns papéis e tirou um deles.

O inventário preliminar revela uma carteira com quinhentos e doze dólares em dinheiro, uma carta de condução falsa da Carolina do Norte, dois cartões Visa pré-pagos, um celular pré-pago, a já mencionada Smith & Wesson, uma fatura e o registro de propriedade do Hutaner, o contrato de arrendamento de uma pequena unidade de armazenamento, uma apólice de seguro para o veículo, uma caixa de munições de calibre trinta e oito e alguns outros objetos, todos apreendidos na casa móvel que alugou por quatrocentos dólares por mês. Da unidade de armazenamento, inventariamos algumas roupas, a Glock de nove milímetros, um par de botas de combate, outros objetos e, o mais importante, uma caixa de metal com quarenta e um mil dólares em dinheiro, tudo em notas de cem.

Quinn cruzou lentamente os braços por cima do peito e olhou para Delocke, que lhe disse: — Temos a noite toda, Quinn. Que tal uma explicação?

— Acho que fiz mais vezes de correio do que me recordo. Fiz muitas viagens de e para Miami.

— Por que não nos falou dessas viagens?

— Como já disse, não posso lembrar de tudo. Quando se anda fugindo, temos tendência a esquecer as coisas.

— Lembra de ter usado alguma destas armas para o que quer que fosse, Quinn? — perguntou Delocke.

— Não.

— Não usou as armas, ou não se lembra se usou?

— Não usei as armas.

Pankovits encontrou outra folha de papel e observou-a com gravidade.

— Tem certeza, Quinn? Este é o relatório preliminar da balística.

Quinn afastou lentamente a cadeira para trás e se levantou. Espreguiçou-se e deu alguns passos até um dos cantos da sala.

— Preciso de um advogado.

capítulo **14**

Não havia relatório de balística. A Smith & Wesson. 38 estava no laboratório do FBI em Quântico e seria analisada assim que os técnicos entrassem ao trabalho, dali a cerca de cinco horas. A folha de papel que Pankovits segurava como uma arma era uma cópia de uma diretiva inútil qualquer.

Ele e Delocke tinham um enorme repertório de truques sujos, inteiramente aprovados pela Suprema Corte. Usá-los dependeria do ponto a que Quinn os deixasse chegar. O problema imediato era o comentário acerca do advogado. Se Quinn tivesse dito, clara e inequivocamente, "Quero um advogado!", ou "Não respondo a mais perguntas até ter um advogado!", ou qualquer outra coisa de conteúdo semelhante, o interrogatório teria de parar imediatamente. Mas ele tinha sido vago e usara a expressão "se calhar".

O *timing* era crucial. Para desviar as atenções da questão do advogado, os agentes mudaram rapidamente de estratégia. Delocke levantou-se e disse: — Tenho de ir ao banheiro.

— E eu preciso de mais café — disse Pankovits. — Também quer, Quinn?

— Não.

Delocke bateu com a porta ao sair. Pankovits levantou-se e alongou as costas. Eram quase três da manhã.

Quinn tinha dois irmãos e duas irmãs, dos vinte e sete aos quarenta e dois anos.

todos envolvidos numa altura ou outra da vida no negócio de tráfico do consórcio familiar. Uma das irmãs tinha saído do contrabando e venda propriamente ditos, mas continuava envolvida em operações de lavagem de dinheiro. A outra abandonara o negócio, mudara de terra e tentava evitar completamente a família. O irmão mais novo era Dee Ray Rucker, um jovem sossegado que estudava finanças em Georgetown e sabia como movimentar dinheiro. Tinha uma acusação de porte de arma, mas nada de muito significativo. Dee Ray não tinha na verdade estômago para o medo e violência que imperavam nas ruas e tentava manter-se afastado deles. Vivia com a namorada num apartamento modesto perto da Union Station, e foi lá que o FBI o encontrou pouco depois da meia-noite: na cama, sem o peso de mandados notáveis ou investigações criminais pendentes, sem saber o que estava acontecendo com seu querido irmão Quinn, descontraído e dormindo profundamente. Foi detido sem resistência, mas cansou de se queixar. O grupo de agentes que o deteve não lhe

deu grandes explicações. No edifício do FBI na Pennsylvania Avenue, foi posto dentro de uma sala onde o sentaram numa cadeira, rodeado de vários agentes, todos envergando seus blusões em azul escuro com as letras “FBI” em amarelo. A cena foi fotografada de vários ângulos. Depois de estar uma hora algemado, sem que lhe dessem qualquer justificação, foi levado para fora da sala, acompanhado até a van e levado a casa. Deixaram-no junto ao passeio sem uma única palavra.

A namorada deu-lhe alguns comprimidos e ele acabou por acalmar. De manhã, iria ligar ao advogado e armar um escarcéu, mas todo o episódio seria rapidamente esquecido.

No negócio das drogas, ninguém espera por finais felizes.

Quando Delocke regressou do banheiro, segurou a porta aberta durante um instante. Uma secretária esguia e atraente entrou na sala com uma bandeja de bebidas e biscoitos, que deixou na mesa. Sorriu para Quinn, que continuava em pé no canto, confuso demais para reagir a sua presença. Quando ela saiu, Pankovits abriu uma lata de Red Bull e jogou o conteúdo num copo com gelo.

— Quer um Red Bull, Quinn?

— Não. — Servia-os todas as noites no bar, Red Bull com vodca, mas nunca gostara do sabor.

O interregno na conversa deu-lhe um momento para recuperar o fôlego e organizar as ideias. Devia continuar ou ficar calado e insistir na presença de um advogado? Os seus instintos inclinavam-se mais para a última hipótese, mas estava extremamente curioso em relação ao que o FBI sabia. Ficara zonzo com o que já tinham conseguido descobrir, mas até onde poderiam ir?

Delocke também preparou um Red Bull com gelo e comeu uma bolacha.

— Sente-se, Quinn — disse, acenando para a mesa. Quinn deu alguns passos e sentou-se. Pankovits já estava tomando notas. O seu irmão mais velho, julgo que lhe chamam Tall Man, continua a viver na área de D.C.?

— O que ele tem a ver com o resto?

— Estamos apenas preenchendo algumas lacunas, Quinn. Mais nada. Gostaria de reunir todos os fatos, ou pelo menos tantos quanto possível. Viu Tall Man com frequência nos últimos três meses?

— Sem comentários.

— Muito bem. Seu irmão mais novo, Dee Ray, ainda está na área de D.C.?

— Não sei onde Dee Ray está.

— Viu Dee Ray com frequência nos últimos três meses?

— Sem comentários.

— Dee Ray foi a Roanoke quando você foi detido?

— Sem comentários.

— Havia mais alguém com você quando foi detido em Roanoke?

— Estava sozinho.

Delocke expirou com frustração. Pankovits suspirou como se ambos soubessem que aquilo era apenas mais uma mentira.

— Juro que estava sozinho — disse Quinn.

— O que fazia em Roanoke? — perguntou Delocke.

— Tratando de negócios.

— Tráfico?

— É o que fazemos. Roanoke faz parte do nosso território. Tínhamos uma situação lá e tive que resolver.

— Que tipo de situação?

— Sem comentários.

Pankovits bebeu um longo gole de Red Bull e disse: — Sabe, Quinn, o problema que temos agora é que não acreditamos numa palavra do que diz. Você mente. Sabemos que mente. Até já admitiu que o faz. Nós fazemos uma pergunta e recebemos uma mentira como resposta.

— Não estamos indo a lugar nenhum, Quinn — acrescentou Delocke. — O que fazia em Roanoke?

Quinn estendeu o braço e pegou um biscoito Oreo. Separou as metades, lambeu o recheio, olhou fixamente para Delocke e por fim disse: — Tínhamos um mensageiro lá que desconfiávamos ser informante. Perdemos dois carregamentos em circunstâncias estranhas e tiramos as conclusões. Fui lá encontrar o cara.

— Para matá-lo?

— Não, não operamos dessa forma. Não consegui encontrá-lo. Aparentemente, arranjou um trabalho e desapareceu. Fui até um bar, bebi demais, me meti numa briga e tive uma péssima noite. No dia seguinte, um amigo me falou de um bom negócio com um Hummer e fui ver o carro.

— Que amigo?

— Sem comentários.

— Está mentindo — disse Delocke. — Está mentindo e nós sabemos. É que nem sequer é um bom mentiroso, sabia, Quinn?

— Vocês lá sabem.

— Por que registrou o Hummer na Carolina do Norte? — perguntou Pankovits.

— Porque andava fugido, lembram-se? Era um fugitivo, e estava tentando não deixar rastro. Compreendem, amigos? Documentos falsos. Morada falsa. Tudo falso.

— Quem é Jakeel Staley? — perguntou Delocke.

Quinn hesitou por um segundo, tentando recompor-se, e respondeu descontraidamente: — É meu sobrinho.

— É onde está neste momento?

— Numa penitenciária federal. Tenho certeza de que vocês sabem a resposta.

— No Alabama, cumprindo dezoito anos — disse Pankovits. — Jakeel foi apanhado perto de Roanoke com uma van cheia de cocaína, não é verdade?

— Com certeza têm o processo dele.

— Tentou ajudar Jakeel?

— Quando?

Os dois agentes exageraram na frustração. Ambos beberam um gole de Red Bull. Delocke pegou outro Oreo. Havia ainda uma dúzia deles no prato e um jarro cheio de café. Pelo andamento das coisas, estavam planejando ficar ali a noite toda.

— Vá lá, Quinn — disse Pankovits — deixe-se de jogos. Já é sabido que o Jakeel foi detido em Roanoke com montes de coca, que tem uma pena de muitos anos para cumprir, e a questão é se você tentou ajudar o rapaz ou não.

— Claro que sim. Ele faz parte da família, do negócio, e foi apanhado enquanto fazia o seu trabalho. A família chega-se sempre à frente para ajudar.

— Contratou o advogado?

— Contratei.

— Quanto lhe pagou? Quinn pensou durante algum tempo, depois respondeu: — Não me lembro ao certo. Mas foi um saco cheio de dinheiro.

— Pagou ao advogado em dinheiro?

— Foi o que acabei de dizer. Da última vez que me informei, não havia nada de errado em pagar coisas com dinheiro. Não usamos contas bancárias, cartões de crédito ou outras coisas que o FBI possa seguir. Apenas dinheiro.

— Quem lhe deu o dinheiro para pagar o advogado?

— Sem comentários.

— Recebeu o dinheiro de Dee Ray?

— Sem comentários.

Pankovits pegou lentamente numa pasta fina e tirou uma folha de papel.

— Bem, Dee Ray diz que lhe deu o dinheiro todo de que você precisaria em Roanoke.

Quinn abanou a cabeça e fez um sorriso manhoso, como se dissesse: “Tretas.”

Pankovits fez deslizar por cima da mesa uma ampliação de vinte e quatro por trinta centímetros da fotografia de Dee Ray rodeado por agentes do FBI, com as mãos algemadas, a boca aberta e um ar furioso. Delocke explicou: — Apanhamos o Dee Ray em D.C. Cerca de uma hora depois de o trazermos para

aqui. Ele gosta de falar, sabe? Na verdade, fala muito mais do que você.

Quinn fitou a foto e ficou sem palavras.



O Congelador. Quatro da manhã. Victor Westlake levantou-se novamente e caminhou pela sala. Precisava se mexer para combater o sono. Os outros quatro agentes continuavam acordados, sentidos alertas com a ajuda de anfetaminas de venda livre, Red Bull e café.

— Diabos, esses caras são lentos — disse um deles.

— São metódicos — disse outro. — Estão cansando o cara. Ele continuar falando ao fim de sete horas é incrível.

— Ele não quer ir para a central.

— Não podemos censurá-lo.

— Eu acho que ele ainda está curioso. É a história do gato e do rato. Quanto sabemos realmente?

— Não vão conseguir enganá-lo. Ele é esperto demais.

— Eles sabem o que estão fazendo — disse Westlake. Sentou-se e serviu mais uma xícara de café.



Em Norfolk, Pankovits serviu uma xícara de café e perguntou: — Quem o levou até Roanoke?

— Ninguém. Fui de carro, sozinho.

— Em que carro?

— Não me lembro.

— Está mentindo, Quinn. Alguém o levou até Roanoke na primeira semana de fevereiro. Eram duas pessoas. Temos testemunhas.

— Então, as suas testemunhas estão mentindo. Vocês estão mentindo. Está todo mundo mentindo.

— Comprou o Hummer em nove de fevereiro, pagou em dinheiro e não entregou nenhum carro usado. Como foi parar ao concessionário no dia em que

comprou o Hummer? Quem o levou lá?

— Não me lembro.

— Portanto, não se lembra quem o levou lá?

— Não me lembro de nada. Estava de ressaca e ainda meio bêbado.

— Ora, ora, Quinn — disse Delocke. — Essas mentiras estão s tornando ridículas. O que está escondendo? Se não estivesse escondendo alguma coisa, não estaria mentindo tanto.

— O que querem vocês saber, exatamente? — perguntou Quinn, com as mãos no ar.

— Onde arranjou aquele dinheiro todo, Quinn?

— Sou traficante de drogas. Fui traficante de drogas durante a maior parte da minha vida. Estive preso por ser traficante. Nós queimamos dinheiro. Comemos dinheiro. Não conseguem entender isso?

Pankovits sacudia a cabeça.

— Mas Quinn, de acordo com sua história, já não trabalhava muito para a família depois da fuga da prisão. Eles tinham medo de você, não é? Estou certo? — perguntou, olhando para Delocke, que confirmou rapidamente, sim, o parceiro estava certo.

— A família colocou-o de lado — disse Delocke —, e por isso você começou a fazer transporte para cima e para baixo. Diz que ganhou cerca de quarenta e seis mil dólares, valor que sabemos agora ser falso, porque gastou vinte e quatro mil no Hummer e nós encontramos quarenta e um mil na unidade de armazenamento que alugou.

— Você encontrou dinheiro em algum lugar, Quinn — disse Pankovits. — O que está escondendo?

— Nada.

— Então, está mentindo Por quê?

— Porque todo mundo está mentindo. Pensei que já tínhamos concordado nesse ponto.

Delocke bateu levemente na mesa e disse.

— Vamos recuar uns anos, Quinn. Seu sobrinho Jakeel Staley está na prisão, em Roanoke, à espera de julgamento. Pagou uma certa quantia em dinheiro ao advogado dele pelos seus serviços, certo?

— Certo.

— Houve mais dinheiro envolvido? Um pequeno extra para untar as mãos de alguém? Talvez um suborno para que o tribunal fosse brando com o garoto? Qualquer coisa do estilo, Quinn?

— Não.

— Tem certeza?

— Claro que tenho certeza.

— Vamos, Quinn.

— Paguei o advogado em dinheiro. Presumi que ficasse com o dinheiro por conta dos honorários. É tudo que sei.

— Quem foi o juiz?

— Não me lembro.

— O nome Fawcett soa familiar?

Quinn encolheu os ombros.

— Talvez.

— Já esteve no tribunal com Jakeel?

— Estava lá quando ele foi condenado a dezoito anos.

— Ficou surpreso quando ele recebeu dezoito anos de pena?

— Sim, por acaso, fiquei.

— Devia ter sido muito menos, não devia?

— Segundo o que dizia o advogado dele, sim.

— E você esteve no tribunal para poder ver bem o juiz Fawcett, não é verdade?

— Estive no tribunal por causa do meu sobrinho. Mais nada.

Os interrogadores pararam ao mesmo tempo. Delocke tomou um gole de Red Bull. Pankovits disse: — Preciso ir ao banheiro. Sente-se bem, Quinn?

Quinn beliscava a testa.

— Sim — respondeu.

— Posso lhe trazer alguma coisa para beber?

— Que tal Sprite?

— É para já.

Pankovits demorou um bom tempo. Quinn bebeu o Sprite. Às 4h30, o interrogatório recomeçou quando Delocke perguntou: — Então, Quinn, soube das notícias nos últimos três meses? Leu jornais? Certamente teve curiosidade para ver se sua fuga tinha aparecido no noticiário, não?

— Nem tanto — disse Quinn.

— Ouviu falar do juiz Fawcett?

— Não. O que tem ele?

— Foi assassinado com dois tiros na nuca.

Quinn não reagiu. Não houve surpresa. Não houve pena. Nada.

— Não sabia disso, Quinn? — perguntou Pankovits.

— Não.

— Duas balas de ponta oca, disparadas de uma pistola calibre trinta e oito idêntica à que encontramos na sua van. Os relatórios preliminares da balística dizem que há uma probabilidade de noventa por cento de sua arma ter sido usada

para matar o juiz.

Quinn começou a sorrir e a acenar com a cabeça.

— Agora já estou entendendo, isso tudo é por causa de um juiz morto. Vocês acham que eu matei o juiz Fawcett, não acham?

— Exatamente.

— Ótimo. Então desperdiçamos, o que, sete horas com essa besteira. Vocês desperdiçaram seu tempo, o meu, o do Dee Ray e o tempo de todo mundo. Não matei ninguém.

— Já esteve em Ripplemead, Virginia, população de quinhentos habitantes, nas montanhas a oeste de Roanoke?

— Não.

— É a vila mais próxima de um pequeno lago onde o juiz foi assassinado. Não há negros em Ripplemead e, quando aparece algum por lá, as pessoas reparam. No dia anterior ao assassinato do juiz, viram um homem negro de uma descrição semelhante à sua, isto segundo o dono do posto de gasolina.

— É uma identificação inequívoca ou apenas uma suposição?

— Algo entre as duas. Amanhã mostraremos a ele uma foto sua mais nítida.

— Tenho certeza que sim, e até aposto que a memória dele vai melhorar bem.

— Normalmente, melhora — disse Delocke. — O mundo acaba a seis quilômetros de Ripplemead. O asfalto desaparece e uma série de estradas de gravilha desaparecem pelas montanhas adentro. Há uma velha loja de província chamada Peacock's, e Mr. Peacock vê tudo. No dia anterior ao assassinato, ele diz que um homem negro parou ali para pedir indicações. Mr. Peacock não se lembra quando foi a última vez que viu um homem negro naquela parte do mundo. Fez-nos uma descrição. Combina muito bem com você.

Quinn encolheu os ombros e disse:

— Eu não sou assim tão estúpido.

— Sério? Então, por que guardou a Smith & Wesson? Quando recebermos o relatório final da balística, você está feito, Quinn.

— A arma foi roubada, certo? As armas roubadas andam por muitos lugares. Comprei-a numa loja de penhores em Lynchburg há duas semanas. O mais certo é ter mudado de mãos uma dúzia de vezes no ano passado.

Era um bom argumento, com o qual não podiam discutir, pelo menos até o relatório da balística estar concluído. Mas quando tivessem as provas, nenhum júri acreditaria na história de Quinn sobre a arma roubada.

— Encontramos botas de combate na sua unidade de armazenamento — disse Pankovits. — Um par barato de equipamento militar falso, de lona, camuflado, essas tretas todas. Estão relativamente novas e não foram muito

usadas. Para que precisa de umas botas de combate, Quinn?

— Tenho os tornozelos fracos.

— Boa. Com que frequência as usa?

— Se estavam guardadas, é porque não as uso com frequência. Experimentei-as, fizeram-me uma bolha, até me esqueci que as tinha. O que é que isso interessa?

— Interessa porque a sola corresponde a uma pegada que encontramos no solo não muito longe da casa do lago onde o juiz Fawcett foi assassinado — disse Pankovits, mentindo, mas com muita convicção. — Uma correspondência, Quinn. Uma correspondência que o coloca no local do crime.

Quinn baixou o queixo e esfregou os olhos. Estavam cansados e raiados de sangue.

— Que horas são?

— Dez para as cinco — respondeu Delocke.

— Preciso dormir um pouco.

— Bem, isso vai ser difícil, Quinn. Ligamos para a central e sua cela está bem cheia. Oito homens, para quatro catres. Se encontrar um espaço no chão, já é sorte.

— Não creio que goste muito dessa central. Podemos tentar outra?

— Lamento. Espere até ir para o corredor da morte, Quinn.

— Eu não vou para o corredor da morte porque não matei ninguém.

— Neste momento, estamos no seguinte ponto, Quinn — disse Pankovits. — Temos duas testemunhas que o colocam nas redondezas na hora do crime, e as redondezas não são exatamente uma esquina movimentada da cidade. Você esteve lá, repararam em você e lembram de você. A balística vai entalá-lo de vez. A pegada é a cereja em cima do bolo. Está composta a cena do crime. Depois do crime, as coisas até melhoram, ou pioram, dependendo da perspetiva. Você esteve em Roanoke um dia depois de os corpos terem sido encontrados, terça-feira, oito de fevereiro, segundo admitiu e segundo o registro da central e do tribunal. E subitamente recebeu uma boa quantia de dinheiro. Pagou a fiança, depois pagou vinte e quatro mil dólares pelo Hummer, esbanjou muito mais e, quando finalmente o encontramos, tem outra bolada escondida numa pequena unidade de armazenamento. Motivo? É o que não falta. Tinha um acordo com o juiz Fawcett para que ele decidisse a favor de Jakeel Staley. Subornou-o, um valor na ordem do meio milhão de dólares, e, depois de aceitar o dinheiro, ele esqueceu o acordo. Condenou o Jakeel e você jurou se vingar. Acabou conseguindo. Infelizmente, a secretária dele se meteu no meio.

— É um caso para pena de morte, Quinn — disse Delocke —, sem tirar nem pôr. Pena de morte, lei federal.

Quinn fechou os olhos e seu corpo pareceu encolher. Começou a respirar rapidamente, à medida que o suor se formava por cima das sobrancelhas. Passou-se um minuto, depois outro. O tipo durão tinha desaparecido. O seu substituto disse debilmente: — Vocês apanharam o homem errado.

Pankovits deu uma gargalhada e Delocke resfolegou com desdém, dizendo: — É o melhor que consegue fazer?

— Vocês pegaram o homem errado — repetiu Quinn, mas com menos convicção do que antes.

— Isso parece muito pouco convincente, Quinn — disse Delocke. — E no tribunal vai parecer mais fraquinho ainda.

Quinn fitou as mãos e passou-se mais um minuto. Até que disse: — Se já sabem tanta coisa, o que mais querem?

Pankovits respondeu.

— Há algumas lacunas a preencher. Agiu sozinho? Como conseguiu abrir o cofre? Por que matou a secretária? O que aconteceu com o resto do dinheiro?

— Não posso ajudar com isso. Não sei nada sobre isso.

— Sabe tudo, Quinn, e não vamos sair daqui enquanto não preencher essas lacunas.

— Então, acho que vamos ficar aqui muito tempo — disse Quinn. Debruçou-se, pousou a cabeça na mesa e disse: — Vou dormir um pouco.

Os dois agentes se levantaram e pegaram pastas e blocos de notas.

— Vamos fazer uma pausa, Quinn. Voltamos em meia hora.

capítulo 15

Embora estivesse satisfeito com o progresso do interrogatório, Victor Westlake também estava preocupado. Não havia testemunhas nem laudos da balística que ligassem a arma de Quinn ao local do crime, não havia pegada da bota nem interrogatório simultâneo com Dee Ray. Havia motivo, se acreditassem na história de Malcolm Bannister sobre o suborno. até o momento, a prova mais forte era o fato de Quinn Rucker estar em Roanoke no dia seguinte à descoberta dos cadáveres e a quantidade excessiva de dinheiro em seu poder. Westlake e sua equipe já estavam exaustos, a noite inteira acordados, e ainda estava escuro lá fora. Tomaram mais café e passearam pela rua em volta do Congelador. De vez em quando, verificavam a tela com imagens do suspeito. Quinn estava deitado na mesa, mas não dormia.

Às seis da manhã, Pankovits e Delocke voltaram à sala de interrogatório. Cada um deles segurava um copo alto de Red Bull e gelo. Quinn saiu da mesa e instalou-se na cadeira para mais uma ronda.

Pankovits falou primeiro.

— Acabei de falar ao telefone com o procurador-geral, Quinn. Informei-o do nosso progresso com você, e ele diz que o júri se reúne amanhã e faz a acusação. Duas queixas de homicídio.

— Parabéns — disse Quinn. — Acho que o melhor é me arranjar um advogado.

— Claro, mas é melhor pensar em mais do que um advogado. Não sei até que ponto entende as leis federais que se aplicam a gangsteres, Quinn, mas podem ser brutais. O Ministério Público vai assumir a posição de que o assassinato do juiz Fawcett e da secretária foram ações perpetradas por uma gangue, um grupo conhecido e bem organizado, com você, claro, encarregado do gatilho. A acusação incluirá várias ofensas, incluindo homicídio, mas também suborno. E, mais importante do que isso, não apenas seu nome vai aparecer, mas o de outras pessoas infames também, como Tall Man, Dee Ray, uma de suas irmãs, seu primo Antoine Beck e uma dúzia de outros parentes.

Delocke acrescentou:

— Vocês até podem ter uma ala só sua no corredor da morte. A gangue Rucker-Beck, todos alinhados, cela com cela, esperando a agulha. — Delocke sorria e Pankovits tinha um ar divertido. Uma dupla de comediantes.

Quinn começou a coçar a cabeça e a falar para o chão.

— O que diria meu advogado? De terem me trancado nessa sala escura, sem janelas, a noite toda, desde, sei lá, desde as nove da noite até seis da manhã, nove horas seguidas de mentiras de vocês dois, me acusando de subornar um juiz, depois de matá-lo e agora me ameaçam de morte e não apenas a mim, mas minha família toda. Dizem que têm testemunhas lá fora, todas alinhadas e prontas a testemunhar, relatórios de balística de uma arma roubada e uma pegada de uma bota que um imbecil qualquer deixou na lama, e como querem que eu saiba se estão dizendo a verdade ou mentindo com todos os dentes que têm, porque não confio nem um pouco no FBI, nunca confiei nem nunca vou confiar? Mentiram da primeira vez que me pegaram e me prenderam, por isso parto do princípio de que estão mentindo agora também. Talvez eu tenha mentido um pouco, mas vocês podem dizer com honestidade neste preciso instante que ainda não me mentiram hoje? Podem?

Pankovits e Delocke o fitaram. Talvez fosse medo ou culpa. Talvez fosse delírio. Fosse o que fosse, Quinn estava realmente falando.

— Estamos dizendo a verdade — conseguiu dizer Pankovits.

— Aí está outra mentira. Meu advogado vai chegar ao fundo disso. Ele vai pegá-los no tribunal, expô-los e expor todas as suas mentiras. Mostrem a análise da sola da bota. Agora sou eu que quero ver.

— Não estamos autorizados a mostrá-la a ninguém — disse Pankovits.

— Que conveniente. — Quinn debruçou-se, apoiando um cotovelo em cada joelho. A testa quase tocava a beira da mesa, e continuou falando para o chão. — E o relatório da balística? Posso ver esse?

— Não estamos autorizados...

— Que surpresa. O meu advogado vai poder vê-lo, quando ou se conseguir falar com ele. Passei a noite inteira pedindo a presença do advogado e meus direitos foram violados.

— Você não pediu a presença do seu advogado — disse Delocke.

— Mencionou-o apenas em termos vagos, mas não solicitou sua presença. E continuou falando.

— Como se tivesse alternativa. Ou ficava aqui falando ou ia para a cela com meia dúzia de bêbados. Já estive lá antes, sabem?, e não tenho medo. Faz parte do negócio, entendem? Se comete o crime, paga o castigo. Sabemos bem as regras quando entramos no negócio. Vemos nossos amigos e família a sendo levados, mas eles voltam, entendem? Cumprimos nossa pena e saímos.

— Ou então fogem — disse Delocke.

— Sim, também acontece. É muito burro, acho, mas tive que fazê-lo.

— Porque tinha contas para acertar, não é verdade, Quinn? Durante os dois anos em que esteve na prisão, pensou todos os dias no juiz Fawcett. Ele ficou

com seu dinheiro, depois quebrou o acordo. No seu mundo, isso significa que ele tinha de morrer, certo?

— Certo.

Quinn esfregava as têmporas, fitando os pés, quase murmurando. Os agentes inspiraram profundamente e trocaram um sorriso rápido. Finalmente, a primeira centelha de admissão.

Pankovits arrumou alguns papéis e disse: — Bem, Quinn, vamos ver em que ponto estamos. Acabou de admitir que o juiz Fawcett tinha que morrer, não é verdade, Quinn?

Quinn continuava apoiado nos cotovelos, olhando fixamente para o chão e a balançar-se como se estivesse em transe. Não respondeu. Delocke leu do bloco: — De acordo com as notas que tomei, Quinn, eu perguntei, e cito: "No seu mundo, isso significa que ele tinha que morrer, certo?", ao que você respondeu: "Certo." Nega ser verdade, Quinn?

— Vocês estão pondo palavras na minha boca. Acabem com isso.

Pankovits intercedeu.

— Muito bem, Quinn, precisamos informá-lo de alguns desenvolvimentos recentes. Há cerca de duas horas, Dee Ray admitiu finalmente que lhe deu o dinheiro para passar ao juiz Fawcett e que ele, Tall Man e outros o ajudaram a planejar o assassinato. Dee Ray já disse tudo o que sabia e já conseguiu um acordo... nada de pena de morte, nem de homicídio qualificado. Pegamos Tall Man há duas horas e neste momento estamos procurando uma irmã dele. Está ficando feio.

— Ah, eles não sabem de nada.

— Claro que sabem e vão ser acusados com você amanhã.

— Não pode fazer isso, cara. Vamos. Isso vai acabar com a minha mãe. A pobre mulher tem setenta anos e um coração fraco. Não podem fazer isso.

— Então venha para a frente, Quinn! — disse Pankovits sonoramente. — Dê o corpo à bala! Você cometeu o crime. Como gosta de dizer, agora pague o castigo. Não faz sentido levar com você o resto da família.

— Chego à frente e faço o quê?

— Faz um acordo. Dê os detalhes e nós fazemos pressão para o Ministério Público deixar sua família em paz — disse Pankovits.

— E há mais uma coisa — acrescentou Delocke. — Se fizer tudo como deve ser, não haverá pena de morte. Apenas perpétua, sem liberdade condicional. Ao que parece, a família Fawcett não acredita na pena de morte e não quer um julgamento longo e doloroso. Querem o caso fechado, e o Ministério Público vai respeitar seu desejo. De acordo com o procurador, pode-se considerar um acordo excepcional que salva sua vida.

— Por que acreditaria em vocês?

— Não tem que acreditar, Quinn. Basta esperar alguns dias para as acusações serem apresentadas. Pode haver umas trinta pessoas acusadas de vários crimes.

Quinn Rucker levantou-se devagar e se esticou o quanto pôde. Deu alguns passos numa direção, depois na outra e começou a dizer: — Bannister, Bannister, Bannister.

— Como disse, Quinn? — perguntou Pankovits.

— Bannister, Bannister, Bannister.

— Quem é Bannister? — perguntou Delocke.

— Bannister é um palhaço — respondeu Quinn amargamente. — Escória, velho amigo de Frostburg, advogado corrupto que diz que é inocente. Não passa de um palhaço. Não façam de conta que não o conhecem, porque se ele não fosse palhaço eu não estaria aqui.

— Nunca o conhecemos — disse Pankovits. Delocke sacudiu a cabeça, dizendo que não.

Quinn sentou e colocou os cotovelos com força na mesa. Estava bem acordado, agora, os olhos estreitos nos dois agentes, esfregando as mãos grossas.

— Então, qual é o acordo? — perguntou.

— Não podemos fazer acordos, Quinn, mas podemos fazer com que as coisas aconteçam — disse Pankovits. — Para começar, mandamos sair os cães de D.C. e sua família e amigos ficam em paz, pelo menos por agora. O procurador ficou sob escrutínio há cinco semanas, desde o crime, e está desesperado por boas notícias. Nos assegurou, e nós asseguramos a você que a acusação não pedirá pena capital e será o único acusado. Só você, pelos dois homicídios. Pura e simplesmente.

— Isso é uma parte — disse Delocke —, a outra é uma declaração filmada em que confessa os crimes cometidos.

Quinn envolveu a cabeça nas mãos e fechou os olhos. Passou-se um minuto enquanto se debatia.

— Quero mesmo meu advogado — disse finalmente entre os dentes cerrados.

— Pode fazer isso, Quinn, claro — disse Delocke. — Mas Dee Ray e Tall Man estão neste momento detidos, cantando como passarinhos, e as coisas só pioram. Pode demorar um dia ou dois até seu advogado conseguir chegar aqui. Basta uma palavra sua, soltamos seus irmãos e os deixamos em paz.

Quinn parou subitamente e gritou: — Está bem!

— Está bem o quê?

— Está bem, eu faço!

— Mais devagar, Quinn — disse Pankovits. — Primeiro, precisamos

esclarecer umas coisinhas. Vamos rever os fatos, determinar a ordem das coisas, montar o cenário, para nos certificarmos de que estamos na mesma onda quanto ao local do crime. Temos que nos certificar de que todos os detalhes importantes sejam incluídos.

— Está bem, está bem. Mas posso tomar café primeiro?

— Claro, Quinn, sem problema. Temos o dia todo.

capítulo 16

Uma das virtudes da vida na prisão é a aquisição gradual de paciência. Nada se mexe a um ritmo razoável e aprende-se a ignorar os relógios. O amanhã surgirá a seu próprio tempo; sobreviver ao dia presente já é desafio suficiente. Depois da minha rápida viagem a D.C., perambulei por Frostburg durante vários dias, recordando sempre a mim próprio que me tornei numa pessoa muito paciente, que o FBI agirá rapidamente e que, não obstante, não há nada mais que possa fazer. Para minha grande surpresa, e alívio, os acontecimentos sucederam-se velozmente.

Não esperava que o FBI me informasse dos progressos, e não tinha como saber se já tinham apanhado Quinn Rucker e se ele confessara. A novidade foi dada por *The Washington Post*, no sábado, 19 de março, logo na primeira página com a manchete: PRESO SUSPEITO DE ASSASSINATO DE JUIZ FEDERAL. Uma grande foto de Quinn ilustrava a matéria, uma das fotos da prisão, e olhei para os olhos dele enquanto me sentava na sala do café logo depois do desjejum. A matéria era escassa em fatos, mas fortemente recheada de suposições. Obviamente, as notícias estavam sendo dadas a conta-gotas pelo FBI, e ainda não havia muitos detalhes. Apenas se referiam à detenção em Norfolk de um prisioneiro foragido, que contava com uma condenação por tráfico de drogas e um longo histórico de envolvimento em gangues na área de D.C. Não havia menção ao motivo, nem pistas que indicassem como o FBI descobrira que Quinn era o homem que procuravam, e apenas uma breve referência a um relatório de balística. Mais importante ainda, o artigo dizia.

"Depois de prescindir da leitura dos seus direitos, o suspeito sujeitou-se voluntariamente a um longo interrogatório e forneceu ao FBI uma confissão registrada em vídeo."

Conheci Quinn Rucker há dois anos, pouco tempo depois de ele ter chegado a Frostburg. Quando se instalou, foi até a biblioteca e pediu-me para rever a sua sentença. Na prisão, aprendemos a fazer amigos lentamente, com grande cuidado, porque poucas pessoas são genuínas. Naturalmente, as prisões são lugares cheios de bandidos, burlões e vigaristas e todo mundo olha pelos seus próprios interesses. Com Quinn, foi diferente. Ele era um sujeito de quem se gostava instantaneamente e não tenho certeza se conheci outra pessoa com tanto carisma e sinceridade. Depois, a sua disposição mudava e ele tornava-se introspetivo e sofria os seus "dias negros", como lhes chamava. Podia ser

rabugento, rude e difícil, e o potencial para a violência nunca estava muito longe da superfície. Comia sozinho e não falava com ninguém. Dois dias depois, já andava a contar anedotas ao pequeno-almoço e a desafiar os maiores jogadores para um jogo de póquer. Conseguia ser espalhafatoso e convencido, e depois calmo e vulnerável. Como já disse, não há violência em Frostburg. O mais aproximado de uma luta que vi foi um episódio em que um caipira, que chamávamos de Doninha, desafiou Quinn para um combate para resolver uma disputa ligada ao jogo. O Doninha era pelo menos dez centímetros mais baixo do que Quinn, e quase quinze quilos mais leve, mas a luta nunca aconteceu. Quinn recuou e foi humilhado. Dois dias mais tarde, mostrou-me uma faca caseira, um "espigão", que tinha comprado no mercado negro. Planejava usá-la para cortar o pescoço ao Doninha.

Convenci-o a não matá-lo, embora não tivesse certeza das suas reais intenções. Passei muito tempo com Quinn e tornamo-nos amigos. Ele estava convencido de que eu podia desencantar uma estratégia legal qualquer para nos tirar aos dois da prisão e que depois seríamos parceiros num negócio qualquer. Ele estava cansado do negócio da família e queria endireitar-se. Havia um pote de ouro esperando, e o juiz Fawcett estava sentado em cima dele.

Henry Bannister estava à espera na sala de visitas, sentado com tristeza numa cadeira dobrável enquanto uma jovem mãe e os seus três filhos faziam um enorme alarido por perto. À medida que a manhã avançasse, a sala iria encher-se e Henry preferia fazer as suas visitas mais cedo. As regras autorizam um membro da família a sentar-se com o recluso para conversarem das sete da manhã às três da tarde, aos sábados e domingos, mas uma hora era suficiente para Henry. E para mim também.

Se as coisas corressem conforme planejado, e eu tinha muito poucas razões para acreditar que correriam, aquela podia ser a última visita do meu pai. Talvez não pudesse voltar a vê-lo durante anos, se é que alguma vez voltaria, mas não podia discutir isso com ele. Aceitei o saco de papel pardo com as bolachas da tia Racine e mordisquei uma. Falamos do meu irmão, Marcus, dos seus filhos desencaminhados, e da minha irmã, Ruby, e dos seus filhos perfeitos.

Em Winchester, a média de homicídios é de um por ano, e a cota tinha sido preenchida na semana anterior quando um marido chegou a casa mais cedo e viu uma van estranha estacionada no caminho de acesso a casa. Entrou sorrateiramente em casa e encontrou a mulher com um conhecido seu, ambos a violar entusiasticamente os votos do matrimônio. O marido tinha apanhado o rifle e, quando o macho o viu, tentou saltar por uma janela do quarto, que estava fechada, todo nu. Não conseguiu, e os tiros se seguiram.

Henry acha que o marido é capaz de escapar e adora contar a história. Ao

que parecia, a cidade inteira estava dividida entre a culpa e o homicídio justificável. Quase conseguia ouvir os intermináveis mexericos nos velhos cafés da Cidade Velha que costumava frequentar. O meu pai alongou-se naquela história durante muito tempo, provavelmente porque não queríamos falar de assuntos familiares.

Mas tínhamos de falar deles mesmo assim. Ele mudou de assunto e disse: — Parece que a tal garota branca está pensando em fazer um aborto. Afinal, talvez já não venha a ser bisavô.

— O Delmon há de repetir a proeza — disse eu. Daquele garoto, esperamos sempre o pior.

— Precisávamos era de o esterilizar. Ele é burro demais para usar preservativos.

— Mesmo assim, compre-lhe alguns. Já sabe que o Marcus anda sempre teso.

— Eu só vejo o garoto quando ele precisa de alguma coisa. Caramba, o mais certo é ainda ter de dar dinheiro para o aborto. Acho que a garota é uma vadia.

Ainda no assunto do dinheiro, não pude deixar de pensar na recompensa do caso Fawcett. Cento e cinquenta mil dólares. Nunca vi tanto dinheiro na vida. Antes de Bo nascer, Dionne e eu apercebemo-nos um dia de que tínhamos conseguido juntar seis mil dólares. Colocamos metade numa conta-poupança e fizemos um cruzeiro com o restante. Depois, esquecemo-nos rapidamente dos nossos hábitos frugais e nunca mais conseguimos juntar uma quantia semelhante. Mesmo antes de ser acusado, voltamos a hipotecar a casa para espremer o capital até a última gota. O dinheiro foi todo para pagar honorários ao advogado.

Vou ser rico e vou andar em liberdade. Procurei lembrar para não ficar entusiasmado demais, mas era impossível.

Henry precisava de um joelho esquerdo novo e falamos sobre isso durante algum tempo. Ele sempre fez troça dos velhotes que só se queixavam das suas dores e doenças, mas está ficando igualzinho a eles. Uma hora depois, estava entediado e pronto para se ir embora. Acompanhei-o até a porta e despedimo-nos severamente com um aperto de mão. Enquanto ele se afastava, questionei-me se voltaria a vê-lo.



Domingo. Não houve notícias do FBI, nem de qualquer outra pessoa. Li quatro jornais depois do pequeno-almoço e não fiquei a saber novidades praticamente nenhumas sobre Quinn Rucker e a sua detenção. Todavia, havia um desenvolvimento significativo. Segundo o Post, o procurador para o Distrito Sul da Virginia ia apresentar o caso ao Grande Júri no dia seguinte, segunda-feira. Se o Grande Júri formalizar a acusação, então, segundo a teoria do nosso acordo, devo ser um homem livre.

Há uma quantidade surpreendente de religião organizada na prisão. Enquanto homens perturbados, procuramos consolo, paz, conforto e orientação. Fomos humilhados, rebaixados, despidos de toda a dignidade, família e bens, e nada nos resta. Atirados para o inferno, olhamos para cima em busca de uma saída. Há alguns muçulmanos que rezam cinco vezes por dia e ficam no seu canto. Há um autointitulado monge budista com alguns seguidores. Que eu saiba, não existem judeus nem mórmones. E depois há as pessoas como eu, cristãos, e é aqui que as coisas se complicam. Um padre católico vem duas vezes por mês para dizer missa ao domingo, às oito da manhã. Assim que os católicos saem da pequena capela, celebra-se um serviço laico para as principais igrejas — metodista, batista, presbiteriana e por aí em diante. É aqui que me enquadro na maior parte dos domingos. Às dez da manhã, os fiéis brancos de Pentecostes reúnem-se para um serviço barulhento, com música alta e sermões ainda mais altos, assim como rituais de cura e palavras noutras línguas. A celebração deveria acabar às onze, mas frequentemente dura mais tempo, enquanto o ardor espiritual paira por entre os adoradores. Os fiéis negros chegam à capela às onze da manhã, mas por vezes têm de esperar que os brancos acabem. Já ouvi histórias de palavras duras entre os dois grupos, mas até agora nunca surgiram lutas na capela. Mal chegam ao púlpito, os fiéis negros de Pentecostes deixam-se ficar pela tarde fora.

Seria errado ficar com a impressão de que Frostburg está cheio de beatos. Não está. Continua sendo uma prisão, e a maior parte dos meus colegas detidos não vai a uma missa nem morto.

Quando saí da capela depois do serviço, um OC veio ter comigo e disse: — Estão à tua espera no edifício da administração.

capítulo 17

O agente Hanski esperava com um novo interveniente no meu jogo — Pat Surhoff, um U.S. Marshal. Fomos apresentados e nos sentamos em uma pequena mesa no fundo do corredor, não muito longe do escritório do diretor. Como é óbvio, ele jamais seria visto nas instalações prisionais num domingo, mas quem pode censurá-lo por isso?

Hanski pegou um documento e o empurrou pela mesa.

— Aqui está a acusação — disse. — Chegou a Roanoke na sexta-feira já tarde; ainda é segredo, mas será revelada à imprensa amanhã de manhã.

Segurei-a como se fosse uma barra de ouro e tive dificuldade em focar as palavras: *Estados Unidos da América contra Quinn Rucker*. Estava carimbada no canto superior direito, com a data da última sexta-feira, em tinta azul.

— O *Post* disse que o júri vai se reunir de manhã — consegui dizer, embora fosse óbvio que isso já tinha acontecido.

— Estamos manipulando a imprensa — disse Hanski com presunção.

Presunçoso, mas muito mais simpático desta vez. Nossos papéis mudaram dramaticamente. Há algum tempo, eu era um vigarista oportunista que procurava um acordo e provavelmente uma maneira de enganar o sistema. Agora, porém, era o menino de ouro, prestes a sair dali com um caminhão de grana.

Sacudi a cabeça e disse:

— Não sei o que dizer, rapazes. Ajudem-me.

Hanski estava pronto para entrar em ação.

— O que temos em mente é o seguinte, Mr. Bannister.

— Que tal se agora me tratasse por Mal? — perguntei.

— Ótimo. Eu sou Chris e ele é Pat.

— Entendido.

— A Direção Prisional acabou de o transferir para uma penitenciária de segurança média em Fort Wayne, no Indiana. O motivo é desconhecido, ou não declarado. Será uma espécie qualquer de violação de regras da sua parte que irritou os chefões. Não terá visitas durante seis meses. Estará na solitária. Qualquer pessoa que sentir curiosidade pode encontrá-lo online no serviço de Localização de Reclusos, mas irá deparar-se logo a seguir com um bloqueio. Depois de alguns meses em Fort Wayne, será novamente transferido. O objetivo é mantê-lo em movimento pelo sistema e enterrado nele.

— Tenho certeza de que isso será bastante fácil para o FBI disse eu, e ambos

se riram. Bolas, mudei mesmo de lado, não é?

— Dentro de alguns minutos, faremos a rotina das algemas e correntes nos pés, pela última vez, e saímos daqui, como se fosse uma transferência normal. Vai entrar numa van descaracterizada com o Pat e outro Marshall e avançarão para oeste, em direção a Fort Wayne. Eu vou atrás. Cem quilômetros mais à frente, mesmo antes de Morgantown, iremos parar num motel onde reservamos alguns quartos. Vai mudar de roupa, almoçar, e depois falamos do futuro.

— Dentro de alguns minutos? — perguntei, chocado.

— O plano é esse. Tem alguma coisa na sua cela sem a qual não consiga viver?

— Tenho. Alguns objetos pessoais, documentos e coisas do estilo.

— Muito bem. Vamos pedir que a prisão coloque tudo numa caixa amanhã e depois encaminhamo-la para si. É melhor se não voltar lá. Se alguém o vir a reunir as suas coisas, pode começar a fazer perguntas. Não queremos que ninguém saiba que se vai embora antes de já estar fora daqui.

— Entendido.

— Nada de despedidas nem essas tretas, está bem?

— Certo.

Pensei por um instante nos meus amigos em Frostburg, mas decidi rapidamente esquecer o assunto.

O dia deles também haveria de chegar e, quando se regressa à liberdade, não queremos olhar para trás. Duvido seriamente que as amizades feitas na prisão continuem no exterior. E, no meu caso, nunca poderei encontrar-me com os velhos amigos e falar sobre o passado. Estava prestes a tornar-me noutra pessoa.

— Tem setenta e oito dólares na sua conta da prisão. Vamos reencaminhar o valor para Fort Wayne, que entretanto há de perder-se no sistema.

— Lá está o governo federal a lixar-me outra vez — disse, e eles voltaram a achar-me piada.

— Tem alguma pergunta? — perguntou Hanski.

— Sim. Como conseguiram que ele confessasse? Ele é esperto demais para isso.

— Para falar com franqueza, ficamos surpresos. Usamos dois interrogadores veteranos, e eles têm lá seus métodos. Ele falou algumas vezes no advogado, mas recuou sempre. Queria falar e parecia assoberbado com o fato de ter sido apanhado, não por ter fugido da prisão, mas pelo assassinato. Queria saber o que nós sabíamos e, por isso, continuamos falando. Durante dez horas seguidas. A noite toda até o início da manhã. Como não quis ir embora para passar a noite na central, ficou na sala de interrogatório. Quando se convenceu das coisas que sabíamos, quebrou. Quando mencionamos a possibilidade de a família vir a ser

acusada, assim como a maior parte da gangue, mostrou-se disposto a fazer um acordo. E acabou por nos dar tudo.

— E, por tudo, quer dizer o quê?

— A história dele é basicamente a mesma que você nos contou. Subornou o juiz Fawcett com meio milhão de dólares para salvar o sobrinho e o juiz enganou-o. Ficou com o dinheiro e condenou o garoto. No mundo do Quinn, isso é um crime imperdoável e que deve ser vingado. Perseguiu o juiz Fawcett, seguiu-o até a casa do lago, apanhou-o com a secretária e teve a vingança que queria.

— Quanto dinheiro restava?

— Cerca de metade. Quinn disse que entrou no apartamento que o juiz tinha em Roanoke, que vasculhou tudo e mais alguma coisa e não encontrou o dinheiro. Suspeitava que estava guardado noutro lugar, num lugar mais seguro. Foi por isso que seguiu o Fawcett até a casa do lago. Subjugou-o na varanda e entrou na casa. Não tinha certeza se o dinheiro se encontrava ali, mas estava determinado a descobrir a sua localização. Fez algumas coisas más à secretária e convenceu o Fawcett a revelar o paradeiro do dinheiro. Daí, o cofre escondido. Na cabeça do Quinn, o dinheiro pertencia-lhe.

— E suponho que sentiu então a necessidade de os matar?

— Pois claro. Não podia deixar testemunhas. Ele não demonstra remorsos, Mal. O juiz estava a pedi-las; a secretária só apanhou por tabela. Agora, enfrenta duas acusações por homicídio.

— Portanto, é um caso para pena de morte?

— Muito provavelmente. Nunca executamos ninguém por matar um juiz federal e adoraríamos fazer de Quinn Rucker o nosso primeiro exemplo.

— Ele mencionou meu nome? — perguntei, embora estivesse certo da resposta.

— Mencionou, sim. Tem forte desconfiança de que você foi nossa fonte e o mais certo é já estar planejando se vingar. É por isso que estamos aqui neste momento, prontos para partir.

Queria ir embora, mas precisava ter calma.

— Quinn tem conhecimento da Regra 35; na verdade, todos os internos federais têm conhecimento da regra. Se se conseguir resolver um crime do exterior, a pena é comutada. Além disso, ele acha que eu sou um advogado brilhante. Ele e a família vão saber que saí, que não estou na prisão, nem em Fort Wayne nem em qualquer outro lugar.

— É verdade, mas vamos deixá-los supor à vontade. Também é importante que sua família e amigos acreditem que continua preso.

— Estão preocupados com a minha família? — perguntei. Pat Surhoff falou

pela primeira vez: — De certa forma, sim, e se quiser podemos providenciar-lhes proteção. Mas ao fazê-lo vamos obviamente perturbar as suas vidas.

— Eles nunca vão concordar — respondi. — O meu pai ainda lhe dava um murro se lhe falasse nisso. É um soldado da cavalaria reformado que se julga capaz de cuidar de si mesmo. Meu filho tem um pai novo e uma família nova.

Não conseguia conceber um telefonema meu para Dionne contando que Bo podia estar em perigo devido a uma coisa que fiz na prisão. E havia uma parte de mim que acreditava que Quinn Rucker não faria mal a uma criança.

— Se quiser, podemos falar disso mais tarde — disse Surhoff.

— Sim, fazemos isso. Neste momento, tenho a cabeça cheia de pensamentos soltos.

— A liberdade está à sua espera, Mal — disse Hanski.

— Vamos sair daqui.

Fui atrás deles pelo corredor até outro edifício onde o capitão e três OC estavam à minha espera. Algemaram-me e colocaram-me os grilhões nos tornozelos; depois acompanharam-me até uma van que esperava junto ao passeio. Um observador desinformado julgaria que eu estava sendo levado para a minha execução. Atrás do volante estava um Marshal chamado Hitchcock. Surhoff fez deslizar a porta depois de eu entrar e fechou-a; a seguir entrou para o lugar do passageiro. E lá fomos nós.

Recusei-me a olhar para trás para me despedir de Frostburg. Tenho imagens suficientes para muitos anos. Observei a paisagem a passar e não consegui evitar um sorriso. Alguns minutos depois, paramos no estacionamento de um centro comercial. Surhoff saiu, abriu a porta de correr, inclinou-se e abriu-me as algemas. Depois libertou-me os tornozelos.

— Parabéns — disse-me calorosamente, e eu concluí que gostava daquele tipo. Ouvi as correntes a tinir uma última vez e massageei os pulsos.

Em breve, acelerávamos pela Interestadual 68, em direção a oeste. A primavera estava quase a chegar e as colinas do oeste do Maryland começavam a mostrar sinais de vida. Os primeiros momentos de liberdade foram quase esmagadores. Há cinco anos que sonhava com aquele dia, e era algo arrebatador. Havia tantos pensamentos a competirem pela minha atenção. Mal podia esperar para escolher minha própria roupa, por vestir jeans. Mal podia esperar para comprar um carro e ir onde quisesse. Ansiava pelo toque do corpo de uma mulher e pelo sabor de um bife e uma cerveja fresca. Recusei-me a preocupar-me com a segurança do meu filho e do meu pai. Ninguém lhes faria mal.

Os *marshals* queriam falar, e por isso ouvi-os. Pat Surhoff começou por dizer: Agora, Mal, já não está sob a custódia de ninguém. Se escolher entrar no Programa de Segurança para Testemunhas, mais vulgarmente conhecido por

proteção de testemunhas, nós, os Serviços de *marshals* dos Estados Unidos, cuidaremos de você. Providenciamos sua segurança, proteção e saúde. Arranjamos-lhe uma identidade nova com documentos autênticos. Receberá assistência financeira para alojamento, ajudas de custo e cuidados médicos. Arranjamos-lhe um trabalho. Quando estiver devidamente instalado, não monitoramos suas atividades diárias, mas se precisar de nós estaremos sempre por perto.

Ele parecia estar a ler uma brochura, mas as suas palavras eram música para os meus ouvidos. Hitchcock interveio: — Já tivemos mais de oito mil testemunhas no nosso programa e nenhuma delas sofreu quaisquer danos.

Fiz a pergunta óbvia:

— Onde vou viver?

— O país é grande, Mal — respondeu Hitchcock. — Já recolocamos testemunhas a cento e cinquenta e a três mil quilômetros das suas casas. A distância não é crucial, mas, genericamente falando, quanto mais longe, melhor. Gosta mais de tempo quente ou de neve? De montanhas e lagos ou de sol e praia? De cidades grandes ou cidades pequenas? As cidades pequenas são problemáticas; recomendamos sempre um lugar com uma população de pelo menos cem mil habitantes.

— É mais fácil passar despercebido — acrescentou Surhoff.

— E posso escolher? — perguntei.

— Dentro do razoável, sim — disse Hitchcock.

— Deixem-me pensar um pouco.

Foi o que fiz nos cerca de quinze quilômetros seguintes, e não pela primeira vez. Tinha uma ideia bastante assente de onde queria ir e por que motivos. Olhei por cima do ombro e vi um veículo familiar.

— Presumo que este carro atrás de nós seja o FBI — Sim, é o agente Hanski e outro colega — disse Surhoff.

— Eles vão seguir-nos durante quanto tempo?

— Devem desaparecer daqui a uns dias, julgo eu — disse Surhoff enquanto trocava um olhar com Hitchcock. Eles realmente não sabiam, e decidi não os pressionar.

— É habitual o FBI manter as testemunhas como eu sob vigilância? — perguntei.

— Depende — respondeu Hitchcock. — Normalmente, quando a testemunha entra no programa de proteção, ainda tem alguns assuntos por resolver com a pessoa que denunciou. Por isso, a testemunha pode ter de voltar ao tribunal para testemunhar. Se for esse o caso, o FBI precisa de manter o contato com ela, mas fá-lo através de nós. Passa sempre tudo por nós. Mas com o tempo, à medida que

os anos vão passando, o FBI a modos que se esquece mais ou menos das testemunhas.

Pat mudou de assunto:

— Uma das primeiras coisas que precisa de fazer é mudar o seu nome, legalmente, claro. Recorremos a um juiz no condado de Fairfax, no norte da Virginia, que mantém os processos bem guardados. É uma operação bastante rotineira, mas precisa de escolher um nome novo. O melhor é manter as mesmas iniciais e escolher um nome simples.

— Como por exemplo?

— Mike Barnes. Matt Booth. Mark Bridges. Mitch Baldwin.

— Parecem nomes de um bando de rapazes brancos de uma república universitária.

— Pois parecem. Mas Malcolm Bannister também.

— Obrigado.

Discutimos o meu novo nome durante alguns quilômetros. Surhoff abriu um notebook e começou a teclar.

— Neste país, qual é o sobrenome mais comum começado pela letra B? — perguntou.

— Baker — respondeu Hitchcock.

— Esse é o segundo.

— Bailey — arrisquei.

— Esse é o terceiro. Bell é o quarto. Brooks, o quinto. O vencedor é Brown, com o dobro das ocorrências do segundo, Baker.

— Um dos meus escritores afro-americanos favoritos é James Baldwin — disse eu. — Fico com o nome dele.

— Muito bem — disse Surhoff, teclando. — E o nome?

— Que tal Max?

Hitchcock acenou com a cabeça em sinal de aprovação enquanto Surhoff introduziu o nome Max.

— Gosto — disse Hitchcock, como se estivesse cheirando um bom vinho. Surhoff olhou para cima e disse: — Há cerca de vinte e cinco Max Baldwin nos Estados Unidos, por isso resulta lindamente. É um nome bom e forte, nem comum nem exótico demais. Eu gosto. Vamos compô-lo um pouco. Qual é o segundo nome? O que funciona aqui, Max?

Nada funciona como segundo nome quando Max é o primeiro. Então, pensei nos meus anteriores sócios e no pequeno escritório da Braddock Street, em Winchester. Copeland & Reed, Advogados e Solicitadores. Em honra deles, escolhi Reed.

— Max Reed Baldwin — disse Surhoff. — Soa bem. Agora, um sufixo para

o fim, Max? Baldwin Filho, Terceiro, Quarto? Não podemos ser muito elaborados neste ponto.

Hitchcock sacudia a cabeça.

— Deixe ficar assim — disse, quase em surdina.

— Concordo — disse. — Não quero nada no fim.

— Ótimo. Então, já temos um nome. Max R. Baldwin, certo, Max?

— Acho que sim. Deixem-me só pensar nele durante uma hora. Preciso me habituar.

— Claro.

Por muito perturbador que fosse, escolher o nome que usaria o resto da vida seria uma das decisões mais fáceis que teria de tomar. Em breve, seria confrontado com escolhas mais difíceis — a cor dos olhos, a forma do nariz, dos lábios, do queixo; qual seria a minha casa, o trabalho, a história familiar e que tipo de infância fictícia ia ter? Em que universidade tinha andado e que curso tirara? Porque era solteiro? Já tinha sido casado? E filhos?

capítulo 18

Alguns quilômetros a leste de Morgantown, saímos da interestadual e entramos no estacionamento de um Best Western, um dos motéis de estilo antigo onde se podia estacionar em frente ao quarto. Estavam alguns homens à nossa espera, agentes de algum tipo, do FBI segundo presumi, e quando saí da van, maravilhosamente desprovido de algemas, Hanski aproximou-se rapidamente e disse: — O quarto trinta e oito é o seu.

Um dos agentes sem nome abriu a porta e entregou-me a chave. Lá dentro, havia duas camas de casal e em cima de uma delas estavam algumas roupas. Hanski e Surhoff fecharam a porta atrás de si.

— Pedi à prisão para me informar do seu tamanho de roupa disse Hanski, acenando para o meu novo guarda-roupa. — Se não gostar, não faz mal. Podemos ir às compras.

Havia duas camisas brancas e uma azul de xadrez, todas com botões até o colarinho; duas calças comuns e dois jeans desbotados; um cinto de couro marrom; uma pilha de cuecas, habilmente dobradas; duas camisetas brancas; vários pares de meias ainda embaladas; mocassins marrons de um ar apresentável e os sapatos pretos mais feios que já vi na vida. No geral, não era um mau começo.

— Obrigado — disse.

Hanski continuou: — A escova e a pasta de dentes, os acessórios de barba, estão no banheiro. Numa necessaire. Qualquer outra coisa que precise, vamos à loja comprar. Quer almoçar?

— Agora não. Queria só ficar sozinho.

— Sem problema, Mal.

— Agora, é Max, se não se importa.

— Max Baldwin — acrescentou Surhoff.

— Foi rápido.

Eles foram embora e fechei a porta. Despi lentamente a roupa da prisão — camisa e calça verde-azeitona, meias brancas, sapatos pretos de sola grossa e cueca desbotada e puída. Vesti cueca nova e camiseta, depois me enfiei debaixo dos cobertores e fitei o teto.

Para o almoço, fomos a um restaurante de marisco ali ao lado com um *drive-thru* e todas as pernas de caranguejo que conseguíssemos comer por 7,99 dólares. Fomos apenas três, eu, Hanski e Surhoff, e fizemos uma longa refeição

de marisco medíocre, que era mesmo assim delicioso. Sem sentirem qualquer pressão, eles disseram piadas e teceram comentários ao meu guarda-roupa. Eu devolvi os insultos dizendo que não era um universitário branco da república, como eles, e que dali em diante compraria as minhas próprias roupas.

À medida que a tarde se arrastava, contaram-me que tínhamos muito trabalho para fazer. Muitas decisões a tomar. Regressamos ao motel, para o quarto ao lado do meu, onde uma das camas estava coberta de pastas e papéis. Hitchcock juntou-se a nós, e éramos quatro no quarto, todos presumivelmente trabalhando juntos, embora me sentisse cético. Dizia incessantemente a mim próprio que aqueles tipos agora estavam do meu lado, que o governo era meu protetor e amigo, mas não era capaz de aceitar isso completamente. Talvez com o tempo viessem a ganhar minha confiança, mas tinha dúvidas. Da última vez que passei horas com agentes do governo, prometeram que não seria acusado.

Naquela altura, meu nome novo já tinha pegado e essa decisão estava tomada. Hanski disse: — Max, vamos sair daqui amanhã de manhã e precisamos decidir para onde vamos. Isso será determinado pela mudança de visual que estiver pensando em fazer. Deixou claro que quer algumas alterações no rosto, o que apresenta um desafio.

— Está falando do meu testemunho? — perguntei.

— Sim. O julgamento do Rucker pode ser daqui a seis meses, ou um ano.

— Ou ele pode se declarar culpado e nem sequer ir a julgamento — disse.

— Claro. Mas vamos partir do princípio de que ele não faça isso. Vamos presumir que ele vai a julgamento. Se fizer a cirurgia plástica agora, seu rosto novo ficará exposto quando testemunhar. Se esperar até depois do julgamento, estará muito mais seguro.

— Mais seguro depois, mas e agora? — perguntei. — E quanto aos próximos seis meses? A gangue Rucker vem atrás de mim, sabemos bem disso. Já devem estar pensando em maneiras de me pegar e, para eles, quanto mais cedo melhor. Se conseguem me pegar antes do julgamento, então eliminam uma testemunha valiosa. Os próximos seis meses serão os mais perigosos, por isso quero a cirurgia agora. Imediatamente.

— Muito bem. E quanto ao julgamento?

— Bem, Chris, há meios de me esconder, sabe bem disso. Posso testemunhar por trás de um painel ou de um véu. Já foi feito. Vocês não veem televisão?

Isso conseguiu provocar uma risada aqui e ali, mas o ambiente era bastante sério. A ideia de testemunhar contra Quinn Rucker era aterrorizante, mas havia maneiras de me proteger.

— Fizemos uma coisa assim no ano passado — disse Hitchcock. — Num julgamento grande de tráfico de drogas em New Jersey. O informante mudou

completamente de aspecto e colocamos um painel na frente do banco das testemunhas de maneira a que só o juiz e os jurados pudessem ver. Usamos um dispositivo para alterar a voz dele e os acusados não faziam ideia de quem ele era ou que aspecto tinha.

— Eles vão saber com toda certeza quem sou — disse. — Só não quero que me vejam.

— Muito bem — disse Hanski. — A decisão é sua.

— Então, considere-a tomada — respondi. Hanski pegou o celular e dirigiu-se para a porta.

— Deixe-me fazer uns telefonemas.

Quando ele saiu do quarto, Surhoff disse: Muito bem, enquanto ele está ao telefone, vamos falar num destino? Dê-nos algumas indicações, Max, para podermos começar a procurar um local.

— Florida — disse. — À exceção do tempo que passei nos *marines*, toda a vida vivi em colinas e montanhas. Quero mudar de ambiente, quero praias e vistas para o mar, um clima mais quente. Disse isto de rajada, como se tivesse passado horas pensando, o que realmente aconteceu. — Mas não o sul da Florida, que é muito quente. Talvez Pensacola ou Jacksonville, para norte, onde é mais ameno.

Os *marshals* absorveram minhas palavras e eu conseguia ver as suas mentes trabalhando a mil. Surhoff começou a teclar no notebook, procurando meu novo lugar ao sol. Descontraí na cadeira, com os pés descalços em cima da cama e não pude deixar de apreciar a minha situação. Eram quase quatro da tarde. As tardes de domingo eram as piores em Frostburg. Como a maior parte dos internos, não trabalhava no dia santo e ficava frequentemente entediado. Havia jogos de basquetebol e longos passeios na trilha de corrida, qualquer coisa para ocupar o tempo. O horário das visitas já terminara e os que tinham visto as famílias ficavam quase sempre deprimidos. Uma nova semana estava prestes a começar, exatamente igual à que tinha acabado.

A vida da prisão começava a desvanecer-se lentamente. Sei que será impossível de esquecer, mas estava na hora de dar início ao processo de pô-la para trás das costas. Malcolm Bannister continuava um recluso, mas Max Baldwin era um homem livre, com lugares onde ir e coisas para ver.

Depois de escurecer, fomos de carro até Morgantown procurando um local para comer um bife. Pelo caminho, passamos por um clube de *strip*. Ninguém disse nada, mas fiquei terrivelmente tentado. Há cinco anos não via uma mulher nua, embora sonhasse com elas. Só que ficar babando com *strippers* não parecia muito satisfatório naquele momento. Encontramos o restaurante que nos recomendaram e pedimos uma mesa: éramos apenas três amigos num agradável

jantar. Hanski, Surhoff e eu pedimos os maiores bifes do menu, e empurrei o meu com três cervejas de pressão. Eles ficaram-se por chá gelado, mas percebi que invejavam a minha bebida. Regressamos ao motel antes das dez, mas era impossível dormir. Fiquei uma hora vendo televisão, uma coisa que fazia pouco em Frostburg.

À meia-noite, peguei na cópia da acusação que Hanski tinha deixado ali ficar e li cada palavra. Não havia qualquer menção ao relatório da balística ou a qualquer testemunha. Havia uma longa explanação acerca do local do crime, dos ferimentos provocados pelas balas, das causas de morte, das queimaduras no corpo de Naomi Clary, do cofre vazio, mas nenhuma descrição de provas físicas. até o momento, a única coisa que tinham era a confissão de Quinn. Isso e a desconfiança em relação ao dinheiro que tinha na sua posse. Uma acusação pode ser emendada pelo acusador praticamente em qualquer altura e aquela precisava de alguns retoques. Parecia-me ser um trabalho feito à pressa para remediar a situação.

Não estou a criticar; era um documento lindo.

capítulo **19**

Para Stanley Mumphrey, o advogado do Ministério Público para o Distrito Sul, o evento seria o maior momento da sua ainda curta carreira enquanto procurador federal. No gabinete há dois anos, nomeado pelo presidente, tinha achado o trabalho bastante mundano e, embora fosse um bom suplemento para o seu currículo, era um trabalho que de alguma forma não o satisfazia. Até, claro, o juiz Fawcett e Miss Clary serem assassinados. Subitamente, a carreira de Stanley ganhou um novo fôlego. Ele tinha nas mãos o caso mais quente do país e, como muitos procuradores, planejava tirar o maior partido disso.

A reunião foi publicitada como uma conferência de imprensa, embora nenhuma das autoridades planejasse responder a quaisquer perguntas. Era um espetáculo, nada mais, nada menos. Um ato cuidadosamente orquestrado para 1) alimentar alguns egos, 2) informar o público, principalmente os potenciais jurados, de que os agentes federais tinham o suspeito e que o seu nome era Quinn Al Rucker.

Às nove da manhã, o pódio estava cheio de microfones portáteis, todos a publicitar as respetivas estações de televisão e rádio a que pertenciam. A sala de audiências estava apinhada de jornalistas de todos os tipos. Homens com câmeras volumosas pisavam-se uns aos outros enquanto procuravam arranjar uma posição, tudo sob o olhar atento dos guardas do tribunal.

Nos livros de regras e decisões que determinam práticas e procedimentos do Direito Penal, tanto a nível estadual como a federal, não aparece explicitado em lugar nenhum que o "anúncio", a "pronúncia", a "entrega" ou a "outorga" de uma acusação deva ser divulgada.

Na verdade, quase nenhum dos procedimentos é divulgado. Depois de o júri tomar sua decisão, ela é formalmente registrada por um oficial e posteriormente apresentada ao acusado. A acusação é apenas uma parte do caso — o processo penal. Nada do que consta no documento de acusação é prova; no julgamento, o júri nem sequer o vê. O Grande Júri só ouve uma das partes, a que é apresentada pelo governo.

Porém, de vez em quando, uma acusação é sensível, importante, boa e divertida demais para que se permita sua fluência discreta pelo sistema. Deve ser publicitada por aqueles que trabalharam arduamente para apanhar o criminoso e o vão levar à justiça. Stanley Mumphrey não fez nada para pegar Quinn Rucker, mas era o homem que o levaria a julgamento. Na norma federal, o procurador do

Ministério Público tem status superior ao de um mero agente do FBI; assim, o evento pertencia a Stanley. Como era habitual, partilharia (relutantemente) o centro das atenções com o FBI.

Às 9h10, a porta ao lado da barra abriu e um pelotão de homens rigorosos de vestes negras inundou o espaço atrás do pódio. Posicionaram-se, todos com as mãos por cima do colo. Era crucial que se compusessem, porque o alcance das câmeras era limitado. De pé no pódio, lado a lado, estavam Stanley Mumphrey e Victor Westlake — o procurador principal e o principal chefe de polícia. Atrás deles, encontravam-se os agentes do FBI e os procuradores assistentes, todos muito juntos, apertados, tentando encontrar uma boa linha de visão das câmeras, para que as câmeras tivessem uma boa visão deles. Os mais afortunados ouviriam atentamente Mr. Mumphrey e Mr. Westlake, franzindo a testa e agindo como se não fizessem ideia de que havia câmeras em pelo menos um raio de três quilômetros do tribunal. Era a mesma rotina patética que já fora aperfeiçoada pelos membros do Congresso.

— Esta manhã, temos uma acusação no caso do assassinato do juiz Raymond Fawcett e da menina Naomi Clary — disse Mumphrey lentamente, com uma voz nervosa e pelo menos duas oitavas acima do timbre normal. Tivera algumas dificuldades em tribunal, perdendo os casos ridículos que reservava para si próprio.

e a crítica mais comum era que ele parecia nervoso e deslocado. Alguns achavam que talvez fosse porque tinha passado muito pouco tempo em tribunal durante a sua pouco notável carreira de dez anos.

Stanley pegou a acusação e levantou-a bem alto, como se os que o observavam devessem agora ler o que dizia.

— Esta acusação abarca dois homicídios. O acusado é um certo Quinn Al Rucker. E, sim, espero conseguir a pena de morte para este caso.

A última frase deveria ter provocado ondas de drama na multidão, mas o senso de oportunidade de Stanley foi fraco. Contudo, o drama não demorou, quando um assistente mostrou numa tela uma grande foto preto e branco de Quinn. Finalmente, o mundo viu o homem que matou o juiz e a secretária. Culpado!

Lendo suas anotações com nervosismo, Stanley fez um relato da história de Quinn e conseguiu dar a impressão de que ele tinha fugido da prisão com o único propósito de se vingar do juiz. A certa altura, Victor Westlake, que se mantinha ao seu lado como uma sentinela, franziu a testa e olhou para as notas dele. Mas Stanley continuou, quase a choramingar sobre o seu amigo e mentor Raymond Fawcett, sobre quanto o juiz significava para ele e por aí adiante. A voz tremeu-lhe realmente quando tentou explicar como se sentia honrado por ter

a fabulosa responsabilidade de procurar justiça para aqueles assassínios "horrendos". A acusação inteira podia ter sido lida em dois minutos e depois iam todos para casa. Mas não. Com um público daqueles e com os milhões que estavam a assistir, Stanley achou necessário tagarelar e fazer um discurso sobre a justiça e a guerra contra o crime. Depois de vários dolorosos desvios, voltou ao assunto mesmo perto de fim, quando estava na altura de passar a palavra. Elogiou Victor Westlake e todo o FBI pelo trabalho desenvolvido, trabalho esse que era "sobre-humano, incansável e brilhante".

Quando finalmente se calou, Westlake agradeceu-lhe, embora não fosse claro se estava a agradecer-lhe por se calar ou por o elogiar tanto. Westlake tinha muito mais experiência naquele tipo de produções do que o jovem Stanley e falou durante cinco minutos sem dizer absolutamente nada. Agradeceu aos seus homens, disse que estava confiante que o caso tinha sido resolvido e desejou sorte à acusação.

Quando acabou e recuou, um jornalista gritou uma pergunta. Westlake respondeu bruscamente: — Não faço comentários — e indicou que estava na altura de ir embora.

Stanley, porém, não estava preparado para abandonar todas aquelas câmeras. Deixou-se ficar um ou dois segundos olhando para a multidão com cara de idiota, como se quisesse dizer: "Estou aqui." Depois, Westlake murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— Obrigado — disse Stanley, e recuou. O evento chegara ao fim.

Assisti à conferência de imprensa no quarto do Best Western. Ocorreu-me naquele momento que, com Stanley à frente do processo, Quinn podia ter uma chance de se safar. Mas se o caso chegasse a julgamento, Stanley teria provavelmente de dar lugar a um dos seus assistentes mais calejados para tratar da acusação. Não havia dúvida de que continuaria a encarregar-se da imprensa e que começaria a tratar da ascensão a um cargo superior, mas o trabalho sério de tribunal seria feito pelos profissionais. Dependendo da duração do processo, talvez Stanley já nem sequer estivesse no posto. Trata-se de uma colocação por quatro anos, como o presidente. Quando um adversário chega à Casa Branca, os procuradores também mudam.

Quando a conferência de imprensa acabou e os comentadores da CNN começaram a tagarelar, mudei de canal, mas não encontrei nada de interessante. Armado com o comando à distância, tinha poder total sobre a televisão. Estava a adaptar-me à liberdade com uma facilidade notável. Podia dormir até acordar por mim mesmo. Podia escolher que roupa vestir, embora as escolhas ainda fossem bastante limitadas. Mas, mais importante do que tudo, não tinha companheiro de cela, mais ninguém com quem competir num cubículo de três metros por três

metros e meio. Medi o quarto do motel duas vezes aproximadamente, cinco metros de largura por dez de comprimento, incluindo o banheiro. É um castelo.

A meio da manhã, já estávamos na estrada, agora em direção a sul, na Interestadual 79. Três horas depois.

Chegamos ao aeroporto de Charleston, na Virginia Ocidental, onde nos despedimos do agente Chris Hanski. Ele desejou-me boa sorte e eu agradeci-lhe pela sua simpatia. Pat Surhoff e eu entramos num voo doméstico para Charlotte, na Carolina do Norte. Não tinha documentos comigo, mas o Serviço de *marshals* e a companhia aérea falavam em código. Limitei-me a seguir Pat e tenho de admitir que enquanto entrava no pequeno avião estava entusiasmado.

O aeroporto de Charlotte era um espaço grande, aberto e moderno, e fiquei num varandim durante duas horas vendo as pessoas entrando e saindo. Eu era uma delas, um homem livre, e em breve teria a possibilidade de me dirigir a um dos balcões e comprar um bilhete para qualquer lugar.

Às 6h10, embarcamos num voo direto até Denver. O código subiu de nível, e Pat e eu sentamo-nos lado a lado em primeira classe, com os cumprimentos dos contribuintes. Bebi uma cerveja e ele um *ginger ale*. O jantar era frango assado com molho e presumi que a maior parte dos passageiros o comesse como um simples alimento. Para mim, era um jantar requintado. Bebi um copo de Pinot Noir, dei o primeiro gole de vinho em muitos anos.

Victor Westlake e a sua comitiva saíram da conferência de imprensa e dirigiram ao longo de quatro quarteirões em direção ao escritório de advogados de Jimmy Lee Arnold, no centro. Apresentaram-se à recepcionista, que os esperava. Poucos minutos depois, levou-os por um corredor estreito até uma grande sala de reuniões e ofereceu-lhes café. Eles agradeceram e recusaram.

Jimmy Lee era um veterano com vinte anos de experiência na guerra à droga e já fazia parte da mobília na cena jurídica de Roanoke. Tinha representado Jakeel Staley, o sobrinho de Quinn Rucker, quatro anos antes. Como muitos dos profissionais solitários que operam nos limites do submundo, Jimmy Lee era uma verdadeira personagem. Cabelo grisalho comprido, botas de *cowboy*, anéis nos dedos e óculos de aros vermelhos empoleirados no nariz. Embora desconfiasse do FBI, deu-lhes as boas-vindas ao seu domínio. Não eram os primeiros agentes que o visitavam; ao longo dos anos, tinha havido muitos outros.

— Com que então, conseguiram uma acusação — disse ele, assim que as apresentações acabaram.

Victor Westlake fez-lhe um curto resumo do caso contra Quinn Rucker.

— Representou o sobrinho dele, Jakeel Staley, há alguns anos, não é verdade?

— É verdade — respondeu Jimmy Lee. — Mas nunca me encontrei com o Quinn Rucker.

— Presumo que a família ou a gangue, o contratou para representar o garoto.

— Qualquer coisa do tipo. Foi um contrato particular, não uma nomeação do tribunal.

— Com quem lidou, da parte da família?

A disposição de Jimmy Lee mudou. Levou a mão ao bolso interior do casaco e tirou um pequeno gravador.

— Só por segurança — disse, enquanto premia um botão. Vamos gravar esta conversa. Vocês são três, eu estou sozinho. Quero certificar-me de que não há mal-entendidos em relação ao que aqui se disser. Algum problema?

— Não — respondeu Westlake.

— Ótimo. Bem, perguntou-me com que membros da família contatei quando fui contratado para representar o Jakeel Staley, não foi?

— Foi.

— Bem, não sei se posso responder a essa pergunta. A questão da confidencialidade entre mim e o cliente e tudo o mais. Porque não me diz por que motivo está interessado em saber?

— Claro. Quinn Rucker confessou. Disse que matou o juiz Fawcett porque ele renegou um acordo com suborno; diz que a gangue pagou meio milhão de dólares ao Fawcett para que decidisse a favor da moção que pretendia eliminar a busca que foi feita à van cheia de cocaína.

Westlake fez uma pausa e observou Jimmy Lee com todo o cuidado. Os olhos do advogado não revelavam absolutamente nada. Até que acabou por encolher os ombros e perguntar: — E daí?

— Tinha conhecimento deste suborno?

— Se tivesse, isso seria um crime, não é verdade? E você acha que sou suficientemente estúpido para admitir um crime? Sinto-me ofendido.

— Oh, não se sinta ofendido, Mr. Arnold, não o estou acusando de nada.

— Quinn Rucker me implicou no suborno?

— Até agora, ele tem sido vago quanto a esse assunto, disse apenas que o intermediário foi um advogado.

— Tenho certeza de que este bando de gangsteres em particular tem acesso a muitos advogados.

— De fato. Ficou surpreso quando o juiz Fawcett não aprovou a moção para eliminar a prova?

Jimmy Lee sorriu e revirou os olhos.

— Já nada me surpreende. Se acredita na Constituição, então aquela busca foi inválida e as provas, cento e cinquenta quilos de cocaína pura, deviam ter

sido excluídas. Era preciso alguma coragem para fazer isso e já não se vê muita por aí, principalmente no que diz respeito à apreensão de drogas. É preciso que um juiz, estadual ou federal, tenha culhões para excluir uma prova tão maravilhosa, não obstante o que os policiais fizeram para obtê-la. Não, não fiquei surpreso.

— Quanto tempo exerceu no tribunal do juiz Fawcett?

— Desde o dia em que ele foi nomeado, há vinte anos. Conhecia-o bem.

— Acredita que ele era capaz de aceitar um suborno?

— Um suborno em dinheiro em troca de um parecer favorável?

— E uma sentença mais leve.

Jimmy Lee cruzou as pernas, com uma bota de pele de avestruz sobre o joelho, e entrelaçou as mãos por baixo da barriga. Pensou durante um instante e depois disse: — Já vi juízes tomarem decisões ultrajantes, mas normalmente por estupidez ou preguiça. Mas não, Mr. Westlake, não acredito que o juiz Fawcett, ou qualquer outro juiz estadual ou federal na região da Virginia aceitasse um suborno, em dinheiro ou de outra maneira qualquer. Disse que nada me surpreendia, mas estava errado. Um suborno desses deixar-me-ia chocado.

— Diria que o juiz Fawcett tinha reputação de ser um homem altamente íntegro?

— Não, não diria isso. Ele teve alguns bons momentos nos seus primeiros anos no tribunal, mas depois mudou e tornou-se num verdadeiro cabrão. Os meus clientes foram todos acusados de crimes, mas nem todos são criminosos. Fawcett não via as coisas dessa forma. Não se importava nada de mandar um homem para a cadeia durante vinte anos. Estava sempre do lado da acusação e da polícia, e isso para mim não é ser íntegro.

— Mas não aceitava dinheiro?

— Tanto quanto sei, não.

— Eis nosso dilema, Mr. Arnold. Se Quinn Rucker diz a verdade, como ele conseguiu fazer o dinheiro chegar a Fawcett? Ele é um cara durão das ruas de D.C. que nunca tinha visto Fawcett. Tinha que haver um intermediário. Não estou dizendo que foi você, nem insinuando que esteve envolvido nessa história. Mas sabe como funciona o sistema. Como o meio milhão de dólares mudou de mãos?

Jimmy Lee estava sacudindo a cabeça.

— Se o sistema envolve suborno, então não sei como funciona, está bem? E não me agrada sua insinuação. Está falando com o homem errado.

— Mais uma vez, não estou insinuando nem acusando.

— Pois olhe, não parece. — Jimmy Lee se levantou lentamente e estendeu a mão para o gravador. — Digamos que esta pequena reunião chegou ao fim.

— Não há necessidade disso, Mr. Arnold.

Jimmy Lee pegou o gravador e voltou a guardá-lo no bolso.

— Foi um prazer — disse enquanto abria a porta, e desapareceu no corredor.



Do outro lado da Church Street, Dee Ray Rucker estava entrando em outro escritório de advogados enquanto Victor Westlake e os seus agentes saíam do de Jimmy Lee.

Quinn tinha sido detido na quarta-feira à noite e passado as dez primeiras horas de cativeiro numa sala de interrogatórios. Depois de confessar, para a câmera, foi levado para a Prisão Municipal de Norfolk, colocado na solitária e dormiu durante doze horas seguidas.

Só foi autorizado a utilizar o telefone no sábado de manhã; levaram a maior parte do dia para localizar um membro da família que estivesse disposto a falar. Ao início da noite de sábado, Quinn foi levado de Norfolk para Roanoke, uma viagem de quatro horas e meia de carro.

Assim que Dee Ray percebeu que o irmão estava na prisão por ter matado um juiz federal, apressou-se a encontrar um advogado que aceitasse o caso. Vários em D.C. e na Virginia recusaram. No fim da tarde de domingo, outra personagem de Roanoke, de seu nome Dusty Shiver, tinha concordado representar Quinn nas fases iniciais, mas reservava-se o direito de deixar o caso se o julgamento se revelasse iminente. Por razões óbvias, os advogados locais mostravam-se um pouco nervosos em representar um homem acusado de matar um interveniente tão importante do poder judiciário.

Dusty Shiver tinha exercido com Jimmy Lee Arnold, e eram farinha do mesmo saco. Na advocacia, a maior parte das sociedades, grandes e pequenas, acaba por se dissolver, normalmente por causa de dinheiro. Jimmy Lee foi excluído de receber uns honorários, culpou os sócios e mudou-se para o outro lado da rua.

Dusty tinha conseguido passar uma hora com Quinn na prisão, na segunda de manhã, antes da pronúncia da acusação. Ficou surpreendido ao saber que o cliente já confessara. Quinn foi peremptório em como tinha sido coagido, enganado, pressionado, ameaçado e que a confissão era falsa. Afirmava que era inocente. Depois de sair da prisão, Dusty passou pelo escritório do procurador e levantou uma cópia da acusação. Estava a examiná-la quando a secretária o

contatou pelo intercomunicador para dizer que Mr. Dee Ray Rucker já tinha chegado.

Dos dois, Dusty, com o seu comprido cabelo grisalho, jeans desbotado e colete de couro vermelho, parecia mais o traficante de drogas, e Dee Ray, no seu terno Zegna, parecia mais o advogado. Cumprimentaram-se cuidadosamente no lotado escritório de Dusty. O primeiro assunto a tratar era a caução; Dee Ray abriu a sua pasta Prado, e tirou 50 mil dólares em dinheiro, que Dusty contou e guardou numa gaveta.

— Sabia que ele já confessou? — perguntou Dusty depois de guardar o dinheiro.

— Ele fez o quê? — exclamou Dee Ray, chocado.

— Sim, confessou. Diz que assinou uma declaração escrita a admitir os assassinatos e, ao que parece, também há uma confissão em vídeo. Por favor, diga-me que ele é esperto demais para fazer uma coisa assim.

— Ele é esperto demais para fazer uma coisa assim. Nós nunca falamos com a polícia, nunca. Quinn nunca confessaria nada voluntariamente, mesmo que fosse culpado até os dentes. É o nosso modus operandi. Se um policial aparece, começamos logo a chamar advogados.

— Ele diz que o interrogatório durou a noite toda, que prescindiu dos direitos, que pediu um advogado várias vezes, mas que os agentes do FBI continuaram a metralhá-lo com perguntas. Enganaram-no, confundiram-no e ele começou a alucinar. Não conseguia calar a boca. Eles disseram que responderia por dois assassinatos e que a família inteira seria acusada, que as mortes eram parte do negócio da gangue. Mentiram e disseram que o ajudavam se ele colaborasse, que a família do juiz Fawcett se opunha à pena de morte e por aí afora. Depois de horas nisso, ele quebrou e deu o que queriam. Diz que não se lembra de tudo o que aconteceu; estava cansado demais. Quando acordou e tentou lembrar, era tudo um sonho, um pesadelo. Demorou algumas horas até perceber o que tinha feito, mas mesmo agora não consegue lembrar tudo.

Dee Ray ouviu, atordoado demais para falar. Dusty continuou: — Recorda-se de que os agentes do FBI lhe disseram que tinham um relatório da balística que ligava uma das suas armas à cena do crime e que também tinham uma pegada qualquer de uma bota. Além disso, há testemunhas que o colocam nas vizinhanças na hora dos crimes. Mais uma vez, tudo um pouco vago.

— Quando pode ver a confissão?

— Vou encontrar o procurador-geral assim que possível, mas nada acontece depressa. Podem passar semanas até poder ver a confissão escrita ou o vídeo, assim como as provas que eles planejam usar.

— Se ele pediu um advogado, por que não pararam o interrogatório?

— É essa a grande questão. Mas, normalmente, os policiais juram que os interrogados abdicaram de seus direitos e não pediram advogado. É a palavra do interrogado contra a dos policiais. Num caso importante como este, pode apostar que os agentes do FBI vão jurar por tudo que o Quinn nunca mencionou o advogado. Da mesma forma como vão jurar que não o ameaçaram, não lhe mentiram nem lhe prometeram um acordo. Eles conseguiram a confissão e agora estão tentando construir um caso com provas físicas. Se não encontrarem nada, então, a única coisa que têm é a confissão.

— E é suficiente?

— Oh, sim.

— Não acredito nisto. Quinn não é estúpido. Ele nunca concordaria com um interrogatório.

— Ele já matou alguém antes?

— Que eu saiba, não. Temos outras pessoas para fazer esse tipo de coisas.

— Por que fugiu da prisão?

— Já esteve preso?

— Não.

— Eu também não, mas conheço muita gente que já cumpriu pena. Todo mundo quer sair.

— Presumo que sim — disse Shiver. — Ouviu falar de um homem chamado Malcolm Bannister?

— Não.

— Quinn diz que cumpriram pena juntos em Frostburg e que ele está por trás das acusações; diz que ele e Bannister eram amigos e que conversavam bastante sobre o juiz Fawcett e o seu trabalho sujo. Ele está realmente ressentido com Bannister.

— Quando posso ver o meu irmão?

— Não antes de domingo, no horário regular de visitas. Vou voltar à prisão esta tarde com uma cópia da acusação. Posso transmitir-lhe as mensagens que quiser.

— Claro, diga-lhe para se manter de boca fechada.

— Receio que já seja tarde demais para isso.

capítulo 20

Os detalhes são vagos e é pouco provável que venham a tornar-se mais claros. Pat Surhoff está disposto a contar que a clínica faz parte do hospital do exército em Fort Carson, mas isso seria difícil de negar. Disse-me cuidadosamente que a clínica se especializa em ARA — alterações radicais de aspecto — e é usada por várias agências do governo federal. Os cirurgiões plásticos são dos melhores e já trabalharam em muitos outros rostos que provavelmente seriam alvejados se não tivessem sido radicalmente modificados. Pressionei-o, só para o ver a debater-se, mas ele não divulgou mais nada. Depois da minha cirurgia, ficarei a convalescer na clínica durante dois meses antes de continuar no meu caminho.

A minha primeira consulta é com uma terapeuta qualquer que se quer certificar de que estou preparado para a assustadora experiência de mudar não apenas o meu nome mas também o meu rosto. Ela é agradável e atenciosa, e convencia com facilidade de que estou ansioso por avançar.

A segunda consulta é com dois médicos, ambos homens, e uma enfermeira. A mulher é necessária para fornecer a perspetiva feminina do aspecto final. Não demorei muito tempo para perceber que eram muito bons no que faziam. Recorrendo a software sofisticado, conseguiam pegar meu rosto e fazer praticamente qualquer mudança. Os olhos são cruciais, disseram mais de uma vez. Mudamos os olhos e todo o resto muda. Afina-se um pouco o nariz. Não se mexe na boca. Algum Botox nas maçãs do rosto deve ficar bem. Definitivamente, raspar o cabelo e deixá-lo sempre raspado. Manipulamos e retocamos o rosto novo de Max Baldwin durante quase duas horas.

Nas mãos de cirurgiões menos experientes, aquilo podia ser uma experiência tenebrosa. Durante os últimos vinte e cinco anos, ou seja, toda a minha vida adulta, tive basicamente o mesmo aspecto; o rosto moldado pela genética, envelhecido pelos anos e, felizmente, sem quaisquer marcas ou ferimentos. E um bom rosto, forte, que me serviu bem, e ver-me assim livre dele, para sempre, não é um passo pequeno de se dar. Os meus novos amigos dizem que não há necessidade de mudar nada, basta melhorar algumas coisas. Um corte aqui, um ponto ali, estica-se e endireita-se um pouco e, *voilà*, uma nova versão que é tão bonita como a antiga, mas bastante mais segura. Assegurei-lhes que estava muito mais preocupado com a segurança do que com a vaidade e eles concordaram rapidamente comigo. Já ouviram isto antes. Não pude deixar de imaginar

quantos informantes, delatores e espiões já lhes passaram pelas mãos. A avaliar pela equipe de trabalho, devem ter sido centenas.

À medida que meu aspecto ganha vida na grande tela do computador, falamos seriamente sobre acessórios, e os três pareceram ficar genuinamente entusiasmados quando colocaram um par de óculos de armação de tartaruga no rosto de Max.

— É isso! — exclamou a enfermeira entusiasticamente, e tenho que admitir que assim Max parece muito mais elegante e moderno.

Passamos meia hora discutindo bigodes de vários tipos, antes de colocarmos a ideia definitivamente de lado. Ficamos empatados 2-2 quanto à barba, e teríamos que esperar para ver. Prometi não fazer a barba durante uma semana para podermos avaliar melhor.

Devido à gravidade do que estamos fazendo, a minha pequena equipe não tem pressa. Passamos a manhã inteira a redesenhar Max e, quando todos estavam satisfeitos, imprimiram uma imagem em alta definição com o meu novo visual. Levei-a comigo para o quarto e colei-a na parede. Uma enfermeira observou-a e disse que gostava. Eu também gostava dela, mas era casada e não me deu confiança. Se ela soubesse.

Passei a tarde lendo e passeando pelas áreas não circunscritas da base. Era muito parecido com o que fazia para matar tempo em Frostburg, um lugar afastado tanto em distância quanto em memórias.

Voltava sempre para o meu quarto, para a foto na parede: uma cabeça esguia, o nariz ligeiramente afilado, o queixo suavemente melhorado, maçãs do rosto mais ténues, sem rugas, e os olhos de uma pessoa diferente. O inchaço próprio da meia-idade desapareceu. As pálpebras não eram tão grandes. Mas, mais importante, Max olhava através de um par de óculos redondos de marca e parecia moderno como o caraças.

Estava partindo do princípio de que seria assim tão fácil, que os médicos conseguiriam produzir um rosto exatamente igual ao Max que estava na parede. Porém, mesmo que ficassem apenas lá perto, eu já ficaria satisfeito. Ninguém reconheceria a sua nova criação e isso era o mais importante. Eu estava envolvido demais para conseguir avaliar se parecia mais bonito antes ou depois, mas a verdade era que ia ficar suficientemente bem. A segurança era realmente mais importante do que a vaidade.

Às sete horas da manhã seguinte, prepararam-me e levaram-me para uma pequena sala de cirurgia. O anestesista percorreu a sua pequena rotina e eu flutuei alegremente para longe.

De acordo com os médicos, a operação durou cinco horas e foi um grande sucesso. Não tinham como saber ao certo, porque a minha cara estava enfaixada

como a de uma múmia. Seriam necessárias várias semanas para o inchaço desaparecer e as novas feições sobressaírem.

Quatro dias depois de ter sido acusado, Quinn Rucker fez a sua primeira aparição em tribunal. Para a ocasião, deixaram-no vestido com o macacão cor de laranja que usava desde que tinha ido para a prisão de Roanoke. Foi algemado, prenderam-lhe as mãos a uma corrente à cintura e colocaram-lhe correntes nos tornozelos. Vestiram-lhe um colete à prova de bala, preso aos ombros e à cintura, e foi escoltado por não menos do que uma dúzia de guardas fortemente armados, agentes e delegados, desde a prisão até um Chevrolet Suburban blindado.

Na sala de audiências, os jornalistas e curiosos encheram os lugares muito antes da hora prevista de chegada de Rucker, às dez da manhã. A sua detenção e acusação eram o grande assunto do momento, sem um assassinato em massa ou o divórcio de uma celebridade para lhe roubar o protagonismo. Fora da sala de audiências, tiraram-lhe as correntes e o colete, e Quinn entrou sem algemas. Como era o único interveniente de macacão cor de laranja, e praticamente o único negro presente na sala, Quinn parecia claramente culpado. Sentou-se a uma mesa com Dusty Shiver e um dos seus associados. Do outro lado, Stanley Mumphrey e a sua brigada de assistentes empurravam pastas de um lado para o outro com um ar de grande importância, como se estivessem a preparar-se para discursar perante a Suprema Corte.

Por respeito pelo colega assassinado, os restantes onze juízes do Distrito Sul tinham recusado presidir ao caso. A primeira audiência seria feita em frente a Ken Konover, do Ministério Público, que faria as vezes de juiz. Konover tomou o seu lugar e pediu ordem na sala. Percorreu alguns preliminares e depois perguntou se o acusado tinha lido a acusação.

— Leu, sim — respondeu Dusty —, e prescindimos de uma leitura formal.

— Obrigado — respondeu Konover.

Sentado na primeira fila atrás da defesa, estava Dee Ray, como sempre muito bem vestido e obviamente preocupado.

— O acusado deseja declarar a sua posição neste momento? perguntou Konover.

Aceitando a deixa, Dusty se levantou e acenou para o cliente, que também se ergueu e disse, embaraçado: — Sim. Inocente.

— Muito bem, é registrada a pretensão de inocência do acusado.

Dusty e Quinn se sentaram.

— Tenho aqui uma moção para estabelecer uma fiança, Mr. Shiver — disse Konover. — Deseja ser ouvido a este respeito? O seu tom de voz deixava bem claro que nada do que Dusty pudesse dizer iria convencer o tribunal a estabelecer uma fiança razoável, se é que estabeleceria alguma.

Pressentindo o inevitável e sem querer passar vergonha, Dusty respondeu.

— Não, meritíssimo, a moção fala por si.

— Mr. Mumphrey?

Stanley levantou-se e caminhou até o pódio. Pigarreou e disse: — Meritíssimo, ele foi acusado do homicídio de um juiz federal. O Ministério Público defende fortemente que continue detido sem direito a fiança.

— Concordo — disse Konover rapidamente. — Mais alguma coisa, Mr. Mumphrey?

— Não, meritíssimo; por enquanto, não.

— Mr. Shiver?

— Não, meritíssimo.

— O acusado ficará sob custódia dos U.S. Marshals.

Konover bateu com o martelo, levantou-se e deixou a sala.

A primeira audiência durou menos de dez minutos.



Dee Ray estava em Roanoke há três dias e já se cansara daquele lugar. Recorreu a Dusty Shiver, que recorreu a um amigo que tinha na prisão, e conseguiu rapidamente encontrar-se com o acusado. Uma vez que as visitas da família tinham lugar apenas ao fim de semana, aquela visita não seria registrada e teria lugar numa sala usada para testar condutores embriagados e medir o nível de alcoolemia no sangue. Não seria feita nenhuma gravação da visita. Os irmãos não suspeitavam que alguém estivesse ouvindo. Mas o FBI gravou a conversa de ambos, sendo que uma parte dela foi como segue:

QUINN: Estou aqui por causa de Malcolm Bannister, Dee, está entendendo o que estou dizendo?

DEE RAY: Estou, estou, e tratamos dele mais tarde. Agora quero é que me diga o que aconteceu.

QUINN: Não aconteceu nada. Não matei ninguém. Eles me enganaram para me fazer confessar, como já disse. Quero que façam alguma coisa com Bannister.

DEE RAY: Ele está na prisão, certo?

QUINN: Provavelmente, não. Conhecendo-o como conheço, o mais certo é

ter usado a Regra 35 para sair.

DEE RAY: Regra 35?

QUINN: Todos os internos conhecem a Regra 35. Agora, não é importante. Ele está aqui fora e precisa ser encontrado.

Seguiu-se uma longa pausa.

DEE RAY: Muito tempo, muito dinheiro.

QUINN: Escuta, irmãozinho, não me fale de tempo. Os caras do FBI não têm nada que me incrimine, nada. Isso não quer dizer que não possam me ferrar. Se isso for a julgamento daqui a um ano ou coisa parecida, Bannister pode vir a ser a testemunha principal, está entendendo?

DEE RAY: E ele vai dizer o quê?

QUINN: Vai dizer o que for preciso, pouco lhe importa. Ele está fora, mano, fez um acordo com eles. Vai dizer que falamos do juiz Fawcett na prisão, é isso que vai dizer.

DEE RAY: E falaram?

Mais uma longa pausa.

QUINN: Sim, falávamos dele o tempo todo. Sabíamos que ele aceitava luvas.

Pausa.

QUINN: Você tem que pegar Bannister, Dee Ray. Está bem?

DEE RAY: Sim. Me deixa falar com Tall Man.

capítulo 21

Três semanas depois da cirurgia e já ando a trepar pelas paredes. As ligaduras foram retiradas e os pontos já desapareceram, mas o inchaço está a demorar uma eternidade a sarar. Olho para o espelho cem vezes por dia, à espera que as coisas melhorem, à espera que Max surja por baixo de todas as nódoas negras e edemas. A minha equipe cirúrgica visita-me constantemente para me dizer como estou com bom aspecto, mas já estou farto desta gente. Não posso mastigar, não posso comer, não posso caminhar durante mais de cinco minutos e, por isso, passo a maior parte do tempo numa cadeira de rodas. Os movimentos têm de ser lentos e calculados; senão, posso estragar algum do delicado trabalho feito no rosto de Max Reed Baldwin. Conto os dias e penso frequentemente que estou de volta à prisão. As semanas passam, e o inchaço e as nódoas negras vão desaparecendo lentamente.

Será possível estar-se apaixonado por uma mulher em quem nunca se tocou? Convenci-me de que a resposta é sim. O nome dela é Vanessa Young e conhecia em Frostburg, na sala de visitas, numa manhã fria de um sábado de inverno. Não devia dizer que a conheci, mas que a vi pela primeira vez. Ela estava lá a visitar o irmão, um tipo que eu conhecia e de quem gostava. Encontramo-nos mais tarde, durante outra visita, mas não nos pudemos tocar. Escrevi-lhe cartas e ela escreveu-me algumas, mas tornou-se dolorosamente óbvio, pelo menos para mim, que a paixão que sentia por Vanessa não era propriamente correspondida.

Nem posso começar a pensar nas horas que investi em fantasias com aquela mulher.

Nos últimos dois anos, as nossas vidas mudaram drasticamente e agora, sentia-me com mais coragem para procurá-la. Meu novo melhor amigo, Pat Surhoff, informou-me que enquanto estiver em Fort Carson não posso escrever nem receber cartas, mas mesmo assim escrevi para ele. Trabalhei na carta durante dias, compondo, editando, matando tempo. Abri o coração para Vanessa, praticamente implorando que me visitasse. Vou encontrar uma maneira de colocá-la no correio mais tarde.

Surhoff voltou para me buscar. Saímos de Fort Carson às pressas e dirigimos até Denver, onde entrei num voo direto para Atlanta. Levava um boné de basebol e grandes óculos de sol e não recebi um único olhar curioso. Queixei-me dos lugares que nos arranjaram; íamos sentados um ao lado do outro em executiva, não na primeira classe. Pat diz que o Congresso está a reduzir o orçamento em

todo o lado. Depois de um reconfortante almoço de passas secas e Coca-Cola, começamos a trabalhar. Pat abriu uma pequena e maravilhosa pasta com todo o tipo de coisas boas: um despacho do tribunal da Virginia a mudar o meu nome para Max Reed Baldwin; um cartão novo da Segurança Social no mesmo nome; uma certidão de nascimento a provar que nasci em Memphis, filho de uns pais de quem nunca ouvi falar; e uma carta de condução da Florida com a fotografia computorizada falsa que os médicos e eu compusemos antes da cirurgia. Parece tão real, que nem eu conseguiria dizer que era falsa. Pat disse que dentro de mais ou menos um mês receberia outra, quando o meu rosto estabilizasse finalmente. O mesmo acontecia com o passaporte. Preenchemos formulários para os cartões Visa e American Express. Por sugestão dele, tinha andado a praticar uma nova caligrafia, que se parece com gatafunhos, mas que não é muito pior do que a anterior. Max assinou um contrato de arrendamento por seis meses de um apartamento TO em Neptune Beach, a alguns quilômetros de Jacksonville, e preencheu os papéis para abrir uma conta no SunCoast Bank.

Pat disse que há uma dependência do banco a três quarteirões do apartamento. Os 150 mil dólares da recompensa seriam transferidos para a conta assim que esta estivesse ativa, e a partir daí podia fazer com eles o que quisesse. Uma vez que vou ficar com tanto dinheiro, os serviços federais partiam do princípio de que não precisaria de muito da sua parte. Não podia realmente contestar isso. Pat disse que as Finanças prescindiriam dos impostos relativos ao dinheiro da recompensa e deu-me o nome de um contabilista que conhece o código das Finanças e o dos *marshals*, seja lá qual for. Entregou-me um envelope com três mil dólares em dinheiro e disse que devia ser o suficiente para começar a instalar-me. Falamos dos prós e contras de comprar um carro a prestações ou a pronto, e Pat explica que comprar a prestações é mais fácil e ajuda a construir uma boa avaliação para crédito.

Entregou-me um resumo de duas páginas sobre a vida de Max Baldwin que parece um obituário. Pais, irmãos, educação, passado profissional, e fiquei intrigado por descobrir que passei a maior parte da vida em Seattle, que sou divorciado duas vezes e não tenho filhos. Estou a mudar-me para a Florida porque é o mais afastado da mulher número dois que consegui encontrar. É importante que memorize esta história fictícia e me mantenha fiel ao roteiro. Tenho um histórico de empregos (sempre com agências governamentais) e uma linha de crédito.

Quanto à questão do emprego, tenho duas opções. A primeira é como agente de aquisições do Posto Naval de Mayport, a poucos quilômetros de Neptune Beach, com um salário inicial de 48 mil dólares por ano e dois meses de estágio necessários. A segunda é como gestor de conta na Administração de Veteranos,

também com 48 mil dólares por ano. O melhor seria se aceitasse um emprego federal, pelo menos nos primeiros anos. No entanto, reforça Pat pela décima vez, a minha vida agora pertence-me e posso fazer o que quiser. Os únicos limites são os ditados pelo meu passado.

Quando comecei a sentir-me um pouco assoberbado, ele leva a mão à pasta e tira os brinquedos. O primeiro era um iPad da Apple, cortesia do governo, já registrado no nome de Max. Enquanto bibliotecário, Malcolm tinha acesso a computadores (mas não à Internet).

e esforcei-me muito para manter as minhas capacidades tão atualizadas quanto possível. Mas aquela engenhoca deixou-me de boca aberta. Passamos uma hora inteira numa aula intensa. Quando já estava cansado, ele pegou um iPhone. Era o dele, não o meu, porque eu teria de escolher uma operadora e comprar o meu próprio telefone, mas mostrou-me como funcionava o seu maravilhoso aparelho. O voo chegou ao fim antes de acabarmos.

Encontrei uma loja de informática no aeroporto de Atlanta e passei uma hora a pesquisar os novos aparelhos. A tecnologia seria a chave da minha sobrevivência e eu estava determinado a atualizar-me. Antes de partirmos de Atlanta, enviei a carta a Vanessa Young. Sem endereço do remetente.

Aterramos em Jacksonville à noite, alugamos um carro e andamos durante trinta minutos em direção às praias a leste da cidade. Atlantic Beach, Neptune Beach, Jacksonville Beach, não se consegue perceber onde uma acaba, e a outra começa. É uma zona agradável com centenas de pequenas casas, algumas habitadas, outras para alugar; vários pequenos hotéis e condomínios modernos em frente ao mar. As passas do almoço há muito que tinham desaparecido e estávamos cheios de fome. Encontramos um restaurante de marisco num centro comercial a céu aberto, a um quarteirão da água, e devoramos ostras e camarão. A clientela ao balcão era jovem, muitas garotas bonitas e pernas bronzeadas, e não pude deixar de olhar. até o momento, só tinha visto brancos e questionei-me se me destacaria muito entre eles. A área metropolitana da Jacksonville tinha um milhão de habitantes e dezoito por cento eram negros, e Pat não acha que a minha etnia venha a ser um problema. Tentei explicar o que é ser negro num mundo de brancos, mas percebi, mais uma vez, que há coisas que não se conseguem explicar completamente num jantar, se é que alguma vez é possível explicá-las.

Mudei de assunto e fiz algumas perguntas sobre o Programa de Segurança para Testemunhas. Pat está colocado na Virginia e em breve regressará a casa. Será outro Marshal a ficar como meu contato, meu supervisor, e esta pessoa não tentará de forma alguma manter-me sob vigilância. Ele, ou ela, estará sempre por perto caso surja algum problema, ou complicação. Tipicamente, o meu

supervisor terá outras “pessoas” para monitorar.

Se houver algum indício de que algo está indo mal, serei transferido de imediato para outra localização, mas isso raramente acontece, assegurou-me Pat.

O que seria necessário para os bandidos me apanharem? Pat diz que não sabe, porque nunca aconteceu. Pressionei-o: — Mas certamente já teve de recolocar algumas pessoas.

— Nunca estive envolvido em nenhuma recolocação, mas, sim, já aconteceu. Que eu saiba, e há dez anos que lido com informantes, nunca houve uma ameaça séria contra nenhum deles. Mas já ouvi histórias de dois, talvez três, que se convenceram de que tinham sido descobertos. Queriam mudar-se, por isso intendemos e eles desapareceram outra vez.

Por motivos óbvios, nem a biblioteca de direito nem a geralista de Frostburg tinham livros sobre proteção de testemunhas, e meu conhecimento era limitado. Mas sabia que o programa não era perfeito.

— Então, nunca houve problema nenhum? É difícil de acreditar.

— Eu não disse que era perfeito. Há uma grande história de uns trinta anos atrás, uma lenda no nosso trabalho. Tínhamos um grande informante da Máfia que denunciou a família e derrubou alguns dos chefões, uma das maiores detenções da história do FBI. Este tipo tinha um alvo pintado nas costas tão grande que podiam acertar-lhe de olhos fechados. Levamo-lo para as profundezas do sistema, enterramo-lo bem e passaram-se alguns anos. Era inspetor dos correios numa cidade de cinquenta mil habitantes, tinha um disfarce perfeito, só que o homem era um bandido, certo? Era um trapaceiro nato e foi-lhe impossível manter-se num negócio limpo. Abriu um concessionário de carros usados, depois outro. Meteu-se no negócio dos penhores, começou a receptar coisas roubadas e acabou por entrar no tráfico de marijuana. Nós sabíamos quem ele era, mas o FBI não. Quando foi acusado, chamou o supervisor para tirá-lo da cadeia. O supervisor recorreu ao chefe, assim como todo mundo hierarquia acima, até o diretor do FBI. Foi o diabo. Houve empregos ameaçados, acordos firmados, juízes envolvidos, e acabaram por conseguir retirar todas as acusações. Mas por pouco. Por isso, não comece a lavar dinheiro outra vez.

Ele achou que o último comentário era engraçado.

— Eu nunca lavei dinheiro — respondi sem sorrir.

— Desculpe.

Acabamos a sobremesa e fomos para a minha nova casa. Era no sétimo piso de uma torre, uma de quatro alinhadas em frente à praia, com campos de tênis e piscinas espalhadas pelo jardim da frente. Pat explicou que a maior parte dos apartamentos era para alugar, mas alguns tinham residentes permanentes. Ficaria ali durante seis meses, depois era comigo. O apartamento já estava mobiliado e

consistia num quarto e numa cozinha-sala, com um bom sofá e cadeiras; não era nada luxuoso, mas também não era rasca. Depois de Pat se ir embora, fui para a pequena varanda e olhei para a lua a brilhar por cima do mar. Inspirei o ar salgado e escutei as ondas a quebrar na areia.

A liberdade era maravilhosa e indescritível.

Esqueci de fechar as cortinas e acordei com o sol ofuscante. Era a minha primeira manhã como pessoa verdadeiramente livre e não vigiada e mal podia esperar por sentir os pés na areia. Havia alguns madrugadores na praia e apressei-me a ir até lá abaixo, com o rosto parcialmente escondido atrás dos óculos e do boné. Ninguém reparou em mim; ninguém queria saber. As pessoas que passeavam sem destino de um lado para o outro nas praias estavam perdidas nos seus próprios mundos e eu deixei-me perder rapidamente no meu. Não tinha família, emprego, responsabilidades, nem passado. Max estava a começar uma vida nova em folha.

Pat Surhoff apareceu ao meio-dia e comemos sanduíches no almoço. Depois levou-me até o Posto Naval de Mayport, onde tinha uma consulta marcada com um médico que conhecia o código. Os resultados da cirurgia estavam a progredir muito bem, sem quaisquer complicações. Regressaria dali a duas semanas para um segundo exame.

A seguir, fomos à agência do SunCoast Bank perto do apartamento e, à medida que nos aproximávamos, Pat me preparou para o que se seguiria. Não entraria comigo, porque era importante que eu abrisse a conta sozinho.

Ninguém no banco conhecia o código; ali, era tudo feito às claras. Por enquanto, Max Baldwin está aposentado, não trabalha e pensa em se mudar para a área. Quer abrir uma conta normal, sem complicações, e vai entregar mil dólares em dinheiro para o depósito inicial. Depois, voltará para as instruções de transferência do dinheiro. No banco, fui recebido pela adorável Gretchen Hiler, uma loura oxigenada de quarenta e poucos anos que passava tempo demais ao sol. Tinha uma pequena mesa num cubículo e não usava aliança de casamento. Ela não tinha como saber que era a primeira mulher com quem eu estava verdadeiramente sozinho em mais de cinco anos. Por muito que me esforçasse, não consegui impedir alguns pensamentos menos próprios. Ou talvez fossem simplesmente naturais. Gretchen era uma tagarela e, naquele momento, eu também. Tratamos da papelada rapidamente, eu dando orgulhosamente um endereço verdadeiro. Entreguei os mil dólares. Ela deu-me alguns cheques temporários e prometeu que depois me enviaria mais pelo correio. Quando tudo estava tratado, continuamos a conversar. Ela entregou-me um cartão pessoal e disse que estava disponível para ajudar no que fosse preciso. Prometi que lhe ligava quando comprasse um celular; o banco precisava de um número de

telefone. Quase a convidei para sair, principalmente porque estava convencido de que ela diria que sim, mas, sensatamente, não o fiz. Haveria muito tempo para isso depois, quando estivesse mais confortável e, esperançosamente, o meu rosto fosse mais fácil de encarar.

Pedi Dionne em casamento quando tinha vinte e quatro anos e, desde esse momento até o dia em que fui condenado, nunca lhe fui infiel. Houve uma altura em que quase aconteceu, com a mulher de um conhecido, mas ambos percebemos a tempo que as coisas iam acabar mal. Enquanto advogado de uma cidade pequena, já tinha visto muitos divórcios e sentia-me constantemente espantado com as maneiras terríveis como homens e mulheres davam cabo das suas vidas e famílias simplesmente porque não conseguiam resistir à tentação. Primeiro era uma rapidinha, depois um caso sem importância, depois algo mais sério e, antes de se darem conta, já estavam em tribunal a serem enxovalhados, a ficarem sem os filhos e sem o dinheiro. A verdade era que adorava a minha mulher e tinha todo o sexo que queria em casa. A outra parte da verdade é que nunca me considerei um mulherengo.

Antes de Dionne, tive outras namoradas e diverti-me nos meus tempos de solteiro, mas nunca saltitei de uma para outra. Agora, com quarenta e três anos e solteiro, tinha o palpite de que havia muitas mulheres mais ou menos da minha idade que procuravam companhia. Conseguia sentir o impulso, mas ao mesmo tempo sabia que todos os movimentos deviam ser calculados.

Quando saí do banco, senti uma sensação de dever cumprido.

Tinha acabado de concluir a primeira missão da minha existência secreta. Pat estava à espera no carro e, quando entrei, perguntou: — Então?

— Sem problema.

— Demorou tanto... Por quê?

— A gerente da conta é uma garota bonita e estava se jogando para mim.

— E isso sempre foi um problema?

— Não diria que é um problema, mas, sim, as mulheres se sentem atraídas por mim. Sempre tive que enxotá-las com um pau.

— Continue a enxotá-las. As mulheres já foram a ruína de muitos homens.

— Então, é perito em mulheres?

— Nem um pouco. Aonde vamos agora?

— Às compras. Preciso de roupas decentes.

Encontramos uma loja de roupa masculina e gastei oitocentos dólares a completar o meu guarda-roupa. Mais uma vez, Pat ficou no carro. Concordamos que dois homens, ambos na casa dos quarenta, um branco, o outro negro, fazendo compras juntos podia fazer erguer alguns sobrolhos. O meu objetivo era fazer erguer o menos número de sobrolhos possível. A seguir, ele deixou-me

numa loja de celulares onde abri uma conta e comprei um iPhone. Com o telefone no bolso, senti-me finalmente um verdadeiro americano, ligado ao mundo.

Passamos os dois dias seguintes a tratar de alguns pormenores e a instalar completamente Max.

Passei meu primeiro cheque numa locadora de automóveis e saí de lá num Audi A4 conversível, usado, que seria meu nos próximos doze meses por quatrocentos dólares por mês, incluindo seguro. Agora que já tinha como me deslocar e que Pat e eu concordávamos já estar cansados um do outro, ele começou a falar em ir embora. Eu estava pronto para minha independência e ele estava pronto para ir para casa.

Voltei a visitar Gretchen para verificar as instruções de transferência do banco e expliquei-lhe que estava a caminho uma quantia substancial de dinheiro. Pat mexeu os cordelinhos com os seus superiores e o dinheiro da recompensa foi transferido de uma conta qualquer para a minha conta do SunCoast. Parti do princípio de que todas as pessoas envolvidas na transferência do dinheiro tomaram as precauções habituais.

Não tinha como saber que a transferência estava sendo observada.

capítulo 22

A moção de Dusty Shiver para excluir a confissão de Quinn não foi de todo inesperada. Era uma moção longa, bem escrita, bem fundamentada e acompanhada de uma declaração de trinta páginas assinada por Quinn Rucker na qual se retratava da confissão. Três dias depois de ser submetida, Victor Westlake e dois dos seus agentes encontraram-se com Stanley Mumphrey e dois dos seus assistentes. O objetivo era examinar a moção e preparar respostas para a rebater. Nem Mumphrey nem qualquer outra pessoa no seu escritório sabia das táticas de interrogatório usadas pelos agentes Pankovits e Delocke, assim como também não sabiam que Westlake e quatro de seus homens tinham assistido à maratona de dez horas através do sistema de imagens em circuito fechado e que possuíam uma gravação de tudo. Essa informação nunca seria revelada ao procurador; assim, nunca seria do conhecimento da defesa, do juiz ou de qualquer outra pessoa.

Stanley tinha sido inteiramente informado pelos seus tenentes e assumiu o controle da reunião. Começou por dizer: — O primeiro assunto a tratar, e o mais importante, é a alegação de que o acusado quis falar com um advogado.

Westlake acenou com a cabeça para um agente que pegou alguns papéis.

— Temos conosco duas declarações assinadas pelos agentes Pankovits e Delocke, os nossos dois interrogadores, onde respondem a essas alegações — disse ele. — Como podem ver, dizem que o acusado mencionou o advogado uma ou duas vezes.

Mas nunca exigiu especificamente a sua presença. Nunca quis parar com o interrogatório. Queria falar.

Stanley e os seus homens passaram os olhos pelas declarações. Alguns minutos depois, Stanley disse: — Muito bem, ponto número dois. O acusado afirma que foi repetidamente ameaçado com a pena de morte por parte dos dois agentes. Se isto for verdade, é claro que será considerada uma conduta absolutamente imprópria e o mais certo é comprometer a confissão.

Westlake respondeu enquanto abanava a cabeça.

— Olhe para o fim da página sete, em ambas as declarações. Os agentes declaram, sob juramento, que não fizeram quaisquer ameaças. Eles são interrogadores experientes, Stan, e conhecem as regras melhor do que qualquer outra pessoa.

Stanley e os seus homens passaram à página sete e leram o texto. Não

obstante o que Quinn afirmava na sua declaração, estavam ali dois agentes do FBI dispostos a contar o que realmente tinha acontecido.

— Parece-me bem — disse Stanley. — O terceiro ponto é que os agentes prometeram que o acusado não seria julgado por homicídio.

— Página nove — disse Westlake. — Os nossos agentes sabem bem que não têm autoridade para fazer acordos. Só o procurador-geral o pode fazer. Francamente, considero-a uma alegação ridícula. O Rucker é um patife de carreira. Já devia saber que quem faz os acordos são os procuradores, não os policiais.

— Concordo — disse Stanley rapidamente. — A alegação seguinte é que os agentes do FBI ameaçaram acusar outros membros da família Rucker.

— Eles não dizem sempre a mesma coisa, Stan? Fazem uma confissão, livre e voluntariamente, depois mal conseguem esperar para a contradizer e afirmar que foram ameaçados. Você já viu isto muitas vezes. — Claro que Stan já vira isso muitas vezes, embora na verdade não fosse bem assim. Westlake continuou: — Embora deva dizer que talvez não fosse má ideia juntar os Rucker todos e espetar-lhes a agulha.

Os homens de Westlake riram. Os homens de Stanley também. Era uma verdadeira festa.

E quanto à alegação de que os interrogadores foram abusivos e pressionaram o suspeito para lá do limite da exaustão?

Aqui está a verdade, Stan — respondeu Westlake. — Os agentes perguntaram repetidamente a Rucker se ele queria parar e continuar mais tarde. Ele disse sempre que não, porque não queria passar a noite na prisão da central. Verificamos e a prisão estava cheia, superlotada. Eles informaram Rucker disto e ele não quis ir para lá.

Aquilo fazia perfeito sentido para Stanley.

— Muito bem — disse. — Os próximos três pontos precisam ser discutidos, mas não me parece que seja necessário dizer muito sobre eles na sua resposta. Há a alegação de que os agentes mentiram ao afirmarem ter um relatório de balística que ligava os crimes à Smith & Wesson confiscada ao acusado. Infelizmente, como sabemos, a balística excluiu esta arma.

— A mentira é permitida, principalmente num interrogatório tão importante como este, Stanley — disse Westlake, parecendo um velho professor.

— Eu percebo isso, mas satisfaça a minha curiosidade... os seus agentes mentiram mesmo sobre este assunto?

— Claro que não. Não, definitivamente não. Página doze das declarações.

— Também pensei que não. E quanto à alegação seguinte... a de que os seus agentes mentiram sobre a existência de uma pegada no local do crime que

condizia com as botas que foram apreendidas ao acusado?

— Não é verdade, Stan. Faz parte da imaginação de um advogado desesperado e do seu cliente culpado.

— Têm alguma pegada da bota?

Westlake olhou de relance para um dos seus agentes, como se houvesse por ali a impressão de uma pegada que por acaso tivesse sido esquecida. O agente abanou a cabeça.

— Não — admitiu Westlake. — Não há pegada de bota nenhuma.

— A seguir, temos a alegação de que os seus agentes mentiram em relação a algumas testemunhas oculares. A primeira viu, presumivelmente, o acusado na cidade de Ripplemead na mesma altura dos crimes. Há alguma verdade nisto?

Westlake mudou o peso do corpo de uma nádega para a outra e ofereceu-lhe um sorriso condescendente.

— Escute, Stan, não tenho certeza se tem noção do que é necessário fazer para conseguir quebrar um suspeito culpado. Há certos truques, sabe, e...

— Já percebi.

— E é preciso instilar medo, fazer com que o suspeito pense que temos muito mais contra ele do que na verdade temos.

— Não vi nenhum relatório da testemunha.

— Não viu nem vai ver. Ela não existe. — Nós estamos do mesmo lado, Vic. Eu só preciso saber a verdade para poder responder à moção, entende?

— Entendo.

— E a segunda testemunha, aquela que estava na loja perto da casa do lago? Também não existe, certo?

— Não.

— Os agentes usaram mais alguns truques que eu não saiba?

— Não — respondeu Westlake, mas ninguém naquela sala acreditou nele.

— Então, para resumir o nosso caso contra o Quinn Rucker, não temos testemunhas oculares, relatório da balística, pegada da bota, impressões digitais nem provas físicas de qualquer espécie, certo?

Westlake acenou levemente com a cabeça, mas não disse nada.

— Temos um acusado que estava na área de Roanoke depois dos crimes, mas não há provas de onde ele esteve antes disso, certo?

Mais um aceno.

— E o nosso acusado foi apanhado com mais dinheiro do que uma pessoa normalmente teria, bem mais, eu diria.

Westlake concordou.

— Mas, por outro lado, Mr. Rucker é um correio de droga confesso, vindo de uma família famosa por tráfico, por isso o dinheiro não seria um problema. —

Stanley guardou o bloco de apontamentos e esfregou as têmporas. — Senhores, temos uma confissão e mais nada. Se perdermos a confissão, Mr. Rucker se livra e não há julgamento para ninguém.

— Não podemos perder a confissão, Stan — disse Westlake. — É impensável que isso aconteça.

— Não tenho intenção de perdê-la, mas consigo imaginar o juiz reprovando o interrogatório. A sua duração incomoda-me, dez horas seguidas, durante toda a noite. Um suspeito obviamente exausto, que é um patife de primeira e que provavelmente desejaria chamar um advogado. Dois interrogadores veteranos que conhecem todos os truques. Isto pode ser arriscado demais.

Westlake ouviu-o com um sorriso e, depois de uma longa pausa, disse:

— Não podemos esquecer-nos da nossa testemunha principal, Stan. O Malcolm Bannister vai testemunhar sobre como o Quinn Rucker falava repetidamente em assassinar o juiz Fawcett. Ele queria vingança e queria o seu dinheiro de volta.

— É verdade, e o testemunho dele, mais a confissão, assegurarão a condenação. Mas, isolado, o testemunho dele não é suficiente.

— Não parece muito confiante, Stan.

— Muito pelo contrário. Trata-se do assassinato de um juiz federal. Não imagino outro juiz federal demonstrando a menor clemência com Quinn Rucker. Temos a confissão e Malcolm Bannister. Havemos de conseguir a condenação.

— Assim é que se fala.

— E, a propósito, onde anda nosso rapaz Bannister?

— Está são e salvo, bem escondido pelos U.S. Marshals.

— Onde?

— Desculpe, Stan. Mas há coisas de que não podemos falar. Não se preocupe. Quando precisarmos dele, ele estará aqui.

capítulo 23

A substituta de Pat Surhoff era Diana Tyler. Encontrei-me com eles para almoçar depois de uma longa manhã no hospital, onde fui observado e aconselhado a regressar dentro de um mês. Diana Tyler é uma senhora alta e bonita na casa dos cinquenta; tem cabelo curto, pouca maquiagem, um casaco azul-escuro e não usa aliança de casamento. É suficientemente simpática e faz o seu discurso enquanto come uma salada. Vive "na área" e trabalha com mais algumas pessoas que partilham a minha situação. Está disponível vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e gostaria de falar comigo por telefone pelo menos uma vez por semana. Compreende aquilo por que estou a passar e diz que é natural que esteja sempre olhando por cima do ombro. Mas com o tempo esses medos irão desaparecer e a minha vida vai tornar-se bastante normal. Se sair da cidade, e ambos reforçaram que é uma coisa que posso fazer sempre que quiser, ela gostaria de ter acesso aos detalhes da viagem com antecedência. Querem manter-me em segurança até bastante tempo depois de testemunhar contra Quinn Rucker e insistem em pintar um quadro da vida segura e agradável que terei um dia quando todos os obstáculos tiverem sido ultrapassados.

Mencionaram duas entrevistas de emprego e eu atirei-lhe uma bola curva ao dizer que não estava preparado para trabalhar já. Com dinheiro no banco e uma liberdade sem condicionantes, não estava mesmo pronto para começar uma nova carreira. Queria viajar um pouco, fazer algumas viagens longas de carro, quem sabe ir à Europa. Não há problema nenhum em viajar, ambos concordaram.

Mas o disfarce resulta melhor se eu tiver um emprego de verdade. Decidimos voltar ao assunto mais tarde. Isto leva-nos para uma conversa sobre o passaporte e uma carta de condução atualizada. Mais uma semana e o meu rosto já devia estar pronto para ser fotografado, e Diana prometeu que tratava da documentação.

Enquanto bebíamos café, entreguei a Pat uma carta para o meu pai. O endereço do remetente era o do estabelecimento prisional de Fort Wayne, no Indiana. Ele ia enviá-la para a prisão e alguém a enviaria depois para Henry Bannister, em Winchester, Virginia. Na carta, explicava ao velho Henry que tinha feito asneira em Frostburg e que me tinham enviado novamente para uma prisão normal. Estava na solitária e não podia receber visitas durante pelo menos três meses. Pedi-lhe para avisar a minha irmã, Ruby, na Califórnia, e o meu irmão Marcus, em D.C. Dizia-lhe também para não se preocupar; eu estava bem

e tinha já um plano para conseguir voltar a Frostburg.

Pat e eu despedimo-nos; agradeci-lhe por toda a sua simpatia e profissionalismo e ele desejou-me sorte. Assegurou-me que a minha nova vida seria recompensadora e segura. Não tinha bem certeza se podia acreditar naquilo, porque continuava olhando por cima do ombro. Tinha fortes suspeitas de que o FBI ainda me iria vigiar durante algum tempo, pelo menos até o dia em que Quinn Rucker fosse condenado e preso.

A verdade era que não podia dar-me ao luxo de confiar em ninguém, incluindo Pat Surhoff, Diana Tyler, os U.S. Marshals e o FBI. Há muitas sombras neste processo, sem falar nos malvados da fita. Se o governo queria me vigiar, não havia muito a fazer. Eles podiam obter mandados judiciais para bisbilhotar minha conta bancária, ouvir meus telefonemas, monitorar os gastos dos meus cartões de crédito e ver tudo o que fazia online. Tinha previsto todas essas coisas e meu desafio no futuro imediato era enganá-los sem que eles percebessem que estavam sendo enganados. Aceitar um daqueles dois empregos só lhes daria mais uma oportunidade de me espionar.

À tarde, abri outra conta no Atlantic Trust e transferi cinquenta mil dólares da conta do SunCoast. Depois fiz o mesmo num terceiro banco, o Jacksonville Savings. Em um dia ou dois, assim que os cheques fossem emitidos, vou começar a levantar dinheiro.

Enquanto passeava pela vizinhança com meu pequeno Audi, passava tanto tempo olhando o espelho quanto a estrada. Já era um hábito. Quando andava pela praia, observava todos os rostos que via. Quando entrava numa loja, arranjava imediatamente um lugar para me esconder e observava a porta por onde acabara de entrar. Nunca comia no mesmo restaurante duas vezes e arranjava sempre uma mesa com vista para o estacionamento. Usava o celular apenas para assuntos rotineiros e partia sempre do princípio de que alguém estava ouvindo. Comprei um notebook em dinheiro vivo, abri três contas no Gmail, e fazia minhas pesquisas em cibercafés através de seus servidores. Comecei a experimentar cartões de crédito pré-pagos que comprei num Walgreens. Instalei duas câmeras ocultas no meu apartamento, para o caso de alguém ir lá enquanto estava fora.

A paranoia era fundamental neste ponto. Convenci-me de que havia sempre alguém observando e escutando e, à medida que os dias passavam, caía mais profundamente no meu pequeno mundo de enganos. Ligava para Diana dia sim, dia não, para lhe dar as últimas notícias da minha vida cada vez mais mundana e ela não dava qualquer sinal de desconfiança. Por outro lado, também nunca o faria.



O nome do advogado é Murray Huggins e o seu pequeno anúncio nas Páginas Amarelas diz que é especializado em praticamente tudo. Divórcios, imóveis, falências, assuntos penais e por aí afora, mais ou menos a mesma rotina do “tudo o que vem à rede é peixe” que seguíamos na querida e velha Copeland, Reed & Bannister. O escritório dele não é longe do meu apartamento e basta um olhar para sugerir o estilo de escritório de praia, descontraído, de um cara que chega para trabalhar às nove e às três já está jogando golfe. Durante a nossa primeira consulta, Murray contou-me a sua história de vida. Teve muito sucesso numa grande firma de Tampa, mas aos cinquenta anos já estava esgotado e tentou aposentar-se.

Mudou-se para Atlantic Beach, divorciou-se, aborreceu-se e decidiu voltar à profissão. Agora, estava na casa dos sessenta, feliz com o seu pequeno escritório, onde investe algumas horas e escolhe a dedo os seus clientes.

Passamos à minha biografia e mantive-me quase inteiramente fiel ao roteiro. Um par de ex-mulheres em Seattle e tudo o mais. Adicionei a minha nova ideia de que era um argumentista principiante que estava fazendo os últimos retoques no seu primeiro roteiro. Com um pouco de sorte aqui e ali, o roteiro tinha sido aceito por uma pequena produtora que produzia documentários. Por vários motivos profissionais, precisava estabelecer um pequeno escritório na Flórida.

Por 2.500 dólares, Murray podia erigir algumas barreiras de proteção. Ia constituir uma SQ — Sociedade por Quotas — na Florida, com M. R. Baldwin como único proprietário. A SQ criaria depois uma corporação no Delaware com Murray como único associado e eu como único proprietário. A morada registrada seria a do seu escritório e o meu nome não apareceria em nenhum dos documentos da empresa.

— Faço isto muitas vezes — disse ele. — A Flórida atrai muita gente que quer recomeçar.

Se você o diz, Murray.

Eu podia fazê-lo sozinho online, mas é mais seguro através de um advogado. A confidencialidade é importante. Posso pagar a Murray para fazer as coisas sem levantar suspeitas por parte dos meus perseguidores e de maneira que eles não me possam localizar. Com a sua experiente orientação, a Skelter Films nasceu.

Dois meses e meio depois da detenção de Quinn Rucker e duas semanas

depois de me mudar para o meu apartamento à beira-mar, Diana informou-me numa certa manhã enquanto bebíamos um café que o FBI queria marcar uma reunião comigo. Havia várias razões para isso, sendo que a mais importante era que queriam atualizar-me sobre o caso e falar do julgamento. Queriam planejar meu testemunho. Tinha certeza de que também queriam observar atentamente o rosto de Max Baldwin, que, já agora, era uma versão melhorada de Malcolm Bannister.

O inchaço já tinha desaparecido. O nariz e o queixo estavam um pouco mais finos. Os olhos pareciam bastante mais jovens e os óculos redondos de tartaruga davam-me um ar de diretor de documentários muito moderno e inteligente. Barbeava-me uma vez por semana para ter sempre uma certa barba, com uma pequena quantidade de pelos grisalhos. O crânio raspado exigia lâmina dia sim, dia não. As maçãs do rosto estavam menos acentuadas, principalmente porque durante a convalescença tinha comido pouco e perdido peso. Planejava manter-me assim. No geral, não me parecia nada com a pessoa que era antes e, embora isso fosse por vezes perturbador, também era reconfortante.

A sugestão era que regressasse a Roanoke para me encontrar com Stanley Mumphrey e sua gangue, mas recusei terminantemente. Diana me garantiu que o FBI e o procurador não sabiam onde estava escondido e fiz de conta que acreditava nela. Não queria encontrar-me com eles na Florida. Depois de alguma negociação, decidimos encontrar-nos num hotel em Charleston, na Carolina do Sul. Diana reservou os bilhetes e saímos de Jacksonville no mesmo voo, embora bastante afastados um do outro.

Desde o instante em que entrei no saguão do hotel, sabia que estava sendo vigiado e provavelmente fotografado. O FBI estava ansioso por ver meu novo aspecto. Apanhei alguns olhares de relance, mas não parei. Depois de comer um sanduíche no quarto, encontrei Diana no corredor e fomos para uma suíte dois andares acima. Estava bem guardada por dois rapazes corpulentos de terno negro que pareciam prontos a disparar à menor provocação. Enquanto Marshal, Diana não tinha qualquer papel na acusação; por isso, ficou no exterior com os dois dobermans enquanto eu entrava para conhecer a gangue.

Stanley Mumphrey tinha três assistentes com ele e seus nomes se perderam no dilúvio de apresentações. O meu amigo, o agente Chris Hanski, estava de regresso, sem dúvida para me observar bem e ver as diferenças. Vinha com um camarada, cujo nome esqueci imediatamente. Enquanto nos sentávamos desconfortavelmente em redor de uma pequena mesa de reuniões, não pude deixar de reparar que entre a pilha de papéis estavam duas fotografias idênticas. Pertenciam a Malcolm Bannister e aqueles tipos estavam olhando para elas.

A seguir, olharam de boca aberta para Max. A transformação os

impressionou.

Uma vez que Hanski foi realmente o único que esteve comigo antes, foi ele a começar: — Tenho de dizer, Max: está com um ar mais novo e saudável; não sei bem se está mais bonito, mas no geral não foi uma mudança má. — O seu tom era jovial e aquilo servia supostamente para quebrar o gelo.

— Não imagina quanto isso significa para mim — disse eu com um sorriso falso.

Stanley segurou uma cópia da fotografia e disse: — É que nem anda lá perto, Max. Ninguém suspeitaria que você e o Malcolm são a mesma pessoa. É bastante impressionante.

Agora, estávamos todos na mesma equipe e portanto trocamos galhardetes como se fôssemos velhos amigos. Mas não havia grandes bases comuns, e a conversa começou a esmorecer.

— Já há data para o julgamento? — perguntei, alterando assim o ambiente da reunião.

— Sim — disse Stanley. — Dez de outubro, em Roanoke.

— Só faltam quatro meses — respondi. — Parece bem rápido.

— No Distrito Sul, somos bem eficientes — disse Stanley com presunção. — A média é de oito meses da acusação ao julgamento. Este caso tem um pouco mais de pressão por trás.

— Quem é o juiz?

— Sam Stillwater, que vem emprestado do Distrito Norte. Todos os colegas de Fawcett no sul se recusaram a julgar o caso.

— Falem do julgamento — pedi.

Stanley franziu a testa, como o resto do grupo.

— Pode ser bem curto, Max, não há muitas testemunhas nem muitas provas. Já determinamos que Rucker estava nas redondezas na hora dos crimes. Vamos provar que tinha uma grande quantidade de dinheiro quando o prendemos. Vamos enfatizar a acusação do sobrinho e a sentença do juiz Fawcett, para concluir que talvez tenha havido um elemento de vingança no crime.

Stanley fez uma pausa e não resisti a uma provocação: — Impressionante — disse, bancando o esperto.

— Sem dúvida. Depois temos a confissão, que a defesa já contestou. Temos uma audiência na semana que vem com o juiz Stillwater e esperamos ganhar e manter a confissão. Além disso, Max, a testemunha principal pode ser você.

— Já contei tudo o que sabia. Conhecem meu testemunho.

— Certo, certo, mas queremos voltar a revê-lo. Agora que conseguimos preencher algumas lacunas, vamos procurar a perfeição.

— Claro. Como está meu amigo Quinn?

— Não vai muito bem ultimamente. Não gosta da solitária, não gosta da comida, dos guardas, das regras. Diz que é inocente... que surpresa. Acho que sente falta da vida boa no clube do campo federal.

— Eu também. — Minhas palavras geraram uma ou duas gargalhadas.

— O advogado dele convenceu o juiz de que ele precisa de uma avaliação psiquiátrica. O médico diz que ele aguenta o julgamento, mas precisa de antidepressivos. Ele está bem melancólico e passa dias sem falar com ninguém.

— Parece o Quinn que conheci. Ele fala de mim?

— Oh, sim. E também não gosta de você. Suspeita que foi você o informante e que vai testemunhar contra ele no julgamento.

— Quando vão submeter a lista de testemunhas?

— Sessenta dias antes do julgamento.

— Já disseram ao advogado do Quinn que vou testemunhar?

— Não. Não divulgamos informação nenhuma até sermos obrigados a isso.

— É assim que me lembro de vocês — disse eu.

Esses caras esquecem que eu já estive do lado de lá de uma acusação federal, com agentes do FBI bisbilhotando cada detalhe da minha vida e um procurador do Ministério Público ameaçando prender não só a mim, mas aos meus dois sócios inocentes também. Eles pensavam que agora éramos amiguinhos, uma grande e feliz equipe caminhando lado a lado rumo a mais um veredicto justo. Se pudesse, espetaria uma faca nas costas deles e daria fim ao caso.

Eles — o governo federal — me roubaram cinco anos de vida, assim como meu filho, minha mulher e minha carreira.

Como se atreviam a estar ali sentados como se fôssemos parceiros de confiança?



Chegamos por fim ao meu testemunho e passamos duas horas a revê-lo. Aquilo já tinha sido feito antes e achei toda a tarefa entediante. O principal assistente de Mumphrey tinha um roteiro, uma lista de perguntas e respostas para eu estudar, e tive de admitir que era bem boa. Não tinham deixado nada de fora.

Tentei visualizar o cenário surreal do meu testemunho. Seria levado para a sala de audiências com uma máscara no rosto. Iria ficar sentado atrás de um painel ou um biombo de qualquer tipo para impedir que os advogados, o acusado e os espectadores vissem o meu rosto quando me retirassem a máscara. Vou

poder olhar para os jurados. Os advogados iriam então fazer as suas perguntas do outro lado da barreira e eu responderia, com a voz distorcida. Quinn, a sua família e os seus amigos rufiões iam estar na sala, esforçando-se para captar qualquer centelha de reconhecimento. Saberiam que era eu, claro, mas não iam conseguir ver o meu rosto.

Por muito infalível que pudesse parecer, duvidava seriamente que aquilo alguma vez acontecesse.

capítulo 24

Diana ligou para me dar a notícia de que já tem a minha habilitação da Flórida e meu novo passaporte. Encontramo-nos para tomar um café numa casa que vendia *waffles* e Diana entregou-me os documentos. Entreguei-lhe um itinerário com muitos espaços em branco.

— Vai fazer uma viagem, então? — perguntou, olhando para ele.

— Sim, mal posso esperar para experimentar meu novo passaporte. Vou passar as primeiras três noites em Miami, em South Beach, e começo hoje. Parto para o sul assim que meu copo de café ficar vazio. De lá, vou para a Jamaica durante uma semana, mais ou menos, depois para Antigua e talvez para Trinidad. Ligo em cada parada. Vou deixar meu carro no aeroporto de Miami, por isso pode dizer ao FBI exatamente onde ele está. E, a propósito, aproveite para pedir a eles, por favor, que me deixem em paz enquanto passeio pelo Caribe.

— Deixá-lo em paz? — perguntou ela, fingindo ignorância.

— Ouviu bem o que eu disse. Não vale a pena ficar com joguinhos, Diana. Posso não ser a testemunha com maior proteção do país, mas devo estar certamente na terceira posição. Há alguém me vigiando o tempo todo. Tem um cara, que chamo de Cabelo Escovinha, que já vi cinco vezes nas últimas duas semanas. Ele não é lá muito bom, por isso passe a informação ao FBI quando fizer seu relatório, por favor. Ele tem um metro e oitenta, oitenta quilos, óculos Ray-Ban, barbicha loura, dirige um Cooper e o cabelo é bem curto. Mesmo muito descuidado mesmo. Até fiquei surpreso.

E ela também. Manteve os olhos fixos no meu itinerário e não conseguiu pensar em nada para dizer. *Te peguei*.

Paguei o café e voltei à estrada, pela Interestadual 95 rumo sul durante 560 quilômetros. O tempo estava quente e úmido, o trânsito, denso e demorado, e adorei cada minuto daquela viagem. Parei frequentemente para reabastecer, para esticar as pernas e para observar os movimentos atrás de mim. Não estava à espera de encontrar ninguém. Uma vez que o FBI sabia para onde eu ia, não valia a pena mandarem-me seguir. Além de que presumia que havia um localizador com GPS brilhantemente escondido no meu carro. Sete horas depois, parei em frente ao Blue Moon Hotel, um dos muitos hotéis-boutique renovados no coração do Bairro Art Deco de South Beach. Tirei a pasta e um pequeno saco de viagem da mala do carro, entreguei as chaves a um paquete e entrei numa cena tirada do Miami Vice. As ventoinhas do teto giravam lentamente enquanto

os hóspedes bebiam e conversavam em cadeiras de vime branco.

— Quer fazer o *check-in*, *sir*? — perguntou uma garota bonita.

— Sim. Max Baldwin — respondi, e por algum motivo aquele foi um momento de orgulho para mim. Eu, o Magnífico Max, estava me afogando em mais liberdade do que conseguia aguentar naquele instante. Tinha muito dinheiro, documentos legítimos novos, um conversível que podia me levar a qualquer lugar — era quase esmagador. Mas voltei de súbito à vida quando uma morena alta e bronzeada passou pelo saguão. A parte de cima era pouco mais do que um biquíni e não cobria quase nada. A parte de baixo era uma saia transparente que cobria menos ainda.

Entreguei um cartão Visa para pagar as despesas. Também podia pagar em dinheiro ou com um dos cartões pré-pagos, mas uma vez que os federais sabiam onde eu estava não valia a pena ser esquivo. Tinha certeza de que o escritório de Miami já sabia da minha presença e o mais certo era já haver um par de olhos não muito longe dali. Se fosse realmente paranoico, acreditaria que o FBI já tinha estado no meu quarto e, talvez, escondido um ou dois microfones. Fui para o quarto, não vi microfones nem seguidores, tomei um banho rápido e vesti short e sandálias. Fui até o bar ver como iam as modas.

Comi sozinho no café do hotel e cruzei o olhar de uma mulher de quarenta e poucos anos que jantava acompanhada do que parecia ser uma amiga. Mais tarde, no bar, voltei a vê-la e apresentamo-nos. Chamava-se Eva, de Porto Rico. Estávamos tomando um copo quando a banda começou a tocar. Eva queria dançar e, embora se tivessem passado anos desde a última vez que o fiz, fui para a pista de dança com toda a minha energia.

Por volta da meia-noite, Eva e eu fomos para o meu quarto, onde nos despimos rapidamente e saltamos para a cama. Quase desejei que o FBI tivesse microfones no quarto que apanhassem os sons mais débeis. Se assim fosse, Eva e eu deixamo-los surdos.

Saí apressadamente do táxi na calçada da 8th Avenue, em *downtown* Miami. Eram 9h30 da manhã, já estava calor, e depois de alguns minutos caminhando apressadamente já tinha a camisa colada nas costas. Não sabia se estava sendo seguido, mas me curvei e me esquivei mesmo assim. O edifício era uma caixa quadrada de cinco andares, tão feio que é impossível acreditar que alguém tivesse pago a um arquiteto para desenhá-lo. De qualquer forma, duvidava que a maior parte dos arrendatários fossem empresas inovadoras. Uma dessas empresas chamava-se Corporação de Registo de Serviços — CRS, um nome tão insípido e inócuo, que nunca ninguém adivinharia o ramo de negócios a que a empresa se dedicava. E a maior parte das pessoas não ia querer saber.

A CRS era perfeitamente legítima, mas atraía muitos clientes que não o

eram. Tratava-se apenas de uma morada, um lugar de entregas, uma fachada, um serviço de atendimento telefônico que qualquer empresa podia contratar para aparentar alguma autenticidade. Uma vez que não tinha ligado com antecedência, passei uma hora à espera de um representante de conta. O nome dele era Loyd e acabou por me levar para um pequeno e atulhado escritório, onde me ofereceu uma cadeira, do outro lado do aterro que era sua mesa. Falamos durante alguns minutos enquanto ele observava o questionário que eu tinha preenchido.

— O que é a Skelter Films? — perguntou finalmente.

— É uma empresa de produção de documentários.

— Quem é o proprietário?

— Eu. Com sede em Delaware.

— Quantos filmes já fez?

— Nenhum. Estou começando.

— Qual é a probabilidade de a Skelter Films ainda estar em atividade daqui a dois anos?

— Remota.

Ele ouve essa conversa manhosa o tempo todo, portanto, não o afeta.

— Parece uma fachada.

— Acertou em cheio.

— Precisamos de uma declaração na qual prometa, sob juramento, que sua empresa não vai se envolver em atividades criminosas.

— Prometo que não vai.

Ele também já ouviu isso.

— Muito bem, trabalhamos da seguinte forma. Providenciamos à Skelter um endereço físico, aqui neste edifício. Quando recebermos correspondência reencaminhamos para onde determinar. Fornecemos um número de telefone e todas as ligações que receber serão atendidas por uma voz gravada que dirá o que bem entender. “Bom dia, Skelter Films, para onde devo transferir sua ligação?”, ou qualquer outra coisa. Tem sócios?

— Não.

— Funcionários, fictícios ou de outra natureza?

— Terei alguns nomes, todos fictícios.

— Sem problema. Se quem ligar disser um desses nomes, a gravação pode responder o que quiser. “Lamento, mas ele está filmando no exterior”, ou seja lá o que for. Escreva a ficção, colocamos em prática. Assim que recebermos uma ligação, notificamos. E quanto a uma página web?

Não tinha muita certeza disso e respondi: — Por enquanto, não. Quais são os prós?

Loyd mudou de posição na cadeira e apoiou-se nos cotovelos.

— Muito bem, digamos que a Skelter seja uma empresa legítima que vai fazer muitos documentários. Precisa de uma página na web pelos motivos habituais: marketing, informação, ego. Por outro lado, vamos fazer de conta que a Skelter é uma empresa legítima mas não no ramo do audiovisual. Talvez esteja apenas querendo dar essa ideia, seja lá por que motivo for. Uma página web é uma ótima maneira de reforçar essa ideia, uma espécie de distorção da realidade. Nada disso é ilegal, entenda. Mas pode criar uma página web com fotos de arquivo, biografias de funcionários, filmes que fez, prêmios que recebeu, projetos em curso, o que quiser.

— Quanto custa?

— Dez mil.

Não tinha certeza se queria ou precisava gastar aquele dinheiro, pelo menos naquele momento.

— Deixe-me pensar no assunto — disse, e Loyd encolheu os ombros. — Quanto pelos serviços de registro básicos?

— Endereço, telefone, fax e todos os serviços relacionados custam quinhentos dólares por mês, com pagamento adiantado de seis meses.

— Aceita dinheiro?

Loyd sorriu e disse: — Oh, sim. Até preferimos.

Não me surpreendeu. Dei-lhe o dinheiro, assinei um contrato, assinei a declaração em que prometia que minhas atividades seriam legais e saí do escritório. A CRS se gabava de ter novecentos clientes satisfeitos e, enquanto atravessava o saguão, não pude deixar de sentir que acabava de entrar numa espécie de submundo cheio de empresas fictícias, patifes sem rosto e estrangeiros que fugiam de impostos. Seja o que Deus quiser.



Depois de duas noites com Eva, ela queria que fosse para Porto Rico com ela. Prometi que pensaria no assunto, depois esgueirei-me do Blue Moon e guiei até o Aeroporto Internacional de Miami, onde estacionei no local reservado a quem ficaria longe muito tempo e fui de ônibus para o terminal. Peguei um cartão de crédito e meu novo passaporte e comprei um bilhete de ida para Montego Bay, na Air Jamaica. O avião estava cheio: metade jamaicanos de pele escura e a outra metade, turistas de pele clara, todos a caminho do sol. Antes de

decolarmos, as atenciosas comissárias de bordo serviram ponche com rum. O voo demorou quarenta e cinco minutos. Já no chão, o agente da alfândega demorou tempo demais examinando meu passaporte, e eu começava a entrar em pânico quando me mandou passar. Encontrei o ônibus para o Rum Bay Resort, um hotel com tudo incluído, só para solteiros, com famosas praias de topless. Durante três dias, fiquei sentado na sombra à beira da piscina, meditando sobre o sentido da vida.

Da Jamaica fui para Antigua, nas Antilhas, leste do Caribe. É uma ilha adorável, com 250 quilômetros quadrados de montanhas, praias de areias brancas e dúzias de *resorts*. Também é conhecida atualmente como um dos melhores paraísos fiscais, e essa é uma das razões da minha visita. Se quisesse apenas uma boa festa, teria ficado na Jamaica. A capital é St. John's, uma cidade agitada de trinta mil habitantes, situada num porto de águas profundas que atrai muitos navios de cruzeiro. Reservei um quarto numa pequena pensão na extremidade de St. John's, com uma bonita vista para a água, para os barcos e os iates. Estamos em junho, baixa temporada, e por trezentos dólares por noite vou dormir e comer como um rei, dormir até o meio-dia e me deliciar com o fato de que ninguém sabe quem sou, de onde venho ou do meu passado.

capítulo **25**

O Congelador tinha sido desmantelado há um mês e Victor Westlake estava se habituando novamente à rotina e ao escritório no quarto andar do Edifício Hoover, em Washington. Embora os homicídios do juiz Fawcett e de Naomi Clary estivessem tecnicamente resolvidos, restavam muitas dúvidas e questões. O assunto mais premente, claro, era a validade da confissão de Quinn Rucker. Se o juiz a excluísse, o governo ficaria com poucas provas para poder avançar com o processo. Os homicídios estavam resolvidos, mas o caso não estava fechado, pelo menos na opinião de Westlake. Continuava a dedicar-lhe duas horas por dia. Havia o relatório diário sobre as andanças de Max Baldwin: as suas movimentações, encontros, telefonemas, atividade na Internet, *etc.* Até agora, Max não fizera nada que os surpreendesse. Westlake não gostava da viagem à Jamaica e redondezas, mas não havia nada que pudesse fazer acerca disso. Estavam a observá-lo tão atentamente quanto possível. Havia o relatório diário da família de Rucker. O FBI tinha conseguido mandado para monitorar as conversas telefônicas entre Dee Ray Rucker e Sammy (Tall Man) Rucker, a irmã de ambos, Lucinda, e quatro parentes envolvidos no tráfico de D.C.

Na quarta-feira, dia 15 de junho, Westlake estava numa reunião com o pessoal quando foi chamado ao telefone. Era urgente e, poucos minutos depois, ele já se encontrava na sala de reuniões com técnicos que estavam trabalhando rapidamente para reproduzir a conversa. Um deles disse: — A chamada veio do celular do Dee Ray, ontem às onze e dezanove; não sabemos bem de onde veio, mas aqui está. A primeira voz é a do Dee Ray, a segunda é de um certo Sully. Ainda não sabemos de quem se trata.

— Aqui está — disse outro técnico.

DEE RAY: Sim?
SULLY: Dee Ray, é Sully.
DEE RAY: Então, o que há?
SULLY: Achei o cara, mano. Bannister.
DEE RAY: Tá brincando, mano.
SULLY: Tou nada, Dee Ray.
DEE RAY: Está bem, não me diga como, diga só onde.
SULLY: Bem, ele agora é vagabundo de praia na Flórida. Chama-se Max

Baldwin, vive num apartamento em Neptune Beach, a leste de Jacksonville. Parece ter algum dinheiro. Anda na boa, entende? Vive bem.

DEE RAY: E que aspecto tem?

SULLY: É um cara diferente. Fez um monte de cirurgia. Mas tem a mesma altura, perdeu alguns quilos. Tem o mesmo andar. Mas há mais, arranjamos uma impressão digital e uma foto.

DEE RAY: Uma impressão digital?

SULLY: Nossa firma é boa. Seguiram ele na praia e o viram jogar uma garrafa de água no lixo. Foram buscá-la e conseguiram a impressão digital.

DEE RAY: Isso é bom.

SULLY: Foi o que eu disse. E agora?

DEE RAY: Fique quietinho, vou pensar. Ele não vai a lugar nenhum, certo?

SULLY: Não, anda todo contente.

DEE RAY: Lindo.

Westlake deixou-se cair lentamente numa cadeira, boquiaberto e pálido, atordoado demais para falar durante algum tempo. Depois disse: — Chamem Twill.

Um assistente desapareceu e, enquanto esperava, Westlake esfregou os olhos e pensou no que faria a seguir. Twill, o assistente principal, chegou apressado e voltaram a ouvir a gravação. Para Westlake, a segunda vez foi ainda mais arrepiante.

— Como diabos... — murmurou Twill.

Westlake já estava se recuperando.

— Ligue para Bratten do Serviço de *marshals*.

— Bratten foi operado ontem — disse Twill. — Quem está no comando é Newcombe.

— Então, ligue para Newcombe. Não podemos perder tempo.



Inscrevi-me numa academia e todos os dias passo lá uma hora, por volta do meio-dia, caminhando na esteira e fazendo exercícios com pesos leves. Se planejo passar tanto tempo na praia, tenho de estar à altura.

Depois de uma sauna e um longo banho, estava a vestir-me quando o celular

começou a tocar na parte de cima do cacifo. Era a querida Diana, e a uma hora estranha para me ligar.

— Estou — atendi baixinho, embora os balneários não estivessem muito movimentados.

— Precisamos falar — disse ela abruptamente, a primeira pista, desde sempre, de que alguma coisa podia não estar bem.

— Sobre o quê?

— Agora, não. Estão dois agentes do FBI no estacionamento, num jipe Cherokee marrom-avermelhado, perto do seu carro. Eles vão dar-lhe uma carona.

— E como sabe exatamente onde estou neste momento, Diana?

— Discutimos isso depois. Sentei-me numa cadeira dobrável.

— Fale comigo, Diana. O que se passa?

— Max, estou a dez minutos de distância. Siga as ordens, entre no jipe e assim que o vir conto-lhe tudo o que sei. Não vamos fazer isto pelo telefone.

— Está bem.

Acabei de me vestir e tentei parecer tão calmo como habitualmente. Atravessei a academia e sorri para uma instrutora de ioga para quem sorria há uma semana e saí pela porta da frente. Olhei de relance para a rua e vi o jipe marrom-avermelhado estacionado ao lado do meu carro.

A esta altura já era bem óbvio que tinha acontecido alguma coisa terrível; assim, engoli em seco e saí para o escaldante sol do meio-dia. O motorista desceu do carro e, sem uma palavra, abriu a porta de trás. Andamos durante sete minutos no mais absoluto silêncio até estacionarmos no caminho de acesso de uma graciosa casa de campo com uma placa que dizia “Aluga-se” espetada no jardim da frente. Ficava a um quarteirão do mar. Assim que o motor foi desligado, os dois agentes saltaram do carro e passaram revista no arredores, como se pudessem haver ali atiradores furtivos. O nó que tinha no estômago já parecia uma bola de boliche.

Conseguimos entrar na casa sem levar um tiro, e Diana esperava.

— Belo espaço — disse eu.

— É uma casa segura — respondeu.

— Oh, está bem. E por que estamos escondidos numa casa segura num dia perfeito como o de hoje?

Um homem de cabelos grisalhos entrou vindo da cozinha e estendeu-me a mão.

— Max, meu nome é Dan Raynor, U.S. Marshal, e sou supervisor desta região.

Cumprimentamo-nos como velhos amigos e ele estava até sorrindo, como se

estivéssemos prestes a ter um longo almoço juntos.

— É um verdadeiro prazer — respondi. — O que houve?

Eles eram quatro, Raynor, Diana e os dois agentes sem nome do FBI — e, por instantes, pareciam não estar certos do protocolo a seguir. De quem era aquele território? Quem devia ser incluído? Quem fica, quem sai? Como já tinha percebido, essas lutas de território entre agências podem ser confusas.]

Foi Raynor quem falou: — Max, receio que tenha havido uma brecha de segurança. Para falar claramente: seu disfarce foi descoberto. Não fazemos ideia de como isso aconteceu.

Sentei-me e limpei a testa.

— Quem sabe o quê? — perguntei.

— Ainda não sabemos muito — disse Raynor —, mas vem vindo gente de Washington neste momento. Devem chegar em mais ou menos uma hora. Evidentemente, o FBI pegou alguma coisa ontem à noite numa escuta. Uma conversa na família Rucker que o FBI ouviu.

— Eles sabem onde estou?

— Sabem. Sabem exatamente onde está.

— Lamentamos muito que isso esteja acontecendo, Max — disse Diana, e olhei furiosamente para ela e para sua estupidez como se pudesse estrangulá-la.

— Caramba, isso significa tanto para mim — disse. — Por que não se cala simplesmente?

— Lamento.

— É a segunda vez que diz isso. Por favor, não diga outra vez, está bem? Não significa nada. É perfeitamente inútil.

Ela ficou magoada com a minha dureza, mas não quero saber. Naquele momento, minha única preocupação é a minha própria pele. As quatro pessoas que estavam olhando para mim, juntamente com seus superiores e o governo inteiro, eram os responsáveis pela “brecha”.

— Quer um café? — perguntou Diana timidamente.

— Não, quero uma dose de heroína — respondi.

Eles acharam aquilo engraçado, mas a verdade é que todos precisávamos de uma gargalhada. Serviram café e um prato de biscoitos circulou. Começamos o processo de espera. Por muito surreal que possa parecer, comecei a pensar para onde ir a seguir.

Raynor disse que depois de escurecer iam buscar meu carro. Estavam esperando um agente negro de Orlando que seria meu duplo nos próximos dias. Não seria autorizado a voltar ao meu apartamento sob circunstância alguma e discutimos sobre como recuperar meus parcos pertences. O Serviço de *marshals* trataria do contrato de aluguel e de desligar os serviços básicos. Raynor acha que

vou precisar de outro carro, mas inicialmente recusei.

Os agentes do FBI saíram e voltaram com sanduíches. O relógio parecia estar parado e as paredes pareciam encolher. Finalmente, às 15h30, Mr. Victor Westlake entrou pela porta da frente e disse: — Max, lamento muito.

Não me levantei, não lhe estendi a mão. O sofá era todo meu.

Ele trazia mais três sujeitos de terno escuro que foram pegar bancos na cozinha. Quando todo mundo estava sentado e apresentado, Westlake começou: — Isso é muito incomum, Max, e não sei o que dizer. Neste momento, não fazemos ideia de onde ocorreu a brecha e podemos até nunca vir a descobrir.

— Diga apenas o que sabe — pedi.

Westlake abriu uma pasta e tirou umas folhas de papel.

— Aqui está uma transcrição da conversa telefônica que pegamos ontem à noite entre Dee Ray Rucker e alguém chamado Sully. Ambos usaram celulares. Dee Ray estava em D.C. e Sully ligou aqui de perto.

Li a transcrição enquanto eles prendiam a respiração. Demorei alguns segundos e no fim deixei-a em cima da mesa de centro.

— Como eles conseguiram? — perguntei.

— Ainda estamos trabalhando nisso. Nossa teoria é que recorreram a uma empresa privada para segui-lo. Monitoramos um punhado de firmas especializadas em espionagem empresarial, vigilância, pessoas desaparecidas, investigações privadas e coisas do estilo. Normalmente, são ex-militares, ex-espiões e, tenho até vergonha de dizer, ex-agentes do FBI. São bons e dispõem da tecnologia necessária. Pela quantia certa de dinheiro, conseguem reunir muita informação.

— Vinda de onde? De dentro?

— Ainda não sabemos, Max.

— E, mesmo que soubessem, não me diriam. Jamais admitiriam se a brecha tivesse sido provocada por alguém do governo... do FBI, do Serviço de *marshals*, do Ministério Público, do Departamento de Justiça, da Direção Prisional. E sabe o diabo quem mais. Quantas pessoas estão a par deste pequeno segredo, Mr. Westlake? Algumas dúzias, talvez mais. Os Rucker me encontraram porque seguiram meu rastro ou seguiram o FBI porque o FBI me seguia?

— Asseguro que a brecha de segurança não foi interna.

— Mas acabou de me dizer que não sabe onde foi. Neste momento, as suas garantias não têm qualquer valor. A única certeza que há neste momento é que todos os envolvidos vão tentar proteger sua própria pele e começar a apontar dedos. Não acredito em nada do que diz, Mr. Westlake. Nem no que diz mais ninguém.

— Tem que confiar em nós, Max. Esta situação é urgente, talvez letal.

— Confiei em vocês até esta manhã e olhem onde estou agora. Não há qualquer confiança. Zero.

— Temos que protegê-lo até o julgamento, Max. Você entende isso. Depois do julgamento, perderemos o interesse em você. Mas até lá temos que mantê-lo em segurança. Foi por isso que colocamos os telefones sob escuta. Monitorávamos os Rucker e tivemos sorte. Estamos do seu lado, Max. Claro que alguém fez asneira, e vamos descobrir o que aconteceu. Mas está aqui sentado inteiro porque fizemos nosso trabalho.

— Parabéns — disse, e fui ao banheiro.



A verdadeira guerra explodiu quando informei que ia sair da proteção de testemunhas. Dan Raynor começou a discursar como a minha vida seria perigosa se não permitisse que eles me coloquem a milhares de quilômetros de distância, sob mais um nome diferente. Vou arriscar e me esconder por minha conta. Westlake implorou que ficasse com eles. Meu testemunho seria crucial para o julgamento e sem ele não haveria condenação. Lembrei-o repetidamente de que têm uma confissão e que nenhum juiz federal a consideraria inválida. Prometi que apareceria para o julgamento. Argumentei que minha vida seria mais segura se apenas eu soubesse onde estava. Havia simplesmente agentes demais envolvidos na minha proteção. Raynor recordou-me várias vezes que o Serviço de *marshals* nunca perdeu um informante que estivesse sob sua proteção em mais de oito mil casos, e o número continuava a aumentar; e eu disse várias vezes que sempre haveria uma primeira vítima. Esse alguém não seria eu.

A discussão teve momentos acalorados, mas eu não ia reconsiderar. A única coisa que eles podiam fazer era discutir. Não tinham qualquer autoridade sobre mim. Minha pena foi anulada e eu não estava em liberdade condicional. Concordei em testemunhar e planejo fazê-lo.

O acordo que fiz com o Serviço de *marshals* diz claramente que posso abandonar a proteção de testemunhas a qualquer momento.

— Vou embora — declarei, levantando-me. — Importam-se de me levar de volta ao meu carro?

Ninguém se mexeu.

Raynor perguntou: — Quais são seus planos?

— Por que partilharia meus planos com você?

— E o apartamento?

— Saio dentro de dois dias, depois é todo seu.

— Então, vai abandonar a área? — perguntou Diana.

— Eu não disse isso. Disse que ia sair do apartamento. — Olhei para Westlake: — E, por favor, parem de me seguir. Há uma boa possibilidade de alguém estar seguindo vocês enquanto me seguem. Dê-me uma trégua, sim?

— Isso não é verdade, Max.

— Você não sabe o que é verdade. Deixe apenas de me seguir, está bem?

Claro que ele não disse que sim. Tinha o rosto corado e estava furioso; ele era um homem que conseguia sempre o que queria. Fui até a porta, abria-a com um puxão e disse: — Se não me derem carona, vou a pé.

— Levem-no de volta — disse Westlake.

— Obrigado — respondi por cima do ombro, enquanto saía. A última coisa que ouvi foi Raynor dizendo: — Está cometendo um grande erro, Max.

Fui no banco de trás enquanto os dois agentes me transportavam em silêncio. No estacionamento da academia, saí do carro sem dizer uma palavra. Eles foram embora, mas duvidava que fossem muito longe. Entrei no meu pequeno Audi, baixei a capota e fui dar um passeio ao longo da praia, pela autoestrada AIA. Recusei-me a olhar para o retrovisor.



Victor Westlake voltou a Washington num jato do governo. Quando chegou ao escritório, já depois de escurecer, foi informado de que o juiz Sam Stillwater tinha recusado a moção da defesa para exclusão da confissão de Quinn Rucker. Embora não fosse grande surpresa, era sem dúvida um alívio. Ligou para Stanley Mumphrey em Roanoke e felicitou-o. Mas não informou ao procurador que a testemunha-chave estava prestes a sair do programa de proteção de testemunhas e podia desaparecer na noite escura.

capítulo 26

Durmo com uma arma, uma Beretta de 9 mm que comprei legalmente e registrei no estado da Florida, como manda a lei. Há vinte anos que não disparo uma arma, desde os meus tempos como *marine*, e não tenho o menor desejo de começar a disparar agora. Está guardada na caixa de cartão que faz de minha mesa de cabeceira. Outra caixa pousada no chão está cheia com as coisas de que preciso o notebook, o iPad, alguns livros, um estojo de barbear, um saco plástico com fecho cheio de dinheiro, algumas pastas com documentos pessoais e um celular pré-pago com minutos de conversação ilimitados e código de área de Miami. Uma mala de viagem barata, que cabe no porta-malas bem pequeno do Audi, está cheia de roupa e pronta para viajar. A maior parte destes objetos — a arma, o celular e a mala — foi comprada recentemente para o caso de se tornar necessária uma fuga súbita.

Pois essa dita fuga está agora sendo posta em prática. Antes de amanhecer, carreguei o carro e esperei. Estava sentado na minha varanda pela última vez, a beber café e a observar o oceano a desvanecer-se em tons rosa e depois laranja à medida que o sol espreitava por cima do horizonte. Observei este cenário muitas vezes e nunca me cansei dele. Numa manhã límpida, uma esfera perfeita surge de dentro de água para nos cumprimentar, para dizer bom dia, que novo dia maravilhoso se aproxima.

Não tenho certeza para onde vou ou onde irei dar, mas planejo ficar perto de uma praia, para poder começar cada dia com aquela calma perfeição.

Às 8h30, saí do apartamento, deixando para trás o frigorífico meio cheio de comida e bebidas, um conjunto desigual de pratos e utensílios, uma boa chaleira de café, algumas revistas no sofá e algum pão e bolachas na despensa. Vivi ali durante quarenta e seis dias, a minha primeira casa verdadeira a seguir à prisão, e estou triste por me ir embora. Pensei que ia ali ficar mais tempo. Deixei as luzes ligadas, fechei a porta atrás de mim e questionei-me quantos mais esconderijos temporários me esperariam até já não ser obrigado a fugir. Meti-me no carro, arranquei e em breve fiquei perdido no meio do pesado trânsito diário para oeste, em direção a Jacksonville. Sei que eles estão novamente lá, mas talvez não seja por muito tempo.

Duas horas depois, entrei na periferia a norte de Orlando e parei numa casa de panquecas para tomar café. Comi devagar, li alguns jornais e observei a multidão. No fundo da rua, entrei num motel barato e paguei em dinheiro por

uma noite. A funcionária pediu-me um documento com fotografia, e expliquei-lhe que tinha perdido a carteira na noite anterior, num bar. Ela não gostou muito disto, mas gostou da ideia do dinheiro vivo, por isso, para que se aborrecer? Deu-me a chave e fui para meu quarto. Socorrendo-me das Páginas Amarelas e do meu celular pré-pago, acabei por encontrar um lava-carros que podia me atender às três da tarde. Por 199 dólares, o garoto do outro lado da linha prometeu me deixar o carro brilhando como novo.

O Buck's ProShine ficava na parte de trás de uma grande linha de cabines de lavagem de automóveis bastante concorrida. O meu carro e eu fomos atribuídos a um garoto magro da província, chamado Denny, que levava o seu trabalho muito a sério. Explicou-me o seu plano de lavagem e polimento com grande detalhe e ficou surpreendido quando lhe disse que esperava.

— Pode demorar duas horas — disse ele.

— Não tenho aonde ir — respondi.

Ele encolheu os ombros e levou o Audi para uma plataforma de lavagem. Arranjei lugar num banco por baixo de um toldo e comecei a ler um livro de Walter Mosley. Trinta minutos depois, Denny acabou a lavagem exterior e ia começar a aspirar. Abriu ambas as portas e aproximei-me para conversar um pouco com ele. Expliquei-lhe que estava saindo da cidade, que a mala devia ficar no banco de trás e a caixa de papelão no porta-malas não era para mexer. Ele voltou a encolher os ombros, sem se ralar. Era menos trabalho para ele. Aproximei-me um passo mais e disse-lhe que estava a passar por um divórcio feio e que tinha razões para acreditar que os advogados da minha mulher observavam cada passo que dava. Tinha fortes suspeitas de que havia um localizador de GPS escondido no carro e se Denny o encontrasse, daria uma nota de cem dólares extra. Inicialmente, mostrou-se hesitante, mas assegurei-lhe que o carro era meu e que não havia nenhuma ilegalidade em desarmar um dispositivo de localização. Os advogados manhosos dela é que estavam a infringir a lei. Então, os olhos dele brilharam e concordou na busca. Abri a capota e começamos a revistar o carro juntos. Enquanto o fazíamos, expliquei-lhe que havia dúzias de dispositivos diferentes, de todas as formas e tamanhos, mas que a maior parte deles se fixava ao carro com um ímã forte. Dependendo do modelo, as baterias podiam durar semanas, ou então o dispositivo podia estar diretamente ligado ao sistema elétrico do carro. Algumas antenas eram externas, outras internas.

— Como sabe tanto sobre esse assunto? — perguntou, deitado de costas embaixo do carro, examinando o chassi.

— Porque coloquei um no carro da minha mulher — respondi, e ele achou graça.

— Por que não procurou você mesmo? — perguntou.

— Porque estava sendo vigiado.

Procuramos durante uma hora e não encontramos nada. Começava a pensar que afinal o meu carro estava livre de dispositivos quando Denny retirou um pequeno painel atrás do farol dianteiro direito. Estava deitado de costas, ombro comprimido contra o pneu da frente. Arrancou algo dali e me entregou. A caixa à prova de água tinha o tamanho de um celular e era de plástico duro preto. Retirei-a e disse: — Bingo! — Já tinha visto centenas de dispositivos online e nunca encontrara um semelhante àquele, e parti do princípio de que era um dispositivo do governo. Não tinha marca, nome, sinais distintivos, números nem letras. — bom trabalho, Denny — disse, e entreguei-lhe a nota de cem dólares.

— Posso acabar agora a limpeza? — perguntou ele.

— Claro.

Afastei-me, deixando-o entregue ao seu trabalho. Ao lado do posto, havia um pequeno centro comercial com meia dúzia de lojas de má qualidade. Pedi uma xícara de descafeinado choco e sentei-me à janela do café, a observar o estacionamento. Um casal idoso estacionou um Cadillac, saiu e arrastrou os pés até um restaurante chinês. Assim que entraram, saí do café e passei pelo estacionamento como se estivesse a dirigir-me ao meu carro. Por trás do Cadillac, baixei-me rapidamente e coloquei o localizador por baixo do depósito. As placas eram de Ontário — perfeito.

Denny estava a lavar as janelas, a suar profusamente, perdido no seu trabalho. Toquei-lhe no ombro, assustando-o, e disse: — Escuta, Denny, o teu trabalho é muito bom e tudo o mais, mas surgiu um imprevisto. Tenho de me fazer à estrada. — Ia contando notas e entreguei-lhe três de cem dólares.

Ele ficou confuso, mas eu não liguei.

— Como queira, cara — balbuciou ele, fitando o dinheiro.

— Tenho que ir.

Ele tirou a toalha de cima do carro.

— Boa sorte com o divórcio, cara.

— Obrigado.

A oeste de Orlando, apanhei a Interestadual 75 para o norte, através de Ocala, depois Gainsville, e entrei na Georgia, parando em Valdosta para passar a noite.

Nos cinco dias seguintes, minhas viagens me levaram até o sul afastado de New Orleans, o oeste longínquo de Wichita Falls, Texas, e o extremo norte de Kansas City. Usei estradas interestaduais, estaduais, regionais e autoestradas nacionais. Uma vez que paguei todas as despesas em dinheiro, tanto quanto sei, não deixei rastro. Fiz inversão de marcha uma dúzia de vezes e convenci-me de

que não havia ninguém atrás de mim. A minha jornada acabou em Lynchburg, Virginia, onde cheguei mesmo depois da meia-noite e paguei em dinheiro um quarto de motel. Até agora, apenas um estabelecimento se recusara a alugar-me o quarto por eu dizer que não tinha identificação.

Mas eu também não estava propriamente me hospedando em Marriotts e Hiltons. Estava cansado da estrada e ansioso por tratar do que tinha a tratar.

Dormi até tarde na manhã seguinte; depois dirigi uma hora até Roanoke, o último lugar onde qualquer pessoa que conhecesse Max Baldwin esperaria encontrá-lo. Reconfortado com esse conhecimento e com um rosto novo, estava confiante de que podia movimentar-me anonimamente numa área metropolitana com duzentos mil habitantes. O único problema era a placa do carro ser da Flórida, e pensei em alugar outro carro. Decidi não o fazer por causa da papelada. Além disso, a referência à Florida iria compensar mais tarde.

Andei um pouco de carro pela cidade, observando a paisagem, o centro, os bairros antigos e os inevitáveis subúrbios. Malcolm Bannister tinha visitado Roanoke várias vezes, incluindo uma aos dezessete anos enquanto jogava futebol americano no liceu. Winchester ficava apenas a três horas de distância, pela Interestadual 81. Enquanto jovem advogado, Malcolm viajou duas vezes até ali para apresentar alegações no tribunal. A cidade de Salem é vizinha de Roanoke e Malcolm passou lá um fim de semana em certa ocasião, para o casamento de um amigo.

Esse casamento tinha acabado em divórcio, como o de Malcolm. Depois de ter ido para a prisão, nunca mais tinha tido notícias do amigo.

Por isso, conhecia mais ou menos a área. O primeiro motel que experimentei pertencia a uma grande cadeia nacional e tinha regras bastante rígidas em relação ao registro. A velha desculpa de ter perdido a carteira não me serviu de nada e negaram-me um quarto quando não apresentei um documento de identificação. Não fazia mal o que não faltavam por ali eram motéis baratos. Vagueei até a extremidade sul de Roanoke e dei por mim numa parte um pouco lúgubre de Salem, onde encontrei um motel que provavelmente alugava quartos à hora. O dinheiro seria bem-vindo. Optei pela tarifa diária de quarenta dólares e disse à mulher idosa da recepção que devia ficar alguns dias por ali. Ela não era muito simpática e percebi que devia ser dona do motel desde o tempo em que negros não era aceitos. Fazia trinta e dois graus, e perguntei-lhe se o ar condicionado funcionava. Os aparelhos eram novos em folha, disse orgulhosamente. Estacionei bem em frente ao meu quarto e longe da rua. Os lençóis e o chão estavam limpos. O banheiro, imaculado. O ar condicionado na janela sussurrava agradavelmente e, quando acabei de descarregar o carro, a temperatura já tinha chegado aos vinte graus. Estendi-me na cama e me questionei quantos encontros

ilícitos já teriam acontecido ali. Pensei na Eva de Porto Rico e como seria agradável voltar a abraçá-la. E pensei em Vanessa Young e em como seria finalmente tocá-la.

Quando escureceu, desci à rua para comer uma salada num restaurante de comida rápida. Desde que saí de Frostburg, já perdi quase dez quilos e estava determinado a continuar perdendo peso, pelo menos por enquanto. Quando saí do restaurante, vi as luzes do estádio acesas e decidi ir ver o jogo. Dirigi até o Memorial Stadium, casa dos Red Sox de Salem, um clube afiliado do Class High-A de Boston. Estavam jogando com os Hillcats de Lychburgh perante uma torcida razoável. Por seis dólares, consegui um lugar na arquibancada. Comprei uma cerveja do vendedor ambulante e fiquei ali sentado absorvendo imagens e sons do jogo.

Perto de mim estava um pai com dois filhos, que desconfio serem jogadores de beisebol, no máximo seis anos com camisas e bonés dos Red Sox. Pensei em Bo e nas horas que passamos lançando bolas no jardim enquanto Dionne nos observava sentada no pequeno pátio, tomando chá gelado. Parecia que ainda ontem estávamos todos juntos, uma pequena família com sonhos grandes e um futuro. Bo era tão pequenino e engraçado, e o pai era seu herói. Estava tentando transformá-lo num batedor ambidestro, logo aos cinco anos, quando o FBI entrou na minha vida e deu cabo de tudo. Que desperdício.

Além de mim mesmo, mais ninguém queria saber. Presumo que meu pai e meus irmãos gostariam de me ver com a vida novamente organizada, mas para eles não é uma prioridade. Têm suas próprias vidas com que se preocupar. Quando se vai para a prisão, o mundo inteiro parte do princípio de que mereceu e a solidariedade acaba. Se fizessem uma pesquisa entre meus antigos amigos e conhecidos na minha cidade, tenho certeza de que a maioria diria coisas como “Pobre Malcolm, meteu-se com as pessoas erradas. Fez alguns atalhos. Foi um pouco ganancioso. Que trágico.” Todos são muito rápidos em esquecer, porque é isso que querem fazer. A guerra contra o crime precisa de vítimas; pobre Malcolm que se deixou pegar.

Portanto, sou só eu, Max Reed Baldwin, livre mas fugindo, planejando alguma maneira de me vingar enquanto cavalgava em direção ao pôr do sol.

capítulo 27

Pelo sexto dia consecutivo, Victor Westlake bebeu o café matutino enquanto lia rapidamente o relatório sobre Max Baldwin. O informante tinha desaparecido. O localizador de GPS tinha finalmente sido retirado de um Cadillac Seville, propriedade de um casal canadense idoso enquanto almoçava perto de Savannah, na Georgia. Nunca saberiam que tinham sido seguidos informaticamente pelo governo durante quase quinhentos quilômetros. Westlake castigara os três agentes que deviam seguir Baldwin. Perderam-no em Orlando e apanharam o rastro errado à medida que o Cadillac se encaminhava para norte.

Baldwin não estava a usar o iPhone, os cartões de crédito nem o servidor inicial de Internet. O mandado para monitorar esses dispositivos acabaria em uma semana e não havia grande probabilidade de ser renovada. Ele não era um suspeito nem um fugitivo e o tribunal mostrava-se relutante em autorizar uma vigilância daquela dimensão a um cidadão cumpridor da lei. A conta bancária do SunCoast tinha um saldo de 4500 dólares. O dinheiro da recompensa fora seguido enquanto era dividido e transferido para outras contas no estado da Florida, mas o FBI acabou por lhe perder o rastro. Baldwin movimentara o dinheiro tão depressa, que os advogados do FBI não conseguiram acompanhá-lo com os pedidos de mandados de busca. Foram feitos pelo menos oito levantamentos em dinheiro num total de 65 mil dólares. Havia o registro de uma grande transferência de 40 mil dólares para uma conta no Panamá, e Westlake presumia que o resto do dinheiro estava fora do país.

Embora contrariado, começara a respeitar Baldwin e a sua capacidade para desaparecer. Se o FBI não o conseguia encontrar, então talvez estivesse mesmo em segurança.

Se Baldwin conseguia evitar usar cartões de crédito, o iPhone, o passaporte e ser preso, então podia continuar escondido durante muito tempo. Não tinha havido mais conversas entre o clã Rucker, e Westlake continuava estupefato como uma gangue de traficantes de droga de D.C. tinha conseguido localizar Baldwin perto de Jacksonville. O FBI e o Serviço de *marshals* andavam investigando internamente, mas até agora não havia resultado.

Westlake pousou o relatório numa pilha de papéis e acabou o café.

Encontrei a sede da Beebe Security num edifício de escritórios não muito longe do meu motel. Nas Páginas Amarelas, gabavam-se de vinte anos de experiência, de um passado de cumprimento da lei e tecnologia de ponta, *etc.*

Quase todos os anúncios na seção de Detetives Particulares usavam o mesmo tipo de linguagem e, enquanto estacionava o carro, não conseguia me lembrar do que tinha me atraído para a Beebe. Talvez fosse o nome. Se não gostasse das pessoas, passaria ao seguinte da lista.

Se tivesse visto Frank Beebe descendo a rua, podia ter dito de imediato: ali vai um detetive particular. Cinquenta anos, peito largo e barriga pressionando os botões da camisa, calça de poliéster, botas de *cowboy* com biqueira fina, cabeleira grisalha, o obrigatório bigode e o andar convencido e gingado de um homem que anda armado e não tem medo. Fechou a porta do escritório apertado e perguntou: — O que posso fazer por você, Mr. Baldwin?

— Preciso localizar alguém.

— Que tipo de caso é? — perguntou enquanto se deixava cair pesadamente na cadeira de executivo, grande demais para ele. A parede de trás estava cheia de enormes fotografias e certificados de seminários.

— Na verdade, não é um caso. Preciso apenas encontrar um homem.

— O que vai fazer depois de encontrá-lo?

— Vou falar com ele. Mais nada. Não há aqui maridos enganados, nem delinquentes devedores. Não estou procurando dinheiro, vingança nem nada de errado. Só preciso encontrá-lo e saber um pouco mais sobre ele.

— Muito bem. — Frank tirou a tampa da caneta e estava pronto para começar a tomar notas. — Fale-me dele.

— Chama-se Nathan Cooley. Acho que também o tratam de Nate. Tem trinta anos, solteiro, acho. É de uma cidade pequena chamada Willow Gap.

— Já estive em Willow Gap.

— Da última vez que tive notícias, a mãe dele ainda vivia lá, mas não sei ao certo onde Cooley está agora. Há alguns anos, foi preso por um negócio de metanfetaminas...

— Que surpresa.

— E passou alguns anos numa prisão federal. O irmão mais velho foi morto numa troca de tiros com a polícia.

Frank ia escrevendo.

— E como conheceu esse sujeito?

— Digamos que nos conhecemos há muito tempo.

— Muito bem. — Ele sabia quando fazer perguntas e quando prescindir delas. — O que quer que faça?

— Escute, Mr. Beebe...

— Pode me tratar de Frank.

— Muito bem, Frank, duvido que haja muitos caras negros nas redondezas de Willow Gap. Além disso, sou de Miami e meu pequeno carro importado tem

placa da Florida. Se aparecer por lá e começar a bisbilhotar, o mais certo é não conseguir grande coisa.

— O mais certo era levar um tiro.

— Gostaria de evitar. Por isso, achei que podia fazer o serviço sem levantar suspeitas. Preciso apenas do endereço dele e, se possível, do telefone. Qualquer coisa além disso será um bônus.

— Já tentou procurar na lista telefônica?

— Já, e há alguns Cooley nas redondezas de Willow Gap. Nenhum Nathan. Não ia chegar longe se começasse a dar telefonemas.

— Certo. Mais alguma coisa?

— É só isso. É bem simples.

— Está bem, cobro cem dólares por hora mais despesas. Vou a Willow Gap esta tarde. Fica a uma hora daqui, bem no meio do mato.

— Bem, já ouvi dizer.

O primeiro rascunho da minha carta diz o seguinte:

Caro Mr. Cooley:

Meu nome é Reed Ealdmn e sou diretor de documentários em Miami. Sou proprietário de uma produtora chamada Skelter Films com mais dois sócios. Somos especialistas em documentários sobre abuso de poder por parte do governo federal.

Meu atual projeto trata de uma série de mortes a sangue-frio levadas a cabo pelos agentes da Drug Enforcement Administration. Este assunto é muito importante para mim, porque há três anos meu sobrinho de dezessete anos foi abatido por dois agentes em Trenton, New Jersey. Ele não estava armado nem tinha ficha. Como é natural, a investigação interna não encontrou nenhum erro na ação da DEA. O processo instaurado por minha família foi rejeitado.

Ao fazer a pesquisa para este filme, julgo ter descoberto uma conspiração que chega às mais altas esferas da DEA. Acredito que certos agentes são incitados a matar simplesmente os traficantes de droga, ou os suspeitos de tráfico. O objetivo tem duas vertentes: primeiro, estes assassinatos reduzem naturalmente a atividade criminosa; segundo, evitam julgamentos morosos e outros procedimentos. A DEA anda a matar gente em vez de a deter. até o momento, descobri cerca de uma dúzia destas mortes suspeitas. Entrevistei várias famílias e todos acreditam piamente que os seus entes queridos foram assassinados. E isto que me leva até si: conheço

os fatos genéricos relativos à morte do seu irmão, Gene, em 2004. Estiveram pelo menos três agentes da DEA envolvidos no tiroteio e, como sempre, afirmaram agir em legítima defesa. Segundo julgo, o senhor estava no local por ocasião do tiroteio.

Por favor, conceda-me a oportunidade de um encontro, de lhe oferecer um almoço e discutir este projeto. Estou atualmente em Washington D. C., mas posso largar as coisas aqui e ir até o sul da Virginia quando lhe for mais conveniente. O meu número de celular é: 305-806-1921.

Muito obrigado pelo seu tempo.
Cordialmente,
M. Reed Baldwin

As horas passam. Fiz uma longa viagem para o sul pela Interestadual 81 e fui até Blacksburg, onde se situa a Virginia Tech, depois passei por Christiansburg, Radfbrd, Marion e Pulaski. O terreno é montanhoso e o passeio é bonito, mas não andava ali para ver a paisagem. Como podia vir a precisar de uma daquelas cidades num futuro próximo, tomei nota de locais de parada de caminhões, motéis e restaurantes fast-food perto da interestadual. O trânsito de caminhões era abundante e havia carros com placas de dúzias de estados, e ninguém reparou em mim. De vez em quando, saía da estrada de quatro pistas e me aventurava pelas colinas profundas, dirigindo por pequenas cidades sem parar. Encontrei Ripplemead, população de quinhentos habitantes, a povoação mais próxima da casa do lago em que o juiz Fawcett e Naomi Clary foram assassinados. Acabei por voltar a Roanoke. As luzes estavam acesas; os Red Sox estavam jogando novamente. Comprei um ingresso e jantei um cachorro quente com cerveja.

Frank Beebe ligou no dia seguinte, às oito da manhã, e uma hora depois eu já estava em seu escritório. Enquanto servia café, Frank disse casualmente: — Encontrei-o em Radford, uma cidade que nasceu com a universidade, cerca de dezesseis mil habitantes. Saiu da prisão há alguns meses, morou com a mãe algum tempo e depois saiu de casa. Falei com a mãe, uma senhora rija, e ela contou que o filho comprou um bar em Radford.

Fiquei curioso e perguntei: — Como conseguiu fazer com que ela falasse?

Frank riu e acendeu outro cigarro.

— Essa é a parte fácil, Reed. Quando se está nesse negócio há tanto tempo quanto eu, temos sempre alguns truques para fazer com que as pessoas falem. Achei que a mãe ainda teria um medo saudável de qualquer pessoa relacionada ao sistema prisional, por isso disse que era agente federal de prisões e precisava

conversar com o filho dela.

— Isso não é apropriação de identidade?

— Não, o cargo de agente federal de prisões não existe. Ela não pediu para ver meu crachá e, mesmo que pedisse, tinha um para mostrar. Tenho uma série de cartões. Posso ser uma série de agentes federais diferentes em qualquer dia. Ficaria espantado com a facilidade com que se pode enganar as pessoas.

— Foi até o bar?

— Fui, mas não entrei. Ia parecer deslocado. Fica bem ao lado do campus da Universidade de Radford, e a clientela é bem mais nova do que eu. Chama-se Bombay's e já existe há algum tempo. Segundo os registros, mudou de dono em dez de maio deste ano. O vendedor foi Arthur Stone e o comprador, seu amigo Nathan Cooley.

— Onde ele mora?

— Não sei. Não há nada na escritura. Suspeito que alugue uma casa, por isso não há registro de nada. Diabos, ele até pode estar dormindo em cima do bar. É um prédio antigo de dois andares. Não vai lá, certo?

— Não.

— Ótimo. Você é muito velho e muito negro. O pessoal lá é todo branco.

— Obrigado. Vou encontrá-lo em algum outro lugar qualquer.

Paguei a Frank Beebe seiscentos dólares em dinheiro e, ao sair, perguntei:

— Ouça uma coisa, Frank, se eu precisar de um passaporte falso, tem alguma ideia de onde conseguir?

— Claro. Há um cara em Baltimore a quem já recorri antes, ele faz essas coisas todas. Mas hoje em dia os passaportes têm armadilhas, Segurança Nacional, essas coisas. Se o pegarem, vão ficar entusiasmados.

Eu sorri e disse:

— Não é para mim.

Ele deu uma gargalhada e respondeu: — Bem, essa nunca tinha ouvido.



Tinha o carro carregado e saí da cidade. Quatro horas depois, estava em McLean, Virginia, procurando um centro informático que oferecesse serviços administrativos. Encontrei um num centro comercial de luxo, paguei a taxa de ocupação e liguei o notebook a uma impressora. Depois de dez minutos a mexer em tudo e mais alguma coisa, lá consegui fazer com que a maldita máquina

começasse a trabalhar e imprimi a carta para Nathan Cooley. Usei papel com carimbo da Skelter Films, com endereço na 8th Avenue em Miami e uma seleção completa de números de telefone e fax. No envelope, escrevi:

Mr. Nathan Cooley,
a/c Bombay's Bar & Grill
914 East Main Street
Radford, Virginia, 24 141.

À esquerda do endereço, escrevi com letras grossas: “Pessoal e Confidencial”.

Quando ficou perfeito, atravessei o Potomac e dirigi até o centro de D.C., à procura de uma caixa de correio.

capítulo 28

Quinn Rucker virou-se de costas para as barras, enfiou as mãos através delas e juntou os pulsos atrás de si. O delegado colocou-lhe as algemas enquanto outro abria a porta da cela. Acompanharam-no até uma estreita zona de detenção onde o aguardavam três agentes do FBI. Dali, levaram-no por uma porta lateral até uma viatura preta com vidros fumados e mais guardas armados. Dez minutos mais tarde, chegou com a escolta completa à porta dos fundos de um edifício federal; levaram-no apressadamente para dentro e ao longo de dois lances de escadas.

Nem Victor Westlake, nem Stanley Mumphrey nem nenhum outro advogado presente na sala tinham alguma vez participado numa reunião daquelas. O acusado nunca era trazido para ter uma conversa. Se a polícia precisava falar com o acusado, fazia-o na cadeia. Se a sua presença fosse necessária em tribunal, o juiz ou magistrado marcava uma audiência.

Quinn foi levado para uma pequena sala de reuniões e tiraram-lhe as algemas. Cumprimentou o advogado, Dusty Shiver, que, como é óbvio, tinha de estar presente, embora não soubesse bem qual a natureza da reunião. Tinha avisado os agentes federais que o seu cliente não iria dizer uma palavra até ele, Dusty, o autorizar a falar.

Quinn estava na prisão há quatro meses e não estava muito bem. Por motivos que só os seus carcereiros conheciam, tinha sido isolado na solitária. O contato com os guardas era mínimo. A comida era terrível e ele estava a perder peso. Também tomava antidepressivos e dormia quinze horas por dia.

Era frequente se recusar a ver alguém da sua família ou Dusty. Numa semana, exigia o direito de se dar como culpado em troca de prisão perpétua; na semana seguinte, queria ir a julgamento. Tinha despedido Dusty duas vezes, apenas para voltar a contratá-lo dias depois. De vez em quando, admitia ter assassinado o juiz Fawcett e a namorada, mas retratava-se sempre e acusava o governo de dopar a sua comida. Ameaçara os guardas que os matava e lhes matava os filhos, para depois lhes pedir desculpa lavado em lágrimas, quando a sua disposição mudava.

Victor Westlake estava encarregado da reunião e começou por dizer: — Vamos diretos ao assunto, Mr. Rucker. Temos informações fidedignas em como o senhor e alguns de seus parceiros pretendem eliminar uma das nossas testemunhas.

Dusty tocou no braço de Quinn e disse: — Nem uma palavra. Não fale até lhe dizer que o pode fazer. Quinn sorriu para Westlake como se matar uma testemunha do governo fosse uma delícia. Westlake continuou: — O objetivo desta pequena reunião é avisá-lo, Mr. Rucker, de que, se alguma das nossas testemunhas for agredida, enfrentará acusações adicionais; e não será apenas você. Iremos atrás de cada membro da sua família.

Quinn deu um sorriso rasgado e deixou escapar: — Então, Bannister está por cima, hein?

— Cale-se, Quinn — disse Dusty.

— Não tenho que me calar — disse ele. — Ouvi dizer que Bannister tinha deixado o sol quente da Flórida.

— Cale-se, Quinn! — rosnou novamente Dusty.

— Arranjaram um rosto novo pra ele, provavelmente um nome novo e tudo mais — continuou Quinn.

Stanley Mumphrey interveio:

— Se fizer mal a alguma de nossas testemunhas, vamos acusar Dee Ray, Tall Man, vários primos seus e qualquer outra pessoa que conseguirmos pegar, Quinn.

— Vocês não têm testemunha nenhuma — disparou Quinn. — Só têm Bannister.

Dusty levantou as mãos no ar e deixou-se cair na cadeira.

— Aconselho-o a ficar calado, Quinn.

— Já entendi — disse Quinn. — Já entendi.

Westlake conseguiu manter a testa franzida para o acusado, mas estava atordoado. A reunião deveria intimidar Quinn, não assustar o governo. Como diabo tinham eles conseguido encontrar Bannister na Florida e agora sabiam que ele tinha fugido? Foi um momento arrepiante para Westlake e para os seus assistentes. Se conseguissem encontrar o informante, iriam certamente colocá-lo sob custódia.

— Sua família inteira pode enfrentar acusações de homicídio qualificado — investiu Stanley, numa tentativa débil de parecer duro.

Quinn limitou-se a sorrir. Parou de falar e cruzou os braços no peito.



Tenho que ver Vanessa Young. Um encontro tem um certo elemento de risco;

se fôssemos vistos juntos pelas pessoas erradas, levantaríamos questões que não estou preparado para responder. Mas um encontro é inevitável, como já o é há vários anos.

Vi-a em Frostburg, num dia de neve em que a maior parte dos visitantes não fez a viagem. Enquanto estava falando com meu pai, Henry, ela entrou na sala e sentou-se na mesa do lado. Estava ali para visitar o irmão. Era deslumbrante, com quarenta e poucos anos, pele de bronzeado suave, olhos lindos e tristes, pernas compridas, jeans justo. Tinha tudo. Não conseguia tirar os olhos dela, até que Henry disse: — Queres que me vá embora?

Claro que não queria, porque se ele se fosse embora a minha hora de visita acabava. Quanto mais tempo ele ali ficasse, mais podia eu olhar para Vanessa. Pouco tempo depois, ela estava olhando para mim também e não demoramos muito a estabelecer um contato ocular bastante sério. A atração foi mútua, no início.

Mas havia alguns pontos chatos. Antes de mais nada, o fato de estar preso e, depois, o casamento dela, que, ao que parecia, estava uma confusão. Apoiei-me no irmão dela para obter informações.

Mas ele queria ficar de fora do assunto. Trocamos algumas cartas, mas ela tinha medo de ser apanhada pelo marido. Tentou ir à prisão com mais frequência, para visitar o irmão e me visitar, mas tinha dois filhos adolescentes que lhe dificultavam a vida. Depois do divórcio resolvido, saiu com outros homens, mas nunca deu certo. Implorei a Vanessa que me esperasse, mas sete anos é muito tempo quando já se tem quarenta e um. Quando os garotos saíram de casa, Vanessa se mudou para Richmond, Virginia, e nosso romance de longa distância esfriou. O passado de Vanessa era tão problemático que ela era extremamente cuidadosa e mantinha sempre um olho no espelho retrovisor. Acho que temos isso em comum. Através de e-mails encriptados, conseguimos marcar uma hora e um local para o encontro. Avisei-a de que já não me parecia nada com o Malcolm Bannister que ela tinha conhecido na prisão. Ela disse que arriscaria assim mesmo. Mal podia esperar para ver minha nova versão, revista e melhorada.

Quando estacionei junto ao restaurante num subúrbio de Richmond, meu estômago revolveu com os nervos. Sentia-me um farrapo, porque estava prestes a tocar na mulher com quem sonhara durante quase três anos. Sei que ela também gostaria de me tocar, mas o cara por quem ela se sentia tão atraída no passado estava com um aspecto completamente diferente. E se ela não gostar do que vir? E se preferir Malcolm em vez de Max? Também era extremamente perturbador saber que ia passar algum tempo com a única pessoa, excluindo os agentes federais, que sabia que sou os dois homens.

Limpei a transpiração da testa e pensei em ir embora. Depois saí do carro e bati a porta.

Ela já estava sentada à mesa e, enquanto me aproximo com passos hesitantes, ela sorri. Gostou do que viu. Dei-lhe um beijo suave no rosto e sentei; ficamos simplesmente olhando um para o outro por muito tempo. Até que perguntei: — Então, o que acha?

Vanessa sacudiu a cabeça e disse: — É impressionante. Jamais diria que é você. Tem identidade?

Ambos rimos e respondi: — Claro, mas é tudo falso. Diz que sou Max, não Malcolm.

— Está mais magro, Max.

— Obrigado, você também. — Olhei de relance para as pernas dela por baixo da mesa. Saia curta. Sapatos extravagantes de salto alto. Vestida para a ação.

— Qual deles prefere? — perguntei.

— Bem, acho que já não tenho escolha, não é? Acho que está bonito, Max. Gosto da nova pessoa, do conjunto todo. Quem teve a ideia dos óculos?

— Meu consultor, o mesmo que sugeriu a cabeça raspada e a barba de quatro dias.

— Quanto mais olho, mais gosto.

— Graças a Deus. Estava uma pilha de nervos.

— Descontraia, querido. Temos uma longa noite pela frente.

O garçom veio perguntar o que queríamos beber — um martíni para mim, uma soda diet para ela. Havia muitas coisas sobre as quais eu não queria falar, principalmente minha súbita saída da prisão e a proteção de testemunhas. O irmão que ela costumava visitar já tinha saído, mas estava novamente preso, por isso o deixamo fora da conversa. Perguntei pelos filhos, uma filha de vinte anos que estava na universidade e um filho de dezoito que andava sem rumo, A certa altura, enquanto falava, ela me interrompeu e disse: — Até na fala você parece diferente.

— Ótimo. É uma nova cadência que ando praticando há alguns meses. Falo mais devagar e com a voz mais profunda. Parece genuína?

— Acho que sim. Sim, funciona.

Perguntou-me onde estava morando e expliquei que ainda não tinha casa. Viajava muito, tentando evitar que o FBI e outros me encontrassem, e ficava em muitos motéis baratos. Não era um fugitivo, mas ainda não estava exatamente em segurança. A comida chegou, mas mal nos demos conta.

— Parece mais jovem — disse ela. — De repente eu também devia procurar seu cirurgião plástico.

— Por favor, não mude nada.

Falei sobre as mudanças, principalmente de olhos, nariz e queixo. Divertia-se com a descrição das consultas com a equipe de cirurgia e nossos esforços para desenhar um rosto novo. Também estava dez quilos mais magro e ela achou que precisava engordar um pouco. À medida que os nervos acalmavam, ficamos mais descontraídos e conversamos como velhos amigos. O garçom perguntou se a comida estava boa, uma vez que mal lhe tocamos. Conversamos sobre uma série de coisas, mas no fundo estávamos ambos pensando no mesmo.

— Vamos sair daqui — acabei por dizer.

Mal tinha acabado de falar, já ela estava a agarrar na mala. Paguei o jantar e fomos para o estacionamento. Não gostava muito da ideia de irmos para o seu apartamento e ela concordou. Era bem pequeno e mal mobiliado, explicou. Entramos num hotel que vi no fim da rua e mandei vir uma garrafa de champanhe. Dois garotos em noite de núpcias não podiam de maneira nenhuma ter mais energia do que Vanessa e eu. Havia tanta coisa para relembrar, tanto tempo para recuperar...

capítulo **29**

Enquanto Vanessa estava trabalhando, dei algumas voltas que precisava dar em Richmond. Numa loja, gastei setenta dólares num celular barato pré-pago com cem minutos de conversação e, noutra, comprei um celular idêntico por 68 dólares. Ia dar um deles a Vanessa e ficar com o outro para mim. Num posto de atendimento, carreguei os cartões de crédito pré-pagos. Tinha hora marcada com o proprietário de uma loja de câmeras de filmar que se autointitula videógrafo, mas os preços dele são muito altos. Se tiver sorte e conseguir uma entrevista, preciso de duas pessoas — um operador de câmera e um assistente. Este tipo diz que trabalha com uma equipe completa, ou não trabalha de todo.

Vanessa e eu comemos sanduíches no almoço, numa lanchonete não muito longe do escritório dela. Ao jantar, fomos a um restaurante pequeno em Carytown. A nossa rotina pós-jantar é notável e maravilhosamente semelhante à da noite anterior e no mesmo quarto de hotel. Podíamos estar a assistir à formação de um hábito. No entanto, os planos para a nossa terceira noite foram perturbados por um telefonema do filho dela. Estava de passagem pela cidade e precisava de um lugar para ficar. Ela achou que ele também devia precisar de dinheiro.



Estávamos acabando o jantar quando o celular começou a vibrar no meu bolso. O identificador de chamadas diz “Desconhecido”, mas todas as ligações para aquele celular ainda eram desconhecidas. Como esperava notícias importantes, pedi licença a Vanessa e saí da mesa. Atendi o celular no pátio no restaurante. Uma voz vagamente familiar disse:

— Mr. Reed Baldwin, fala Nathan Cooley. Recebi sua carta.

Lembrei de falar devagar e com voz profunda.

— Sim, Mr. Cooley, obrigado por ligar. É evidente que recebeu minha carta, pois de que outro modo teria conseguido meu número?

— Quando quer conversar? — perguntou ele.

— A qualquer momento. Estou em Washington e acabamos de filmar por hoje. Tenho algum tempo livre, por isso agora seria uma boa hora para mim. E

você?

— Eu não vou a lugar nenhum. Como me encontrou?

— Pela Internet. Hoje em dia, é difícil uma pessoa conseguir se esconder.

— Acho que sim. Normalmente, durmo até tarde, depois trabalho no bar mais ou menos das duas da tarde até meia-noite.

— Que tal um almoço amanhã? — sugeri, um pouco ansioso demais. — Só nós dois, sem câmeras, gravadores, nada do estilo. Eu pago.

Seguiu-se uma pausa e prendi a respiração.

— Está bem, acho. Onde?

— Está na sua terra, Mr. Cooley. Escolha hora e local. Estarei lá.

— Muito bem, na saída da Interestadual 81 em Radford, há um restaurante chamado Spanky's. Amanhã ao meio-dia.

— Lá estarei.

— Como vou reconhecê-lo? — perguntou, e quase deixei cair o celular.

O reconhecimento é uma questão muito mais importante do que ele suspeitaria. Sujeitei-me a uma cirurgia que alterou radicalmente meu rosto. Raspava a cabeça dia sim, dia não, e fazia a barba uma vez por semana. Tinha passado fome para perder dez quilos. Usava óculos falsos com armação vermelha de tartaruga, assim como camiseta preta, casaco esportivo falso Armani e sapatos de lona que só se podiam encontrar em Miami ou L.A. Tinha um nome diferente. Tinha uma voz e uma maneira de falar diferentes.

E toda aquela charada tinha sido cuidadosamente planejada não para enganar as pessoas que queriam me seguir ou matar, mas para ocultar minha verdadeira identidade de você, Mr. Nathan Cooley.

— Tenho um metro e oitenta — respondi —, sou negro, magro. Uso a cabeça raspada e estarei de chapéu de palha branco, tipo panamá.

— É negro? — perguntou subitamente.

— Sou. Algum problema?

— Não. Até amanhã.

Regressei à mesa onde Vanessa me esperava ansiosamente. Disse-lhe suavemente: — Era Cooley. Vamos nos encontrar amanhã.

Ela sorriu e disse: — Força.

Acabamos o jantar e despedimo-nos com relutância. Beijamo-nos no exterior do restaurante como adolescentes. Pensei nela durante todo o caminho para Roanoke.

Cheguei quinze minutos mais cedo e estacionei de modo a poder ver os carros à medida que entravam no estacionamento do Spanky's. A primeira coisa que veria era o carro dele e isso revelaria muito. Seis meses atrás ele estava na prisão, onde cumprira pena de mais de cinco anos. Não tinha pai, a mãe era

alcoólica, e só tinha estudado até o décimo ano; por isso, seria interessante ver que veículo escolhera. Meu plano era, enquanto conversávamos, tomar nota mental de tudo o que pudesse observar — roupas, joias, relógio, celular.

O tráfego aumentou à medida que se aproximava a hora de almoço. Às 12h03, chegou uma picape Chevrolet Silverado prata, novinha em folha, de meia tonelada, e desconfiei que fosse Nathan Cooley. Era mesmo e estacionou do outro lado do parque. Olhou em volta com nervosismo enquanto se encaminhava para o restaurante.

Tinham-se passado quatro anos desde que o vira pela última vez e parecia não ter mudado muito. O mesmo peso, o mesmo cabelo louro despenteado, embora numa ocasião o tenha raspado na prisão.

Olhou duas vezes para a placa da Flórida do meu carro e entrou. Inspirei profundamente, coloquei o chapéu na cabeça e caminhei até a porta. *Fique calmo, idiota*, murmurei para meus botões, enquanto as tripas se revolviam. Precisava lidar com aquilo com punho firme e nervos de aço.

Encontramo-nos no pátio da frente e trocamos cumprimentos. Enquanto seguíamos o garçom até um reservado no fundo da sala, tirei o chapéu. Ficamos sentados frente a frente e falamos do tempo. Por instantes, senti-me quase assoberbado com o meu estratagema. Nathan estava falando com um desconhecido, enquanto eu falava com um garoto que um dia conheci bem. Ele parecia não desconfiar de nada: não fitava os meus olhos ou nariz; não semicerrava os olhos nem erguia a testa; não desviava o olhar enquanto ouvia minha voz. E graças a Deus não disse “Você me lembra um cara que conheci.” Até o momento, nada.

Disse à garçonete que queria uma cerveja, uma caneca, e Nathan hesitou antes de dizer: — O mesmo para mim.

O sucesso desta missão rebuscada podia muito bem depender do álcool. Nathan foi criado numa cultura de consumo excessivo de álcool e dependência de anfetaminas. Depois passou cinco anos na prisão, limpo e sóbrio. Presumi que, agora que estava cá fora, tivesse regressado aos seus velhos hábitos. O fato de ser proprietário do próprio bar era um bom indicador.

Para um idiota que nunca aprendeu a se vestir, até nem estava mal. Jeans desbotado, camisa polo da Coors Light que um vendedor devia ter deixado no bar e botas de combate. Não usava joias nem relógio, mas tinha uma tatuagem incrivelmente feia no interior do braço esquerdo, feita na prisão. Em suma, Nathan não mostrava que tinha dinheiro através da roupa.

As cervejas chegaram e fizemos um brinde.

— Fale-me do tal filme — disse ele.

Por força do hábito, acenei com a cabeça, fiz uma pausa e disse a mim

próprio para falar devagar, com uma voz clara e o mais profunda possível.

— Há dez anos que faço documentários e este é o projeto mais entusiasmante que vi.

— Mas, Mr. Baldwin, afinal de contas, o que é um documentário? Vejo alguns filmes no cinema e tudo, mas não sei se já vi muitos documentários.

— Muito bem. Normalmente, são filmes pequenos, produzidos por empresas independentes que não passam nas grandes salas de cinema. Não são comerciais. São sobre pessoas reais, problemas e assuntos reais; não entram grandes estrelas de cinema nem nada. São realmente bons. Os melhores ganham prêmios nos festivais de cinema, mas nunca rendem muito dinheiro. A minha empresa especializou-se em filmes que lidam com o abuso de poder, principalmente por parte do governo federal, mas também das grandes empresas. Bebi um gole e disse a mim mesmo para ir devagar. — A maior parte tem a duração de uma hora. Este é capaz de ter noventa minutos, mas decidimos isso mais tarde.

A garçonete voltou; eu pedi sanduíche de galinha e Nathan escolheu asas de frango.

— Como entrou no negócio de bares? — perguntei.

Ele bebeu um grande gole, sorriu e disse: — Através de um amigo. O cara que tinha o bar estava afundando, não por causa do bar, mas de outras propriedades. A recessão o atingiu com força, acho. Por isso, tentava vender o Bombay's. Procurava alguém que ficasse com aquilo e assumisse as dívidas, e eu pensei: por que não? Só tenho trinta anos, não tenho emprego, não tenho perspetiva, por que não arriscar? Até agora, está dando dinheiro. E é divertido. Sempre há por lá montes de garotas da universidade.

— Não é casado?

— Não. Não sei o que sabe de mim, Mr. Baldwin, mas acabei de cumprir pena de cinco anos de prisão. Graças ao governo federal. Não tenho tido muitos encontros amorosos ultimamente; estou voltando agora. Entende o que digo?

— Claro. A pena de prisão resultou do mesmo incidente em que o seu irmão foi morto, certo?

— Exatamente. Declarei-me culpado e fui condenado a cinco anos. Meu primo ainda está na prisão, a Big Sandy, no Kentucky, um lugar ruim. Quase todos os meus primos estão presos ou mortos. Foi um dos motivos pelos quais me mudei para Radford, Mr. Baldwin, para me afastar do negócio da droga.

— Entendo. Por favor, sou Reed. Mr. Baldwin é meu pai.

— Está bem. E eu sou Nathan, ou Nate.

Voltamos a brindar, como se fôssemos subitamente muito mais próximos. Na prisão, nós o chamávamos de Nattie.

— Fale-me de sua empresa cinematográfica — disse ele.

Já previa aquilo, mas ainda era um assunto difícil. Bebi um longo gole e engoli lentamente.

— A Skelter é uma empresa nova sediada em Miami; sou só eu e dois sócios, mais alguns funcionários. Trabalhei durante muitos anos para uma grande produtora de L.A., uma empresa chamada Cove Creeck Films, já é capaz de ter ouvido falar. — Não ouviu. Limitou-se a olhar para o traseiro tonificado de uma garçonete nova. — De qualquer maneira, a Cove Creeck ganhou uma série de prêmios e fez algum dinheiro decente no ramo, mas no ano passado foi abaixo. Houve uma grande disputa sobre o controle criativo da empresa e sobre os projetos seguintes. Ainda estamos no meio de uma batalha legal feia que parece que vai durar uns anos. Há até uma providência cautelar de um tribunal federal em L.A. que me proíbe de falar sobre a Cove Creeck ou sobre o processo, o que é uma loucura, não acha? — Para meu alívio, Nathan estava a perder rapidamente o interesse na minha empresa cinematográfica e nos seus problemas.

— E porque está sediado em Miami?

— Fui lá anos atrás para um filme sobre contratos de defesa falsos do governo e me apaixonei pelo lugar. Vivo em South Beach. Já esteve lá?

— Não. — Com exceção das viagens que fez com os *marshals*, Nathan nunca se tinha aventurado mais do que trezentos quilômetros em volta de Willow Gap.

— É um lugar onde as coisas acontecem. Tem praias lindas, garotas deslumbrantes, uma vida noturna selvagem. Divorciei-me há quatro anos e ando a gozar outra vez a vida de solteiro. Passo mais ou menos metade do ano lá. A outra metade ando em viagem a filmar.

Como é que se filma um documentário? — perguntou, e bebeu um pouco de cerveja.

É muito diferente de um filme com atores. Normalmente, sou apenas eu e um operador de câmera, talvez um técnico ou dois. O que é importante é a história, não o cenário nem o rosto dos atores.

E quer filmar-me?

— Claro. Você, talvez a sua mãe, quem sabe outros membros da família. Quero ir ao lugar onde o seu irmão foi morto. O que procuro com isto, Nathan, é a verdade. Estou prestes a descobrir alguma coisa, qualquer coisa que pode ser mesmo importante. Se conseguir provar que a DEA abate sistematicamente traficantes de droga, que os mata a sangue-frio, então talvez sejamos capazes de apanhar os filhos da mãe. O meu sobrinho estava ficando mesmo viciado, andava a enterrar-se cada vez mais no negócio do crack, mas não era um traficante sério. Era estúpido, sim, mas não era perigoso. Tinha dezessete anos e

não estava armado; foi alvejado três vezes à queima-roupa. Deixaram uma pistola roubada no local do crime, e a DEA diz que pertencia a ele. São um bando de mentirosos.

O rosto de Nathan contorceu-se lentamente com raiva e ele estava com ar de quem queria cuspir. Insisti: — O filme será a história de três, talvez quatro assassinatos destes. Não tenho certeza se meu sobrinho será incluído, uma vez que o diretor sou eu. Talvez esteja próximo demais da morte dele. Já filmei a história do José Alvarez em Amarillo, no Texas, um operário de dezanove anos sem documentos que foi alvejado quatorze vezes pela DEA. O problema é que na família dele ninguém fala inglês e não há muita simpatia pelos imigrantes ilegais. Filmei a história do Tyler Marshak, um universitário da Califórnia que andava a vender marijuana. A DEA invadiu o dormitório dele como se fosse um esquadrão da Gestapo e mataram-no na cama. É capaz de ter lido sobre isto nos jornais. — Não tinha lido. Nathan Cooley que eu conhecia jogava videogame horas a fio e nunca olhava para uma revista ou um jornal. Nem tinha a curiosidade inata para verificar a Skelter Films ou a Cove Creeck.

— De qualquer maneira, tenho imagens ótimas da porta do dormitório, da autópsia, e declarações da família, mas eles estão atualmente envolvidos num processo jurídico contra a DEA. Posso não ter autorização para usar o material.

O almoço chegou e pedimos mais cerveja. Nathan limpava os ossos do frango e a boca no guardanapo.

— Por que está tão interessado no caso do meu irmão?

— Digamos que estou curioso. Ainda não conheço os fatos todos. Gostava de ouvir a sua versão sobre o que aconteceu e rever a operação de apreensão de droga no local onde aconteceu. Os meus advogados já deram entrada com um pedido de liberdade de informação para termos acesso aos arquivos da DEA e ao processo do julgamento. Vamos vasculhar entre a papelada, mas há uma boa possibilidade de eles terem tentado encobrir tudo. É o que fazem normalmente. Vamos ligando as coisas lentamente e, ao mesmo tempo, vendo como você e sua família ficam na frente da câmera. A câmera não gosta de todas as pessoas, Nathan.

— Duvido que a câmera goste da minha mãe — disse ele.

— Veremos.

— Não estou muito certo disso. O mais certo é ela não querer. Basta falar na morte de Gene e ela fica destroçada. — Lambeu os dedos e pegou outra asa de frango.

— Mas isso é perfeito. É exatamente o que quero captar no filme.

— Qual é a duração? Estamos falando de quanto tempo?

Dei uma dentada no sanduíche e mastiguei enquanto pensava.

— Talvez um ano. Gostaria de acabar as filmagens nos próximos seis meses, depois tenho um período igual para cortar, colar, editar e talvez voltar a filmar algumas coisas. Uma pessoa pode andar eternamente a remexer nestas coisas e às vezes é difícil parar. No que lhe diz respeito, gostava de filmar algumas cenas iniciais, talvez umas três ou quatro horas, depois envio o material para os meus produtores e editores em Miami. Para eles o verem, ouvirem e terem uma ideia da história e da sua habilidade para a contar. Se todos concordarmos, continuamos a filmar.

— E eu ganho o que com isso?

— Nada, além da verdade e da possibilidade de expor os homens que mataram seu irmão. Pense nisso, Nathan. Não adoraria ver os canalhas acusados de assassinato e sujeitos a julgamento?

— Pode crer que adoraria.

Inclinei-me ferozmente, com os olhos faiscando.

— Então faça isso, Nathan. Conte-me sua história. Não tem nada a perder e muito a ganhar. Conte-me sobre o tráfico de droga, como destruiu a sua família, como o Gene se deixou apanhar nele, como era um simples modo de vida por estas bandas, já que não havia outros trabalhos. Não precisa de dizer nomes... não quero arranjar problemas a ninguém. — Bebi um gole e acabei a segunda cerveja. — Onde estava Gene da última vez que o viu?

— Deitado no chão, mãos atrás das costas, sendo algemado. Ainda ninguém tinha disparado tiro nenhum. O negócio estava acabado, a rusga também. Eu fui algemado e levado para longe, e foi então que ouvi tiros. Eles disseram que o Gene tinha passado uma rasteira a um agente e fugido para a floresta. Tretas. Eles mataram-no a sangue-frio.

— Tem de contar-me essa história, Nathan. Tem de me levar ao local e mostrar-me como aconteceu. O mundo precisa de saber o que o governo federal anda fazendo na sua guerra às drogas. Eles não fazem prisioneiros.

Ele inspirou profundamente e deixou o momento passar. Eu estava falando demais, depressa demais, e passei alguns minutos dedicado ao sanduíche. A garçonete perguntou se queríamos mais uma rodada.

— Para mim, sim, por favor.

E Nathan seguiu rapidamente meu exemplo. Acabou de comer uma asa, lambeu os dedos e disse: — Neste momento, a minha família anda a causar problemas. Por isso é que me vim embora para Radford.

Encolhi os ombros como se isso fosse problema dele, não meu, mas não fiquei surpreendido.

— Se você colaborar e o resto da sua família não, isso vai causar mais problemas ainda? — perguntei.

Ele deu uma gargalhada e disse:

— A norma entre os Cooley é dar problemas. Somos conhecidos por andar sempre em briga.

— Vamos fazer assim. Vamos assinar um acordo de uma página, já preparado pelos meus advogados num inglês tão simples que nem precisa de contratar um advogado, a não ser que goste de deitar dinheiro fora; esse acordo vai dizer que você, Nathan Cooley, irá cooperar inteiramente na realização deste documentário. Como recompensa, receberá a quantia de oito mil dólares, que é o mínimo exigido por lei para um ator neste tipo de projetos. De tempos a tempos, ou sempre que quiser, pode verificar o progresso do filme, e... e isto é crucial... se não gostar do que vir, pode abandonar o projeto e eu fico impedido de usar as suas imagens. É um acordo bastante justo, Nathan.

Ele acenou com a cabeça enquanto procurava lacunas, mas Nathan não é tipo para analisar as coisas rapidamente. Além disso, o álcool está a estimulá-lo. E suspeito que está a deliciar-se com a palavra "ator".

— Oito mil dólares? — repetiu.

— Sim, como lhe disse, estes filmes não têm orçamentos muito altos. Ninguém ganha muito dinheiro com isso.

O ponto mais interessante nessa história é que eu falei em dinheiro antes dele. Adociquei o acordo ao acrescentar: — Além de ganhar uma pequena fatia dos lucros. — Uma fatia dos lucros. Nathan estava provavelmente pensando em outra coisa.

— Isso quer dizer que receberá uns dólares se o filme conseguir vender alguns bilhetes, mas não conte muito com isso — disse. — Não está fazendo isso por dinheiro, Nathan. Está fazendo pelo seu irmão.

O prato na frente dele estava cheio de ossos. A garçonete trouxe a terceira rodada de cervejas e levantou os pratos. Era importante mantê-lo falando, porque não queria que tivesse tempo para pensar.

— Que tipo de rapaz era o Gene? — perguntei. Ele abanou a cabeça e parecia prestes a chorar.

— Era o meu irmão mais velho, sabe? O nosso pai desapareceu quando éramos pequenos. Fiquei só eu e o Gene.

Narrou algumas histórias da infância de ambos, histórias engraçadas de dois garotos que tentavam sobreviver. Acabamos a terceira caneca, e pedimos mais uma rodada, mas prometemos parar a seguir.

Às dez horas da manhã seguinte, Nathan e eu encontramo-nos num café em Radford. Ele leu o contrato, fez algumas perguntas e assinou-o. Eu assinei também enquanto vice-presidente da Skelter Films e entreguei-lhe um cheque de oito mil dólares, retirado da conta bancária da empresa em Miami.

— Quando começamos? — perguntou ele.

— Bem, Nathan, estou aqui e não me vou embora. Quanto mais cedo, melhor. Que tal amanhã de manhã?

— Pode ser. Onde?

— Tenho pensado nisso. Estamos no sudoeste da Virginia, onde as montanhas são importantes. Na verdade, esta terra tem muito a ver com a história. O carácter remoto das montanhas e tudo isso. Acho que gostaria de filmar no exterior, pelo menos numa fase inicial. Podemos sempre mudar de localização. Vive na cidade ou no campo?

— Aluguei uma casa mesmo à saída da cidade. Do jardim de trás tenho uma vista bonita de uns montes.

— Vamos dar uma vista de olhos. Estou lá amanhã às dez da manhã com uma equipe de filmagem para verificarmos a luz.

— Está bem. Falei com a minha mãe e ela diz que nem pensar.

— Posso falar com ela?

— Pode tentar, mas ela é muito teimosa. Não gosta da ideia de você ou outra pessoa qualquer fazendo um filme sobre Gene e nossa família. Acha que vai nos fazer parecer um bando de ignorantes das montanhas.

— Explicou-lhe que tem o direito de ver o filme enquanto está sendo feito?

— Tentei, mas ela estava bebendo.

— Lamento.

— Nos vemos amanhã de manhã.

capítulo 30

Nathan vivia numa pequena casa de tijolo vermelho, numa estrada estreita a alguns quilômetros para oeste do limite da cidade de Radford. O vizinho mais próximo habitava numo trailer duplo meio quilômetro mais perto da autoestrada. O relvado da frente estava agradavelmente aparado e alguns arbustos delineavam a varanda estreita na frente da casa. Quando chegamos e estacionamos no caminho de acesso, atrás da picape nova e brilhante de Nathan, ele brincava com seu labrador marrom-claro.

Minha equipe-maravilha consiste de minha nova assistente, Vanessa, que para este projeto se chama Gwen, e dois *freelancers* de Roanoke — Slade, o operador de câmera, e seu assistente, Cody. Slade se autointitula diretor e trabalha na garagem de casa. Tem câmeras e equipamentos e aspecto de diretor — cabelo comprido preso num rabo de cavalo, jeans esburacado nos joelhos e correntes douradas no pescoço. Cody é mais novo e de aspecto suficientemente desarrumado. Seus honorários são mil dólares por dia mais despesas, e uma parte do acordo é que fazem o que têm de fazer e ficam o mais calados possível. Prometi pagar em dinheiro e não mencionei a Skelter Films ou nenhum outro. Pode ser um documentário, como pode ser qualquer outra coisa. Basta fazerem o que eu mandar e não revelar detalhes a Nathan Cooley.

Vanessa chegou a Radford na noite anterior e juntamo-nos num hotel agradável que ela reservou em seu nome e pagou com um cartão de crédito pré-pago. Disse ao patrão que estava com gripe e que o médico a proibira de sair de casa durante alguns dias. Não sabe absolutamente nada sobre como se fazem filmes, e eu também não. Depois de uma desconfortável ronda de apresentações no caminho de acesso, fomos ver o espaço. O jardim dos fundos da casa de Nathan era uma grande área aberta que subia pela encosta de uma colina. Uma manada de veados de cauda branca saltou por cima da vedação assim que nos viu. Perguntei a Nathan quanto tempo demorava a cortar a relva e ele respondeu-me que eram precisas três horas. Apontou para um pequeno barracão onde estava guardado um elegante cortador de relva John Deere. Parecia novo. Nathan disse que era um rapaz do campo que preferia estar no exterior, gostava de caçar, de pescar e de fazer xixi nos fundos. Além disso, ainda pensa na prisão e na vida lá dentro, com mil homens sobrevivendo em tão pouco espaço. Não, definitivamente, ele adora espaços abertos. Enquanto caminhamos e conversamos, Slade e Cody perambulam sem destino, murmurando um para o

outro enquanto olha o sol e esfregam os queixos.

— Gosto disso aqui — disse eu, apontando e assumindo o comando. — Quero aquelas colinas no enquadramento.

Slade parecia não concordar, mas mesmo assim ele e Cody começaram a tirar o equipamento da van. Demoraram uma eternidade para montar tudo e, para mostrar meu gênio artístico, comecei a resmungar sobre o tempo. Gwen trouxe um pequeno estojo de maquiagem e Nathan concordou relutantemente em deixar que ela retocasse um pouco seu rosto com pó de arroz e uma centelha de *blush*. Eu tinha certeza de que era sua primeira vez, mas ele precisava se sentir na pele de um ator. Gwen usava saia curta e uma blusa que quase não estava apertada, e uma parte de sua missão é ver com que facilidade o rapaz se deixa provocar. Fingia estar olhando minhas notas, mas observava Nathan observando Gwen. Ele adorava a atenção e a provocação.

Quando a câmera, as luzes, o monitor e o som estavam quase prontos, puxei Nathan para o lado, só nós dois, o diretor e a estrela do filme, para lhe explicar minha visão.

— Muito bem, Nathan, quero que seja sério. Pense em Gene, no assassinato dele pelo governo federal. Quero que esteja melancólico, nada de sorrisos nem piadas neste momento, está bem?

— Entendido.

— Fale devagar, quase dolorosamente. Eu vou fazendo as perguntas, você olha para a câmera e responde simplesmente. Aja com naturalidade. É um rapaz bonito e acho que a câmera vai gostar de você, mas é importante que seja genuíno.

— Vou tentar — disse ele, e era óbvio que Nathan estava realmente ansioso para fazer aquilo.

— Só mais uma coisa, e já devia ter contado isso ontem. Se este filme alcançar o que esperamos e der fim à operação da DEA, pode vir a existir alguma retribuição, alguma vingança. Não confio nesses caras nem por um segundo, são um bando de canalhas sem nome e são capazes de qualquer coisa. É por isso que é importante que você esteja, digamos, afastado do negócio.

— Estou limpo, cara — disse ele.

— Não está traficando?

— Caramba, não. Não vou voltar para a prisão, Reed. Foi uma das razões que me fizeram vir para cá, para longe da minha família. Eles ainda fazem metanfetaminas para vender, mas eu não.

— Muito bem. Então, pense apenas no Gene.

Cody prendeu nele o microfone e nos posicionamos. Estávamos num cenário, sentados em cadeiras dobráveis, com luzes e fios em volta. A câmera

pairava acima do meu ombro e por instantes me senti mesmo um jornalista investigativo dos bons. Olhei para Gwen e disse: — Esqueceu as fotos? Vamos, Gwen!

Ela pulou quando resmunguei e pegou a máquina fotográfica.

— São apenas algumas fotos, Nathan, para um bom registro da luz.

Inicialmente, ele franziu a testa, mas depois sorriu para Gwen quando ela começou a tirar as foto. Finalmente, ao fim de uma hora ali, começamos a filmar. Segurei uma caneta com a mão esquerda e escrevi no bloco de notas.

Malcolm Bannister era destro, para o caso de Nathan desconfiar, coisa que parecia não estar acontecendo.

Para ajudá-lo a descontrair, comecei com o básico: nome, idade, emprego, educação, prisão, ficha, filhos, casamentos e aí por diante. Disse-lhe algumas vezes para descontrair, que estávamos apenas tendo uma conversa. Sua infância — casas diferentes, escolas, a vida com o irmão mais velho, Gene, a ausência do pai, a relação difícil com a mãe. Aqui, ele disse: — Escute, Reed, não vou falar mal da minha mãe, está bem?

— Claro que não, Nathan. Esse não é de todo o nosso objetivo.

Mudei rapidamente de assunto. Falamos da cultura de metanfetaminas que sempre existiu na sua juventude. Com alguma hesitação, Nathan abriu finalmente e fez uma descrição deprimente de uma juventude difícil cheia de drogas, bebida, sexo e violência. Quando tinha quinze anos, já sabia cozinhar *meth*. Dois primos morreram carbonizados quando um laboratório explodiu num trailer. Tinha dezesseis anos na primeira vez que conheceu uma cela de prisão. Abandonou a escola e a vida ficou ainda mais louca. Pelo menos, quatro primos dele tinham sido presos por distribuição de drogas; dois ainda estavam. Por muito ruim que fosse a prisão, tinha conseguido afastá-lo das drogas e do álcool. Ficou sóbrio os cinco anos em que ficou preso e agora estava determinado a continuar longe das drogas. A cerveja já era uma história diferente.

Paramos ao meio-dia. O sol estava muito alto e Slade mostrava-se preocupado com o brilho excessivo. Ele e Cody andaram pela área à procura de outro local.

— Quanto tempo pode dispensar hoje, Nathan? — perguntei.

— O patrão sou eu — disse ele com presunção. — Posso entrar quando quiser.

— Ótimo. Então, fazemos mais umas duas horas?

— Por que não? Que tal estou me saindo?

— Está formidável. Demorou uns minutos para descontrair, mas agora está muito suave, muito sincero.

— É um contador de histórias nato, Nathan — acrescentou Gwen.

Ele gostou das palavras dela. Gwen voltou com o estojo de maquiagem, limpou alguma transpiração na testa dele, passou o pincel, retocou, flertou, revelou. Ele ansiava por atenção.

Trouxemos sanduíches e bebidas sem álcool e comemos à sombra de um carvalho perto do barracão. Slade gostou daquele lugar e decidimos mudar o cenário para lá. Gwen murmurou algo para Nathan sobre usar o banheiro. Aquilo o deixou desconfortável, mas já não conseguia descolar os olhos das pernas dela. Afastei-me e fingi falar ao celular com gente importante de Los Angeles.

Gwen desapareceu pela porta dos fundos da casa. Mais tarde, relataria que a casa tinha dois quartos, mas apenas um estava mobiliado, na sala não havia nada além de um sofá, uma poltrona e uma televisão HD enorme; um banheiro precisando de uma boa faxina, uma cozinha com a lavadora de louça cheia de pratos sujos e a geladeira cheia de cerveja e carnes frias. Havia um sótão com uma escada dobrável. O chão era coberto de carpete barato. Havia três portas — frente, fundos e garagem —, todas reforçadas com fechaduras resistentes, visivelmente recém-colocadas. Parecia não haver sistema de alarme, já que não se viam teclados ou sensores em janelas e portas. No armário do quarto, dois rifles e duas escopetas. No armário do quarto vazio, nada além de um par de botas enlameadas.

Enquanto ela estava dentro da casa, eu continuava com minha chamada telefônica falsa e ia observando Nathan atrás de grandes óculos de sol. Ele continuava a olhar para a parte de trás da casa, nervoso por ela estar lá dentro, sozinha. Slade e Cody montavam novamente o equipamento sonoro no cenário. Quando ela voltou, Nathan descontraiu e pediu desculpas pela bagunça da casa. Ela arrulhou e ajeitou o cabelo dele. Com tudo nos devidos lugares, mergulhamos na sessão da tarde.

Nathan mencionou um acidente de moto quando tinha quatorze anos, e eu dissequei o assunto durante meia hora. Falamos do seu histórico rudimentar de empregos — patrões, colegas, deveres, salários, despedimentos. Voltamos ao negócio da droga, com detalhes sobre como se cozinha metanfetaminas, quem lhe ensinou, quais os ingredientes-chave e tudo mais. Romances, namoradas? Afirmou ter engravidado uma prima novinha quando tinha vinte anos, mas não fazia ideia do que tinha acontecido à mãe e à criança. Tinha uma namorada séria antes de ir para a prisão, mas ela esqueceu-se dele. A avaliar pela maneira como olhava para Gwen, era evidente que o rapaz andava com fome.

Tinha trinta anos e, com exceção da morte do irmão e da sua passagem pela prisão, a sua vida foi bastante banal. Depois de três horas de horas de bisbilhotice, extraí tudo e mais alguma coisa de interesse. Ele disse que tinha de ir trabalhar. — Temos de visitar o lugar onde o Gene foi morto — disse-lhe,

enquanto Slade desligava a câmera e todos descontraíam.

— Fica na entrada de Bluefield, a cerca de uma hora daqui — disse ele.

— Bluefield, Virginia Ocidental?

— Exatamente.

— E por que estavam lá?

— Fazíamos uma entrega, mas o comprador era um informante.

— Tenho que ver isso, Nathan, temos que percorrer o espaço e reconstruir a cena, a violência, o momento, o lugar onde Gene foi alvejado e morto. Foi à noite, certo?

— Sim, já passava muito da meia-noite.

Gwen limpava o rosto com uma toalha, tirando a maquiagem.

— Estava mesmo muito bem na frente da câmera — disse-lhe suavemente, e ele sorriu.

— Quando podemos ir lá? — perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Tanto faz. Amanhã, se quiser.

Perfeito. Concordamos em nos encontrar na casa dele às nove da manhã e seguir em caravana pelas montanhas da Virginia Ocidental, até a mina remota e abandonada onde os irmãos Cooley foram apanhados numa armadilha.

Tínhamos tido um bom dia com Nathan. Ele e eu nos demos bem como diretor e ator, e houve hora em que ele e Gwen pareciam prontos para tirar a roupa um do outro e se engalfinhar. No fim da tarde, ela e eu encontramos o caminho para o Bombay's, na Main Street de Radford, ao lado do campus da universidade, e sentamos numa mesa perto do alvo dos dardos. Ainda era muito cedo para o pessoal da universidade, embora alguns calouros já estivessem no balcão aproveitando os descontos da *happy hour*.

Pedi à garçonete para informar Nathan Cooley de que estávamos ali bebendo e, segundos depois, ele apareceu com um grande sorriso. Convidamos e ele aceitou se sentar e começamos a tomar cerveja. Gwen bebeu pouco e foi bebericando seu copo de vinho enquanto eu e Nathan emborcamos algumas imperiais.

Os estudantes chegavam e o bar começou a ficar mais agitado. Perguntei qual era o prato do dia: ostras panadas, conforme informava o quadro de ardósia. Pedimos dois pratos e Nathan desapareceu para gritar com o cozinheiro. Jantamos e ficamos até depois de escurecer. Não éramos apenas os dois únicos negros do bar, como também éramos os únicos com mais de vinte e dois anos. Nathan passou ocasionalmente pela nossa mesa para ver se estava tudo bem, mas era óbvio que era um homem ocupado.

capítulo 31

Às nove da manhã seguinte, voltamos à casa de Nathan e ele estava mais uma vez no jardim da frente brincando com o cachorro e nos esperando. Presumi que nos esperava fora porque não queria nos deixar entrar na casa. Expliquei que meu pequeno Audi precisava desesperadamente de conserto e seria melhor se pudéssemos ir na picape dele. Uma hora para cada lado nos dava duas horas a sós com Nathan sem distrações. Ele encolheu os ombros, disse que sim, tudo bem, e lá fomos nós, com Slade e Cody atrás na sua van. Eu ia na frente com ele; Gwen encolhida no banco de trás. Naquele dia, usava jeans, porque no dia anterior Nathan não conseguira tirar os olhos de suas pernas. Ia se mostrar um pouco mais afastada, só para mantê-lo na expectativa.

Enquanto nos encaminhávamos para oeste em direção às montanhas, admirei o interior da picape e expliquei-lhe que nunca tinha passado muito tempo naquele tipo de carro. Os bancos eram de couro, tinha um sistema de GPS bem avançado e tudo mais. Nathan tinha muito orgulho da picape e não se cansava de falar dela.

Para mudar de assunto, falei da mãe dele e disse que gostaria de conhecê-la. Nathan respondeu: — Escute, Reed, pode tentar à vontade, mas ela não gosta do que estamos fazendo. Falei com ela ontem à noite, expliquei o projeto todo e como é importante, quanto precisa do depoimento dela, mas não consegui nada.

— Mas podemos pelo menos falar, sei lá, dizer olá? — Quase me virei para sorrir para Gwen, agora que Nathan classificara o projeto de “importante”.

— Duvido. Ela é uma mulher muito teimosa, Reed. Bebe muito e tem um temperamento terrível. Neste momento, não estamos muito bem um com o outro.

Sendo o jornalista investigativo um curioso, decidi aprofundar esses assuntos mais sensíveis.

— Foi por ter se afastado do negócio da família, por estar ganhando dinheiro com seu bar?

— Isso é um pouco pessoal, não é? — disse Gwen do banco de trás, franzindo a testa.

Nathan inspirou profundamente e olhou pela janela lateral. Segurou no volante com as duas mãos e disse: — É uma longa história, mas a minha mãe sempre me culpou pela morte do Gene, o que é uma loucura. Ele era o meu irmão mais velho, o líder da gangue, o chefe do laboratório de metanfetaminas, além de que estava viciado naquilo. Eu não. Usava apenas ocasionalmente, mas

nunca me deixei agarrar. O Gene andava completamente descontrolado. Vamos a um local em que ele fazia entregas uma vez por semana. De vez em quando, eu ia com ele. Nem devia estar lá na noite em que fomos apanhados. Tínhamos um cara, não vou dizer nomes, mas ele costumava distribuir o nosso produto na zona oeste de Bluefield. Nós não sabíamos, mas o gajo foi apanhado, passou-se e contou tudo à DEA; onde e quando. Fomos apanhados numa armadilha e juro que não podia fazer nada para ajudar o Gene. Como já lhe contei, fomos cercados e iam levar-nos. Ouvi uns tiros e o Gene estava morto. Já expliquei isto à minha mãe uma centena de vezes, mas ela não me dá ouvidos. O Gene era o filho predileto e a morte dele é culpa minha.

— Terrível — murmurei.

— Ela visitou-o na prisão? — perguntou Gwen docemente do banco de trás.

Mais uma longa pausa.

— Duas vezes.

Não se disse mais nada durante uns cinco quilômetros. Estávamos agora na interestadual, em direção a sudoeste, enquanto ouvíamos Kenny Chesney no rádio. Nathan pigarreou e disse: — Para falar a verdade, estou tentando me afastar da minha família. Da minha mãe, dos meus primos e de um bando de sobrinhos preguiçosos. Já corre por aí que tenho um bom bar e que estou a safar-me bem, por isso não vai demorar muito até esses palhaços começarem a me pedir dinheiro. Preciso me afastar mais ainda.

— E para onde iria? — perguntei, com grande compaixão.

— Não para longe. Adoro a vida nas montanhas, as caminhadas, a pesca. Sou um caipira, Reed, e nunca vou mudar. Boone, Carolina do Norte, é um lugar agradável. Qualquer coisa do estilo. Um lugar qualquer onde o nome Cooley não apareça na lista telefônica. Deu uma gargalhada, uma breve e triste gargalhada.

Alguns minutos depois, atirou-nos com esta: — Tinha um amigo na prisão que acho um tanto parecido com você. Malcolm Bannister, era o nome dele; era um tipo espetacular, negro, de Winchester, Virginia. Era advogado e dizia sempre que o FBI o tinha apanhado sem motivo.

Ouvi e acenei com a cabeça como se aquilo não tivesse a menor importância. Quase sentia Gwen a agarrar-se ao banco de trás.

— E o que lhe aconteceu? — consegui perguntar. A minha boca nunca tinha estado tão seca.

— Acho que o Mal ainda está na prisão. Ainda tem mais uns anos para cumprir, acho eu. Já lhe perdi o rastro. É qualquer coisa, qualquer coisa na voz, talvez os maneirismos, qualquer coisa que não consigo identificar bem, mas você faz-me lembrar o Mal.

— É um mundo grande, Nathan — disse eu numa voz mais profunda,

completamente despreocupada. — E, não se esqueça, para os brancos, nós somos todos iguais.

Ele deu uma gargalhada e Gwen conseguiu rir também, constrangida.

Enquanto estava a recuperar em Fort Carson, trabalhei com um perito que me filmou durante horas e que fez uma lista com os hábitos e maneirismos que precisava mudar. Pratiquei durante horas.

Mas quando aterrissei na Florida deixei de praticar. Os movimentos e hábitos naturais são difíceis de mudar. A minha mente estava paralisada e não conseguia pensar em nada para dizer. Gwen interveio: — Nathan, falou há pouco de sobrinhos. Quanto tempo acha que isto vai continuar? Quero dizer, parece que em muitas famílias o negócio das metanfetaminas está a passar de geração em geração.

Nathan franziu a testa e pensou na pergunta dela.

— Eu diria que não há muita esperança. Não há empregos, exceto nas minas de carvão, e a maior parte dos jovens hoje em dia já não quer trabalhar nas minas. Além de que começam a apanhar umas pedras aos quinze anos e aos dezesseis já estão totalmente agarrados. As garotas engravidam aos dezesseis anos, são garotos tendo garotos, são bebês que ninguém quer. Mal se começa nessa vida, já não se consegue parar. Não vejo muito futuro por aqui, pelo menos para pessoas como eu.

Estava a ouvi-lo, mas não o escutava; a minha cabeça estava a mil, questionando-me quanto sabia Nathan. Estaria muito desconfiado de mim? O que fiz para o alertar? Continuava com o disfarce intacto — tinha certeza —, mas em que ele estava pensando? Bluefield, na Virginia Ocidental, era uma cidade de onze mil habitantes localizada no extremo sudoeste do Estado, não muito longe da fronteira da Virginia. Contornamo-la pela Autoestrada 52 e entramos rapidamente em estradas tortuosas que subiam e desciam de forma dramática. Nathan conhecia bem a área, embora não fosse ali há anos. Viramos para uma estrada secundária e mergulhamos ainda mais no vale. O asfalto acabou e andamos aos ziguezagues por estradas de gravilha e terra até pararmos à beira de um riacho. Velhos carvalhos de folha caduca pairavam por cima das nossas cabeças, bloqueando o sol. A vegetação chegava-nos aos joelhos.

— Aqui estamos — disse Nathan, enquanto desligava o carro.

Saímos e eu disse a Slade e Cody para pegarem o equipamento. Não íamos usar luzes e queria a câmera menor, a portátil. Eles reuniram o equipamento.

Nathan caminhou até a beira do riacho e sorriu para a água que borbulhava.

— Vinha aqui com muita frequência? — perguntei.

— Nem por isso. Tínhamos vários pontos de entrega em redor de Bluefield, mas este era o principal. Gene já fazia entregas aqui há dez anos, mas eu não. A

verdade é que eu não trabalhava tanto no negócio como ele queria. Conseguia ver que aquilo ia dar problema. Tentei arranjar outros trabalhos, sabe? Queria sair. E Gene queria que eu me envolvesse mais.

— Onde estavam estacionados?

Ele virou e apontou. Decidi mudar a picape dele e a van de Slade de lugar para não serem apanhadas na imagem. Contando com minhas habilidades de diretor, queria filmar uma sequência de ação com Nathan se aproximando do local a pé e a câmera bem atrás dele. Ensaiamos durante alguns minutos e depois começamos a gravar. Nathan fazia a narração.

— Mais alto, Nathan. Tem de falar mais alto — rosnei do outro lado.

Nathan ia caminhando para o local e falava ao mesmo tempo.

— Quando chegamos, Gene e eu, eram mais ou menos duas da manhã. Viemos na van dele, eu dirigindo. Quando nos aproximamos, vimos que o outro veículo já estava ali, recuado junto àquelas árvores, exatamente onde devia estar. — Continuou a andar e a apontar. — Tudo parecia estar normal. Estacionamos perto do outro carro e nosso homem, vamos chamá-lo de Joe, e Joe saiu do carro e nos cumprimentou. Cumprimentamos também e fomos para trás da van de Gene. Numa caixa de ferramentas fechada, tínhamos cerca de cinco quilos de *meth*, produto do bom, a maior parte cozida pelo próprio Gene, e embaixo de uma placa de compensado havia uma pequena caixa térmica, com mais cinco quilos, mais ou menos. A entrega total era de cerca de dez quilos, com um valor no varejo de perto de duzentos mil dólares. Tiramos o produto da van e levamos para a mala do carro do Joe; assim que fechamos a mala, parecia que o mundo tinha desabado. Devia ser uma dúzia de agentes e caíram em cima de nós. Não sei de onde vieram, mas foram rápidos. Joe desapareceu e nunca mais o vi. Arrastaram Gene até a van dele. Ele amaldiçoava Joe e fazia ameaças. Eu estava tão assustado que mal conseguia respirar. Eles nos pegaram com a boca na botija e eu sabia que ia para a prisão. Me algemaram, revistaram minha carteira, os bolsos e me levaram por aquela trilha ali. Enquanto me afastava, olhei por cima do ombro e mal consegui ver Gene, no chão, as mãos atrás das costas. Estava furioso e continuava a berrar. Alguns segundos mais tarde, ouvi os tiros e Gene gritando quando foi atingido.

Mais alto, eu disse: — Corta. — E andei em círculos por algum tempo. — Vamos fazer outra vez — disse, e voltamos ao início.

Depois do terceiro *take*, estava satisfeito e agarrei-me à ideia seguinte. Pedi a Nathan para se colocar no local onde Gene estivera deitado da última vez que ele o viu. Colocamos uma cadeira dobrável no local e Nathan se sentou. Quando a câmera começou a gravar, perguntei: — Nathan, qual foi a sua reação inicial quando ouviu os tiros?

— Não podia acreditar. Eles atiraram Gene no chão e havia pelo menos quatro agentes em volta dele. As mãos já estavam atrás das costas, mas sem algemas. Ele não estava armado. Havia uma escopeta e duas pistolas 9mm na van, mas não tínhamos tocado nelas. Não quero saber o que a DEA disse mais tarde, Gene não estava armado.

— Mas quando ouviu os tiros?

— Parei de andar e gritei algo como “O que foi isso? O que aconteceu?” Gritei pelo Gene, mas os agentes me empurraram para a frente, trilha abaixo. Não podia olhar para trás... já estava afastado demais. A certa altura, disse que queria ver meu irmão, mas eles se limitaram a rir e a me empurrar pela escuridão adentro. Acabamos por chegar a uma van e me enfiaram nela. Levaram-me para a prisão em Bluefield e fui o caminho todo perguntando pelo meu irmão. “O que aconteceu ao meu irmão? Onde está Gene? O que fizeram com ele?”

— Vamos cortar por um minuto — disse a Slade. Depois olhei para Nathan. — Neste ponto, pode mostrar alguma emoção, Nathan. Pense nas pessoas que estão vendo esse filme. O que quer que elas sintam enquanto ouvem essa história terrível? Fúria? Amargura? Tristeza? É você que tem que transmitir esses sentimentos, por isso vamos tentar novamente, mas desta vez com alguma emoção. Consegue?

— Vou tentar.

— Gravando, Slade. Agora, Nathan, quando percebeu que seu irmão estava morto?

— Na manhã seguinte, na cadeia, um delegado veio me ver com a papelada na mão. Quando perguntei por Gene, ele respondeu: “Seu irmão está morto. Tentou fugir da DEA e eles lhe deram um tiro.” Assim, sem mais nem menos. Sem compaixão, sem preocupação, nada.

Nathan fez uma pausa e engoliu com dificuldade. Os lábios começaram a tremer e tinha os olhos úmidos. Por trás da câmera, levantei um polegar. Ele continuou: — Eu nem sabia o que dizer. Estava em choque. O Gene não tentou fugir. O Gene foi assassinado. — Limpou uma lágrima com as costas da mão. — Desculpe — disse suavemente, e o garoto estava realmente sofrendo. Não havia fingimento ali, apenas emoção verdadeira.

— Corta — disse eu, e fizemos uma pausa. Gwen se aproximou com um pincel e uns lenços de papel.

— Lindo, simplesmente lindo — disse.

Nathan se levantou e caminhou até o riacho, perdido em seus pensamentos. Eu disse a Slade para começar a filmar novamente.

Passamos três horas naquele local, filmando e repetindo cenas que criei na altura, e à uma da tarde já estávamos cansados e esfomeados. Encontramos um

restaurante de comida rápida em Bluefield e comemos hambúrgueres com batatas fritas. No caminho de regresso a Radford, íamos os três em silêncio, até que disse a Gwen para ligar para Tad Carsloff, um dos meus sócios que estava em Miami. O nome de Carsloff foi mencionado pela secretária do CRS quando Nathan ligou para o nosso escritório, dois dias antes.

Fingindo uma conversa, Gwen disse: — Olá, Tad, é a Gwen. Bem. E tu? Sim, bem, estamos a regressar a Radford com o Nathan.

Passamos a manhã no local onde o irmão dele foi assassinado, temos momentos bastante poderosos. O Nathan fez um trabalho fantástico com a narração. Nem precisa de guião, sai-lhe tudo naturalmente.

Olhei de relance para Nathan, ao volante. Não foi capaz de evitar um sorriso convencido.

Gwen continua o diálogo consigo mesma: — A mãe? — Uma pausa. — Ainda não cedeu. O Nathan diz que ela não quer participar no filme e que não aprova. Reed quer tentar outra vez amanhã. — Uma pausa. — Está pensando em ir onde eles viveram, filmar a campa, falar com velhos amigos, talvez alguns dos tipos que trabalharam com ele, sabes como é, esse tipo de coisas.

— Uma pausa, enquanto ouvia atentamente coisa nenhuma. — Sim, as coisas não podiam estar a correr melhor por aqui. O Reed está animadíssimo com os dois primeiros dias e é maravilhoso trabalhar com o Nathan. Cenas realmente poderosas. Reed diz que liga mais tarde. *Ciao*.

Continuamos em silêncio durante mais dois ou três quilômetros, enquanto Nathan absorvia os elogios. Até que disse, finalmente: — Então, amanhã vamos a Willow Gap?

— Sim, mas, se não quiser, não é obrigado a ir — respondi. — Acho que ao fim de dois dias já deve estar farto disto.

— Quer dizer que já acabaram o trabalho comigo? — perguntou com tristeza. — Oh, não. Depois de amanhã, vou para casa, para Miami, e vou passar alguns dias vendo as filmagens. Começaremos então a editar e a desbastar um pouco os conteúdos. Depois, dentro de um par de semanas, quando puder trabalhar conosco, regressamos para mais uma ronda de filmagens.

— Já contaste ao Nathan a ideia do Tad? — perguntou Gwen do banco de trás.

— Não, ainda não.

— Eu acho que é brilhante — disse ela.

— O que é? — perguntou Nathan.

— O Tad é o melhor editor da empresa e colaboramos em todas as fases. Uma vez que este filme envolve três ou quatro famílias diferentes, crimes diferentes, ele sugeriu se reunirem no mesmo espaço, num local com todo o

conforto, e deixar as conversas surgirem.

Sem guiões, sem direção, apenas os fatos, tão brutais como são na realidade. Como lhe disse, pesquisamos meia dúzia de casos e todos são espantosamente semelhantes. Vamos pegar os três ou quatro melhores...

— O seu é definitivamente o melhor — interrompeu Gwen.

— E deixar vocês, as vítimas, comparar as histórias. Tad acha que isso pode ser para lá de poderoso.

— E tem razão — trinou Gwen. — Eu adoraria ver o resultado.

— Sinto-me inclinado a concordar — disse eu.

— E onde nos vamos encontrar? — perguntou Nathan, praticamente decidido.

— Não estamos assim tão afastados, por isso provavelmente em Miami.

— Alguma vez esteve em South Beach, Nathan? — perguntou Gwen.

— Não.

— Meu Deus. Para um rapaz solteiro, de trinta anos, não vai querer de lá sair. A festa é interminável e as garotas... Como descreverias as garotas, Reed?

— Nem reparei — disse, como tínhamos combinado.

— Pois sim. Digamos apenas que são bonitas e boas.

— Isto não se trata de uma festa — disse, repreendendo a minha assistente. — Também podemos fazer o encontro na zona de D.C., o que provavelmente seria mais conveniente para as famílias.

Nathan não se manifestou, mas sei que o seu voto vai para South Beach.

Vanessa e eu passamos a tarde num quarto de hotel em Pulaski, na Virginia, a meia hora de Radford, para sudoeste. Revimos as minhas anotações de Fort Carson e tentamos perceber ansiosamente o que deixara Nathan desconfiado. Ouvi-lo dizer o nome de Malcolm Bannister foi suficientemente arrepiante; agora precisávamos de entender porque o tinha feito. Malcolm apertava o nariz quando pensava. Tamborilava levemente com os dedos quando escutava alguém. Inclinava ligeiramente a cabeça para o lado direito quando estava divertido. Baixava o queixo quando se mostrava cético.

E encostava o indicador direito na têmpora quando estava aborrecido com a conversa.

— Basta manteres as mãos longe do rosto — aconselhou Vanessa.

— E falares num tom mais baixo.

— A minha voz saiu aguda demais?

— Tende a voltar ao normal quando fala muito. Fique mais calado. Não diga tantas palavras.

Conversamos sobre a seriedade da desconfiança dele. Vanessa estava convencida de que Nathan estava completamente do nosso lado e ansioso pela

viagem a Miami. Tem certeza de que ninguém do meu passado conseguiria me reconhecer. Sentia-me inclinado a concordar com ela, mas ainda estava atordoado com a realidade de Nathan ter proferido o meu nome. Quase acreditava que o seu olhar tinha um brilho especial quando o disse, como se quisesse dizer: “Sei quem és e sei porque estás aqui.

capítulo 32

Nathan insistiu em ir conosco à sua terra natal, Willow Gap; por isso, pela segunda manhã consecutiva, viajamos pelas montanhas e enquanto ele guiava Gwen falava entusiasticamente das reações em Miami. disse-lhe que Tad Carsloff e as outras pessoas importantes na sede da empresa tinham visto as imagens todas ontem à noite e estavam mais do que satisfeitos. Adoraram ver Nathan em vídeo e estavam convencidos de que ele representava um ponto de virada na produção do nosso documentário. Mais importante do que isso, um dos nossos maiores investidores estava de visita a Miami e calhou ver as imagens da Virginia. O tipo ficou tão impressionado com Nathan e com todo o filme que estava disposto a duplicar o investimento. Tinha imenso dinheiro e achou que o filme devia durar pelo menos noventa minutos. Podia dar origem a acusações na DEA. Podia explodir num escândalo como Washington nunca vira.

Enquanto ouvia esta conversa, estava ao telefone, presumivelmente falando com a sede, mas não havia ninguém do outro lado da linha. Ia grunhindo ocasionalmente e dizia qualquer coisa profunda, mas estava mais ouvindo, matutando e agindo como se o processo criativo pudesse ser verdadeiramente chato. De vez em quando, olhava de relance para Nathan. Estava entusiasmadíssimo.

No café da manhã, Gwen tinha voltado a reforçar que eu devia falar o menos possível, que, quando o fizesse, tinha que ser devagar e com voz profunda, e que devia manter as mãos afastadas do rosto. Não me importei que ela fizesse a maior parte da conversa, já que era boa nisso.

Gene Cooley estava sepultado por trás de uma igreja da província abandonada, num pequeno cemitério cheio de ervas daninhas com cerca de uma centena de sepulturas. Disse a Slade e Cody que precisava de vários planos da sepultura e do espaço que a rodeava e afastei-me para mais um telefonema importante. Nathan, já bem dentro do seu papel de ator, sugeriu ajoelhar-se ao lado da sepultura enquanto a câmera filmava, e Gwen adorou a ideia. Acenei afirmativamente ao longe com o celular junto à boca, murmurando para ninguém. Nathan conseguiu até derramar algumas lágrimas e Slade fez o zoom para um grande plano.

Para que conste, Willow Gap tem uma população de quinhentos habitantes, mas nunca os conseguiríamos encontrar. O que chamam de centro era na verdade uma estrada cheia de ervas com quatro edifícios a cair de velhos e uma loja com

o posto dos correios ao lado. Andavam por ali algumas pessoas e Nathan começou a ficar nervoso. Conhecia bem aquela gente e não queria ser visto com uma equipe de filmagens. Explicou que a maior parte dos residentes, incluindo a sua família e amigos, vivia fora da povoação, nas veredas estreitas da província e nos vales profundos. Eram pessoas desconfiadas por natureza, e naquele momento entendi por que motivo insistiu em acompanhar-nos.

A escola que ele e Gene frequentaram não era ali; os garotos de Willow Gap faziam a viagem de ônibus para a escola, a uma hora de distância.

— Abandonar os estudos tornou as coisas mais fáceis — disse Nathan, quase para si próprio. Relutantemente, mostrou-nos uma casa minúscula com quatro divisões onde ele e Gene tinham vivido durante um ano. — Foi o último lugar onde me lembro de ter vivido com o meu pai — disse. — Eu devia ter uns seis anos, por isso o Gene devia ter dez.

Convenci-o a se sentar nos degraus estragados e a falar para a câmera sobre os lugares onde ele e Gene tinham vivido. Por instantes, esqueceu-se do fascínio da sua condição de ator e ficou um pouco melancólico. Perguntei-lhe sobre o pai, mas ele não quis falar dele. Ficou zangado e começou a discutir comigo; subitamente, tinha voltado à atuação. Alguns minutos mais tarde, Gwen, completamente do lado dele e farta de mim, disse que ele estava sendo soberbo.

Enquanto permanecemos à frente da casa, andei de um lado para o outro, como se estivesse perdido numa névoa criativa profunda. Acabei por lhe perguntar onde vivia a mãe agora. Ele apontou e disse: — A cerca de dez minutos por esta estrada, mas não vamos lá, está bem?

Concordei com relutância e afastei-me para voltar a falar ao telefone.

Depois de duas horas em Willow Gap, já tínhamos visto o suficiente. Fiz saber que não estava muito contente com o que tínhamos conseguido e comecei a ficar irritado.

— Isto passa-lhe — murmurou Gwen para Nathan.

— Onde ficava o laboratório de Gene? — perguntei.

— Já não existe — disse ele. — Explodiu pouco tempo depois de ele morrer.

— Olha que bom — resmunguei.

Acabamos por arrumar o equipamento e deixar o local. Pelo segundo dia consecutivo, o almoço foi hambúrgueres e batatas fritas num restaurante mesmo junto à saída da interestadual. Quando estávamos novamente na estrada, acabei mais uma chamada imaginária e guardei o celular no bolso. Virei-me para olhar para Gwen e era óbvio que tinha boas notícias.

— Muito bem, a situação é a seguinte. Tad tem falado insistentemente com a família Alvarez no Texas e com a família Marshak na Califórnia. Já lhe falei destes dois casos, Nathan. O garoto Alvarez foi alvejado quatorze vezes pelos

agentes da DEA. O garoto Marshak estava dormindo no dormitório da universidade quando eles entraram e o mataram antes de ele acordar. Recorda-se?

Nathan acenou com a cabeça enquanto dirigia.

— Encontraram um primo da família Alvarez que fala bem inglês e que está disposto a falar. Mr. Marshak processou a DEA e os advogados disseram-lhe para ficar de bico calado, mas ele está realmente furioso e quer tornar o caso público. Ambos podem estar em Miami neste fim de semana, com todas as despesas pagas, claro. Como ambos trabalham, as filmagens têm de ser feitas no sábado.

Nathan, duas perguntas: primeira, quer ir para a frente com isto? E segunda: pode ir para Miami assim tão em cima da hora?

— Já lhe falaste dos arquivos da DEA? — perguntou Gwen antes que ele pudesse responder.

— Não. Acabei de saber hoje de manhã.

— O que foi? — perguntou Nathan.

— Acho que já lhe tinha dito que os nossos advogados tinham dado entrada à papelada necessária para obtermos cópias dos processos da DEA sobre vários casos, incluindo o do Gene. Ontem, um juiz federal de Washington decidiu a nosso favor, bem, mais ou menos. Podemos consultar os arquivos, mas não podemos ficar com eles na nossa posse. Por isso, a DEA de D.C. Vai mandar os processos para os respetivos escritórios de Miami, onde poderemos aceder aos arquivos.

— Quando? — perguntou Gwen. — Já na segunda-feira.

— Quer ver o processo do Gene, Nathan? — perguntou Gwen cautelosamente, soando muito protetora.

Como ele não respondeu de imediato, intercedi: — Não nos vão mostrar tudo, mas vai haver muitas fotografias... Coisas do local do crime e declarações de todos os agentes, provavelmente uma declaração do informante que tramou tudo. Vai haver relatórios de balística, a autópsia e fotografias da autópsia. Pode ser fascinante.

Nathan cerrou os maxilares e disse: — Gostaria de ver.

— Então, vamos? — perguntei.

— Qual é a desvantagem? — perguntou ele, e a pergunta exigiu alguns minutos de cuidadosa ponderação. Até que lhe respondi: — A desvantagem? Se ainda estiver metido no negócio, a DEA virá atrás de você com toda a sua força. Já tivemos essa conversa.

— Não estou traficando. Já lhe disse isso.

— Então, não há desvantagem. Está fazendo isso por Gene e pelas outras

vítimas da DEA. Está fazendo isso por uma questão de justiça.

— E vai adorar South Beach — acrescentou Gwen.

Fechei o negócio ao dizer.

— Podemos sair de Roanoke amanhã à tarde, voar diretamente para Miami, filmar no sábado, descontrair no domingo e ver os processos da DEA na segunda-feira de manhã. À noite, já estaria em casa.

— Pensei que o jato de Nicky estivesse em Vancouver — disse Gwen.

— E está — respondi. — Mas vai chegar aqui amanhã à tarde.

— Você tem um jato? — perguntou Nathan, olhando para mim com verdadeiro espanto.

Aquilo nos divertiu, a Gwen e a mim. Dei uma gargalhada e disse: — Não é meu, pessoalmente, mas a empresa aluga um. Viajamos muito e às vezes é a única maneira de conseguir fazer as coisas.

— Não posso ir embora amanhã — disse Gwen, olhando para a agenda no iPhone. — Vou estar em D.C., mas posso chegar lá no sábado. Não vou perder o encontro das três famílias. Incrível.

— E quanto ao seu bar? — perguntei a Nathan.

— O dono sou eu — respondeu ele, convencido. — E tenho um gerente bastante bom. Além de que gostava de sair daqui por uns dias. O bar ocupa-me dez, doze horas por dia, seis dias por semana.

— E o seu agente de liberdade condicional?

— Sou livre de viajar. Só tenho de o notificar, mais nada.

— Isto é muito excitante — disse Gwen, quase gritando de entusiasmo.

Nathan sorria como uma criança no Natal. Eu estava com o meu ar profissional, como sempre.

— Escute, Nathan, preciso marcar isso já. Se vamos, basta dizer que sim. Tenho de ligar ao Nicky para disponibilizar o jato e ao Tad para providenciar as viagens das outras famílias. Sim ou não?

Sem qualquer hesitação, Nathan respondeu: — Sim. Vamos lá.

— Ótimo.

— De que hotel o Nathan gostaria mais, Reed? — perguntou Gwen.

— Não sei. São todos bons. Decide tu. — Premi algumas teclas do meu celular e dei início a mais uma conversa unilateral.

— Quer ficar em frente à praia, Nathan, ou um quarteirão mais para dentro?

— Onde estão as garotas? — perguntou ele, rindo de seu incrível senso de humor.

— Muito bem, na praia, então.

Quando chegamos a Radford, Nathan Cooley pensava que tinha quarto reservado num dos melhores hotéis do mundo, numa das praias mais badaladas,

e que chegaria lá de jato particular, que seria realmente o mais adequado a um ator da sua dimensão.



Vanessa partiu numa corrida desenfreada para Reston, Virginia, nos subúrbios de D.C., a umas quatro horas de distância. Seu primeiro destino era uma empresa de aluguel de espaço num centro comercial degradado a céu aberto. Era oficina de um grupo de falsários talentosos que conseguiam criar na época praticamente qualquer documento. Especializavam-se em passaportes, mas pela quantia certa de dinheiro conseguiam reproduzir diplomas universitários, certidões de nascimento, licenças de casamento, despachos de tribunal, registros de propriedade de automóvel, avisos de despejo, habilitação, históricos de crédito — não havia limite para suas façanhas. Algumas atividades eram legais, outras não. Anunciavam descaradamente seus serviços na Internet, como de resto um número impressionante de concorrentes, mas afirmavam ser cuidadosos com as pessoas com quem trabalhavam.

Encontrara-os há várias semanas depois de uma busca intensiva e, para avaliar sua segurança, enviei-lhes um cheque de quinhentos dólares da Skelter Films e pedi um passaporte falso. O documento chegou à Flórida uma semana depois e fiquei chocado com sua aparente autenticidade. De acordo com o cara com quem falei ao telefone, um verdadeiro perito, eu tinha chance de 80/20 de que o passaporte passaria na alfândega, se eu quisesse sair do país. A chance de entrar em qualquer país do Caribe era de noventa por cento. No entanto, podia surgir algum problema se tentasse voltar aos Estados Unidos. Garanti que isso não ia acontecer, não com o passaporte falso. Ele disse que hoje em dia, na era do terrorismo, o controle americano de passaportes se preocupava mais com quem constava da lista *Proibidos de Voar* do que com quem anda com documentos falsos.

Como era um trabalho urgente, Vanessa deu-lhes mais mil dólares em dinheiro e eles se dedicaram de imediato ao trabalho. O falsário com quem lidou era um cara nervoso de nome estranho que declinou o nome com relutância. À semelhança dos colegas, trabalhava sozinho num cubículo fortificado e atulhado. A atmosfera era tensa, como se todos estivessem violando uma lei qualquer e esperassem que a SWAT aparecesse a qualquer momento. Não gostavam que as pessoas fossem lá. Preferiam o escudo da Internet, para que ninguém visse seu

negócio obscuro.

Vanessa entregou o cartão de memória da máquina fotográfica e, numa tela de vinte polegadas, observaram as foto do sorridente Nathan Cooley. Selecionaram uma para o passaporte e a habilitação e trataram dos dados — morada, data de nascimento, *etc.* Vanessa disse que queria os novos documentos em nome de Nathaniel Coley, não Cooley. *Como queira*, disse o sujeito. Ele lá queria saber. Pouco tempo depois, já estava perdido num redemoinho de imagens de alta resolução. Demorou uma hora para produzir um passaporte americano e uma carteira de motorista da Virginia que enganariam qualquer um. A encadernação azul de vinil do passaporte estava bem usada, e nosso Nathan, que nunca tinha viajado para longe, já conhecia agora a Europa toda e a maior parte da Ásia.

Vanessa voltou depressa para D.C., onde pegou dois estojos de primeiros socorros, uma pistola e alguns comprimidos. Às 8h30, mudou de rumo e dirigiu-se para o sul, para Roanoke.

capítulo 33

O avião era um Challenger 604, um dos melhores jatos privados para voos charter. A cabine tem oito confortáveis lugares e permite que pessoas com menos de um metro e oitenta circulem à vontade sem bater com a cabeça no teto. Um avião novo custa cerca de trinta milhões de dólares, segundo as informações e especificações online, mas eu não andava à procura de um para comprar. Precisava apenas de um aluguel rápido, que custava cinco mil dólares por hora. O serviço de charter ficava fora de Raleigh, e foi pago por inteiro com um cheque da Skelter Films de Miami. Tínhamos marcação para partir de Roanoke na sexta-feira às cinco da tarde, só dois passageiros Nathan e eu. Passei a maior parte da manhã de sexta-feira a convencer o serviço de charter que enviaria por e-mail cópias dos passaportes assim que encontrasse o meu. A minha história era que não sabia onde o tinha colocado e estava naquele momento revirando o meu apartamento.

Para viagens para fora do país, um serviço privado de voos charter devia dar entrada do nome dos passageiros e das cópias dos respetivos passaportes várias horas antes da partida. Os Serviços Alfandegários comparavam a informação com os dados da lista de Proibidos de Voar. Sabia que nem Malcolm Bannister nem Max Baldwin constavam da lista, mas não sabia o que podia acontecer quando a Alfândega recebesse uma cópia do passaporte falso de Nathaniel Coley. Por isso empatei, esperando e acreditando que quanto menos tempo eles estivessem na posse dos nossos passaportes, mais sorte eu podia ter. Informei finalmente o serviço de charter que tinha encontrado o meu e demorei mais uma hora a enviá-lo juntamente com o d.

Nathan para o escritório deles em Raleigh. Não fazia ideia do que os Serviços Alfandegários fariam quando recebessem a cópia do meu passaporte. Era bem possível que o meu nome acionasse algum alerta e que o FBI fosse notificado. Se isso acontecer, será, tanto quanto sei, o primeiro rastro que deixo desde que saí da Florida, há dezesseis dias. Disse para mim próprio que não é nada de preocupante, porque não sou um suspeito nem um fugitivo. Sou um homem livre que pode viajar para qualquer lugar sem restrições, certo?

Então, porque me incomoda tanto esta situação? Porque não confio no FBI.

Levei Vanessa para o Aeroporto Regional de Roanoke, onde apanhou um voo para Miami, via Atlanta. Depois de a deixar, andei um pouco às voltas até encontrar o pequeno terminal dos voos privados. Tinha algumas horas para

preencher, encontrei um lugar e escondi meu pequeno Audi entre duas vans. Liguei para Nathan, que estava no bar, e dei-lhe a má notícia de que o horário do nosso voo fora atrasado. De acordo com os “nossos pilotos”, havia um problema qualquer com uma luz de aviso. Não era nada de importante, mas os “nossos técnicos” estavam trabalhando arduamente e devíamos decolar às sete.

O serviço de charter enviou-me uma cópia do nosso itinerário e o Challenger é esperado em Roanoke às três da tarde, para ser “reposicionado”. Na hora marcada, o avião pousa e vai para o terminal. A aventura que me esperava me deixava ao mesmo tempo nervoso e entusiasmado. Esperei meia hora antes de ligar para o serviço de charter em Raleigh para explicar que vou chegar atrasado, por volta das sete da noite.

As horas passaram-se enquanto lutei contra o tédio. Às seis da tarde, entrei no terminal, fiz algumas perguntas e conheci um dos pilotos, Devin. Recorri à simpatia e conversei com ele como se fôssemos velhos amigos. Expliquei-lhe que o meu copassageiro, Nathan, é protagonista num dos meus filmes e que estamos viajando para uns dias de diversão na praia. Ainda não conhecia muito bem o sujeito. Devin pediu-me o passaporte e o entreguei. Sem ser óbvio demais, olhou para a foto e para mim e tudo estava em ordem. Pedi para dar uma olhada no avião.

Ao entrar pela primeira vez na vida num jato particular, Will, o outro piloto, estava no *cockpit* lendo o jornal. Cumprimentei-o como se fosse um político e comentei a quantidade impressionante de telas, botões, instrumentos, mostradores, contadores e tudo mais. Devin mostrou-me o avião. Atrás do *cockpit* ficava uma pequena cozinha, completa com micro-ondas, lavadora de água quente e fria, um bar cheio e gavetas com porcelana e talheres finos; também exibia um grande balde de gelo onde a cerveja estava à nossa espera. Tinha pedido especificamente dois tipos de cerveja, uma com álcool e outra sem álcool. Atrás de uma porta, havia uma seleção de petiscos, caso ficássemos com fome. Não seria servido qualquer jantar porque eu não queria uma assistente a bordo. A pessoa com quem falei no serviço de atendimento insistiu que o proprietário do avião exigia o uso de uma assistente de bordo, e nessa altura ameacei cancelar a reserva. Eles recuaram, e assim só eu e Nathan faríamos a viagem para sul.

A cabine estava mobiliada com seis grandes poltronas de couro e um pequeno sofá. A decoração era em tons suaves e quentes e de muito bom gosto. A alcatifa era fofa e imaculadamente limpa. Havia pelo menos três telas para ver filmes e, como Devin informou orgulhosamente, um sistema de som completo. Fomos da cabine para o banheiro, depois para o porão. Eu não ia viajar com muita bagagem e Devin levou-me a mala. Hesitei, como se me tivesse esquecido

de alguma coisa.

— Tenho alguns DVD na mala e posso precisar deles — expliquei. — Posso ir buscá-los durante o voo?

— Sim, sem problemas. O porão também é pressurizado, por isso tem acesso a ele — disse Devin.

— Ótimo.

Passei meia hora a examinar o avião e comecei a olhar para o relógio como se estivesse irritado com Nathan e o seu atraso.

— O garoto é das montanhas — expliquei a Devin enquanto estávamos sentados na cabine. — Duvido que tenha andado de avião. Ele é um pouco rústico.

— Que tipo de filme estão fazendo? — perguntou Devin.

— É um documentário. Sobre o negócio das metanfetaminas nos Apalaches.

Devin e eu fomos novamente para o terminal e continuamos à espera. Esquecera-me de qualquer coisa no carro e saí do edifício. Minutos depois, vi a picape nova de Nathan entrando no estacionamento. Estacionou depressa e saltou, ansioso. Usava short de jeans cortado, tênis brancos da Nike, sem meias, boné de pala reta e, o melhor de tudo, uma camisa de padrão floral havaiano rosa e laranja com pelo menos dois botões de cima abertos. Tirou da parte de trás da picape uma bolsa Adidas entupida e dirigiu-se para o terminal. Fui até ele e cumprimentamo-nos. Eu tinha alguns papéis na mão.

— Desculpe o atraso — disse eu —, mas o avião já está aqui e pronto para subir.

— Não há problema. — Tinha os olhos marejados e cheirava a cerveja azeda. *Maravilhoso*!

Levei-o até o terminal e em direção à recepção, onde Devin estava flertando com a recepcionista. Acompanhei Nathan até a janela e apontei o Challenger.

— O nosso é aquele — disse orgulhosamente. — Pelo menos neste fim de semana.

Enquanto Devin se encaminhava para nós, Nathan admirou o avião de boca aberta. Dei rapidamente a Devin o passaporte falso de Nathan. Ele olhou de relance para a foto, depois para Nathan, que naquele momento se virou. Apresentei-o a Devin, que me entregou o passaporte e disse: — Bem-vindos a bordo.

— Estamos prontos para partir? — perguntei.

— Sigam-me — disse Devin; e, enquanto saíamos do terminal, eu disse: — Vamos para a praia.

Já a bordo, Devin pegou a bolsa Adidas de Nathan e levou-o para o porão, enquanto ele se deixava cair numa das poltronas de couro e admirava o

ambiente. Eu estava na cozinha, preparando a primeira rodada de cervejas — da verdadeira para Nathan e sem álcool para mim. Quando servidas em canecas geladas, não se consegue ver a diferença. Brinquei com Devin enquanto ele falava dos procedimentos de emergência, nervoso com a possibilidade de que mencionasse nosso destino. Não o fez e, quando se retirou para o *cockpit* e prendeu o cinto, respirei de alívio. Ele e Will levantaram os polegares e ligaram os motores.

— Saúde — disse para Nathan; tocamos os copos um no outro e bebemos um gole.

Desdobrei uma mesa de mogno entre nós. Quando o jato começou a percorrer a pista, perguntei: — Gosta de tequila?

— Se gosto! — respondeu ele, já em modo de festa.

Pus-me de pé de um salto, fui até a cozinha, peguei uma garrafa de Cuervo Gold e dois copinhos de *shot* e coloquei-os com força em cima da mesa. Servi dois *shots* e bebemos de imediato, seguidos de mais cerveja. Quando levantamos voo, senti um zumbido e, quando o sinal do cinto de segurança apagou, servi mais uma rodada de cerveja e bebemos mais *shots*. *Shots* e cerveja, *shots* e cerveja. Preenchi os espaços mortos com conversa sobre o filme e como nossos sócios financeiros estavam entusiasmados. Uma vez que Nathan não demorou muito tempo para ficar entediado com aquela conversa, disse-lhe que tínhamos um jantar tardio marcado, que uma das garotas era amiga de uma amiga minha e que podia facilmente ser a garota mais bonita de South Beach. Ela já tinha visto uma parte das filmagens e queria conhecer Nathan.

— Trouxe calça? — perguntei.

Presumi que a bolsa Adidas estivesse cheia de roupa tão elegante como aquela que usava.

— Oh, sim, tenho ali todo tipo de coisa — disse ele, com a língua cada vez mais enrolada.

Quando a garrafa de Cuervo Gold estava na metade, olhei para o mapa de navegação em exposição e disse: — Só falta uma hora para Miami. Vamos beber.

Cada um bebeu mais um *shot*, depois esvaziei meu copo de cerveja sem álcool. Pesava quase mais quinze quilos do que Nathan, metade das minhas bebidas não tinha álcool e quando sobrevoamos Savannah, a trinta e oito mil pés de altitude, tinha a vista turva. Ele estava ficando completamente bêbado.

Continuei a servir bebidas e ele não deu sinal de querer parar. Quando passamos bem por cima da minha velha casa em Neptune Beach, preparei a rodada final. Deitei dois comprimidos de hidrato de cloral, com quinhentos miligramas cada um, na cerveja de Nathan.

— Vamos mandar estas meninas abaixo — disse eu, batendo com os copos na mesa.

Bebi devagar e Nathan venceu o concurso. Trinta minutos depois, estava completamente adormecido.

Observei nosso progresso na tela da cozinha. Estávamos a quarenta mil pés de altitude. Miami estava à vista, mas não íamos descer. Tirei Nathan da poltrona e arrastei-o até o sofá, onde o deitei e verifiquei o pulso. Servi-me de uma xícara de café e vi Miami desaparecendo abaixo de nós.

Pouco tempo depois, Cuba também já estava para trás e a Jamaica surgiu no fundo da tela. Os motores diminuíram um pouco a velocidade e começamos a longa descida. Bebi o café em grandes goles num esforço desesperado de clarear a cabeça. Os vinte minutos seguintes seriam cruciais e caóticos. Tenho um plano, mas uma grande parte dele não estava sob meu controle.

Nathan respirava pesada e lentamente. Sacudi-o, mas estava inconsciente. Do bolso direito do short tirei o porta-chaves. Além da chave da picape, a coleção incluía mais seis chaves de várias formatos e tipos. Tinha certeza de que algumas eram das fechaduras novas de sua casa. Talvez uma ou duas fossem das fechaduras do Bombay's. No bolso esquerdo, encontrei um maço de notas bem dobradas — cerca de quinhentos dólares — e uma embalagem de chiclete. Do bolso esquerdo de trás tirei a carteira, uma carteira barata de plástico, com três compartimentos e um fecho de velcro, que estava bem cheia. Quando a abri, percebi por quê. Nosso rapaz tinha enchido a carteira com oito preservativos Trojan, guardados bem à mão, na nádega esquerda. A carteira também tinha dez notas novas de cem dólares, uma habilitação da Virginia válida, dois cartões de cliente do Bombay's, um cartão de visita de seu agente de liberdade condicional e o cartão de um fornecedor de cerveja. Nathan não tinha cartões de crédito, provavelmente pela recente estada de cinco anos na prisão e à falta de um verdadeiro emprego.

Deixei o dinheiro onde estava, não toquei nos preservativos e retirei todo o resto. Troquei a carteira válida pela falsa, depois coloquei suavemente o passaporte falso no bolso de trás do short, do lado direito. Ele não se mexeu nem estremeceu; não sentiu nada.

Fui ao banheiro e fechei a porta. Abri a porta do porão, peguei minha bolsa de viagem e retirei duas necessaire com as palavras “Primeiros Socorros” estampadas em letras gordas. Coloquei-as no fundo da bolsa de Nathan e voltei a fechar tudo. Fui até o *cockpit*, puxei a cortina preta e debrucei-me para captar a atenção de Devin. Ele retirou os fones rapidamente e eu disse: — Olhe, esse cara bebeu sem parar até desmaiar. Não estou conseguindo acordá-lo e não está com pulso muito forte. Pode precisar de cuidados médicos assim que aterrissarmos.

Will ouviu o que eu disse mesmo através dos fones e, por uma fração de segundo, ele e Devin olham incrédulos um para o outro. Se não estivéssemos descendo, provavelmente um deles iria até a cabine observar Nathan.

— Muito bem — disse finalmente Devin, e eu voltei para a cabine, onde Nathan estava deitado quase em *rigor mortis*, mas com pulso. Cinco minutos depois, voltei ao *cockpit* e informei que ele estava de fato respirando, mas não conseguia acordá-lo.

— O idiota bebeu quase um litro de tequila em menos de duas horas — disse, e ambos sacudiram a cabeça.

Aterrissamos em Montego Bay e percorremos a pista passando por uma fileira de aviões comerciais nos terminais da pista principal. Ao sul, vi outros três jatos estacionados no terminal privado. Havia veículos de emergência com luzes vermelhas a piscar, todos à espera de Nathan. Precisava daquele caos todo para conseguir desaparecer. Estava longe de estar sóbrio, mas a adrenalina já tinha disparado e conseguia pensar com clareza.

Quando os motores pararam, Devin saltou da cadeira e abriu a porta. Eu tinha a pasta e o saco no meu lugar, preparado para aproveitar a oportunidade, mas também estava inclinado sobre Nathan.

— Espere pela Imigração — disse Devin.

— Claro — respondi.

Dois oficiais de rosto sombrio do Serviço de Imigração jamaicano apareceram na cabine e olharam furiosamente para nim.

— Passaporte, por favor — disse um deles, e o entreguei. Ele observou-o e disse: — Por favor, saia do avião.

Desci apressadamente a escada, onde outro agente me mandou esperar. Dois médicos entraram no avião e parti do princípio de que estavam a cuidar de Nathan. Uma ambulância aproximou-se das escadas e apareceu um carro da polícia, com luzes piscando mas sem sirene. Recuei um passo, depois outro. Surgiu uma discussão sobre como retirar o paciente do avião e todo mundo — médicos, agentes da imigração, policiais — parecia ter uma opinião. Acabaram por decidir não usar maca, e Nathan foi basicamente arrastado e passado de mão em mão escada abaixo. Estava mole e inerte e, se pesasse mais de 65 quilos, toda a equipe de socorro teria sido esmagada. Enquanto o colocavam na ambulância, sua bolsa apareceu na porta e o agente da imigração perguntou o que era aquilo. Devin fez questão de dizer que o saco Adidas pertencia ao homem inconsciente e, finalmente colocaram-no na ambulância com ele.

— Preciso ir agora — disse eu ao agente mais próximo, e ele apontou a porta do terminal privado. Entrei no momento em que levavam Nathan. O meu passaporte é carimbado e a pasta e saco de viagem passam no *scanner*. Um

oficial da alfândega pede-me para esperar no pátio da frente e, enquanto o faço, Devin e Will travavam uma discussão intensa com as autoridades jamaicanas. Devem ter algumas perguntas difíceis para mim, e prefiro evitá-los. Um táxi passou pelo terminal e parou sob o varandim junto à entrada. A janela de trás abriu e vi a minha querida Vanessa, a acenar freneticamente para eu entrar. Quando ninguém estava por perto, saí do terminal, saltei para o táxi e afastamo-nos a grande velocidade.

Ela tinha reservado um quarto num hotel barato a cinco minutos de distância. Da varanda do terceiro andar, conseguíamos ver o aeroporto e os jatos aterrissando e decolando. Deitados na cama, conseguíamos ouvi-los. Estávamos exaustos e quase sem energia, mas dormir estava fora de questão.

capítulo 34

Victor Westlake estava tentando dormir até mais tarde na manhã de sábado, mas depois do segundo telefonema decidiu levantar-se, fez café e estava pensando numa eventual sesta no sofá quando o terceiro telefonema o sobressaltou e afastou qualquer réstia de sonolência. Era um assistente chamado Fox, que estava atualmente cuidando do processo Bannister/Baldwin e esperando alguma coisa para monitorar. Há mais de duas semanas que não havia atividade.

— A informação chegou da alfândega — disse Fox. — Baldwin deixou Roanoke ontem à tarde, num jato particular com destino à Jamaica.

— Num jato particular? — repetiu Westlake, pensando nos 150 mil dólares da recompensa e calculando quanto tempo durariam se Baldwin continuasse a gastá-lo daquela forma.

— Sim, chefe, um Challenger 604, fretado por uma empresa de Raleigh.

Westlake pensou um instante. — O que ele fazia em Roanoke? Estranho.

— Pois é, chefe.

— Ele não foi à Jamaica há algumas semanas? Na primeira viagem que fez para fora do país?

— Foi, chefe. Voou de Miami para Montego Bay, ficou lá alguns dias e depois foi para Antigua.

— Vai ver que gosta das ilhas — disse Westlake enquanto se servia de café fresco. — Está sozinho?

— Não, chefe. Viajou com um homem chamado Nathaniel Coley, pelo menos é o que consta do passaporte. No entanto, parece que o passaporte é falso.

Westlake pousou o café na bancada da cozinha e começou a andar de um lado para o outro.

— Esse cara passou pela alfândega com um passaporte falso?

— Passou, chefe. Mas lembre-se que era um jato particular e o passaporte não foi exatamente examinado. A única coisa que tiveram que fazer foi enviar uma cópia por e-mail ao serviço de charter, e eles só verificam os nomes da lista de *Proibidos de Voar*. É um procedimento bem rotineiro.

— Lembre-me de rever essas rotinas.

— Sim, chefe.

— Então, Fox, a pergunta é o que Baldwin está tramando, certo? Por que freta jatos particulares e viaja com um homem que tem passaporte falso?

Consegue responder a essas perguntas, e depressa?

— Se forem essas as minhas ordens, chefe, sim. Mas tenho certeza de que não preciso lembrar como os jamaicanos são irritadiços.

— Não, não precisa.

Na guerra contra as drogas, nem todas as batalhas se travavam entre policiais e traficantes. A polícia jamaicana, como tantas outras agências policiais do Caribe, há muito se ressentiam com a perseguição das autoridades americanas.

— Vou começar a trabalhar — disse Fox. — Mas é sábado, aqui e lá também.

— Quero você no meu escritório segunda-feira de manhã com alguma coisa, está bem?

— Sim, chefe.



Nathan Cooley acordou numa sala pequena e sem janelas, escura à exceção do brilho avermelhado de um monitor sobre uma mesa perto dele. Estava deitado no que parecia ser uma cama de hospital — estreita e com grades. Olhou para cima e viu um saco de soro, depois seguiu o tubo e viu que ia dar nas costas de sua mão esquerda, desaparecendo embaixo de uma gaze branca. *Bem, estou num hospital*.

Tinha a boca seca como sal e a cabeça começou a latejar quando tentou pensar. Olhou para baixo e reparou nos tênis brancos da Nike, ainda nos pés. Fossem lá quem fossem, nem se tinham dado ao trabalho de cobri-lo ou de vesti-lo uma camisola de paciente. Fechou novamente os olhos, a pouco a pouco, o nevoeiro começou a levantar. Lembrava-se dos *shots* de tequila, das infindáveis canecas de cerveja, da loucura de Reed Baldwin enquanto se embebedavam juntos. Lembrava-se de ter bebido um pouco em seu bar na sexta-feira à tarde enquanto esperava pela hora de ir para o aeroporto e dali para Miami. Devia ter bebido umas dez cervejas e uns dez *shots*. Que idiota! Tinha desmaiado outra vez e agora estava no soro. Queria levantar e se mexer, mas a cabeça gritava e os olhos sangravam. *Não se mexa*, disse a si mesmo.

Ouviu-se um som junto à porta e uma luz se acendeu. Uma enfermeira alta e muito escura, vestida com imaculada túnica branca, entrou no quarto.

— Muito bem, Mr. Coley, está na hora de ir. Alguns homens vieram buscá-lo. — Falava inglês, mas tinha uma pronúncia estranha.

Nathan estava prestes a perguntar “Onde estou?” quando três agentes de uniforme apareceram atrás da enfermeira, com ar de quem estava pronto para espancá-lo. Eram negros de pele muito escura.

— Mas que diabo? — conseguiu Nathan dizer enquanto se sentava.

A enfermeira retirou o soro e desapareceu, fechando a porta. O agente mais velho deu um passo à frente e mostrou um distintivo.

— Capitão Fremont, da polícia jamaicana — disse, como costuma acontecer nos filmes.

— Onde estou? — perguntou Nathan.

Fremont sorriu, e os dois agentes logo atrás dele fizeram a mesma coisa.

— Não sabe onde está?

— Onde estou?

— Está na Jamaica. Em Montego Bay. Por enquanto, está no hospital, mas em breve vai para a prisão municipal.

— Como vim parar na Jamaica? — perguntou Nathan.

— Num jato particular, e dos bons.

— Mas eu devia estar em Miami, em South Beach. Há algum engano, entende? Isso é uma piada ou algo assim?

— Temos cara de piadistas, Mr. Coley?

Nathan achou estranha a maneira como aquela gente pronunciava seu nome.

— Por que entrou na Jamaica com passaporte falso, Mr. Coley?

Nathan levou a mão ao bolso de trás e percebeu que não tinha carteira.

— Onde está minha carteira? — perguntou.

— Em nosso poder, como todo o resto.

Nathan esfregou as têmporas e resistiu ao impulso de vomitar.

— Jamaica? Que diabos estou fazendo na Jamaica?

— Temos perguntas parecidas para lhe fazer, Mr. Coley.

— Passaporte? Mas que passaporte? Eu nunca tive passaporte nenhum.

— Mostro mais tarde. É uma violação da lei jamaicana tentar entrar no nosso país com passaporte falso, Mr. Coley. No entanto, dadas as circunstâncias, está com problemas bem mais sérios com que se preocupar.

— Onde está Reed?

— Perdão?

— Reed Baldwin. O cara que me trouxe. Encontrem Reed que ele explica tudo.

— Não conheço esse Reed Baldwin.

— Bem, tem que encontrá-lo, compreende? É um cara negro, como você, e pode explicar tudo. Quer dizer, saímos de Roanoke ontem às sete. Acho que bebemos demais. Íamos para Miami, para South Beach, e devíamos trabalhar lá

no documentário dele. É sobre meu irmão Gene, sabe? De qualquer maneira, há aqui um grande mal-entendido. Devíamos estar em Miami.

Fremont virou-se lentamente e olhou para os colegas. Os olhares que trocaram não deixaram dúvida de que estavam lidando com um idiota confuso e tagarela.

— Prisão? Falou em prisão?

— É sua próxima parada, amigo.

Nathan agarrou o estômago. Fremont deu-lhe rapidamente uma lixeira com saco plástico e recuou logo para ficar longe dele. Nathan vomitou, arquejou e praguejou durante cinco minutos enquanto os três agentes inspecionavam as botas ou admiravam o teto. Quando o episódio estava felizmente acabado, Nathan levantou-se e pousou a lixeira no chão. Limpou a boca com uma toalha e bebeu um gole de água.

— Por favor, diga-me o que está acontecendo — disse com voz rouca.

— Está preso, Mr. Coley — disse Fremont. — Por violação das normas alfandegárias, importação de substâncias sujeitas a regulamentação e posse de arma de fogo. Por que achou que podia entrar na Jamaica com quatro quilos de cocaína pura e uma pistola?

Nathan ficou boquiaberto. A boca abriu, mas nada saiu a não ser ar quente. Semicerrou os olhos, franziu a testa, implorou com os olhos e tentou falar novamente. Não conseguiu. Até que por fim disse debilmente: — O quê?

— Não se faça de bobo, Mr. Coley. Para onde ia? Para algum de nossos famosos *resorts* para uma semana de drogas e sexo? Era tudo para consumo pessoal, ou pretendia vender uma parte a outros americanos ricos?

— É uma brincadeira, certo? Onde está Reed? Acabou a piada. Ah-ah. Agora, tirem-me daqui.

Fremont levou a mão ao cinto grosso e tirou um par de algemas.

— Vire-se. Ponha as mãos atrás das costas.

Nathan gritou subitamente: — Reed! Sei que está aí! Pare de rir, sacana, e diga a esses palhaços que acabem com isso!

— Vire-se — repetiu Fremont, mas Nathan não obedeceu. Em vez disso, gritou ainda mais alto: — Reed! Vou me vingar desta! Bela brincadeira! Estou ouvindo você rindo aí fora!

Os outros dois agentes se aproximaram e cada um pegou um braço dele. Nathan percebeu sensatamente que não valia a pena resistir. Quando lhe colocaram as algemas, levaram-no do quarto para um corredor. Nathan virou-se rapidamente, procurando Reed ou qualquer outra pessoa que aparecesse e acabasse com aquilo. Passaram por quartos com as portas abertas, quartos pequenos com duas ou três camas quase encostadas umas às outras. Passaram

por pacientes comatosos e macas encostadas nas paredes, por enfermeiras preenchendo fichas e assistentes vendo televisão. *Todos negros*, reparou Nathan. *Estou realmente na Jamaica*. Desceram com dificuldade um lance de escadas e atravessaram uma porta.

Quando saiu para o ar abafado e o sol brilhante, Nathan percebeu que estava em solo estrangeiro e território pouco amistoso.



Um táxi levou Vanessa de volta ao aeroporto onde pegaria o voo das 9h40 para Atlanta. Devia chegar a Roanoke naquela noite, às 18h50. Depois, dirigiria até Radford e daria entrada num motel. Eu só me juntaria a ela daí a alguns dias.

Tomei outro táxi para o centro de Montego Bay. Ao contrário de Kingston, a capital, que era uma cidade com trezentos anos, Montego Bay é uma cidade nova que se desenvolveu à medida que os *resorts*, os hotéis, os blocos de apartamentos e os centros comerciais ao ar livre se foram espalhando para o interior, afastando-se do oceano e encontrando-se finalmente com os bairros residenciais. Não havia uma avenida principal, praça central ou tribunal imponente para marcar o centro da cidade. Os edifícios governamentais estavam dispersos por uma grande área, e o mesmo acontecia com as empresas. O meu motorista encontrou o escritório de advogados de Mr. Rashford Watley. Paguei a corrida e subi apressadamente um lance de escadas até um patamar onde um punhado de advogados mantinha pequenos escritórios separados. Mr. Watley explicara ao telefone que raramente trabalhava no sábado.

Mas que abria uma exceção para mim. O seu anúncio nas Páginas Amarelas gabava-se de trinta anos de experiência em todos os tipos de julgamentos. Quando nos cumprimentamos, percebi que ficou agradavelmente surpreendido por ver que também eu era negro. Provavelmente, presumiu que eu era igual a todos os outros turistas americanos.

Instalamo-nos no seu modesto escritório e, depois de algumas palavras simpáticas, fui direto ao assunto. Mais ou menos. Ele sugeriu que dispensássemos as formalidades e que nos tratássemos pelos nossos nomes próprios. Por isso, passamos a ser Reed e Rashford. Passei rapidamente pela narrativa do meu passado como diretor cinematográfico, pelo meu atual projeto com Nathan, entre outras coisas, mas pouco tempo depois estava me desviando do assunto. Disse a Rashford que Nathan e eu tínhamos vindo para a Jamaica

para uns dias de diversão. Ele se embebedara e tinha desmaiado no avião, provocando uma urgência médica assim que chegamos. Não tinha certeza, mas achava que ele tinha tentado trazer algumas drogas e também uma arma. Eu conseguira me afastar na noite anterior, no meio da confusão. Assim, queria contratar Rashford por dois motivos: primeiro, e o mais importante, para me representar e proteger dos eventuais problemas em que estivesse metido; e, segundo, para dar alguns telefonemas, puxar uns cordõezinhos e descobrir o que havia com Nathan e que acusações enfrentava. Queria que Rashford visitasse Nathan na prisão e lhe assegurasse que eu estava fazendo tudo o que podia para conseguir sua libertação.

Rashford assegurou que não havia problema. Concordamos num valor e paguei-lhe em dinheiro. Ele pôs-se de imediato ao telefone e contatou conhecidos na alfândega e na polícia. Não consegui perceber se estava apenas se exibindo, mas o sujeito conhecia muita gente. Uma hora depois, pedi licença e fui até a rua beber uma bebida sem álcool. Quando volteei a seu escritório, Rashford ainda estava ao telefone, a rabiscar qualquer coisa num bloco de notas.

Ia lendo uma revista no pátio, por baixo de uma ventoinha ruidosa, quando Rashford apareceu e se sentou à secretária da sua assistente. As coisas não estavam fáceis e ele ia abanando a cabeça.

— Seu amigo está metido em graves problemas — disse. — Primeiro, tentou entrar no país com um passaporte falso.

Não me diga, Rash. Ouvi-o atentamente.

— Sabia disso? — perguntou-me.

— Claro que não — respondi. Presumi que Rashford nunca tivesse fretado um jato particular e por isso não conhecia o procedimento.

— Mas o que é muito pior — continuou — é que ele tentou trazer uma arma de fogo e quatro quilos de cocaína.

— Quatro quilos de cocaína... — repeti, aparentando estar o mais chocado possível.

— Encontraram o pó em dois estojos de primeiros socorros na bolsa dele. E a arma também. Que idiota.

Sacudi a cabeça, incrédulo.

— Ele mencionou que quando chegasse ia comprar drogas, mas não me disse nada sobre *trazer* drogas.

— Conhece bem este cavalheiro? — perguntou Rashford.

— Conheci-o há uma semana. Não somos exatamente íntimos. Sei que ele tem um histórico de crimes relativos a drogas nos Estados Unidos, mas não fazia ideia de que era um idiota.

— Mas é. E o mais certo é passar os próximos vinte anos numa das nossas

maravilhosas prisões.

— Vinte anos?!

— Cinco pela coca, quinze pela arma.

— Isso é ultrajante. Tem que fazer alguma coisa, Rashford!

— As opções são limitadas, mas deixe-me fazer o que puder.

— Então e eu? Estou numa boa? Quer dizer, minhas malas foram revistadas na alfândega e estava tudo em ordem. Não sou considerado cúmplice, nem culpado por associação, ou sou?

— Por enquanto, não. Mas a minha sugestão é que vá embora o mais depressa possível.

— Não posso partir sem ver Nathan. Quer dizer, tenho que ajudar o cara, entende?

— Não há muito que possa fazer, Reed. Eles encontraram a droga e a arma na bolsa dele.

Comecei a andar de um lado para o outro na pequena sala, imerso em pensamentos profundos, preocupadíssimo. Rashford me observou um instante e depois disse.

— Provavelmente, vão me deixar ver Mr. Coley. Conheço os rapazes da prisão, vejo-os muitas vezes. Contratou o advogado certo, Reed, mas, mais uma vez, não sei bem o que se possa fazer.

— Com que frequência vê isso acontecer? Turistas americanos presos aqui por posse de drogas?

Ele pensou e depois respondeu.

— Acontece a toda a hora, mas não assim. Os americanos são apanhados quando vão embora, não quando tentam trazer droga. É muito incomum, mas as acusações por tráfico não são cruciais. Somos brandos com drogas, mas muito austeros com armas. Temos leis muito duras, principalmente com pistolas. Onde esse rapaz estava com a cabeça?

— Não sei.

— Permita-me que vá vê-lo e fale com ele.

— Eu também preciso vê-lo, Rashford. Tem que conseguir isso. Peça a seus amigos da prisão e convença-os a me deixar entrar.

— Pode precisar de algum dinheiro.

— Quanto?

Ele encolheu os ombros e disse:

— Não muito. Vinte dólares americanos.

— Isso eu tenho.

— Deixe-me ver o que posso fazer.

capítulo 35

Os pilotos estavam ligando para o meu celular, mas eu me recusava a atender. Devin deixou quatro mensagens de voz frenéticas, todas dizendo mais ou menos a mesma coisa: a polícia tinha apreendido o avião e dito aos pilotos que não podiam sair da ilha. Estavam hospedados no Hilton, mas nada divertidos. O escritório da empresa em Raleigh andava berrando com todo mundo e queria respostas. Os pilotos tinham problemas por terem admitido um passaporte falso e o mais certo era a perda do emprego. O proprietário do avião fizera ameaças e tudo mais.

Não tinha tempo para me preocupar com aquela gente. Certamente que um homem que tem dinheiro para comprar um jato de trinta milhões de dólares conseguiria encontrar uma maneira de recuperá-lo.

Às duas da tarde, Rashford e eu saímos de seu escritório e ele dirigiu os dez minutos que nos separavam da central de polícia. Estacionou num pátio lotado e acenou com a cabeça para o edifício baixo de telhado plano, frestas estreitas servindo de janelas e arame farpado como decoração. Percorremos a calçada enquanto Rashford ia cumprimentando alegremente guardas e funcionários.

Dirigiu-se para uma porta e murmurou algo a um guarda que obviamente conhecia. Observei sem ser muito óbvio, mas nenhum dinheiro mudou de mãos. Numa mesa, assinamos uma folha.

— Disse-lhes que é advogado e está trabalhando comigo — murmurou ele enquanto eu rabiscava um dos meus nomes. — Tente agir como um advogado.

Oh, se ele soubesse.

Rashford esperou numa comprida e estreita sala que os advogados usavam para reuniões se a polícia não a estivesse ocupando. Não havia ar condicionado e o lugar parecia uma sauna. Alguns minutos depois, a porta abriu e Nathan Cooley foi empurrado para dentro da sala. Olhou Rashford com os olhos arregalados, depois se virou para o guarda, que foi embora e fechou a porta. Nathan sentou-se lentamente num banco de metal e ficou olhando embasbacado para Rashford. O advogado jogou um cartão de visita em sua direção e disse: — Meu nome é Rashford Watley, sou advogado. Seu amigo Reed Baldwin me contratou para cuidar dessa situação.

Nathan pegou o cartão e aproximou o banco da mesa. Tinha o olho esquerdo parcialmente fechado e o maxilar esquerdo inchado. Via-se sangue seco no canto dos lábios.

— Onde está Reed? — perguntou.

— Está aqui. Está muito preocupado com você e quer vê-lo. Sente-se bem, Mr. Coley? Tem o maxilar inchado.

Nathan olhou para o rosto grande, redondo e negro e tentou interiorizar as palavras. Eram em inglês, certo, mas tinham uma pronúncia estranha. Queria corrigir o cara e explicar que o nome dele era "Cooley" e não "Coley", mas por outro lado talvez o cara estivesse tentando dizer "Cooley" e na Jamaica os sons fossem diferentes.

— Sente-se bem, Mr. Coley? — repetiu o advogado.

— Tive duas brigas nas últimas duas horas. Perdi ambas. Tem que me tirar daqui, *sir*... — Olhou para o cartão, mas não conseguia focar as palavras.

— Watley. Mr. Watley.

— Isso, Mr. Watley. Isso é tudo um grande mal-entendido. Eu não sei o que aconteceu, o que deu errado. Mas não sou culpado de nada. Não usei passaporte falso nenhum e tenho certeza absoluta de que não tentei de maneira alguma contrabandear drogas e uma arma. Alguém colocou as coisas na minha sacola, entende? É essa a verdade e posso jurar sobre um monte de Bíblias. Eu não uso drogas, não vendo e pode crer que não faço contrabando. Quero falar com o Reed. — Nathan praticamente cuspia as palavras através dos dentes cerrados e esfregava o maxilar enquanto falava.

— Quebrou o maxilar? — perguntou Rashford.

— Não sou médico.

— Vou tentar arranjar um e fazer com que seja colocado em outra cela.

— São todas iguais... quentes, superlotadas e imundas. Tem que fazer alguma coisa, Mr. Watley. E depressa, porque não vou conseguir sobreviver aqui.

— Acho que já esteve preso antes.

— Acabei de sair, depois de alguns anos numa prisão federal, mas não tem nada a ver com isso. E eu que achava aquela prisão ruim. Isso é um verdadeiro inferno. Tem quinze caras na minha cela, todos negros menos eu, com duas camas e um buraco num canto para mijar. Não há ar condicionado nem comida. Por favor, Mr. Watley, faça alguma coisa.

— São acusações bem sérias, senhor Coley. Se for condenado, pode passar vinte anos na prisão.

Nathan deixou cair a cabeça e inspirou profundamente.

— Não vou durar nem uma semana.

— Estou confiante de que consigo uma redução da pena, mas ainda teria que cumprir muito tempo. E não vai ser numa prisão de cidade como esta. Vão enviá-lo para uma das prisões regionais, e as condições nem sempre são tão

agradáveis.

— Então, estabeleça um plano. Tem que explicar ao juiz que isso é tudo um mal-entendido. Não sou culpado de nada, está bem? Tem que fazer com que alguém acredite nisso.

— Vou tentar, Mr. Coley. Mas o sistema tem que seguir seu curso e, infelizmente, as coisas na Jamaica são bem lentas. O tribunal vai agendar sua primeira audiência em poucos dias e depois vêm as acusações formais.

— E quanto à fiança? Posso pagar uma fiança e sair daqui?

— Estou trabalhando nesse sentido com um oficial de fianças, mas não me sinto muito otimista. O tribunal vai considerá-lo fugitivo potencial. Quanto dinheiro tem à disposição?

Nathan resfolegou e abanou a cabeça.

— Não sei. Tinha mil dólares na minha carteira, mas não faço ideia de onde ela esteja. Com certeza o dinheiro já desapareceu. Tinha quinhentos dólares no bolso do short, mas também desapareceram. Me limparam completamente. Tenho alguns bens em casa, mas nada líquido. Não sou um homem rico, Mr. Watley. Sou um ex-condenado de trinta anos que até seis meses atrás estava na cadeia. Minha família não tem nada.

— Bem, o tribunal vai olhar a quantidade de cocaína, o jato particular e vai pensar exatamente o contrário.

— A cocaína não é minha. Nunca a vi, nunca a toquei. Foi plantada, entende, Mr. Watley? E a arma também.

— Eu acredito, Mr. Coley, mas o tribunal vai se mostrar mais cético. Eles ouvem essas histórias todos os dias.

Nathan abriu a boca e limpou lentamente o sangue seco no canto dos lábios. Estava obviamente com dor e em choque. Rashford levantou-se e disse: — Fique sentado. Reed está aqui. Se alguém perguntar, diga que é um de seus advogados.

O rosto abatido de Nathan se iluminou um pouco quando entrei. Sentei-me no banco, a menos de um metro dele. Ele queria gritar, mas sabia que havia gente ouvindo.

— Que diabos está acontecendo aqui, Reed? Fale comigo!

Naquele momento, minha estratégia era aparentar ser um homem assustado que não sabia bem o que ia acontecer no dia seguinte.

— Não sei, Nathan — respondi com nervosismo. — Não estou preso, mas não posso deixar a ilha. Encontrei Rashford Watley hoje logo de manhã e estamos tentando entender isso tudo. A única coisa de que me lembro é que nos embebedamos muito e depressa. Fomos estúpidos. Já percebi isso. Você desmaiou no sofá e eu mal estava acordado. A certa altura, um dos pilotos me chamou ao *cockpit* e disse que o tráfego aéreo em volta de Miami estava

condicionado por causa do tempo. Avisos de tornado, uma tempestade tropical, uma coisa séria. O Aeroporto Internacional de Miami estava fechado. Como a tempestade se movia para o norte, demos a volta e desviamos para o Caribe. Demos voltas e mais voltas e não me lembro do que aconteceu. Tentei acordá-lo, mas você estava até ressonando.

— Não me lembro de desmaiar — disse ele, tocando no maxilar dorido.

— E um bêbado lá se lembra de desmaiar? Não, certo? Você já estava tocado, não estava? Já tinha bebido antes de decolarmos. De qualquer maneira, a certa altura, estávamos ficando com pouco combustível e tivemos que aterrissar. Segundo os pilotos, viemos para cá, para Montego Bay, a fim de reabastecer, e depois devíamos voltar a Miami, onde o tempo já melhorava. Comecei a beber litros de café e por isso lembro da maior parte do que aconteceu. Quando aterrissamos, o capitão disse para ficarmos no avião; que só íamos ficar ali por vinte minutos. Depois disse que os Serviços de Imigração e a Alfândega queriam dar uma olhada. Mandaram que saíssemos do avião, mas você estava comatoso e não conseguia se mexer. Mal tinha pulso. Chamaram uma ambulância e as coisas começaram todas a dar errado.

— E que merda é aquela do passaporte falso?

— O erro foi meu. Voamos constantemente para o Aeroporto Internacional de Miami e eles muitas vezes querem ver os passaportes, mesmo para voos domésticos, principalmente os particulares. Acho que começou tudo com a guerra contra as drogas que teve início nos anos oitenta, quando muitos jatos privados eram usados para transportar os barões da droga e suas comitivas. Agora, com a guerra contra o terrorismo, pedem para ver passaportes. Não é obrigatório ter um, mas ajuda muito. Tenho um cara em D.C. que consegue fazê-los de um dia para o outro por cem dólares e pedi-lhe para lhe arranjar um, só para o caso de ser necessário. Não fazia ideia de que ia virar problema.

Pobre Nathan, não sabia em que acreditar. Eu tinha o benefício de meses de preparação. Ele ia encarando tudo de uma vez. A uma velocidade estonteante. Estava completamente atordoado.

— Acredite, Nathan, o passaporte falso é sua menor preocupação.

— E de onde vieram a coca e a arma? — perguntou.

— Da polícia — respondi casualmente mas com certeza. — Não são suas, não são minhas, então a lista de suspeitos é reduzida. Rashford diz que não é incomum isso acontecer na ilha. Um jato particular chega da América com um par de tipos ricos a bordo... são ricos, senão não andariam por aí num avião tão bom. Um dos caras ricos está tão bêbado que nem consegue ficar em pé. Tão bêbado, que desmaiou. Eles tiram o cara sóbrio do avião, distraem os pilotos com papelada e, quando a hora for mais indicada, colocam a droga. Enfiam num

saco. É tão simples. Algumas horas mais tarde, o jato é confiscado pelo governo jamaicano e o traficante, detido. E tudo pelo dinheiro, grana.

Nathan interiorizou tudo enquanto olhava os pés descalços. A camisa havaiana rosa e laranja tinha manchas de sangue. Braços e mãos estavam cheios de arranhões.

— Pode me conseguir alguma coisa para comer, Reed? Estou esfomeado. Serviram o almoço há uma hora, uma merda tão ruim que nem dá para imaginar, e antes que pudesse dar a primeira dentada um dos meus companheiros de cela achou que precisava mais do que eu.

— Lamento, Nathan — disse-lhe. — Vou ver se Rashford consegue subornar um guarda.

— Por favor — murmurou ele.

— Quer que ligue para alguém nos Estados Unidos? — perguntei.

Ele abanou a cabeça.

— Quem? A única pessoa em quem confio parcialmente é o cara que cuida do bar, e acho que ele anda me roubando. Estou de relações cortadas com minha família e de qualquer maneira eles também não ajudariam. Como poderiam? Nem sabem onde fica a Jamaica. Talvez nem eu consiga encontrar no mapa.

— Rashford acha que eles podem me acusar de cúmplice, por isso talvez ainda me reúna a você na cela.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você até pode sobreviver, porque é negro e está em boa forma. Um branco magricela não tem a menor chance. Assim que entrei na cela, o grandalhão disse que gostava dos meus Nike. Já foram. O outro tipo queria que lhe emprestasse dinheiro e, como não tinha nenhum comigo, quer que prometa que lhe arranjo algum e depressa. Isso levou à primeira briga, que envolveu pelo menos três destes tipos a espancarem-me. Lembro-me de ouvir um guarda rindo, dizendo algo sobre o rapaz branco que não sabia lutar lá muito bem. O meu lugar no chão de cimento é bem ao lado da privada, que não passa de um buraco aberto no chão, como os das latrinas de quintal. O cheiro me faz engasgar e dá ânsia vômito. Se me mexo, nem que sejam cinco centímetros, estou entrando no território de outro cara qualquer e sobra pancada. Não existe ar condicionado e a cela é um forno. São quinze homens num espaço apertado, todos transpirando, esfomeados e sedentos, e ninguém consegue dormir. Nem consigo imaginar como vai ser esta noite. Por favor, Reed, tire-me daqui.

— Vou tentar, Nathan, mas há uma boa chance de tentarem me prender também.

— Mas faça alguma coisa. Por favor.

— Escute, Nathan, é tudo culpa minha, está bem? Nesta altura, sei que isso

não significa nada, mas não tinha como saber que nos encaminhávamos para uma tempestade. Os idiotas dos pilotos deviam ter avisado sobre a tempestade antes de partirmos, deviam ter pousado em solo americano, ou colocado mais combustível no avião. Quando voltarmos para casa, processamos os sacanas, está bem?

— Como quiser.

— Nathan, vou fazer o que estiver ao meu alcance para tirar você daqui, mas também estou na mira dos caras. Isso vai acabar por se resolver com dinheiro. Não é mais do que uma manobra de extorsão, uma luta por dinheiro da parte de um bando de policiais que sabem como jogar o jogo. Caramba, foram eles que fizeram as regras. Rashford diz que eles vão espremer o dono do jato e meter no bolso um belo suborno. Vão nos jogar a isca e ver quanto dinheiro nós dois conseguimos arranjar. Agora sabem que temos advogado, e ele acha que vão procurá-lo em breve. Preferem tratar de seus pequenos esquemas de suborno antes que os casos cheguem ao tribunal. Depois disso, vêm as acusações formais, com os juízes observando. Compreende tudo, Nathan?

— Acho que sim. Mas não consigo acreditar, Reed. Ontem a esta hora estava no meu bar, tomando uma cerveja com uma garota linda, me gabando de que ia voar para Miami no fim de semana. E agora olhe para mim, jogado numa cela imunda com um bando de jamaicanos que fazem fila para acabar comigo. Tem razão, Reed. É tudo culpa sua. Sua e do seu filme ridículo. Nunca devia ter lhe dado ouvidos.

— Lamento, Nathan. Acredite em mim. Lamento muito.

— E deve lamentar mesmo. Mas faça alguma coisa, Reed, e faça depressa. Não vou durar muito tempo aqui.

capítulo **36**

Rashford ofereceu-me carona até o hotel e, no último instante, convidou-me atenciosamente para jantar. Disse que a mulher era uma excelente cozinheira e que ficariam muito honrados por ter um verdadeiro diretor cinematográfico em sua casa. Embora me sentisse tentado a aceitar, principalmente porque não tinha mais nada para fazer nas dezoito horas seguintes, recusei com a desculpa esfarrapada de que não me sentia bem e precisava dormir. Vivia uma mentira e a última coisa que precisava era de uma longa conversa durante um jantar para falar da minha vida, do meu trabalho e do meu passado. Desconfiava que em breve haveria gente competente a seguir os meus passos, a procurar pistas, e uma palavra perdida aqui e acolá podia vir a prejudicar-me no futuro.

Estávamos em julho, a época alta já tinha acabado e o hotel não estava cheio. Havia uma pequena piscina com um bar à sombra e passei a tarde debaixo de um guarda-sol lendo Walter Mosley e tomando cerveja Red Stripe.



Vanessa aterrissou em Roanoke às sete da noite de sábado. Estava exausta, mas naquele momento não podia descansar. Nas últimas quarenta e oito horas, tinha dirigido de Radford para D.C., e a seguir para Roanoke, para depois voar de Roanoke para a Jamaica e vice-versa, via Charlotte, Atlanta e Miami. Tirando as três horas de descanso em Montego Bay e várias sestas rápidas nos aviões, não tinha dormido nada.

Saiu do terminal com a pequena mala de viagem e procurou o carro calmamente. Como sempre, reparou em tudo e em todos que a rodeavam. Duvidávamos que alguém a estivesse seguindo, mas naquela etapa do projeto não dávamos nada como certo. Conduziu pela autoestrada que sai do aeroporto e alugou um quarto num Holiday Inn. Pediu o jantar pelo serviço de quarto e comeu na janela, enquanto o sol se punha. Às dez da noite, ligou e falamos brevemente e em código. Já íamos no terceiro ou quarto celular pré-pago e era pouco provável que estivesse alguém ouvindo, mas, mais uma vez, não queríamos correr risco. Concluí com um simples: “Prossiga como planejado.”

Voltou a dirigir até o aeroporto, para o terminal geral, e estacionou o carro ao

lado da picape de Nathan. A noite de sábado já ia longa e não havia tráfego aéreo privado nem movimentação no estacionamento vazio. Calçou um par de luvas finas de couro e, usando a chave de Nathan, destrancou a porta e levou a picape. Era a primeira vez que Vanessa dirigia um carro daqueles e o fez com cuidado. Um pouco à frente na estrada, parou no estacionamento de um restaurante de comida rápida e ajustou o banco e os espelhos. Nos últimos cinco anos, tinha dirigido um pequeno modelo japonês e o salto qualitativo era impressionante e desconfortável. A última coisa que podíamos permitir era bater com a picape ou ter luzes azuis piscando atrás de nós. Por fim, conseguiu chegar à Interestadual 81 e rumou para o sul, para Radford, Virginia.

Quando saiu da autoestrada estadual e virou para a secundária em direção à casa de Nathan, era quase meia-noite. Passou pelo trailer duplo, a casa do vizinho mais próximo de Nathan, a vinte e cinco quilômetros por hora, sem fazer praticamente barulho nenhum. Já tinha percorrido aquela estrada no seu carro uma dúzia de vezes e conhecia bem o terreno. A estrada serpenteava ao passar pela casa de Nathan e entrava por uns campos de pasto antes de passar por outra casa, a quase três quilômetros para o interior. Para lá desse ponto, o asfalto transformava-se em gravilha e depois em terra batida. Não havia trânsito, já que os habitantes eram muito poucos. Parecia estranho que um solteiro de trinta anos escolhesse um lugar tão recolhido para morar.

Estacionou no acesso e ficou escutando. O labrador de Nathan estava no quintal, longe, latindo dentro de um grande canil, com uma pequena casinha para se manter seco. Mas, além do cachorro, não havia qualquer outro som. A escuridão era ligeiramente quebrada por uma pequena luz amarela na varanda. Vanessa levava uma Glock 9 mm enfiada no bolso e achava que sabia como usar. Contornou a casa, tendo cuidado onde colocava os pés, ouvindo tudo em volta. O cachorro começou a latir mais alto, mas, além de Vanessa, ninguém o podia ouvir. Na porta dos fundos, começou a experimentar as chaves. As primeiras três não entravam nem na fechadura nem no ferrolho, mas a quarta e a quinta conseguiram abri-los. Vanessa inspirou fundo e abriu a porta. Não se ouviram sirenes nem apitos frenéticos. Tinha entrado pela mesma porta apenas há cinco dias, durante a primeira sessão de filmagens, e na altura reparara nos ferrolhos e na ausência de sistema de alarme.

No interior da casa, tirou as luvas de couro e calçou um par de luvas de látex descartáveis. Estava prestes a começar a examinar cada centímetro da casa e não podia deixar uma única impressão digital. Movimentando-se depressa, ligou as luzes, desceu todas as persianas e ligou o ar condicionado. A casa era um aluguel barato, arrendado por um caipira solteiro que passara os últimos cinco anos na prisão, a decoração e a mobília eram escassos. Havia algumas peças de

mobiliário, a obrigatória televisão gigantesca e lençóis em algumas das janelas. Também havia pratos sujos empilhados na lavadora e roupa suja espalhada pelo chão do banheiro. O quarto de hóspedes era usado para guardar tralha. Dois ratos mortos estavam perfeitamente quietos ainda nas armadilhas, com os pescoços partidos ao meio.

Vanessa começou pelo quarto de Nathan, vasculhando uma cômoda alta. Nada. Procurou por baixo da cama e entre o colchão e o estrado. Examinou cada centímetro do armário apinhado. A casa possuía uma estrutura convencional, com uma fundação de vigas, sem placa de betão, e o soalho cedia um pouco com cada passo. Deu pancadinhas no chão, à procura de sons mais ocos que indicassem a existência de esconderijos.

Eu desconfiava que Nathan tinha escondido o saque naquela casa, embora provavelmente não numa das divisões principais. Não obstante, tínhamos de procurar em todo o lado. Se ele for esperto, o que é pouco provável, teria dividido as coisas em mais do que um esconderijo.

Depois do quarto dele, Vanessa inspecionou o quarto de hóspedes, passando bem longe dos ratos mortos. À meia-noite e meia, começou a desligar as luzes, como se Nathan estivesse se preparando para dormir. Continuou a procurar, divisão por divisão, verificando cada canto, cada tábua, cada bolso. Não ficou nada por revirar ou verificar. Podia estar nas paredes, no chão, no teto falso, podia estar enterrado no quintal ou escondido num cofre no Bombay's.

O porão apertado tinha um pé direito de dois metros e dez, sem ar condicionado e paredes de tijolos sem pintura. Depois de passar uma hora ali, Vanessa estava ensopada e cansada demais para continuar. Às duas da manhã, estendeu-se no sofá da sala e dormiu com a mão na Glock.



Se Rashford se mostrara hesitante em trabalhar num sábado, foi quase belicoso no domingo, mas não lhe dei grande escolha. Implorei que fosse comigo à prisão e mexesse os mesmos pauzinhos do dia anterior. Dei-lhe uma nota de cem dólares para facilitar um pouco a tarefa.

Chegamos à prisão pouco antes das nove da manhã e, quinze minutos depois, encontrei Nathan sozinho na mesma sala do dia anterior. Fiquei chocado com seu aspecto. Os ferimentos eram evidentes e extensos, e imaginei quanto tempo os guardas deixariam que os abusos continuassem. O rosto dele era uma mistura

de golpes, feridas abertas e sangue seco. O lábio superior estava inchado e se destacava grotescamente por baixo do nariz. O olho esquerdo estava completamente fechado e o direito, vermelho e inchado. Faltava um dente da frente. Já não tinha o short nem a camisa havaiana; agora, vestia um macacão branco coberto de sangue seco.

Debruçamo-nos para a frente, nossos rostos separados por poucos centímetros.

— Ajude-me — conseguiu ele dizer, quase chorando.

— As últimas notícias são as seguintes, Nathan — comecei. — Os patifes estão exigindo um milhão de dólares ao dono do jato e ele já concordou em pagar, por isso vão ter o dinheiro que querem. Soube esta manhã que não vão me acusar de nada. Por você querem meio milhão de dólares. Já expliquei, através de Rashford, que nenhum dos dois tem tanto dinheiro. Expliquei que éramos apenas passageiros do jato, que não somos ricos nem nada. Mas os jamaicanos não acreditam. De qualquer maneira, é neste ponto que estamos atualmente.

Nathan fez uma careta, como se lhe doesse respirar. Por muito mal que o rosto estivesse, detestaria ver o resto de seu corpo. Como imaginava o pior, não perguntei o que acontecera.

Ele gemeu e perguntou:

— Consegue voltar para os Estados Unidos, Reed? — A voz soava fraca e rouca; até a voz estava ferida.

— Acho que sim. Rashford acha que sim. Mas eu não tenho muito dinheiro, Nathan.

Ele franziu a testa, voltou a gemer e estava com um ar de quem ia desmaiar ou desatar a chorar.

— Reed, escute. Eu tenho algum dinheiro, uma grande quantia.

Olhei fixamente nos seus olhos, ou pelo menos no direito, já que o esquerdo estava fechado. Aquele era o momento feliz que originara tudo. Sem aquele momento, todo o projeto seria um desastre colossal, um jogo horrendo e mal jogado.

— Quanto? — perguntei quando ele parou de falar.

Nathan não queria continuar, mas não tinha outra chance.

— O suficiente para me tirar daqui.

— Tem meio milhão de dólares, Nathan?

— Tenho isso e mais. Precisamos ser sócios, Reed. Só eu e você. Digo-lhe onde está o dinheiro, você vai lá buscá-lo, me tira daqui e seremos sócios. Mas tem que me dar sua palavra, Reed. Tenho que confiar em você, está bem?

— Espere um segundo, Nathan. — Cheguei para trás e levantei as mãos. — Quer que vá embora e volte com um saco cheio de dinheiro e suborne a polícia

jamaicana? Está falando sério?

— Por favor, Reed. Não tenho mais ninguém. Não posso pedir a ninguém nos Estados Unidos. Ninguém entende o que está acontecendo aqui, só você. Precisa fazer isso, Reed. Por favor. Minha vida depende disso. Não vou conseguir sobreviver aqui. Olhe para mim. Por favor, Reed. Se fizer o que peço, se me tirar daqui, será um homem rico.

Recuei um pouco mais, como se ele tivesse uma doença contagiosa.

— Vamos, Reed — implorou. — Foi você que me meteu nessa confusão, agora tire-me daqui.

— Posso ajudar se me explicar como ganhou tanto dinheiro.

— Não ganhei. Roubei.

Quanto a isso, não havia surpresa.

— É dinheiro de drogas? — perguntei, mas sabia a resposta.

— Não, não, não. Somos sócios, Reed?

— Não sei, Nathan. Não tenho certeza se quero começar a subornar a polícia jamaicana. E se me pegarem? Posso acabar exatamente como você.

— Então, não volte aqui. Envie o dinheiro para Rashford, que seja ele a fazer a entrega. Dê um jeito, Reed. Que diabo, você é um homem inteligente.

Acenei como se gostasse da maneira como ele pensava.

— Onde está o dinheiro, Nathan?

— Somos sócios, Reed? Metade para cada um, só eu e você?

— Está bem, está bem. Mas não vou arriscar ir para a prisão por causa disso, entende?

— Entendo.

Seguiu-se uma pausa, enquanto nos observávamos mutuamente. A respiração dele era difícil e cada palavra que pronunciava provocava dor. Lentamente, estendeu a mão direita; estava inchada e arranhada.

— Sócios, Reed? — perguntou, implorando.

Apertei-lhe a mão lentamente e ele fez um esgar de dor. Provavelmente, estava quebrada.

— Onde está o dinheiro? — perguntei.

— Está na minha casa — disse ele devagar, com relutância, enquanto me entregava o segredo mais precioso de sua vida. — Já esteve lá. Há um barracão de ferramentas no jardim, cheio de tralha. O chão é de madeira e, do lado direito, embaixo de um velho cortador de grama manual Sears que já não funciona, há um alçapão. Não se consegue ver a não ser que afaste o cortador e alguma tralha. Cuidado com as cobras... Duas cobras californianas vivem lá. Abra o alçapão e vai encontrar um caixão de bronze. — Respirava com dificuldade e transpirava profusamente. A dor física era óbvia, mas também estava atormentado pela dor

daquela revelação portentosa.

— Um caixão? — perguntei, incrédulo.

— Sim, um caixão de criança. Fechado e selado, à prova de água e hermético. Há um trinco escondido na ponta de baixo, onde ficariam os pés. Quando levanta, o selo se solta e pode abrir o caixão.

— O que tem lá dentro?

— Caixas de charuto envoltas em fita adesiva. Acho que são dezoito caixas.

— Escondeu dinheiro em caixas de charuto?

— Não é dinheiro, Reed — disse ele, aproximando-se mais. — É ouro.

Eu aparentei ficar espantado demais para falar, e ele continuou, quase num murmúrio.

— São barrinhas de ouro, cada uma com umas trezentos gramas, o ouro mais puro do mundo. São mais ou menos do tamanho de uma peça grande de dominó. São lindas, Reed, simplesmente lindas.

Olhei fixamente para ele durante muito tempo, incrédulo; depois disse: — Muito bem, por muito difícil que seja, vou resistir à tentação de lhe fazer as perguntas óbvias. Devo voltar depressa para casa, ir buscar o ouro que está dentro de um caixão, afugentar duas cobras, encontrar sei lá como um negociante que troque o ouro por dinheiro e depois arranjar uma maneira de enviar meio milhão de dólares para a Jamaica, onde será entregue a alguns bandidos da alfândega e da polícia, que depois o libertam. Acho que resume mais ou menos o que tenho que fazer, não, Nathan?

— É isso. E depressa, está bem?

— Acho que você é louco.

— Demos um aperto de mão. Somos sócios, Reed. Se encontrar uma maneira de fazer isso, será um homem rico.

— De quantos dominós estamos falando?

— Entre quinhentos e seiscentos.

— Quanto vale o ouro atualmente?

— Há dois dias, estava a cinquenta dólares o grama.

Fiz as contas e disse: — Mais ou menos sete milhões e meio ou oito milhões de dólares.

Nathan acenou afirmativamente com a cabeça. Ele fazia as contas todos os dias e estava a par das flutuações dos preços.



Ouviu-se uma pancada sonora na porta atrás de mim e um dos guardas apareceu.

— O tempo acabou, cara — disse, e desapareceu.

— Esta deve ser a coisa mais burra que farei na minha vida — disse eu.

— Ou talvez a mais inteligente — respondeu Nathan. — Mas, por favor, Reed, apresse-se. Não vou conseguir sobreviver muito tempo.

Demos outro aperto de mão e nos despedimos. A última imagem que tive de Nathan foi a de um homem pequeno e maltratado tentando se endireitar, com dor. Rashford e eu saímos depressa. Ele me deixou no hotel, corri para o quarto e telefonei para Vanessa.

Ela estava no sótão, com uma temperatura de 48 graus, vasculhando entre caixas velhas de papelão e mobília quebrada.

— Não está aí — anunciei. — Está lá fora, no barracão do jardim.

— Espere — disse ela, enquanto descia a escada dobrável. — Ele contou? — perguntou entre arquejos.

— Sim.

— Tem alguém aqui — disse ela, e ouvi através do celular a campainha da porta soando alto. Vanessa pegou a Glock. — Já te ligo — murmurou, e desligou.



A manhã de domingo chegava ao fim. A picape de Nathan estava no caminho de acesso à casa. Partindo do princípio de que os amigos sabiam que ele estaria fora no fim de semana, a presença da picape podia levantar interrogações. A campainha tocou outra vez e alguém começou a bater com força na porta. Depois uma voz masculina gritou: — Nathan, está aí? Abre.

Vanessa se agachou, mas não se mexeu. As pancadas na porta continuaram e havia outra pessoa a bater também na porta dos fundos e gritando por Nathan. Eram pelo menos dois, com vozes jovens, sem dúvida amigos de Nathan que

tinham passado ali por qualquer motivo. E não mostravam vontade de ir embora. Um deles bateu na janela do quarto, mas não conseguia ver para dentro. Vanessa foi até o banheiro e limpou o rosto. Respirava com dificuldade e tremia de medo.

Eles continuavam batendo e gritando, e em breve chegariam à conclusão de que havia algo errado com Nathan. Acabariam por arrombar a porta. Instintivamente, Vanessa se despiu e ficou de calcinhas, secou o suor do corpo, deixou a Glock na pia do banheiro e dirigiu-se para a porta da frente. Abriu-a de chofre e o rapaz ganhou um presente bem inesperado. Os seios morenos de Vanessa eram grandes e firmes; o corpo, atlético e tonificado. Os olhos dele desceram do peito até as calcinhas, baixadas para revelar tanta pele quanto possível, mas depois recompôs-se. Ela sorriu e disse: — Talvez Nathan esteja um pouco ocupado neste momento.

— Uau — disse ele. — Desculpe.

Estavam olhando um para o outro através de uma porta de rede, nenhum dos dois com muita pressa de ir embora. O rapaz disse por cima do ombro: — Eh, Tommy, vem cá.

Tommy chegou à porta da frente e nem conseguia acreditar no que seus olhos viam. Vanessa disse: — Vamos, rapazes, alguma privacidade, sim? Nathan está no chuveiro e ainda não acabamos o que tínhamos para fazer.

— E quem eu aviso que passou por aqui? — Foi nesse momento que ela notou que com a pressa não tinha tirado as luvas de látex. Calcinha vermelha, luvas verde-azuladas.

Nenhum dos dois conseguia tirar os olhos dos seios dela. Um deles disse: — Hum, Greg e Tommy, nós, hum, íamos só passando.

Ambos estavam enfeitiçados com a nudez dela e espantados com as luvas. Que diabos essa garota estava fazendo com nosso amigo?

— Terei prazer em dizer a ele que passaram por aqui — disse ela com um sorriso engraçado enquanto fechava a porta.

Pela janela, observou-os enquanto recuavam, ainda de boca aberta e confusos. Acabaram por chegar à van deles, entraram e começaram a rir enquanto davam ré no acesso.

Vanessa foi buscar um copo de água gelada e sentou-se por instantes na mesa da cozinha. Estava abalada e pronta para ter um colapso nervoso, mas não podia se dar esse luxo. Estava farta daquela casa e tinha sérias dúvidas quanto ao projeto inteiro. Mas precisava continuar.



Estava no táxi a caminho do aeroporto quando vi a chamada. Tinha passado os últimos quinze minutos imaginando várias cenas e conflitos na casa de Nathan, nenhum dos quais acabava bem.

— Você está bem? — perguntei.

— Sim, eram só dois idiotas procurando Nathan. Livrei-me deles.

— Como?

— Conto depois.

— Eles a viram?

— Oh, sim. Sem problema. Estamos bem. Onde está o dinheiro?

— No jardim. No barracão de ferramentas. Eu fico na linha.

— Está bem. — Vanessa verificou mais uma vez a entrada para se certificar que não havia mais visitas, depois saiu depressa pela porta dos fundos até o barracão. O cachorro rosnava e latia freneticamente, e eu conseguia ouvi-lo com toda a clareza na Jamaica.

Decidi não avisá-la sobre as cobras e rezei silenciosamente para que não se deparasse com nenhuma; vasculhar um barracão desarrumado já era suficientemente ruim; se acrescentasse cobras ela poderia desaparecer. Quando entrou no barracão, descreveu o interior. Disse que parecia um forno. Transmiti as instruções de Nathan e desligamos. Ela ia precisar das duas mãos.

Vanessa afastou duas latas vazias de diluente para tintas, deu um chute num saco de serragem e afastou o cortador de grama Sears o mais possível; levantou uma placa de compensado e encontrou um puxador de corda. Como estava preso, puxou-o com força até a tampa abrir. Como não havia dobradiças, o alçapão inteiro saiu do chão e ficou encostado a uma parede. Embaixo dele, conforme anunciado, havia um caixão de bronze que não tinha mais de um metro e vinte de comprimento. Vanessa olhou para ele, horrorizada, como se tivesse acabado de tropeçar no local de um crime e encontrado o cadáver de uma pobre criança. Mas não havia tempo para medo ou dúvida, não havia tempo para perguntar: “Que diabos estou fazendo aqui?”

Tentou levantar o caixão, mas era pesado demais. Encontrou o trinco, virou-o e metade da tampa do caixão abriu. Felizmente, não havia nenhum bebê morto lá dentro. Longe disso. Vanessa parou para observar a coleção de pequenas caixas de charuto de madeira, todas seladas com fita adesiva prateada e a maior parte

delas dispostas em fila. O suor pingava nas sobrancelhas e ela tentou limpá-lo com o antebraço. Com cuidado, retirou uma das caixas e saiu do barracão, para a sombra de um carvalho. Olhando em volta, não viu nada exceto o cachorro, que já estava cansado de latir e rosnar; Vanessa arrancou a fita adesiva, abriu a caixa e retirou lentamente uma folha de jornal amarrotada.

Eram barrinhas. Pequenos tijolos. Como dominós. Um caixão cheio deles. Milhões e milhões.

Pegou uma barra e examinou-a. Era um retângulo perfeito, não chegava a ter um centímetro e meio de espessura, contornado por uma minúscula aresta que permitia que as barras ficassem perfeitamente empilhadas e ordenadas. Na parte da frente, via-se gravado “300 gramas”. E por baixo disso: “.999%”. Mais nada — não tinha nome de banco, nenhuma indicação de onde tinha vindo ou de quem o extraíra. Nem qualquer número de registro.

Com um cartão de crédito pré-pago, comprei um bilhete de trezentos dólares num voo da Air Jamaica para San Juan, Porto Rico. Partia dali a uma hora, e arranjei um banco perto do meu terminal, Para passar o tempo, olhei para o celular. Pouco tempo depois, a luz acendeu e começou a vibrar.

— Ele não estava mentindo — disse Vanessa.

— Conte.

— Com prazer, amor. Somos agora proprietários de dezoito caixas de charutos cheias de deslumbrantes barrinhas de ouro; ainda não contei todas, mas devem ser pelo menos quinhentas.

Inspirei profundamente e apeteceu-me chorar. Este projeto era planejado há mais de dois anos e durante a maior parte do tempo as probabilidades de ser bem-sucedido tinham sido de pelo menos mil para um. Uma série de eventos desconexos teria de se ajustar na perfeição. Ainda não tínhamos chegado ao fim, mas estávamos perto. Já conseguia sentir-lhe o cheiro.

— São entre quinhentas e seiscentas — disse eu —, segundo o nosso rapaz.

— Ele ganhou o direito de confiarmos nele. Onde você está?

— No aeroporto. Comprei passagem, já passei pela alfândega e vou embarcar em uma hora. Até agora, não houve problema. E você?

— Saindo dessa espelunca. Já carreguei tudo no carro e voltei a colocar as coisas no lugar. A casa está fechada.

— Não se preocupe com a casa. Ele nunca mais vai voltar a vê-la.

— Eu sei. Dei um pacote inteiro de comida ao cachorro. Pode ser que alguém venha vê-lo.

— Afaste-se desse lugar.

— Estou saindo agora.

— Siga o plano e eu ligo quando puder.

capítulo 37

Eram quase onze da manhã de domingo, 24 de julho, um dia quente e límpido com pouco trânsito em redor de Radford. Vanessa queria evitar outro encontro com alguém que pudesse ver a picape de Nathan e ficar desconfiado. Encaminhou-se para norte na interestadual, para lá de Roanoke, até o coração do vale de Shenandoah, dirigindo tão cautelosamente quanto lhe era possível, com o velocímetro nos cento e dez quilômetros por hora e a assinalar cada mudança de faixa com o pisca. Olhava pelo espelho retrovisor, porque já se tinha tornado um hábito, e observava cada veículo para evitar qualquer possibilidade de colisão. No chão do lado do passageiro, e no banco também, ia literalmente uma fortuna em ouro; uma fortuna em lingotes sem marcas nem maneira de localizar, acabadinhos de roubar de um ladrão que os roubou a um bandido que os aceitou das mãos de um bando de rufiões. Como poderia explicar uma coleção do precioso metal daquelas a um guarda de trânsito mais curioso? Não podia, por isso dirigia com todo cuidado à medida que os caminhões de dezoito rodas rugiam na faixa da esquerda.

Saiu numa pequena cidade e perambulou até descobrir uma loja de artigos baratos. A faixa na vitrine da frente anunciava descontos da volta às aulas. Estacionou perto da entrada e colocou um cobertor imundo, trazido da casa de Nathan, em cima das caixas de charutos. Colocou a Glock sob uma ponta do cobertor, a seu lado, e observou o estacionamento. Estava praticamente vazio naquela manhã de domingo. Até que, inspirando profundamente, Vanessa saiu, trancou a picape e apressou-se a entrar na loja.

Em menos de dez minutos, tinha comprado dez mochilas de criança, todas com desenhos de camuflados da Tempestade no Deserto. Pagou em dinheiro e não respondeu quando a funcionária da caixa comentou: — Deve ter muitos filhos a regressar à escola.

Enfiou as compras na traseira da picape e regressou à interestadual. Uma hora mais tarde, encontrou uma parada para caminhões perto de Staunton, Virginia, e estacionou junto ao muro. Quando teve certeza de que não estava ninguém a ver, começou a colocar rapidamente as caixas de charutos dentro das mochilas. Duas delas não foram necessárias.

Abasteceu o depósito, almoçou no *drive-thru* de um restaurante de comida rápida e empatou o tempo a andar para cima e para baixo na Interestadual 81, para norte até Maryland e para sul até Roanoke. As horas foram se arrastando.

Não podia estacionar e abandonar o *jackpot*. Tinha que estar guardado o tempo todo, e foi seguindo o trânsito enquanto esperava que a noite chegasse.

Eu andava de um lado para o outro numa ala apinhada e úmida do aeroporto de San Juan, à espera do voo da Delta para Atlanta. O bilhete foi comprado em nome de Malcolm Bannister e o velho passaporte funcionou perfeitamente. Caducava dali a quatro meses. Da última vez que foi usado, Dionne e eu fizemos um cruzeiro barato nas Bahamas. Em outra vida.

Liguei duas vezes para Vanessa e falamos em código. Tenho o material. A encomenda está bem. Ela estava em movimento, fiel ao plano. Se houvesse um espião ouvindo a conversa, devia estar naquele momento coçando a cabeça.

Embarcamos finalmente às 15h30 e depois ficamos sentados durante uma hora na cabine sufocante enquanto uma tempestade medonha se abatia sobre o aeroporto, calando os pilotos. Havia pelo menos dois bebês gritando atrás de mim. À medida que os ânimos se alteravam, fechei os olhos e tentei dormir, mas andava a privar-me de sono há tanto tempo que já não sabia como passar pelas brasas.

Em vez disso, pensei em Nathan Cooley e na sua situação desesperada embora não tivesse grande pena dele. Pensei em Vanessa e sorri perante a resistência dela sob pressão. Estávamos muito perto da meta, mas ainda tanta coisa podia dar errado. Tínhamos o ouro, mas conseguiríamos ficar com ele?

Acordei quando nos precipitamos para a frente e começamos a percorrer a pista. Duas horas mais tarde, aterrissamos em Atlanta. No controle de passaportes, consegui evitar os balcões de agentes alfandegários negros e escolhi um corpulento rapaz branco que parecia entediado e indiferente. Pegou o passaporte, olhou a foto de nove anos de Malcolm Bannister, comparou-a rapidamente com o rosto melhorado de Max Reed Baldwin e não viu nada de incomum. Somos todos iguais.

Parti do princípio de que a alfândega já tinha notificado o FBI de que eu saíra do país dois dias antes num jato particular com destino à Jamaica. O que não sabia era se o FBI continuava monitorando os eventuais movimentos de Malcolm Bannister. Apostava que não, e queria que eles pensassem que ainda estava na ilha me divertindo a valer. De qualquer maneira, tinha que me mexer rapidamente. Uma vez que Malcolm já não tinha carteira de motorista válida, Max alugou um carro no balcão da Avis e, quarenta e cinco minutos depois de aterrissar, saía de Atlanta rapidamente. Perto de Roswell, Georgia, parei num Wallmart e comprei mais dois celulares pré-pagos que paguei em dinheiro. Quando ia saindo da loja, joguei dois celulares velhos no lixo.

Depois de escurecer, Vanessa estacionou a picape de vez. Dirigia há quase doze horas e mal podia esperar para se ver livre dela. Ficou sentada por um

instante ao volante, na vaga ao lado de seu Honda Accord, e observou um avião percorrendo a pista do terminal de Roanoke. Passava pouco das nove da noite de domingo e não parecia haver grande tráfego. O estacionamento estava quase vazio. Inspirou profundamente mais uma vez e saiu. Trabalhando rapidamente enquanto observava tudo em volta, transferiu as mochilas do banco da frente da picape de Nathan para o porta-malas de seu carro.

Oito mochilas, cada uma aparentemente mais pesada do que a outra, mas ela não se importava.

Fechou a picape, guardou as chaves e saiu do estacionamento. Se tudo corresse como planejado, alguns dias se passariam até alguém reparar na picape de Nathan. Quando os amigos percebessem que tinha desaparecido, acabariam por avisar a polícia, que encontraria a picape e começaria a juntar as peças da história. Não havia dúvida de que Nathan devia ter se gabado com alguém de que ia de jato particular para Miami, o que deixaria a polícia algum tempo às tontas.

Eu não tinha como saber se as autoridades conseguiriam relacionar o homem desaparecido com Nathaniel Coley, o palhaço que deixara recentemente o país com um passaporte falso, quatro quilos de cocaína e uma pistola, mas tinha minhas dúvidas. Talvez não fosse localizado até alguém na Jamaica deixá-lo finalmente dar um telefonema. Para quem ia ligar e o que diria era uma incógnita. O mais provável era que contasse as horas e os dias até eu voltar com um saco cheio de dinheiro e começar a subornar pessoas. Após semanas, talvez um mês, acabaria por perceber que seu velho amigo Reed o tinha enganado, que pegara o dinheiro e desaparecera.

Quase sentia pena dele.

À uma da manhã, aproximei-me de Asheville, Carolina do Norte, e vi a placa do motel num cruzamento movimentado. Estacionado atrás do motel, e sem se deixar ver, estava o pequeno Honda Accord azul com minha querida Vanessa atrás do volante e a Glock perto. Estacionei ao lado dela e entramos no quarto do primeiro andar. Beijamo-nos e nos abraçamos, mas estávamos tensos demais para jogos de amor. Descarregamos silenciosamente o porta-malas do carro dela e colocamos as mochilas em cima de uma das camas. Fechei a porta à chave, coloquei a corrente e entalei uma cadeira embaixo da maçaneta. Fechei as cortinas com cuidado e pendurei toalhas nos varões para cobrir brechas e frestas, certificando-me de que ninguém conseguia ver nossa pequena caixa-forte.

Enquanto fazia isso, Vanessa tomou banho e, quando saiu do banheiro, só usava um curto roupão turco que revelava quilômetros e quilômetros das pernas mais bonitas que tinha visto na vida. *Nem pense,* disse ela. Estava exausta. Talvez amanhã.

Esvaziamos as mochilas, calçamos luvas descartáveis e fizemos uma bonita composição com dezoito caixas de charutos, cada uma delas fechada com duas tiras exatas de fita adesiva. Reparamos que duas pareciam ter sido abertas, com a fita cortada ao longo da tampa da caixa, e colocamos de lado. Com um pequeno canivete, cortei a fita da primeira caixa. Retiramos as barrinhas, contamos — trinta — e depois voltamos a guardá-las e a colar a tampa. Vanessa anotou a quantidade e abrimos a segunda caixa. Tinha trinta e duas barrinhas, todas brilhantes, de tamanho perfeito e aparentemente intocadas por mãos humanas.

— Lindo, é simplesmente lindo — dizia ela a toda hora. — Vai durar séculos.

— Vai durar para sempre — disse eu, esfregando uma barrinha. — Não adoraria saber de que parte do mundo veio?

Ela riu, porque nunca saberíamos.

Abrimos as dezesseis caixas seladas, depois contamos as barras das duas que já tinham sido abertas. Tinham mais ou menos metade das barras das demais. O nosso total era de 570. Com o preço do ouro em torno de cinquenta dólares o grama, nosso *jackpot* valia algo como oito milhões e meio de dólares.

Deitamos na cama com o ouro empilhado no meio dos dois e era impossível não sorrir. Precisávamos de uma garrafa de champanhe, mas às duas da manhã de segunda-feira, num motel barato da Carolina do Norte, não havia champanhe. Havia tanto a interiorizar ali, naquele momento, mas um dos aspectos mais gloriosos do nosso projeto é que ninguém procurava aquele tesouro. A não ser Nathan Cooley, ninguém sabia que ele existia. Roubamos de um ladrão, um que não deixara rastro.

Ver, tocar e contar nossa fortuna deu-nos energia. Arranquei seu roupão e rastejamos para baixo dos lençóis da outra cama. Por muito que tentasse, era difícil fazer amor sem manter um olho fixo no ouro. Quando acabamos, desabamos exaustos e dormimos o sono dos justos.

capítulo 38

Às seis e meia da manhã de segunda-feira, o agente Fox entrou no grande escritório de Victor Westlake e disse: — Os jamaicanos estão lentos como sempre. Não há muito a acrescentar. Baldwin chegou sexta-feira à noite num jato fretado por uma empresa de Raleigh, um bom avião, atualmente confiscado pela alfândega da Jamaica e não pode voltar. Não há sinal de Baldwin. O amigo dele, Nathaniel Coley, tentou entrar no país com passaporte falso e está neste momento sob custódia, como o avião.

— Ele está na prisão? — perguntou Westlake, roendo a unha do polegar.

— Está, chefe. Foi o máximo que consegui saber. Não faço ideia de quando poderá sair. Estou tentando fazer com que a polícia verifique os registros dos hotéis para encontrar Baldwin, mas eles se mostram hesitantes. O cara não é fugitivo, e eles não gostam de irritar as gerências dos hotéis; era fim de semana, *etc.*

— Encontre Baldwin.

— Estou tentando, chefe.

— O que ele está tramando?

Fox sacudiu a cabeça.

— Não faz sentido. Por que gastar tanto dinheiro num jato particular? Por que viajar com alguém que tem passaporte falso? Quem diabos é Nathaniel Coley? Já procuramos na Virginia e na Virginia Ocidental e nada. Talvez Coley seja um amigo que não conseguiu passaporte e estivessem tentando enganar a alfândega para se divertir na praia uns dias.

— Talvez, talvez.

— Entendido, chefe.

— Continue a investigar e me mande o relatório por e-mail.

— Sim, chefe.

— Presumo que ele tenha deixado o carro no aeroporto de Roanoke.

— Deixou, no estacionamento do terminal principal. As mesmas placas da Flórida. Encontramos no sábado de manhã e estamos de vigia.

— Muito bem. Mas encontrem o homem, está bem?

— E se o encontrarmos?

— Limitem-se a segui-lo e ver o que anda fazendo.



Planejamos nosso dia entre café e ouro, mas não demoramos muito. Às nove, Vanessa entregou a chave na recepção e informou que ia embora. Demos um beijo de despedida e fui atrás dela no estacionamento, com cuidado para não nos aproximarmos do Accord. Escondida nas profundezas do porta-malas, estava metade do ouro. A outra metade encontrava-se no porta-malas do meu Impala alugado. Separamo-nos no cruzamento; ela ia para o norte e eu para o sul. Acenou-me pelo espelho retrovisor e questionei-me quando voltaria a vê-la.

Enquanto me instalava para a longa viagem, com um copo alto de café na mão, lembrei que o tempo devia ser gasto sensatamente. Não podia me dedicar a sonhos diurnos idiotas; não podia me perder em considerações; não podia fantasiar com o que faria com aquele dinheiro todo. Eram tantos assuntos disputando prioridade... Quando a polícia encontraria a picape de Nathan? Quando devia ligar para Rashford Watley e pedir para passar a informação a Nathan de que tudo estava indo como planejado? Quantas caixas de charuto caberiam nos cofres que alugara há um mês no banco? Quanto ouro devia tentar vender com desconto para reunir dinheiro? Como captar a atenção de Victor Westlake e Stanley Mumphrey, o procurador do Ministério Público em Roanoke? E, o mais importante de tudo, como tirar o ouro do país e quanto tempo isso demoraria?

Em vez de pensar nisso, meus pensamentos vaguearam até meu pai, o velho Henry, que não falava com o filho mais novo há mais de quatro meses. Tinha certeza de que ele estaria desiludido comigo por ter feito asneira e sido transferido de Frostburg para Fort Wayne. Tinha certeza de que já estranhara a falta de correspondência. O mais certo era já ter ligado para meu irmão Marcus em D.C. e para a minha irmã Ruby na Califórnia, para saber se tinham tido notícias minhas. Questionei-me se Henry já seria bisavô, cortesia do filho delinquente de Marcus e da namorada de quatorze anos, ou teria a garota feito aborto?

Por outro lado, talvez não sentisse assim tantas saudades da família como por vezes pensava. Mas seria bom poder ver o meu pai, embora suspeitasse que ele não iria aprovar as alterações no meu aspecto. A verdade era que havia a probabilidade de nunca mais ver nenhum deles. Dependendo dos caprichos e maquinações do governo federal, podia continuar um homem livre ou passar o

resto da vida como um fugitivo. Todavia, tinha o ouro comigo.

À medida que os quilômetros se sucediam e me mantinha fiel ao limite de velocidade enquanto evitava bater nos grandes caminhões, não pude deixar de pensar em Bo. Já estava fora da prisão há quatro meses e todos os dias lutava contra o impulso de pensar no meu filho. Era doloroso demais pensar que talvez nunca o voltasse a ver, mas à medida que as semanas passavam comecei a aceitar esta realidade. Voltar a estar com ele, fosse de que maneira fosse, seria o primeiro passo no caminho da normalidade, e a minha vida dali para a frente seria tudo menos normal. Nunca mais poderíamos viver juntos sob o mesmo teto, como pai e filho, e não via benefício nenhum em Bo saber de repente que eu andava por perto e gostaria de tomar um sorvete com ele uma vez por mês. Tinha certeza de que ainda se lembrava de mim, mas as memórias já deviam estar esvanecendo. Dionne era uma mulher inteligente e amorosa, não tinha dúvida de que ela e o segundo marido estavam dando uma vida feliz a Bo. Por que eu, praticamente um desconhecido e certamente um homem que parece um desconhecido, entraria de repente em suas vidas para perturbá-las? Quando conseguisse convencer Bo de que era realmente o pai dele, como reacenderia uma relação que está morta há mais de cinco anos?

Para parar com esse tormento, tentei me concentrar nas horas seguintes e depois nos dias seguintes. Tinha à minha frente passos cruciais e uma asneira podia custar-me uma fortuna e enviar-me de volta para a prisão.

Parei para abastecer e comprar um sanduíche numa máquina automática perto de Savannah; duas horas e meia depois estava em Neptune Beach, meu antigo pouso temporário. Comprei uma pasta pesada e grossa numa loja de equipamentos de escritório, após o que dirigi até uma área de estacionamento público junto à praia. Não havia câmeras de segurança nem pedestres; abri rapidamente o porta-malas, tirei duas caixas de charutos e coloquei-as na pasta. Pesava cerca de dezoito quilos e, enquanto contornava o carro, percebi que era peso demais. Retirei uma das caixas e voltei a guardá-la no porta-malas.

A quatro quarteirões de distância, estacionei em frente a um First Coast Trust e caminhei descontraidamente em direção à porta da frente. O termômetro digital no quadro eletrônico do banco indicava uma temperatura de trinta e cinco graus. A pasta ficava mais pesada a cada passo que dava e esforcei-me por agir como se não contivesse mais do que alguns papéis importantes. Nove quilos não era muito peso, mas era demais para uma pasta. Meus passos estavam agora sendo filmados e a última coisa que queria era aparecer na imagem entrando no banco com uma pasta pesada. Preocupei-me com Vanessa e seus esforços para acessar os cofres no banco em Richmond com uma carga daquelas no ombro.

Por muito pesado que fosse, não podia evitar de sorrir com o peso

impressionante do ouro puro.

Uma vez no banco, esperei pacientemente que a funcionária da caixa-forte acabasse de atender outro cliente. Quando chegou a minha vez, entreguei-lhe a minha carta de condução da Florida e assinei o meu nome. Ela verificou o meu rosto e a assinatura, aprovou-os e levou-me até a caixa-forte, nos fundos do banco. Inseriu a chave-mestra na fechadura do meu cofre e eu inseri a minha. Os estalidos soaram perfeitos e a caixa foi libertada; levei-a até um cubículo estreito e privado e fechei a porta. A funcionária esperou no exterior, no meio da caixa-forte.

O cofre tinha quinze centímetros de largura, quinze de altura e quarenta e cinco de comprimento, o maior que estava disponível quando o aluguei há um mês por um período de um ano, por trezentos dólares por mês. Coloquei a caixa de charutos dentro do cofre. Vanessa e eu tínhamos etiquetado cada uma delas com o número exato de minibarras. Aquela tinha trinta e três, quase um quilo, o que valia mais ou menos meio milhão de dólares. Fechei a caixa, admirei-a, empatei alguns minutos, depois abri a porta e chamei a funcionária. Uma parte do seu trabalho era manter-se descontraída, sem mostrar sinais de suspeita, e fazia-o muito bem. Presumi que já tivesse visto de tudo.

Vinte minutos mais tarde, encontrava-me na caixa-forte de uma agência do Savings Bank, em Jacksonville. A caixa-forte era maior, os cofres mais pequenos e o funcionário mais desconfiado, mas de resto era tudo igual. Atrás da porta fechada, coloquei suavemente mais uma quantia de minibarras de ouro no cofre. Trinta e dois maravilhosos lingotes no valor de mais meio milhão de dólares.

No terceiro e último banco, a menos de um quilômetro do primeiro, fiz o último depósito daquele dia; depois passei uma hora à procura de um motel onde pudesse estacionar o carro em frente ao quarto.



Num centro comercial na extremidade ocidental de Richmond, Vanessa passeou por uma grande e elegante loja até encontrar os acessórios para senhoras. Embora aparentasse calma, estava uma pilha de nervos porque o Accord estava sozinho no estacionamento, esperando para ser vandalizado ou roubado. Escolheu uma bonita bolsa a tiracolo em couro vermelho, suficientemente grande para poder ser considerada bagagem. Era de um estilista conhecido e o mais certo era as funcionárias dos bancos repararem nela. Pagou

em dinheiro e apressou-se a voltar ao carro.

Duas semanas antes, Max — sempre o conhecera por Malcolm, mas até gostava mais do novo nome — dera instruções de como alugar três cofres. Vanessa escolhera cuidadosamente os bancos em volta de Richmond, preenchera os formulários, passara na verificação e pagara os aluguéis. Depois, conforme as instruções, tinha visitado cada um deles duas vezes para depositar papéis inúteis e coisas semelhantes. Os funcionários das caixas-fortes já a reconheciam, confiavam nela e não desconfiaram de absolutamente nada quando a menina Vanessa Young apareceu com uma espetacular mala nova e pediu para aceder ao cofre.

Em menos de noventa minutos, Vanessa guardou com segurança quase um milhão e meio de dólares em barras de ouro.

Voltou ao seu apartamento pela primeira vez em mais de uma semana e estacionou num lugar que conseguia ver da janela do segundo andar. O condomínio ficava numa boa zona da cidade, perto da Universidade de Richmond, e o bairro era normalmente seguro. Vivia ali há dois anos e não se lembrava de alguma vez um carro ter sido roubado ou assaltado. Não obstante, não queria correr riscos. Inspecionou janelas e portas procurando indicações de que alguém tentara entrar, mas não encontrou nenhuma. Tomou um banho, mudou de roupa e voltou a sair.

Quatro horas depois, regressou e, no meio da escuridão, descarregou lenta e metodicamente o tesouro para o seu apartamento, onde o escondeu debaixo da cama. Dormiu por cima dele, com a Glock na mesa de cabeceira e todas as portas fechadas, trancadas e com uma cadeira a travar a maçaneta.

Dormitou um pouco e, quando a madrugada chegou, já estava tomando café no sofá da sala e vendo o boletim meteorológico num canal a cabo local. O relógio parecia ter parado. Vanessa adoraria dormir um pouco, mas a sua cabeça não permitia que o corpo se rendesse. O apetite também tinha desaparecido, embora tenha tentado engolir um pouco de queijo de cabra. Mais ou menos de dez em dez minutos, ia até a janela e verificava o estacionamento. Os trabalhadores mais matutinos saíam em ondas — às 7h30, 7h45, 8h. Os bancos só abriam às nove. Tomou um longo banho, vestiu-se como se fosse para o tribunal, fez uma mala e levou-a até o carro. Nos vinte minutos que se seguiram, tirou três caixas de charutos debaixo da cama e levou-as para o carro. Ia depositá-las em breve nos cofres que visitara no dia anterior.

O grande debate que se travava na sua cabeça era se as três caixas que restavam estavam mais seguras no porta-malas do carro ou no apartamento, debaixo da cama. Decidiu jogar pelo seguro e deixar duas em casa e levar a terceira.

Vanessa ligou para me dar a notícia de que tinha feito o terceiro e último depósito da manhã e estava a caminho de Roanoke para falar com o advogado. Eu estava um ou dois passos à sua frente. Visitei os meus três bancos um pouco mais cedo, fiz os depósitos e estava agora dirigindo para Miami. Guardamos 380 das 570 barrinhas de ouro. Era uma sensação boa, mas a pressão continuava intensa. Nas circunstâncias certas, o FBI *podia* e *congelaria* todos os bens; faziam-no mais ainda nas circunstâncias erradas, e não podíamos correr riscos. Tinha que tirar o ouro do país.

Pressupunha que os agentes federais não sabiam que Vanessa e eu trabalhávamos juntos. Também pressupunha que ainda não tinham conseguido ligar Nathan Cooley a mim. Estava fazendo suposições demais e não tinha como saber se estavam corretas.

capítulo **39**

Parado no trânsito por conta de obras perto de Fort Lauderdale, liguei para o celular de Mr. Rashford Watley em Montego Bay. Ele atendeu com uma gargalhada calorosa, como se fôssemos amigos há décadas. Expliquei-lhe que estava em segurança, de volta aos Estados Unidos, e que tudo ia bem. Quarenta e oito horas atrás, estava saindo sorrateiramente da Jamaica e me despedindo de Nathan e Rashford, temendo que homens de uniforme me detivessem antes de embarcar no voo para Porto Rico. Ficava atordoado com a rapidez com que as coisas estavam acontecendo. Repetia incessantemente para mim mesmo que devia continuar concentrado e pensar no passo seguinte.

Rashford não ia à prisão desde domingo. Expliquei-lhe que Nathaniel tinha elaborado um esquema para começar a subornar pessoas e tinha a ilusão de que eu ia voltar com uma caixa cheia de dinheiro. Fizera alguns telefonemas e, ao que parece, o garoto tinha um grande histórico de cocaína; ainda não conseguia acreditar que o grande idiota tivesse tentado contrabandear quatro quilos; e nem valia a pena tentar explicar a questão da arma. Era um débil mental.

Rashford concordou e disse que tinha falado com o procurador no dia anterior, segunda-feira. Se Rashford conseguisse fazer sua magia, nosso rapaz enfrentaria "cerca" de vinte anos no sistema prisional jamaicano. Francamente, confessou Rashford, não lhe parecia que Nathaniel conseguisse sobreviver tanto tempo no sistema. Considerando as surras que levou nas duas primeiras noites, teria sorte se sobrevivesse uma semana inteira.

Concordamos que Rashford visitaria a prisão naquela tarde para ver como estava Nathaniel. Pedi-lhe que transmitisse a mensagem de que estava trabalhando arduamente na sua libertação, que a visita à sua casa correra conforme o planejado e que tudo saía como combinado.

— Como quiser — disse Rashford.

Eu tinha pago seus honorários, e, tecnicamente, ele ainda trabalhava para mim.

Esperava que fosse nossa última conversa.



Vanessa fez mais uma vez a viagem de três horas e meia de Richmond a Roanoke e chegou pontualmente para uma reunião às duas da tarde com Dusty Shiver, advogado de Quinn Rucker. Quando ligou para marcar a reunião, afirmou ter posse de provas cruciais para o caso de Quinn. Dusty ficou intrigado e tentou saber mais pelo telefone, mas ela insistiu numa reunião, assim que fosse possível.

Estava bem vestida, com uma saia suficientemente curta para chamar atenção, e levava uma pequena pasta de couro com documentos. Quando entrou no escritório, Dusty ficou de pé num salto e ofereceu-lhe uma cadeira. Uma secretária levou-lhes café e ambos conseguiram manter uma conversa de circunstância até a porta se fechar de vez.

— Vou direto ao assunto, Mr. Shiver — disse Vanessa. — Quinn Rucker é meu irmão e posso provar que é inocente.

Dusty interiorizou aquelas palavras e deixou que ecoassem no escritório. Sabia que Quinn tinha dois irmãos — Dee Ray e Tall Man — e uma irmã, Lucinda. Todos trabalhavam ativamente no negócio da família. Recordava-se agora que havia uma irmã que nunca tinha se envolvido no negócio e de quem nunca ninguém falava.

— Quinn é seu irmão — repetiu ele, quase balbuciando.

— Sim. Eu deixei D.C. há alguns anos e tenho me mantido sempre afastada.

— Muito bem. Sou todo ouvidos. Conte-me.

Vanessa voltou a cruzar as pernas e Dusty manteve o contato visual. Ela começou a falar.

— Mais ou menos uma semana depois de Quinn ter fugido do campo em Frostburg, quase teve uma overdose aqui em D.C. Nós, a família, sabíamos que ele ia acabar por se matar com a droga, Quinn foi sempre quem mais consumiu, e interviemos. Meu irmão Dee Ray e eu levamo-lo para uma clínica de reabilitação perto de Akron, Ohio, um lugar duro para dependentes sérios. Como não havia nenhum mandado do tribunal, não o podiam prender, mas era basicamente isso que acontecia naquela clínica. Quinn estava lá há vinte e um dias quando os cadáveres do juiz Fawcett e da secretária foram encontrados, no dia sete de fevereiro. — Tirou um dossiê da pasta e colocou-a em cima da secretária de Dusty. — A papelada está toda aí. Como tinha fugido da prisão, foi internado com um nome falso... Mr. James Williams. Pagamos uma caução de vinte mil dólares em dinheiro e, por isso, a clínica alinhou alegremente. Não fizeram muitas perguntas. Fizeram-lhe um exame físico completo, com análises de sangue; logo, há testes de DNA que atestam que Quinn estava lá na hora dos crimes.

— Há quanto tempo sabe disso?

— Não posso responder a todas as suas perguntas, Mr. Shiver. Há muitos segredos na nossa família, mas não muitas respostas.

Dusty fitou-a e ela devolveu friamente o olhar. Ele sabia que não ficaria a saber de tudo, mas naquele momento isso não era o mais importante. Tinha acabado de assegurar uma grande vitória em relação ao governo e já se estava a rir.

— Por que confessou os crimes?

— Por que tantas pessoas confessam crimes que não cometeram? Não sei. Quinn é um bipolar grave e tem outros problemas. O FBI pressionou-o durante dez horas e usou todos os truques sujos que tinham à disposição. Conhecendo-o como conheço, ele estava brincando com eles. Provavelmente, deu-lhes o que queriam para que o deixassem em paz. Talvez tenha fabricado uma história para fazê-los andar em círculos enquanto tentavam verificá-la. Não sei. Lembra-se do sequestro do bebê Lindbergh, o mais famoso da história?

— Sim, já li sobre isso, claro.

— Pois bem, pelo menos cento e cinquenta pessoas confessaram o crime. Não faz sentido. Quinn às vezes é um pouco doido.

Dusty abriu o dossiê. Continha um relatório de cada dia que Quinn passara na reabilitação, de 17 de janeiro a sete de fevereiro, a segunda-feira em que os corpos do juiz Fawcett e Naomi Clary tinham sido encontrados.

— Diz aqui que saiu da clínica na tarde de sete de fevereiro — disse Dusty, lendo.

— Exatamente. Saiu pelos próprios pés, ou fugiu, e veio para Roanoke.

— E por que, pergunto, veio para Roanoke?

— Mais uma vez, Mr. Shiver, há muitas perguntas que não posso responder.

— Portanto, ele apareceu em Roanoke no dia seguinte à descoberta dos cadáveres, foi a um bar, embebedou-se, envolveu-se numa briga, foi preso e tinha os bolsos cheios de dinheiro. Há muitas lacunas nesta história, moça...

— Sim, há algumas e com o tempo essas lacunas serão preenchidas. Mas neste momento isso não é o mais importante, não acha? O que é importante é que tem provas claras da inocência de Quinn. A não ser a confissão falsa, o governo não tem provas contra meu irmão, certo?

— Não. Não há provas físicas, apenas alguns comportamentos suspeitos. Por exemplo, por que veio para Roanoke? Como chegou? Onde arranjou tanto dinheiro? Onde comprou as armas roubadas? Há aqui muitas perguntas, moça, mas presumo que não tem as respostas, certo?

— Não.

Dusty prendeu as mãos atrás da cabeça e olhou para o teto. Depois de um longo e silencioso momento, disse: — Vou ter que investigar isto, sabe? Tenho

que ir até a clínica de reabilitação, entrevistar as pessoas que trabalham lá, arranjar declarações válidas e tudo mais. Os agentes federais não vão dançar obedientemente na nossa frente até nossas provas serem bem mais substanciais e pudermos descarregá-las em cima deles. Preciso de mais vinte e cinco mil dólares.

Sem hesitar, Vanessa respondeu:

— Vou falar com Dee Ray.

— A audiência preliminar será em duas semanas; portanto, temos que nos apressar; gostaria de apresentar a moção para anular as acusações antes da audiência.

— O advogado é você.

Mais uma pausa enquanto Dusty se debruçava nos cotovelos e olhava para Vanessa.

— Eu conhecia bem o juiz Fawcett. Não éramos amigos, mas conhecidos próximos. Se Quinn não o matou, tem alguma ideia de quem tenha sido?

Ela já estava sacudindo a cabeça. *Não*.



A polícia encontrou a picape de Nathan no estacionamento principal do Aeroporto Regional de Roanoke no fim da manhã de terça-feira. Como já era de esperar, quando a segunda-feira chegou e ele não apareceu, os funcionários do bar começaram a ficar preocupados e, no fim da tarde, já estavam agarrados nos telefones. Procuraram finalmente a polícia, que acabou por dar uma busca no aeroporto. Nathan tinha se gabado de que ia para Miami num jato particular, e a busca não foi difícil, pelo menos para encontrar a picape. Encontrá-la não indicou imediatamente que algo de errado se passava, e a polícia não estava com pressa de iniciar uma caça ao homem. Uma verificação rápida no histórico do nome revelou ficha criminal e o fato não gerou muita simpatia entre os policiais. Não havia família gritando pela perda do ente querido.

Uma busca e alguns telefonemas revelaram que Nathan tinha comprado a Cheyy Silverado dois meses antes numa concessionária em Lexington, Virginia, a uma hora de Roanoke pela Interestadual 81. O preço de venda era de 41 mil dólares e Nathan pagara à vista. Não à vista com um cheque que a empresa deposita mais tarde, mas em dinheiro vivo. Um monte impressionante de notas de cem dólares. Sem que o vendedor do carro, a polícia ou qualquer outra pessoa

soubesse, Nathan tinha encontrado um comerciante de ouro.

Eu também acabei por encontrar um.



Depois de duas viagens até a caixa-forte do Palmetto Trust, no centro-sul de Miami, continuava a ter em minha posse, no porta-malas do Impala alugado, exatamente quarenta e uma pequenas e preciosas barrinhas de ouro, com um valor de cerca de seiscentos mil dólares. Precisava converter algumas delas em dinheiro e para isso vi-me obrigado a entrar no mundo obscuro do negócio do ouro, onde as regras são flexíveis e se adaptam ao momento e onde todos os envolvidos têm olhos matreiros e falam em código.

Os primeiros dois negociantes, que achei nas *Páginas Amarelas*, desconfiaram que eu era alguma espécie de agente e desligaram imediatamente. O terceiro, um homem com sotaque, coisa que eu começava a perceber rapidamente que não era incomum naquele ramo, queria saber como eu tinha conseguido uma barra de trezentos gramas de ouro aparentemente puro.

— É uma longa história — respondi, e a seguir desliguei.

O número quatro era de uma pequena loja que penhorava pequenos eletrodomésticos na parte da frente e comprava joias na parte de trás. O número cinco tinha algum potencial, mas, claro, queria ver o que eu tinha para mostrar. Expliquei que não iria à loja porque não queria ser filmado. Ele hesitou e desconfiei que estava pensando que eu o ameaçaria com uma arma e lhe roubaria o dinheiro. Acabamos concordando num encontro na sorveteria que ficava a duas portas da loja dele, num centro comercial, na zona boa da cidade. Ele estaria com um boné preto dos Marlins.

Trinta minutos depois, eu estava sentado em frente a um sorvete duplo de pistache. Hassan, um sírio corpulento de barba grisalha, sentava-se na minha frente diante de um sorvete triplo de chocolate. A seis metros de nós, outro cavalheiro elegante lendo jornal e comendo iogurte gelado, e provavelmente preparado para me dar um tiro se mostrasse o menor indício de problemas.

Depois de tentarmos ter uma conversa comum sem sucesso, fiz deslizar um envelope enrugado. No interior estava uma única barra de ouro.

Hassan olhou em volta, mas os únicos clientes eram jovens mães com seus filhos de cinco anos e o outro sírio; pegou a barra de ouro com a mãozona gorda, apertou-a, sorriu, bateu com ela suavemente no canto da mesa e murmurou: —

Uau. — Sem sotaque.

Fiquei espantado como aquela expressão simples me reconfortou. Nunca tinha pensado que o ouro pudesse ser falso, mas vê-lo reconhecido por um especialista foi subitamente refrescante.

— Gosta, é? — perguntei, estupidamente, apenas para tentar dizer alguma coisa.

— É muito bom — disse ele, colocando a barra no envelope. Estendi o braço e peguei. — Quantas? — perguntou.

— Digamos que são cinco barras, cento e cinquenta gramas. O ouro fechou ontem a cinquenta dólares o grama, por isso...

— Eu sei o preço do ouro — interrompeu-me ele.

— Claro que sabe. Quer comprar cinco barras?

Um cara daqueles nunca dizia sim ou não. Em vez disso, murmurava, enrolava o discurso, procurava não se comprometer e blefava. Disse: — É possível e depende certamente do preço.

— O que pode oferecer? — perguntei, mas sem demonstrar ansiedade demais. Havia outros negociantes de ouro nas *Páginas Amarelas*, embora estivesse ficando sem tempo e me cansando das ligações malsucedidas.

— Bem, isso depende de várias coisas, Mr. Baldwin. Numa situação desse tipo, uma pessoa tem que partir do princípio de que o ouro é, digamos, originário do mercado negro. Não sei onde o arranjou e não quero saber, mas há uma possibilidade razoável de ter sido, digamos, extraído do proprietário anterior.

— Não importa realmente onde...

— Tem o registro de propriedade deste ouro, Mr. Baldwin? — perguntou ele secamente.

Olhei em volta.

— Não.

— Claro que não. Assim, o desconto do mercado negro são vinte por cento. — Aquele cara nem precisava de calculadora. — Pago quarenta dólares o grama — disse suave mas firmemente, enquanto se debruçava. A barba cobria parcialmente sua boca, mas suas palavras com sotaque eram claras.

— Pelas cinco barras? — perguntei. — Cento e cinquenta gramas?

— Presumindo que as demais sejam da mesma qualidade.

— São idênticas.

— E não tem inscrição, registro, documentação, nada, certo, Mr. Baldwin?

— Exatamente, e também não quero registro agora. Basta um simples negócio, ouro por dinheiro, sem recibo, sem papelada, sem vídeo, nada. Fui, vim e desapareci noite dentro.

Hassan sorriu e estendeu-me a mão direita. Cumprimentamo-nos, o negócio

estava fechado e concordamos em nos encontrar às nove da manhã seguinte na charcutaria do outro lado da rua, uma que tinha mesas com bancos altos onde podíamos fazer nossas contas em particular. Saí da sorveteria como se tivesse cometido um crime e repeti para comigo o que devia ser óbvio; ou seja, não era ilegal comprar e vender ouro, fosse a preço de saldo ou a preços inflacionados. Não estávamos propriamente negociando crack na rua, nem informações privilegiadas saídas de uma mesa de reuniões. Era uma transação perfeitamente legítima, certo?

Qualquer pessoa que estivesse nos observando, a Hassan e a min, juraria que éramos dois bandidos envolvidos num negócio escuso. E quem podia censurar? Naquele momento, já não ligava.



Estou correndo riscos, mas não tinha outra escolha. Hassan era um risco, mas eu precisava do dinheiro. Tirar o ouro do país implicava riscos, mas deixá-lo aqui podia significar sua perda.

Passei as duas horas seguintes fazendo compras. Comprei artigos casuais, como jogos de gamão, pequenas caixas de ferramentas, livros de capa dura e três pequenos computadores portáteis. Levei as compras até o quarto de um motel de um andar só ao sul de Coral Gable e passei o resto da noite fazendo pequenos consertos, empacotando coisas e tomando cerveja.

Retirei as baterias e os discos rígidos dos notebooks e consegui substituí-los por três dos meus pequenos tijolos. Dentro de cada livro de capa dura, coloquei uma barra envolvida em jornal e papel alumínio, e depois colei-a firmemente com fita adesiva. Nas caixas de ferramentas, deixei os martelos e as chaves de fenda, mas retirei todo o resto. Cada uma alojava confortavelmente quatro barrinhas. Os jogos de gamão levavam duas sem levantar suspeita. Usando caixas da FedEx, da UPS e da DHL, empacotei cuidadosamente meus pertences à medida que as horas passavam e eu me perdia em outro mundo.

Liguei duas vezes para Vanessa e descrevemos nossos dias. Ela estava de volta a Richmond, fazendo o mesmo que eu. Estávamos exaustos, física e mentalmente, mas nos encorajamos mutuamente a continuar. Aquele não era o momento de hesitar ou de ficar descuidado.

À meia-noite, acabei o que estava fazendo e admirei meu trabalho. Em cima da cômoda, estava uma dúzia de pacotes de transporte noturno, todos selados e

convenientemente etiquetados para seguir de avião, com um aspecto eficiente, nem um pouco suspeito, e que entre si guardavam trinta e duas barrinhas com um valor aproximado de meio milhão de dólares. Para enviar as encomendas para o estrangeiro, a papelada com um valor aproximado de meio milhão de dólares. Para enviar as encomendas para o estrangeiro, a papelada era entediante e fui forçado a forjar a descrição do conteúdo. O remetente era Mr. Reed Baldwin, da Skelter Films em Miami, e o destinatário a mesma pessoa, mas com endereço em Sugar Cove Villas, número 26, Willoughby Bay, Antigua. O meu plano era estar lá para receber as encomendas. Se chegassem ao seu destino sem incidentes, Vanessa e eu tentaríamos provavelmente enviar encomendas semelhantes num futuro próximo. Se alguma coisa corresse mal, arranjaríamos outro plano. Enviar as coisas assim também era um risco; as embalagens podiam ser fiscalizadas e confiscadas; o ouro podia ser roubado pelo caminho. No entanto, estava razoavelmente confiante de que ia correr tudo bem. Voltei a relembrar-me que não estávamos a enviar substâncias proibidas.

Uma vez que estava excitado demais para dormir, às duas da manhã acendi a luz, liguei meu notebook e comecei a redigir um e-mail. Era dirigido a Mr. Stanley Mumphrey, procurador do Ministério Público para o Distrito Sul da Virginia e para Mr. Victor Westlake, FBI, em Washington. O atual rascunho dizia o seguinte:

Caros Mr. Mumphrey e Mr. Westlake,

Receio ter cometido um erro grave. Quinn Rucker não matou o juiz Raymond Fawcett nem Miss Naomi Clary. Agora que já saí da prisão, demorei alguns meses para entender isso e identificar o verdadeiro assassino. A confissão de Quinn é falsa, como provavelmente saberão a esta altura, e não têm prova física alguma contra ele. O advogado dele, Dusty Shiver, tem em sua posse provas claras de um álibi irrefutável que inocenta Quinn, por isso preparem-se para a realidade de retirarem todas as acusações contra ele. Lamento o incômodo. É imperativo que falemos o quanto antes. Tenho um plano detalhado sobre como devemos prosseguir e só sua total cooperação poderá levar à prisão e condenação do assassino. Meu plano começa com a promessa de imunidade completa para mim e para outros e acaba com o preciso resultado que desejam atingir. Se trabalharmos juntos, podemos finalmente resolver este assunto e fazer justiça. Estou fora do país e não pretendo regressar, nunca mais.

Cordialmente,

Malcolm Bannister

capítulo 40

Como já era típico, o sono foi fugidio. Na verdade, foi tão elusivo e irregular, que nem sei bem se dormi. Tinha coisas demais para fazer e dei por mim tomando café ruim e olhando para a TV antes de o sol nascer. Finalmente, tomei um banho, vesti-me, carreguei as encomendas para o meu carro e fiz-me às ruas vazias de Miami procurando café da manha. Às nove, Hassan entrou na loja com um saco de papel pardo, como se tivesse acabado de ir à mercearia comprar algumas coisas. Amontoamo-nos numa mesa com bancos altos, pedimos café e, enquanto procurávamos evitar a garçonete, fizemos as contagens. A tarefa dele era bastante mais fácil do que a minha; acariciou as cinco minibarras antes de guardá-las nos bolsos laterais do casaco amarrotado. Eu espreitei para dentro do saco de papel pardo e esforcei-me por contar 122 pilhas de notas de cem dólares, cada pilha com dez notas.

— Está tudo aí — disse ele, observando a garçonete. — Cento e vinte e dois mil dólares.

Quando me dei por satisfeito, fechei a bolsa e procurei apreciar o café. Ele foi embora vinte minutos depois de chegar. Esperei um pouco, depois encaminhei-me para a porta, esperando com nervosismo que a SWAT se abatesse sobre mim, e dirigi-me apressadamente para o carro. Guardei 22 mil dólares para a viagem e coloquei cinquenta mil em cada jogo de gamão. Na agência da FedEx, esperei na fila com cinco pacotes de transporte noturno e observei atentamente os clientes na minha frente tratando de suas vidas. Quando chegou minha vez, a funcionária examinou as etiquetas e perguntou descontraidamente.

— O que contêm?

— Ferramentas, livros, nada muito valioso, não vale a pena fazer seguro — respondi com palavras cuidadosamente ensaiadas. — Tenho uma casa em Antigua. Estou decorando aos poucos. — Ela acenou como se estivesse bem interessada nos meus planos.

Para entregas normais, em três dias garantidos, a conta foi de 310 dólares, que paguei com um cartão de crédito pré-pago. Enquanto saía do pátio e deixava o ouro para trás, inspirei profundamente e esperei que tudo corresse bem. Usando o GPS do carro alugado, localizei uma loja da UPS e passei pelo mesmo processo. Voltei ao Palmetto Trust e demorei uma hora para ter acesso ao meu cofre. Deixei o resto do dinheiro e as quatro barrinhas que restavam.

Demorei algum tempo para encontrar o balcão da DHL nos arredores do

Aeroporto Internacional de Miami, mas acabei por achar o lugar e deixei mais alguns pacotes. Separei-me finalmente do meu Impala no posto da Avis e apanhei um táxi para o setor de aviação geral do aeroporto, afastado do terminal principal. Havia hangares privados, empresas de voos charter e escolas de voo; o motorista do táxi perdeu-se e procuramos em vão por um edifício chamado Maritime Aviation. Precisava de uma placa maior, porque a que tinha atualmente mal se via da estrada mais próxima, e quando entrei pela porta senti-me tentado a reclamar com o funcionário. Consegui morder a língua e descontrair.

Não havia *scanner* para me examinar ou à minha bagagem e presumi que os terminais de aviões privados não estavam equipados com as ditas máquinas. Esperava ser examinado a qualquer momento depois da chegada a Antigua e, por isso, estava jogando pelo seguro. Tinha cerca de trinta mil dólares em dinheiro, a maior parte escondida na bagagem, e, se eles a revistassem e se entusiasmassem com o dinheiro, iria fazer-me de parvo e pagar a multa. Senti-me tentado a levar comigo uma ou duas barras de ouro, para ver se podia ser feito, mas o risco era maior do que a recompensa.

À uma e meia, o piloto disse que estava na hora de embarcar e entramos num Lear Jet 35, um jato com cerca de metade do tamanho do Challenger que eu e Nathan apreciamos brevemente durante nossa recente viagem à Jamaica. O 35 teria talvez capacidade para seis pessoas sentadas, mas homens corpulentos ficariam apertados. Em vez de banheiro, tinha apenas um espaço de emergência embaixo de um banco. Era apertado, para ser simpático, mas o que importava? Era bastante mais barato do que o avião grande e igualmente rápido. Eu era o único passageiro e estava com pressa.

Quem embarcou ali foi Max Baldwin, com toda a documentação válida. Malcolm Bannister se retirava, pela última vez. Tinha certeza de que a alfândega acabaria por notificar algum agente no FBI que, depois de alguma perplexidade, haveria de transmitir o fato ao chefe. Iam coçar o queixo e imaginar que diabos andaria Baldwin fazendo, que história era aquela de jatos particulares, por que andava gastando o dinheiro todo? Teriam muitas perguntas, mas a maior de todas continuaria a ser: que diabos ele anda fazendo? Não teriam a menor ideia até eu lhes contar.

Enquanto percorríamos a pista, revi rapidamente o e-mail para Mumphrey e Westlake, e a seguir apertei a tecla “Enviar”.



Era 28 de julho. Saíra de Frostburg quatro meses antes e deixara Fort Carson com um rosto e um nome novos dois meses antes. Enquanto tentava recordar as últimas semanas e colocá-las na devida perspetiva, comecei a cabecear. Quando chegamos à nossa altitude de quarenta mil pés, adormeci.

Duas horas mais tarde, acordei com a turbulência e olhei pela janela. Passávamos por cima de uma tempestade de verão e o pequeno jato estava bem sacudido. Um dos pilotos virou-se para trás e levantou o polegar — está tudo bem. *Se você diz, amigo*. Minutos depois, o céu estava novamente calmo, a tempestade atrás de nós, e olhei para baixo para as bonitas águas do Caribe. De acordo com a tela de navegação na divisória à minha frente, estávamos passando por St. Croix nas ilhas Virgens americanas.

Havia tantas ilhas bonitas lá em baixo e de tantos tipos diferentes. Quando estava na prisão, mantinha escondido na biblioteca um Guia do Caribe, um grosso guia de referência com duas dúzias de fotografias a cores.

Mapas, listas de atividades e breves histórias de todas as ilhas. Sonhava que um dia andaria livre pelo Caribe, sozinho com Vanessa, os dois num pequeno veleiro, deslizando de ilha para ilha na mais completa e irreprimível liberdade. Não sabia velejar nem nunca tinha tido um barco. Mas esse era o Malcolm. Hoje, o Max estava a começar uma nova vida aos quarenta e três anos e se quisesse comprar um barco, aprender a velejar e passar o resto da vida a vaguear de praia em praia, quem o podia impedir?

O avião inclinou-se ligeiramente e os motores abrandaram um pouco. Observei o comandante baixando as alavancas e começamos a longa descida. Havia um pequeno frigorífico junto à porta e encontrei uma cerveja. Passamos por cima de Nevis e St. Kitts ao longe. Aquelas duas ilhas também tinham leis bancárias atraentes e, quando ainda estava em Frostburg e tinha muito tempo para dedicar à minha pesquisa, cheguei a ponderar ficar numa delas. Pensei nas ilhas Caymán, mas percebi que estavam terrivelmente lotadas. As Bahamas eram perto demais da Flórida e estavam cheias de agentes americanos. Porto Rico é um território, razão pela qual nunca chegou a entrar numa das minhas listas. St. Bart's tem engarrafamento de trânsito. As ilhas Virgens americanas, criminalidade demais. A Jamaica era onde Nathan morava agora. Escolhi Antigua como minha primeira base de operações porque tem setenta e cinco mil

habitantes, quase todos negros como eu, ou seja, não está lotada de gente, mas também não é deserta. É uma ilha montanhosa com 365 praias, uma para cada dia do ano, pelo menos é o que dizem folhetos e sites. Escolhi Antigua porque seus bancos são reconhecidamente flexíveis e sabem fazer vista grossa. E, se por algum motivo a ilha me desagradar, mudo rapidamente para outra. Há lugares demais para conhecer.

Batemos na pista e freamos até parar. O comandante virou para trás e disse sem voz "Desculpe, OK?". Os pilotos tinham grande orgulho de seus pousos suaves e aquele sujeito devia estar um pouco constrangido. Como se eu ligasse. A única coisa que me importava naquele momento era conseguir sair em segurança do avião e entrar suavemente no país. Havia mais dois jatinhos no terminal e, felizmente, acabava de aterrissar um grande. Pelo menos, dez americanos adultos de short e sandália iam entrar no país.

Matei tempo suficiente para ficar atrás deles. Enquanto os agentes de Imigração e Alfândega iam fazendo seu trabalho, percebi que não havia *scanners* para passageiros e bagagens dos voos privados. Excelente! Despedi-me dos pilotos. Fora do edifício, observei os demais americanos entrando numa van e desaparecendo. Sentei-me num banco até meu táxi chegar.

A vila era em Willoughby Bay, a vinte minutos do aeroporto. Fui no banco de trás do táxi, com as janelas abertas e o ar quente e salgado me batendo no rosto, enquanto serpenteávamos por um lado da montanha acima e descíamos lentamente pelo outro. Ao longe, viam-se dezenas de pequenos barcos ancorados na baía, descansando nas águas azuis que pareciam absolutamente plácidas.

A casa tinha dois quartos, era mobiliada e inserida num condomínio com algumas casas iguais, não diretamente em frente à praia mas perto o suficiente para se ouvirem as ondas a quebrar na areia. Estava alugada no meu nome atual e o aluguel de três meses tinha sido pago com um cheque da Skelter Films. Paguei ao motorista do táxi e entrei pelo portão da frente de Sugar Cove. Uma senhora simpática na recepção deu-me uma chave e um livro com as instruções da propriedade. Entrei em casa, liguei as ventoinhas e o ar condicionado e fui ver os quartos. Quinze minutos depois, estava no oceano.

Às 17h30 em ponto, Stanley Mumphrey e os seus assistentes reuniram-se em redor de um altifalante, no centro da mesa de reuniões. Poucos segundos depois, ouviu-se a voz de Victor Westlake: — Então, Stan, o que acha disso?

Stanley, que não pensava noutra coisa desde que recebera o e-mail quatro horas antes, respondeu: — Bem, Vic, parece que primeiro temos que decidir se vamos acreditar nesse cara outra vez, não acha? Quer dizer, ele admitiu que se enganou da primeira vez. Não admite que mentiu, mas que cometeu um erro. Está jogando.

— Será difícil voltar a confiar nele — disse Westlake.

— Sabe onde está neste momento? — perguntou Mumphrey.

— Acabou de voar de Miami para Antigua num jato particular. Na última sexta-feira, voou de Roanoke para a Jamaica, também num jato particular, e depois voltou a entrar no país no domingo como Malcolm Bannister.

— Faz ideia do que ele faz com tanta movimentação estranha?

— Não faço a menor ideia, Stan. Estamos confusos. Ele já provou que é bem eficiente em desaparecer e movimentar dinheiro de um lado para o outro.

— Certo. Estou vendo a cena, Vic. Vamos supor que ele mentiu sobre Quinn Rucker. Talvez Rucker faça parte do esquema e tenha aceitado isso para Bannister poder sair da prisão. Agora tentam salvar o canastrão do Rucker. Cheira a conspiração. E se emitirmos uma acusação contra os dois, pegamos Bannister, voltamos a metê-lo na cadeia e depois vemos o que ele sabe sobre o verdadeiro assassino. Pode ser que do outro lado das grades seja mais falante.

— Então agora já acredita nele? — perguntou Westlake.

— Eu não disse isso, Vic. Se ele tem prova, vamos vê-las em breve. A única coisa que não consigo entender é por que guardou por tanto tempo.

— Aqui pensamos o mesmo — disse Westlake. — Uma das teorias é que Bannister precisava de tempo para encontrar o assassino, isso, naturalmente, se decidirmos acreditar nele. Francamente, a essa altura, já não sei em quem acreditar. E se Bannister souber a verdade? Não temos nada do nosso lado. Não temos a menor prova física, a confissão é débil. E se Dusty tem uma arma na mão, então, não vamos demorar muito a levar o tiro.

— Vamos acusá-los e espremê-los — disse Mumphrey. — Convoco o Grande Júri amanhã e em vinte e quatro horas temos a acusação formal. É muito difícil pegar Bannister em Antigua?

— Dureza. Teria que ser extraditado. Pode demorar meses. E pode voltar a desaparecer. O cara é bom. Deixe-me falar com meu chefe antes de recorrer ao Grande Júri.

— Muito bem. Mas se Bannister quer imunidade, então, parece que está cometendo um crime e quer fazer um acordo, não acha?

Westlake hesitou durante um segundo, e depois disse: — É muito raro um homem inocente pedir imunidade. Acontece, mas não com muita frequência. Em que crime está pensando?

— Nada de definitivo ainda, mas vamos descobrir. Extorsão me vem de repente à cabeça. Tenho certeza de que podemos manipular a RICO para se adaptar a esses fatos. Conspiração para impedir o processo judicial. Mentir no tribunal e ao FBI. Agora que penso nisso, quanto mais falo, mais a acusação dele cresce. Estou ficando furioso com isso, Vic. Bannister e Rucker foram amigos

em Frostburg e planejaram isso juntos. Rucker fugiu em dezembro. O juiz Fawcett foi morto em fevereiro. Agora parece que Bannister nos apresentou um monte de mentiras sobre Rucker e seus motivos. Não sei sua opinião, Vic, mas estou começando a pensar que fomos enganados.

— Não vamos exagerar. O primeiro passo é determinar se Bannister diz a verdade.

— Muito bem, e como fazemos isso?

— Vamos esperar Dusty e ver o que ele tem. Enquanto isso, vou falar com meu chefe. Falamos novamente amanhã.

— Combinado.

capítulo 41

Numa tabacaria no centro da cidade de St. John's, vi uma coisa que me fez gelar o sangue nas veias e que depois me fez sorrir. Era uma caixa de Lavos, charutos obscuros enrolados à mão em Honduras que custavam duas vezes menos do que nos Estados Unidos. O charuto de dez centímetros em forma de torpedo estava por cinco dólares em Antigua e por dez dólares numa tabacaria do centro de Roanoke, chamada Vandy's Smokes. Era lá que o juiz Fawcett comprava habitualmente sua marca de charuto favorita. Na parte de baixo de quatro das quatorze caixas de Lavos que tínhamos guardado em bancos havia rótulos do Vandy's, com número de telefone e endereço.

Comprei vinte torpedos Lavos e admirei a caixa. Era feita de madeira, não de papelão, e o nome na tampa parecia ter sido esculpido à mão. O juiz Fawcett era conhecido por passar horas no lago Higgins em sua canoa, fumando Lavos enquanto pescava, apreciando a solidão. Como era evidente, guardou as caixas vazias.

Os cruzeiros ainda não tinham chegado, e o centro da cidade estava calmo. Os comerciantes se sentavam à sombra fora das lojas, conversando e rindo na sua sedutora e musical versão do inglês imperial. Eu andava de loja em loja, sem dar pelo tempo. Tinha passado do tédio inerte da vida na prisão à loucura assustadora de localizar um assassino e o seu saque, e depois para isto — a paz lânguida da vida insular. Por razões óbvias, preferia esta última, mas também porque é este o agora, o presente e o futuro. Max é um homem novo, com uma vida nova, e toda a história estava a cair rapidamente no esquecimento.

Comprei algumas roupas, shorts e camisetas, roupa de praia e depois fui ao banco, o Royal Bank of the East Caribbean, e namorisquei com a garota gira que estava ao balcão. Ela deu-me indicações para passar à frente e acabei por me apresentar junto da funcionária da caixa-forte. Ela observou o meu passaporte e depois levou-me até as profundezas do banco. Durante a minha primeira viagem à ilha, nove semanas atrás, tinha alugado dois dos maiores cofres disponíveis. Agora, sozinho com eles, deixei algum dinheiro e papéis inúteis e questionei-me quanto tempo faltaria até estarem cheios de pequenas barras de ouro. Namorisquei novamente ao sair e prometi voltar em breve.

Aluguei um fusca conversível durante um mês, baixei a capota, acendi um Lavos e comecei a dar uma volta pela ilha. Poucos minutos depois, estava zonzo. Não sabia há quanto tempo não fumava um charuto e também não tinha certeza

por que o fazia agora. O Lavos era curto e preto e até seu aspecto era forte. Atirei-o pela janela e continuei a dirigir.



A FedEx ganhou a corrida. Os primeiros pacotes chegaram na segunda-feira por volta do meio-dia e, como observava ansiosamente os terrenos de Sugar Cove, vi o caminhão quando chegou. Miss Robinson, a agradável senhora que geria o escritório, já tinha ouvido a versão completa da minha ficção. Sou escritor/diretor e ficaria ali nos próximos três meses trabalhando desesperadamente para acabar um romance e seu roteiro. Entretanto, meus sócios já filmavam cenas preliminares. Blablablá. Assim, esperava cerca de vinte pacotes vindos de Miami: manuscritos, blocos de pesquisa, vídeos e até algum equipamento. Ela ficou visivelmente impressionada.

Estava realmente ansioso pelo dia em que pudesse parar de mentir.

Abri as caixas na vila. Um jogo de gamão trazia duas barras; uma caixa de ferramentas, quatro; um romance de capa dura, uma; e outro jogo de gamão, duas. Um total de nove barras de ouro, em que aparentemente ninguém tocara durante a viagem de Miami para Antigua.

Questiono-me frequentemente sobre a história daquele ouro. Onde foi extraído? De que continente? E quem o extraiu? Como veio parar neste país? E por aí afora. Mas sei que essas perguntas nunca serão respondidas.

Apressei-me a ir até St. John's, ao Royal Bank of the East Caribbean, e coloquei os preciosos lingotes em segurança.

Meu segundo e-mail para Westlake e Mumphrey dizia o seguinte:

"Olá, rapazes:

Sou eu, outra vez. Que vergonhoso de sua parte não terem respondido ao meu e-mail de dois dias atrás. Se querem encontrar o assassino do juiz Fawcett, vão ter que melhorar sua capacidade de comunicação. Eu não vou a lugar nenhum.

Aposto que sua reação inicial foi arranjar uma acusação disparatada qualquer para vir atrás de mim e de Quinn Rucker.

Simplesmente, não conseguem evitar esse tipo de estratégia, porque afinal são funcionários federais, está na sua natureza. O que tem nosso sistema penal que faz com que caras como vocês queiram enfiar todo mundo na prisão? Sério, é patético. Conheci dezenas de pessoas decentes na prisão; homens que fisicamente não fariam mal a ninguém e que jamais voltariam a meter a mão na cumbuca; no entanto, graças a vocês, são obrigados a cumprir longas penas e ver suas vidas arruinadas. Mas já estou me desviando do assunto. Esqueçam uma nova imputação. Não conseguem fazer com que as acusações se aguentem; não que isso alguma vez os tenha impedido, mas não existe nenhuma seção no seu vasto Código Federal que possam de algum modo usar contra mim. Mais importante ainda, não conseguem me pegar. Se fizerem alguma coisa estúpida, desapareço de novo. Não vou voltar para a prisão... nunca mais.

Anexei a este e-mail quatro fotos a cores. As primeiras três são da mesma caixa de charutos, uma caixa de madeira escura, feita à mão em Honduras. Um trabalhador colocou cuidadosamente nesta caixa vinte Lavos, charutos fortes, pretos, intensos e quase letais, com uma ponta em cone.

A caixa foi enviada a um importador em Miami e dali seguiu para a loja Vandy's Smokes, no centro de Roanoke, onde foi comprada pelo eminente Raymond Fawcett. Evidentemente, o juiz Fawcett fumou Lavos por muitos anos e guardou as caixas vazias. Talvez tenham encontrado algumas quando varreram a casa do lago depois dos crimes. Tenho o palpite de que, se forem falar com o dono da tabacaria Vandy's, ele devia conhecer muito o juiz Fawcett e seu gosto muito raro no que diz respeito a charutos.

A primeira foto é da caixa como ela deve estar na loja. É quase um quadrado perfeito, com doze centímetros de lado e doze de altura — o que é bem incomum para uma caixa de charutos. A segunda foto é uma perspetiva lateral. A terceira é do fundo da caixa, onde é bem visível o adesivo branco da Vandy's Smokes. Esta caixa foi tirada do cofre do juiz Fawcett pouco tempo antes de ele ser executado. Está agora em minha posse. Podia entregar a caixa, mas o mais provável é que ela tenha as impressões digitais do assassino e detestaria arruinar a surpresa.

A quarta foto é o motivo pelo qual estamos todos metidos neste assunto. Mostra três lingotes de ouro de trezentos gramas cada; barrinhas perfeitas sem o menor indício de registro ou identificação

(depois conto mais sobre isso). Essas pequeninas estavam entre uma pilha de trinta guardada na caixa de charutos, que por sua vez estava fechada no cofre do juiz Fawcett.

Por isso, um dos mistérios está agora resolvido: por que ele foi assassinado?

Porque alguém sabia que ele tinha um pote de ouro.

O grande mistério continua a assombrá-los. O assassino continua à solta e depois de andarem às cegas e aos tropeções caçando fantasmas durante seis meses, arfando e bufando e mentindo, vocês não TÊM ABSOLUTAMENTE NADA!

Vamos, rapazes, desistam. Vamos fazer um acordo e encerrar esse caso.

Seu amigo,

Malcolm.

Victor Westlake cancelou mais um jantar com a mulher e, às sete de sexta-feira entrou no escritório do chefe, o diretor do FBI, Mr. George McTavey. Dois assistentes de McTavey ficaram no escritório para tomar notas e buscar arquivos. Reuniram-se em redor de uma grande mesa, exaustos por mais uma semana interminável.

Uma vez que McTavey sabia de tudo, não valia a pena rever nada. Começou com sua pergunta de marca: — Há alguma coisa que eu não saiba?

Aquela pergunta já era esperada e tinha que ser respondida com toda a verdade.

— Há — disse Westlake.

— Estou ouvindo.

— O aumento do preço do ouro criou uma procura enorme pelo material, e por isso temos assistido a toda espécie de esquemas. Como todos os penhoristas deste país são agora negociantes de ouro, pode imaginar a porcaria que anda sendo comprada e vendida. No ano passado, fizemos uma investigação em New York que envolvia alguns negociantes bem conhecidos que andavam derretendo ouro, diluindo e depois vendendo como se fosse praticamente puro. Não houve acusações, mas o caso não está fechado. Enquanto a investigação durou, um informante que trabalhava para um traficante pôs as mãos numa barra de trezentos gramas sem selo de identificação. Ouro noventa e nove ponto nove por cento puro, material do bom mesmo e por um preço incomum. Fomos um pouco mais fundo e encontramos um homem chamado Ray Fawcett que aparecia de vez em quando e vendia algumas barras de ouro, com um ligeiro desconto, a

troco de dinheiro vivo, claro. Temos um vídeo de Fawcett numa loja da 47th Street em dezembro, dois meses antes de ser morto. Aparentemente, ia a New York duas vezes por ano, fazia seus negócios e regressava a Roanoke com um saco cheio de dinheiro. Os registros parecem estar incompletos, mas baseado no que temos parece que, nos últimos quatro anos, ele vendeu pelo menos seiscentos mil dólares em ouro em New York. Não há nada de ilegal nisso, presumindo, claro, que o ouro era propriedade legal de Fawcett.

— Interessante, mas?

— Mostrei a foto do ouro do Bannister ao nosso informante. Segundo as palavras dele, são idênticas. Bannister tem o ouro. Quanto, não temos como saber. A caixa de charutos combina. O ouro também. Presumindo que ele tirou o ouro do assassino, então sabe mesmo a verdade.

— E sua teoria é?

— Malcolm Bannister e Quinn Rucker cumpriram pena em Frostburg ao mesmo tempo e eram mais amigos do que imaginávamos. Um deles sabia de Fawcett e sua reserva de ouro e planejaram a extorsão. Rucker fugiu da prisão, deu entrada numa clínica de reabilitação para ter um álibi e depois esperaram que o assassino atacasse. Ele atacou e o plano ficou subitamente operacional. Bannister denunciou Rucker, que fez uma confissão falsa, dando origem a uma acusação imediata, e Bannister pôde sair em liberdade. Depois de estar aqui fora, entrou para o programa de proteção de testemunhas, saiu dele e encontrou o assassino e o ouro sabe-se lá como.

— Não teria que matar o assassino para ficar com o ouro?

Westlake encolheu os ombros, porque não fazia ideia.

— Talvez sim, talvez não. Bannister quer imunidade e apostamos que também vai exigir a aplicação da Regra 35 para Rucker. Quinn tem mais cinco anos da pena original, mais alguns por ter fugido. Se fosse Bannister, por que não tentar livrar o amigo? Se o assassino estiver morto, a Regra 35 não se aplica a Quinn. Não sei. Os advogados estão lá embaixo coçando a cabeça.

— Isso é sempre reconfortante — disse McTavey. — Qual é a desvantagem de negociar com Bannister?

— Negociamos com ele da última vez e mentiu.

— Está bem, mas o que tem a ganhar em mentir agora?

— Nada. Ele tem o ouro.

O rosto cansado e preocupado de McTavey iluminou-se subitamente. Deu uma risada e jogou as mãos para o alto, dizendo: — Lindo, brilhante, adoro isso! Temos que contratar esse cara, porque ele é muito mais esperto do que nós! Isso é que é ter as bolas no lugar. Ele faz com que o amigo seja acusado do homicídio de um juiz federal e sabe o tempo todo que pode resolver o crime e inocentar o

amigo. Estão brincando comigo? Parecemos um bando de idiotas.

Westlake não conseguiu evitar de se reunir à diversão. Sorriu e abanou a cabeça incrédulo. McTavey disse: — Ele não está mentindo, Vic, porque não precisa. As mentiras foram importantes antes, na primeira fase do projeto, mas não agora. Agora, está na hora de dizer a verdade, e Bannister sabe a verdade.

Westlake concordou.

— Então, qual é nosso plano?

— Onde está o procurador no meio disso tudo? Como ele se chama?

— Mumphrey. Anda gritando que quer outra acusação, mas isso não vai acontecer.

— Ele sabe de tudo?

— Claro que não. Não sabe que tínhamos conhecimento de que Fawcett vendia ouro em New York.

— Amanhã, vou tomar café da manhã com o procurador-geral. Vou explicar o que estamos fazendo e ele vai pôr Mumphrey na linha. Sugiro que vocês dois encontrem Bannister o mais depressa possível e amarrem todas as pontas soltas. Estou cansado de ouvir falar do juiz Fawcett, Vic, entendeu?

— Entendi, chefe.

capítulo 42

Esperei mais um voo atrasado no sufocante terminal do Aeroporto Internacional V. C. Bird, mas não estava nem um pouco aborrecido ou ansioso. Naquele momento, no meu quarto dia em Antigua, o relógio de pulso já estava guardado numa gaveta e eu vivia no ritmo da ilha. As mudanças eram sutis, mas começava a tirar lentamente do sistema os hábitos frenéticos da vida moderna. Meus movimentos eram mais lentos; meus pensamentos, menos confusos; os objetivos, inexistentes. Vivia para o dia de hoje e de vez em quando olhava de relance para o dia de amanhã; mas, mais do que isso, não me aborreça, gente.

Vanessa parecia um modelo quando desceu os degraus do avião do voo doméstico vindo de San Juan. Trazia um chapéu de palha de abas largas, óculos de marca, um vestido leve deliciosamente curto e a graciosidade descontraída de uma mulher que sabia que era um arraso. Dez minutos mais tarde, estávamos no Carocha e eu levava a mão pousada na coxa dela. Informou-me que tinha sido demitida por estar dias demais ausente. E por insubordinação. Rimos. O que importava?

Fomos direto para o almoço no Great Reef Club, restaurante numa falésia bem em cima do mar e com uma vista hipnótica. Os clientes eram finos e ingleses. Nós éramos os únicos clientes negros, embora todos os garçons também o fossem. A comida era suficientemente boa, mas combinamos percorrer as tascas locais para comermos com gente real. Julgo que somos tecnicamente ricos, mas parecia impossível pensar nesses termos. Não desejávamos exatamente o dinheiro tanto quanto desejávamos liberdade e segurança. Julgo que havemos de nos habituar a uma vida melhor.

Depois de um mergulho no mar, Vanessa queria explorar Antigua. Descemos a capota do carro, encontramos uma estação de rádio que tocava regae e fomos pelas estradas estreitas fora como dois jovens amantes que conseguiram fugir finalmente. Acariciando-lhe as pernas e vendo-a sorrir, tive dificuldade em acreditar que tínhamos conseguido chegar até ali. Fiquei maravilhado com nossa sorte.

O encontro foi no Blue Waters Hotel, na extremidade noroeste da ilha. Entrei sozinho no pátio arejado da casa principal de estilo colonial. Vi uma dupla de agentes com roupas baratas de turista, enquanto tomavam bebidas sem álcool e tentavam parecer inofensivos. Ali, um turista de verdade tem ar descontraído e casual, enquanto um agente federal que finge ser turista parece uma aberração.

Imaginei quantos agentes, assistentes de advogados, representantes de diretores *etc*. teriam conseguido se imiscuir naquela pequena e rápida viagem pelas ilhas, naturalmente com os cônjuges incluídos, cortesia do Tio Sam. Passei por arcos, decorações de mau gosto e vedações de madeira até chegar à ala em que nossa reunião teria lugar.

Encontramo-nos numa pequena suíte no segundo andar, com vista para a praia. Fui recebido por Victor Westlake, Stanley Mumphrey e outros quatro homens cujos nomes nem vou tentar recordar. Os ternos escuros e gravatas monótonas tinham desaparecido para dar lugar a polos e bermudas. Embora estivéssemos no início de agosto, a maior parte das pernas pálidas presentes na suíte ainda não tinham visto o sol. O ambiente estava leve; nunca tinha visto tantos sorrisos numa reunião tão importante. Aqueles homens eram a elite de combate ao crime, estavam habituados a dias difíceis desprovidos de humor e aquela pequena diversão era um sonho para eles.

Tinha uma última e irritante dúvida se aquilo poderia ser uma armadilha para mim. Podia estar entrando numa cilada, com aqueles caras preparados para me saltarem em cima com uma acusação, um mandado de captura, uma ordem de extradição ou qualquer outra coisa que pudesse me arrastar para a prisão.

Caso isso acontecesse, Vanessa tinha um plano que assegurava a proteção dos nossos bens. Já estava a duzentos metros de distância. Esperando.

Não houve surpresas. Já tínhamos falado o suficiente por telefone para conhecer os parâmetros do encontro e começamos logo a tratar do que havia para ser tratado. Colocando o telefone no viva voz, Stanley ligou para Roanoke, para o escritório de Dusty Shiver, que agora representava não só Quinn Rucker, como sua irmã, Vanessa, e a mim. Quando Dusty estava ao telefone, fez piadas idiotas sobre estar perdendo a diversão em Antigua. Os agentes federais se cansaram de rir.

A primeira tarefa foi a revisão do acordo de imunidade, que dizia basicamente que o governo não processaria Quinn, Vanessa Young, Denton Rucker (conhecido como Dee Ray) ou a mim por qualquer atitude imprópria na investigação dos assassinatos de Raymond Fawcett e Naomi Clary. Foram necessárias quatorze páginas para dizer isso, mas estava satisfeito com a linguagem. Dusty também recebeu o acordo e queria que Mumphrey fizesse algumas alterações menores. Sendo ambos advogados, era esperado que barganhassem algum tempo, mas enfim conseguiram chegar a acordo. O rascunho do documento foi novamente redigido na suíte, depois assinado e enviado por e-mail a um juiz federal a postos em Roanoke. Trinta minutos depois, recebemos uma cópia de volta com a aprovação e assinatura do juiz. No sentido legal, éramos agora neutros.

A liberdade de Quinn era um pouco mais complicada. Primeiro, foi emitido um despacho de arquivamento que o inocentava de todas as acusações relacionadas aos assassinatos e continha uma boa quantidade de linguagem benigna inserida por Mumphrey e seus rapazes, numa tentativa de suavizar sua própria culpa da acusação indevida. Dusty e eu objetamos e aquela parte acabou sendo retirada. O despacho foi enviado ao juiz em Roanoke, que a assinou imediatamente. A seguir, veio a Regra 35 para comutar sua pena e colocá-lo em liberdade. Tinha dado entrada no tribunal federal de D.C., onde ele fora condenado por distribuição de cocaína, mas Quinn continuava na prisão de Roanoke.

Repeti aquilo que já dissera várias vezes: não completaria minha parte do acordo enquanto Quinn não fosse libertado. Ponto final. Todos tinham concordado com esta condição, mas era preciso coordenar os movimentos de várias pessoas, com instruções que chegavam agora de uma ilhota perdida de nome Antigua. O juiz que condenara Quinn em D.C. estava de acordo, mas tinha ficado retido no tribunal. Os U.S. Marshals sentiram necessidade de se meter no assunto e insistiram em acompanhar Quinn quando chegasse a hora. A certa altura, cinco ou seis advogados presentes na reunião estavam falando ao telefone, enquanto dois teclavam em notebooks.

Fizemos uma pausa e Vic Westlake me convidou para uma bebida. Encontramos uma mesa numa varanda junto à piscina, longe dos outros, e pedimos chá gelado. Ele fingiu estar frustrado com o tempo perdido e tudo mais. Presumi que estivesse usando uma escuta e o mais certo era querer falar mais sobre o ouro. Eu era só sorrisos, o verdadeiro habitante insular, mas meu radar estava bem alerta.

— E se precisarmos de seu testemunho no julgamento? — perguntou ele com seriedade. Aquilo já tinha sido amplamente discutido e pensei que já estava esclarecido. — Já sei, já sei, mas e se precisarmos de mais provas?

Uma vez que ele ainda não sabia o nome do assassino, nem as circunstâncias dos crimes, aquela questão era prematura, e servia provavelmente de preliminar para outra coisa.

— Minha resposta é não, está bem? Já deixei isso bem claro. Não tenho planos para voltar aos Estados Unidos. Estou pensando seriamente em renunciar à minha cidadania e me tornar cidadão de Antigua, e, se nunca mais puser os pés em solo americano, morro um homem feliz.

— Um pouco exagerado não acha, Max? — disse ele num tom de voz que eu desprezava. — Agora, já tem imunidade total.

— Isso para você pode ser fácil de dizer, Vic, mas nunca passou tempo na prisão por um crime que não cometeu. O FBI já me entalou uma vez e quase

arruinou minha vida; não vai voltar a acontecer. Tenho sorte em ter esta segunda oportunidade e, por qualquer razão estranha, sinto-me um pouco hesitante em me colocar novamente sob sua jurisdição.

Ele bebeu alguns goles de chá e limpou a boca com um guardanapo de pano.

— Uma segunda oportunidade. Velejar em direção ao pôr do Sol com um pote de ouro.

Limitei-me a olhar para ele. Alguns segundos depois, Westlake disse, um pouco embaraçado: — Não falamos sobre o ouro, não é, Max?

— Não.

— Então, vamos falar um pouco agora. O que lhe dá o direito de ficar com ele?

Fitei o botão da camisa dele e disse com toda a clareza: — Não sei do que está falando. Eu não tenho ouro nenhum.

— E quanto às três barrinhas da foto que nos enviou por e-mail na semana passada?

— São provas e, quando chegar a hora, entrego-as, assim como a caixa de charuto da outra foto. Suspeito que esses pequenos objetos estejam carregados de impressões digitais, tanto de Fawcett quanto do assassino.

— Muito bem, então a grande questão será: onde está o resto do ouro?

— Não sei.

— Está bem. Mas deve concordar, Max, que é importante para a acusação do assassino saber o que havia no cofre do juiz Fawcett. O que fez com que o matassem? Teremos que saber de tudo quando chegar a hora.

— Talvez não venham a saber de tudo; talvez isso nunca venha a acontecer. Haverá provas suficientes para condenar seu assassino. Se o governo arruinar a acusação, não será problema meu.

Mais um gole, mais um olhar exasperado. E depois: — Não tem direito de ficar com ele, Max.

— De ficar com quê?

— Com o ouro.

— Eu não tenho ouro nenhum. Mas, falando hipoteticamente, numa situação como esta, acho que o saque não pertence a ninguém. Certamente não é propriedade do governo, não foi retirado dos contribuintes. Vocês nunca estiveram em sua posse, logo, não podem reclamá-lo. Nunca o viram e neste momento sem sequer sabem se existe. Não pertence ao assassino; ele também é um ladrão. Roubou-o de um funcionário público que o obteve, presumimos, através de atos corruptos. E, se pudesse um dia identificar sua fonte original e tentasse devolvê-lo, o mais certo era que o escondessem bem escondidos ou fugissem na ponta dos pés. Está apenas por aí, pairando nas nuvens, mais ou

menos como a Internet, que não pertence a ninguém. — Acenei para o céu, enquanto acabava minha resposta tão bem ensaiada.

Westlake sorriu porque ambos conhecíamos a verdade. Ele tinha um brilho nos olhos, como se quisesse dar uma gargalhada, render-se e dizer: mas que trabalho fenomenal. Claro que isso não aconteceu.

Voltamos para a suíte e disseram que o juiz em D.C. continuava ocupado com assuntos mais importantes. Como não queria ficar fazendo sala para agentes federais, fui dar um passeio pela praia. Liguei para Vanessa, contei que as coisas estavam indo devagar, e não, não tinha visto algemas ou armas. Até ali, tudo ia bem. Quinn seria libertado em breve. Ela disse que Dee Ray estava no escritório de Dusty esperando o irmão.

No intervalo do almoço, o juiz que condenou Quinn a sete anos de prisão por tráfico de drogas assinou relutantemente a ordem de comutação da pena, segundo a Regra 35. No dia anterior, tinha conversado com Stanley Mumphrey, Victor Westlake e o chefe dele, George McTavey, e sublinhado a importância do que estava a sua frente, o procurador-geral dos Estados Unidos.

Quinn foi imediatamente levado da prisão de Roanoke para o escritório de Dusty Shiver, onde abraçou Dee Ray e vestiu jeans e camisa polo. Cento e quarenta dias depois de ter sido preso como fugitivo em Norfolk, Virginia, Quinn era um homem livre.

Quando todos os despachos e documentos estavam devidamente assinados, examinados e verificados, eram quase duas e meia; no último instante, saí da suíte e liguei para Dusty. Ele assegurou que pegamos todos “pelo pescoço”, a papelada estava toda em ordem, todos os direitos protegidos e todas as promessas cumpridas.

— Comece a cantar — disse ele com uma gargalhada.



Seis meses depois de chegar à Instituição de Correção Federal de Louisville, concordei em rever o processo de um traficante de drogas de Cincinnati. O tribunal tinha calculado mal a duração da sentença, o erro era óbvio, e protocolei moção para que o cara fosse libertado imediatamente por já ter cumprido a pena que lhe cabia. Foi um daqueles casos raros em que tudo funciona bem e depressa. Duas semanas depois, meu cliente estava alegremente em casa. Sem surpresa, a notícia se espalhou pela prisão e fui aclamado como o brilhante

advogado que era capaz de fazer milagres. Fui inundado de pedidos de revisão de processos para que fizesse a minha magia, e a agitação demorou algum tempo para acalmar.

Mais ou menos nessa época, um cara chamado Nattie entrou na minha vida e consumiu mais tempo do que que eu queria dispensar a ele. Era um garoto branco magricela que tinha sido preso por traficar metanfetaminas na Virginia Ocidental, e estava determinado a que eu revisse o processo dele, que estalasse os dedos e o pusesse fora dali. Como gostei de Nattie, examinei os papéis dele e disse que não havia nada a fazer. Ele começou a falar da minha recompensa; inicialmente, fez uma referência vaga a um monte de dinheiro escondido em algum lugar e que, se conseguisse tirá-lo da prisão, uma parte seria minha. Recusava-se a acreditar que eu não podia ajudá-lo. Em vez de encarar a realidade, ficou cada vez mais alucinado, mais convencido de que eu conseguiria encontrar uma lacuna que o tirasse da cadeia. A certa altura, mencionou finalmente uma certa quantidade de barras de ouro e achei que tinha perdido o juízo de vez. Para me provar que dizia a verdade, ele contou a história toda. Obrigou-me a jurar segredo e me prometeu metade da fortuna dele se o ajudasse.

Quando criança, Nattie era um ladrão hábil e, na adolescência, deslizou para o mundo das metanfetaminas. Movimentava-se muito, escapando de agentes de narcóticos, cobradores de dívidas, delegados com mandados, pais com filhas grávidas e rivais de outras gangues. Tentou se endireitar várias vezes, mas caiu com facilidade na vida do crime. Via primos e amigos arruinando suas vidas com as drogas, viciados e condenados, e queria realmente algo melhor para si mesmo. Tinha um emprego de caixa numa loja do campo, profundamente enterrada nas montanhas, perto da povoação de Ripplemead, quando foi abordado por um desconhecido que lhe ofereceu dez dólares por hora em troca de alguns trabalhos manuais. Nunca ninguém na loja tinha visto aquele homem, nem voltariam a ver. Nattie estava ganhando cinco dólares por hora, em dinheiro, sem entrar na contabilidade da loja, e aproveitou a oportunidade para ganhar mais. Depois do trabalho, encontrou o homem como combinado e o seguiu por uma trilha de terra estreita até uma casa em forma de A, aninhada numa das encostas de uma colina íngreme, bem acima do pequeno lago. O estranho se apresentou apenas como Ray e tinha uma boa picape com um engradado de madeira na carroceria. Como se veio a revelar, o engradado continha um cofre com cerca de cento e oitenta quilos, o que era peso demais para Ray levantar sozinho. Conseguiram fazer uma espécie de guindaste com um cabo passado por cima do galho de uma árvore e conseguiram tirar o cofre da picape, colocá-lo no chão e finalmente levá-lo para o porão da casa. Foi um trabalho tedioso, exigente, e demoraram quase três horas levando o cofre para dentro. Ray pagou em dinheiro, agradeceu e se despediu.

Nattie contou ao irmão, Gene, que estava nas proximidades, escondido de um xerife. Os irmãos ficaram curiosos com o cofre e seu conteúdo, e decidiram investigar. Quando estavam certos de que Ray não se encontrava em casa, tentaram entrar, mas foram detidos pelas pesadas portas de madeira de carvalho, vidros à prova de bala e ferrolhos fortes nas fechaduras. Por isso, limitaram-se a retirar uma janela inteira do porão. Uma vez lá dentro, não conseguiram encontrar o cofre.

Mas identificaram Ray. Ao mexer em alguns papéis que estavam em cima de uma mesa de trabalho, perceberam que o vizinho era um juiz federal conceituado de Roanoke. Até estava lá um artigo de jornal sobre um julgamento importante que envolvia minas de urânio na Virginia que o eminente juiz Raymond Fawcett presidia.

Foram até Roanoke, encontraram o tribunal federal e assistiram a duas horas de depoimentos no julgamento. Nattie usou óculos e boné de basebol para o caso de o juiz se aborrecer e olhar para a sala. Havia muitos espectadores e Ray nunca olhou para cima. Convencidos de que estavam diante de algo importante, os irmãos voltaram à casa do lago, entraram pela janela do porão e procuraram o cofre mais uma vez. Tinha que estar no pequeno porão, porque foi ali que Nattie e o juiz o haviam deixado. Uma das paredes estava forrada de prateleiras cheias de grossos livros de direito, e os irmãos se convenceram de que devia haver um esconderijo atrás da parede. Retiraram cuidadosamente cada livro, olhando atrás e voltando a colocá-lo no lugar. Demoraram algum tempo, mas acabaram por encontrar um interruptor que abria um alçapão. Quando este se abriu, o cofre estava bem ali, ao nível do chão, esperando para ser aberto. Mas isso veio a se revelar impossível porque o cofre tinha um teclado que, claro, exigia um código. Ainda tentaram abri-lo durante um ou dois dias, sem sucesso. Passaram muito tempo na casa, mas tiveram sempre muito cuidado para não deixar qualquer rastro. Numa certa sexta-feira, Gene foi até Roanoke, que ficava mais ou menos a uma hora de distância, entrou no tribunal, viu o juiz e ficou por ali até ele suspender a sessão para o fim de semana, ou seja, até segunda-feira às nove da manhã. Gene o seguiu até o apartamento e viu-o carregar a van com o que parecia ser um saco de papel pardo com mantimentos, uma caixa térmica, algumas garrafas de vinho, uma bolsa de ginástica, duas pastas gordas e uma pilha de livros. Ray saiu do apartamento sozinho e dirigiu para oeste. Gene ligou para Nattie e disse que Ray estava a caminho. Nattie arrumou tudo na casa do lago, voltou a colocar a janela, limpou algumas pegadas de terra na varanda e subiu numa árvore a cinquenta metros de distância. E realmente, uma hora depois, o juiz Fawcett chegou à casa do lago, descarregou sua van e deitou-se de imediato na rede da varanda para dormir a sesta, enquanto Nattie e Gene o

observavam na floresta cerrada que rodeava a casa. No dia seguinte, um sábado, o juiz arrastou a canoa para a beira da água, levou duas varas de pesca e uma garrafa de água, acendeu um charuto escuro e grosso e entrou no lago Higgins. Nattie observou-o com binóculos enquanto Gene retirava a janela e se apressava a entrar na casa. O alçapão estava aberto, o cofre à vista, mas trancado. Mais uma vez sem sorte, Gene saiu rapidamente do porão, voltou a colocar a janela e recuou para a floresta.

Os rapazes estavam determinados a descobrir o que estava no cofre, mas também eram pacientes. Ray não fazia ideia de que era observado e, se toda semana acrescentasse algo mais a seu tesouro, então não havia pressa. Nas duas sextas-feiras seguintes, Gene observou o exterior do tribunal de Roanoke, mas o juiz trabalhou até tarde. Aproximava-se um feriado federal e os rapazes previram que o juiz pudesse ir à casa do lago passar o fim de semana prolongado. Segundo os jornais, o julgamento estava sendo difícil e muito belicoso, com muita pressão sobre o juiz Fawcett. A previsão foi correta. Às duas da tarde de sexta-feira, a sessão foi adiada até as nove da manhã da terça-feira seguinte. Gene observou enquanto Ray carregava a van e ia para o lago, sozinho.

A casa do lago estava mergulhada demais nas montanhas para ter eletricidade ou gás; logo, não havia ar condicionado nem aquecimento, à exceção de uma grande lareira. A comida e as bebidas eram mantidas na caixa térmica que Ray transportava de um lado para outro. Quando precisava de luz para ler à noite, ligava um pequeno gerador a gás localizado fora do porão e seu som baixo e abafado ecoava pelo vale. No entanto, o normal era o juiz estar dormindo às nove da noite.

O porão tinha uma divisão e um armário, um espaço estreito com pequenas portas duplas. Dentro do armário, Ray guardava coisas que pareciam esquecidas — roupas de caça, botas e uma pilha de velhos cobertores e mantas. Gene concebeu o plano de esconder Nattie dentro do armário, por horas, com a ideia de que, por uma minúscula fresta de uma porta, ele conseguisse ver o juiz abrindo o cofre e guardando o que quer que escondesse ali. Nattie, com um metro e sessenta e sete e 68 quilos, tinha um longo histórico de se esconder em cantos e fendas, embora inicialmente tivesse se mostrado relutante em passar a noite no armário. O plano foi revisto mais uma vez.

Na sexta-feira antes do Columbus Day, o juiz Fawcett chegou à casa do lago por volta das seis e descarregou lentamente a van. Nattie estava enroscado no armário do porão, praticamente escondido entre as roupas de caça, os cobertores e as mantas. Tinha uma pistola no bolso para o caso de a coisa dar errado. Gene observava das árvores, também com uma pistola. Estavam nervosos, mas também tremendamente excitados. Enquanto Ray se instalava, acendeu um

charuto e em breve toda a casa cheirava a tabaco. Fez as coisas com tempo, falou sozinho, cantarolou a mesma canção repetidamente e acabou por levar uma das pastas grossas para o porão. Nattie mal respirou enquanto viu o juiz tirando um volume de direito da prateleira, apertar o interruptor escondido e puxar a porta do alçapão. Inseriu o código no teclado e abriu o cofre. Estava cheio de caixas de charutos. O juiz recuou e tirou mais uma caixa de dentro da pasta. Hesitou por um segundo, levantou a tampa e pegou um maravilhoso lingote de ouro. Admirou-o, acariciou-o e depois devolveu-o à caixa, que colocou então com todo cuidado dentro do cofre. Seguiu-se mais uma caixa de charutos, e depois ele fechou rapidamente o cofre, programou o código e fechou o alçapão.

O coração de Nattie batia com tanta força, que ele receou sacudir o armário todo, mas procurou se acalmar. Enquanto ia embora, o juiz reparou na fresta da porta do armário e fechou-a com força.

Por volta das sete, acendeu outro charuto, serviu um copo de vinho branco e sentou-se numa cadeira de balanço na varanda, vendo o sol desaparecer atrás das montanhas. Depois de escurecer, ligou o gerador e perambulou pela casa até dez da noite, hora em que apagou a luz e foi para a cama. À medida que a casa sossegava e se acalmava, Gene apareceu vindo da floresta e bateu na porta com força. *Quem é?*, perguntou Ray, furioso. Gene disse que procurava seu cachorro. Ray abriu a porta e falaram pela porta de tela. Gene explicou que tinha uma casa a pouco mais de um quilômetro e meio dali, do outro lado do lago, e que seu querido Yank desaparecera. Ray não foi nem um pouco amistoso e disse que não tinha visto cachorro nenhum nas redondezas. Gene agradeceu e foi embora. Quando ouviu as pancadas na porta e a conversa no andar de cima, Nattie deixou sorrateiramente o armário e saiu pela porta do porão. Não conseguiu abrir o ferrolho, e os rapazes acharam que o juiz ficaria curioso e confuso com a porta aberta. Mas quando isso acontecesse eles já estariam perdidos na floresta. O juiz procuraria mas não encontraria sinais de entrada, nada faltando, e esqueceria o episódio.

Naturalmente, os irmãos ficaram atordoados com o que descobriram e começaram a bolar planos para assaltar o cofre. Ia exigir uma altercação com o juiz, provavelmente violência, mas estavam determinados a levar o plano em frente. Passaram-se dois fins de semana e o juiz ficou em Roanoke. Depois três.

Enquanto vigiavam a casa do lago e o juiz, Gene e Nattie voltaram ao negócio das metanfetaminas, porque estavam sem dinheiro. Antes de conseguirem pegar o ouro, foram presos pelos agentes da DEA. Gene foi morto e Nattie levado para a cadeia.

Esperou cinco anos até atacar o juiz Fawcett com brutalidade, torturar Naomi Clary, assaltar o cofre e executar as vítimas.



— E quem é exatamente esse Nattie? — perguntou Westlake.

Seus homens estavam olhando fixamente para mim.

— O nome dele é Nathan Edward Cooley e podem encontrá-lo na prisão municipal de Montego Bay, na Jamaica. Podem demorar o tempo que quiserem, ele não vai a lugar nenhum.

— Seria também conhecido por Nathaniel Coley, seu amigo com o passaporte falso?

— Exatamente. Neste momento, encara uma pena de vinte anos de prisão num estabelecimento da Jamaica; por isso, pode facilitar um pouco a vida de vocês. Meu palpite é que Nathan se declarará alegremente culpado e aceitará prisão perpétua numa cadeia americana, sem liberdade condicional, claro, desde que isso o tire da Jamaica. Ofereçam um acordo e não terão que se preocupar com o julgamento.

Seguiu-se uma longa pausa, enquanto todos pareciam recuperar o fôlego. Até que Vic falou finalmente:

— Há alguma coisa em que não tenha pensado?

Claro que sim. Mas prefiro não partilhar a informação.

capítulo 43

A minha narrativa deixou-os enfeitiçados e me bombardearam com perguntas durante uma hora. Fui respondendo arduamente e, quando comecei a me repetir, fiquei irritado. Ofereça a um bando de advogados os detalhes suculentos de um mistério que lhes tirou o sono e eles não conseguem resistir a fazer as mesmas perguntas de cinco maneiras diferentes. A fraca opinião que tinha de Victor Westlake melhorou um pouco quando ele disse: — Já chega. A reunião acabou. Vou para o bar.

Sugeri que fôssemos para a mesma mesa junto à piscina. Pedimos cervejas e, assim que chegaram, bebemos grandes tragos.

— Há mais alguma coisa? — perguntou ele.

— Sim, por acaso, há mais uma coisa. Uma coisa quase tão importante quanto o assassinato de um juiz federal.

— Não provocou já emoção suficiente para um dia?

— Oh, sim, mas tenho uma última questão.

— Sou todo ouvidos.

Bebi mais um gole e apreciei o sabor.

— Se a minha sequência temporal estiver correta, o juiz Fawcett aceitava e escondia ouro puro enquanto decorria o julgamento do processo do urânio. O queixoso era a Armanna Mines, um consórcio de empresas com interesses no mundo inteiro. Mas o sócio majoritário é uma empresa canadense sediada em Calgary e esta empresa é proprietária de duas das cinco maiores minas de ouro da América do Norte. Os depósitos de urânio situados apenas na Virginia têm valor estimado em vinte bilhões de dólares, mas ninguém sabe ao certo. Se um juiz corrupto quiser um punhado de barras de ouro em troca de uma recompensa de vinte bilhões de dólares, por que não lhe dar? A empresa ofereceu o *jackpot* a Fawcett; ele ofereceu o que queriam.

— Quanto em ouro? — perguntou Westlake suavemente, como se não quisesse que seu próprio microfone escondido captasse a pergunta.

— Nunca saberemos, mas desconfio que Fawcett deve ter chegado perto dos dez milhões de dólares em ouro puro. Ele foi vendendo algum aqui e ali. Vocês têm seu informante em New York, mas nunca saberemos se ele andou por outros lados ou se o vendeu no mercado negro. Assim como nunca saberemos quanto dinheiro estava no cofre quando Nathan conseguiu finalmente abri-lo.

— Nathan sabe o valor.

— De fato, mas não conte muito com isso. De qualquer maneira, não é o total de ouro que está em questão. É muito dinheiro, ou ouro, e para viajar das mãos da Armanna Mines até os solenes aposentos do eminente Raymond Fawcett alguém teve que bancar o intermediário. Alguém que combinou tudo e fez as entregas.

— Um dos advogados?

— Provavelmente. Tenho certeza de que a Armanna Mines tinha uma dúzia deles.

— Alguma pista?

— Absolutamente nenhuma. Mas estou convencido de que foi cometido um enorme crime, com implicações muito sérias. A Suprema Corte vai ouvir a exposição do caso em outubro deste ano e, considerando as inclinações de negócios da maioria, o mais certo é que o presente do juiz Fawcett à empresa mineira se mantenha de pé. Isso seria uma pena, não acha, Vic? Uma opinião corrupta transformada em lei. Uma enorme empresa mineira que abre caminho com suborno, que esmaga uma proibição estatutária e recebe carta-branca para destruir o ambiente no sul da Virginia.

— Por que se preocupa com isso? Não vai estar lá, segundo diz.

— Meus sentimentos não são importantes, mas o FBI devia se preocupar. Se fizer uma investigação, o processo pode ser seriamente perturbado.

— Então agora está dizendo ao FBI como fazer seu trabalho?

— De maneira nenhuma. Mas não espere que fique quieto. Já ouviu falar de um jornalista investigativo chamado Carson Bell?

Os ombros de Westlake caíram enquanto desviou os olhos.

— Não.

— É do *New York Times*. Fez a cobertura do julgamento do urânio e seguiu também a fase de recursos. Eu seria uma fonte anônima incrível para ele.

— Não faça isso, Max.

— Não pode impedir. Se não fizer sua investigação, tenho certeza de que Mr. Bell adoraria fazê-la. Vai dar primeira página e tudo. O encobrimento do FBI.

— Não faça isso. Por favor. Dê-nos algum tempo.

— Têm trinta dias. Se eu não ouvir nada a respeito da investigação, convido Mr. Bell a vir passar uma semana na minha pequena ilha. — Bebi o resto da cerveja, bati com o copo na mesa e me levantei. — Obrigado pela cerveja.

— Está apenas se vingando, não é, Max? Um último golpe contra o governo?

— Quem lhe disse que é o último? — perguntei por cima do ombro.

Saí do hotel e caminhei pelo longo caminho de acesso. Na extremidade, Vanessa apareceu e nos afastamos rapidamente. Dez minutos depois, estacionamos no terminal particular, pegamos nossas bolsas leves de viagem e

encontramos a tripulação da Maritime Aviation no pátio. Os passaportes foram verificados e nos dirigimos rapidamente para o Lear Jet 35 que tinha trazido a Antigua uma semana antes.

— Vamos sair daqui — disse eu ao comandante assim que embarcamos.



Duas horas e meia depois, aterrissamos no Aeroporto Internacional de Miami, enquanto o sol mergulhava no horizonte.

O Lear avançou pela pista até o pátio da alfândega para as entradas no país, após o que esperamos durante meia hora por um táxi. Uma vez no terminal principal, Vanessa comprou um bilhete de ida para Richmond, via Atlanta, nos abraçamos e demos um beijo de despedida. Desejei-lhe boa sorte e ela fez o mesmo. Aluguei um carro e encontrei um motel.

Às nove da manhã seguinte, esperava junto ao Palmetto Trust quando as portas se abriram. Minha bolsa de viagem tinha rodas e arrastei-a até a caixa-forte. Poucos minutos depois, peguei os cinquenta mil dólares em dinheiro e as três caixas de charutos Lavos contendo oitenta e uma barrinhas. Na saída, não disse à funcionária da caixa-forte que nunca mais voltaria ali. O contrato de aluguel do cofre expiraria em um ano e o banco simplesmente mudaria a fechadura e alugaria ao cliente seguinte. Lutei contra o trânsito matutino e acabei por conseguir chegar à Interestadual 95, dirigindo para o norte com pressa, mas com cuidado, para não ser parado. Jacksonville ficava a seis horas de distância. O tanque do carro estava cheio e eu planejava dirigir sem paradas.

Ao norte de Fort Lauderdale, Vanessa ligou com a boa notícia de que sua missão fora bem-sucedida. Recuperara a carga escondida em seu apartamento, esvaziara os três cofres dos bancos de Richmond e já estava a caminho de D.C. Com o porta-malas cheio de ouro.

Fiquei preso no trânsito provocado por obras perto de Palm Beach, o que arruinou meus planos para aquela tarde. Quando chegasse às praias de Jacksonville, os bancos já estariam fechados. Não tinha outro remédio senão reduzir e andar no limite. Quando cheguei a Neptune Beach, já passava das seis e, em honra dos bons velhos tempos, fui para um motel onde já tinha estado. Aceitava pagamento em dinheiro e estacionei perto do quarto do térreo. Levei a mala para o quarto e dormi com ela a meu lado na cama. Vanessa me acordou às dez. Estava em segurança no apartamento de Dee Ray, perto da Union Station.

Quinn também estava lá e foi um reencontro maravilhoso. Para aquela fase da operação Dee Ray tinha rompido com a namorada que vivia com ele e ela saíra de casa. Na opinião dele, não era de confiança. Não fazia parte da família e não era certamente a primeira garota que ele botava de lado. Transmiti-lhes meu pedido para guardarem o champanhe por vinte e quatro horas.

Nós — Vanessa, Dee Ray e eu — expressamos nossos fortes receios em relação a Quinn incluir sua pouco estimada mulher em nosso plano. O divórcio deles parecia provável e era melhor que ela naquele momento não soubesse de nada.

Mais uma vez, dei por mim matando tempo no estacionamento de um banco, o First Coast Trust. Quando as portas se abriram, entrei, tão descontraidamente quanto possível, arrastando uma mala de rodinhas e flertando com as funcionárias. Era só mais um dia ensolarado na Flórida. Sozinho na caixa-forte, numa cabine privada, tirei as duas caixas de charutos e coloquei-as cuidadosamente na mala. Minutos depois, estava a poucos quarteirões dali, a caminho de uma agência do Jacksonville Savings. Quando o cofre ficou vazio, fiz minha última parada na agência da Wells Fargo, em Atlantic Beach.

Às dez da manhã já estava de volta à Interestadual 95, a caminho de D.C. Com 261 lingotes de ouro no porta-malas. Só os cinco que vendera a Hassan tinham desaparecido.



Quando cheguei ao centro de D.C., era quase meia-noite. Fiz um breve desvio e dirigi ao longo da First Street, passei em frente ao edifício da Suprema Corte e questionei-me qual seria o veredicto final do momentoso caso *Armanna Mines contra o Estado da Virginia*. Um dos advogados, ou talvez dois ou três dos que estavam envolvidos no processo, conspurcara certo dia os aposentos de um juiz federal com seu suborno imundo. Os ditos subornos estavam agora no porta-malas do meu carro.

Mas que epopeia. Quase me senti tentado a parar na calçada, pegar uma barrinha e jogá-la através de uma das enormes janelas.

A razão imperou. Contornei a Union Station, segui o GPS até a I Street, depois até a esquina da Fifth. Quando estacionei em frente ao edifício, Mr. Quinn Rucker descia os degraus com o maior sorriso que já vi na vida.

Nosso abraço foi longo e emocionado.

— Por que demorou tanto? — perguntou Quinn.

— Vim o mais depressa que pude — respondi.

— Eu sabia que vinha, mano. Nunca duvidei.

— Mas houve dúvidas, montes delas.

Estávamos espantados por termos conseguido fazer aquilo e, naquele momento, nosso sucesso era esmagador. Voltamos a nos abraçar e cada um de nós admirou como o outro estava magro. Comentei que estava ansioso por voltar a comer. Quinn disse que estava cansado de fazer papel de lunático.

— Mas é uma coisa que te cai naturalmente — eu disse. Ele me segurou pelos ombros, fitou-me e disse:

— Você agora está quase bonito.

— Posso dar o nome do médico. Bem que precisa de um jeitinho.

Nunca tive um amigo mais próximo do que Quinn Rucker, e as horas que passamos em Frostburg planejando nosso esquema pareciam agora parte de um sonho antigo. Naquela época, acreditávamos nele porque não havia muito mais onde depositar nossas esperanças, mas, no fundo, nunca pensamos que pudesse realmente funcionar. De braços dados, subimos a escada e entramos no edifício. Abracei e beijei Vanessa e voltei a me apresentar a Dee Ray. Encontrara-me brevemente com ele alguns anos antes na sala de visitas de Frostburg, quando ele foi visitar o irmão, mas não sabia se o reconheceria se o visse no meio da rua. Não importava, agora éramos irmãos de sangue, com nossos laços solidificados pela confiança e pelo ouro.

A primeira garrafa de champanhe foi servida em quatro *flutes* Waterford — Dee Ray tinha gostos caros — e bebemos. Dee Ray e Quinn colocaram armas no bolso e descarregamos rapidamente o carro. A festa que se seguiu depois pareceria pouco plausível até num filme fantástico.

Com o champanhe fluindo, pegamos as 524 barras de ouro e fizemos pilhas de dez no meio do chão da sala de estar; depois sentamos em almofadas em volta do nosso tesouro.

Era impossível não ficar de boca aberta e ninguém tentou reprimir as gargalhadas. Uma vez que eu era o advogado e o líder não oficial do grupo, comecei a fazer os cálculos das proporções, com um pouco de matemática simples. Tínhamos na nossa frente 524 pequenas barras; cinco tinham sido vendidas a um negociante de ouro sírio em Miami; e 41 repousavam em segurança num cofre em Antigua. O total retirado de nosso querido amigo Nathan era de 570, no valor de oito milhões e meio de dólares. Segundo estipulava nosso acordo, Dee Ray recebeu 57 pequenos lingotes brilhantes. Seus dez por cento foram ganhos por ter adiantado o dinheiro com que Quinn foi apanhado; por pagar os honorários de Dusty; por fornecer os quatro quilos de

cocaína de Nathan, assim como a arma e os comprimidos que usei para dopá-lo. Dee Ray tinha ido buscar Quinn quando ele fugiu de Frostburg e vigiou a saída de Nathan da prisão, para sabermos exatamente quando dar início ao projeto. Também pagou os vinte mil dólares do depósito na clínica de reabilitação perto de Akron, para resolver o falso problema de Quinn com a cocaína.

Dee Ray estava encarregado do iate. À medida que ia ficando mais bêbado, entregou uma lista discriminada de suas despesas, incluindo o iate, e somou-as todas chegando à quantia certa de trezentos mil dólares. Estávamos contando com um valor de cinquenta dólares o grama, e votamos unanimemente em recompensá-lo com mais vinte barras. Ninguém estava com disposição para picuinhas, e quando se tinha à frente uma fortuna daquelas era fácil ser magnânimo.

Em algum momento desconhecido e incognoscível do futuro, as restantes 488 barras seriam divididas em partes iguais entre mim, Quinn e Vanessa. Mas isso agora não era importante — a urgência agora era tirar o ouro do país. Ia demorar muito tempo para converter lentamente o ouro em dinheiro, mas nos preocuparíamos com isso mais tarde. Por enquanto, estávamos felizes por passar as horas bebendo, rindo e contando nossa versão dos acontecimentos. Quando Vanessa nos contou o momento na casa de Nathan em que se despira completamente e aparecera na frente dos amigos dele, rimos até doer. Quando Quinn reproduziu a reunião com Stanley Mumphrey em que deixou escapar que sabia que Max Baldwin tinha saído do programa de proteção de testemunhas e deixado a Flórida, imitou a reação espantada de Mumphrey, de olhos arregalados com a notícia. Quando descrevi meu segundo encontro com Hassan e a forma como tentei contar os 122 montinhos de notas de cem dólares num café movimentado, eles acharam que estava mentindo.

As histórias duraram até as três da manhã, quando já estávamos bêbados demais para continuar. Dee Ray cobriu o ouro com uma manta e me ofereci para dormir no sofá.

capítulo **44**

Voltamos lentamente à vida algumas horas depois. A ressaca e o cansaço foram compensadas pelo entusiasmo da tarefa que nos esperava. Para um jovem que viveu na orla do contrabando de substâncias ilegais para o território nacional, o desafio de levar nosso ouro para fora era canja para Dee Ray. Explicou que éramos agora mergulhadores entusiastas e que tinha comprado uma quantidade impressionante de equipamentos, todos guardados em sacos de lona oficiais dos Mergulhadores dos Estados Unidos, cada um com um fecho sólido e um pequeno cadeado. Andamos atarefados pelo apartamento retirando máscaras, tubos de respiração, barbatanas, reguladores, garrafas de oxigênio, cintos de chumbo, arneses flutuantes, manômetros, trajes de mergulho, até arpões automáticos, que nunca tinham sido usados. Estariam à venda no eBay dentro de um mês. O equipamento foi substituído por mochilas de mergulho menores e sacos impermeáveis, todos cheios de barras de ouro. O peso de cada saco foi testado e colocado em cima dos homens para ver o que conseguíamos levar. Os sacos eram volumosos e pesados, mas também o seriam se estivessem cheios de equipamento de mergulho. Além disso, Dee Ray acumulou uma variedade de malas, das mais robustas que encontrou e todas com rodinhas. Colocamos as barras em sapatos, estojos de barba, estojos de maquiagem e até em duas caixas pequenas de acessórios para pesca de profundidade. Quando juntamos algumas peças de roupa para a viagem, os sacos e os equipamentos pareciam suficientemente pesados para afundar um barco de tamanho respeitável. O peso era importante, porque não queríamos levantar suspeitas. Mas mais importante ainda era que as 524 barras de ouro estavam agora arrumadas, fechadas a chave e a cadeado e em segurança, ou pelo menos assim esperávamos.

Antes de sairmos, olhei ao redor do apartamento. Estava cheio de equipamento de mergulho e embalagens vazias. Em cima da mesa da cozinha, vi as caixas de Lavos vazias e senti uma certa nostalgia. Elas tinham nos servido bem.



Às dez, chegou uma grande van e carregamos os sacos de lona e a bagagem. Mal havia espaço para nós quatro. Vanessa sentou no meu colo. Quinze minutos depois, paramos num estacionamento da marina de Washington. Os ancoradouros eram contornados por boias, e centenas de barcos de todos os formatos balançavam suavemente na água. Os maiores estavam nas extremidades. Dee Ray apontou a direção e disse ao motorista aonde ir.

O iate era uma embarcação esbelta e bonita com trinta metros de comprimento, três conveses de altura, de um branco brilhante e de nome *Rumrunner*, o que parecia vagamente apropriado. Tinha capacidade para alojar confortavelmente oito pessoas e uma tripulação de dez marinheiros. Um mês antes, Dee Ray alugara-o para um cruzeiro rápido até as Bermudas e, por isso, conhecia o capitão e a tripulação. Chamou-os pelo nome quando nos espalhamos e começamos a pegar os sacos. Dois carregadores ajudaram e se debateram com o peso, pois já tinham lidado antes com mergulhadores de verdade. Os passaportes foram recolhidos pelo imediato, que os levou até a ponte. O de Quinn era falso e todos prendemos a respiração.

Demoramos uma hora inspecionando as instalações, ficando à vontade e nos instalando para a viagem. Dee Ray explicou aos marinheiros do convés que queríamos guardar os equipamentos de mergulho em nossos quartos, porque éramos fanáticos por eles. Eles trouxeram tudo do porão e levaram para os camarotes. Quando os motores começaram a funcionar, vestimos shorts e nos reunimos no convés inferior. O imediato trouxe a primeira garrafa de champanhe e uma travessa com camarão. Avançamos lentamente pelo porto e entramos no Potomac. Recebemos alguns olhares de outros barcos que passavam. Talvez fosse incomum ver um iate cheio de afro-americanos. Afinal, esse era um direito do homem branco, não?

O imediato regressou com os quatro passaportes e queria conversar. Expliquei que tinha acabado de comprar uma casa em Antigua e estávamos indo para lá para fazer uma festa. Ele acabou por perguntar qual era minha profissão (ou seja, de onde vinha o dinheiro?) e eu lhe disse que era diretor de cinema. Quando ele foi embora, brindamos ao meu ator favorito — Nathan Cooley. Pouco depois, estávamos no Atlântico e a costa desapareceu atrás de nós.

Segundo os parâmetros náuticos, que não primavam por grandes espaços, o nosso camarote era grande. Com quatro malas e dois sacos de lona, tínhamos alguns problemas para nos movimentarmos. No entanto, a cama funcionava perfeitamente. Vanessa e eu demos uma rapidinha e depois dormimos durante duas horas.



Três dias mais tarde, entramos em Jolly Harbour, na costa ocidental de Antigua. A vela é algo que se leva muito a sério na ilha e a baía estava cheia de barcos ancorados de todos os tamanhos. Passamos por eles, quase sem espaço de manobra e sem provocar grandes ondas, enquanto apreciávamos a vista das montanhas que nos rodeavam. Os grandes iates estavam ancorados juntos num dos cais e o comandante manobrou lentamente o *Rumrunner* para caber num espaço entre dois outros bonitos barcos, um do tamanho do nosso e o outro muito maior. Naquele momento fugaz em que vivíamos como os ricos, não podíamos deixar de comparar os comprimentos dos barcos. Olhamos fixamente para o maior deles e pensávamos: *quem será o dono? O que faz ele? De onde é?* E outras perguntas do tipo. A tripulação se apressou a amarrar os cabos e, depois que os motores pararam, o comandante voltou a reunir os passaportes e avançou pelo pontão. Caminhou cerca de cem passos até o pequeno edifício da alfândega, entrou e tratou da papelada.

Uma semana antes, enquanto matava tempo esperando que Vanessa chegasse a Antigua, tinha dado uma volta pelas docas de Jolly Harbour e vi um iate chegando.

Observei quando o comandante se dirigiu para o prédio da Alfândega, exatamente como o nosso fazia agora. Mas, mais importante que isso, reparei que ninguém da Alfândega saía para inspecionar o barco.

O capitão voltou; estava tudo em ordem. Chegamos a Antigua com o ouro e sem levantar suspeitas. Explico ao camareiro que queríamos levar o equipamento de mergulho para minha vila, porque seria mais fácil de usar a partir de lá. E já que estávamos com a mão na massa, levaríamos a bagagem também. Provavelmente, voltaríamos a usar o iate para mergulhar pelas ilhas ou para um ou outro jantar, mas nos primeiros dias ficaríamos em casa. O camareiro achou tudo muito bem, como quiséssemos, e chamou os táxis. Enquanto eles não chegavam, ajudamos os marinheiros a trazer malas e sacos de lona para as docas. Era uma pilha e tanto, e ninguém desconfiaria que, entre bagagens e equipamento de mergulho, levávamos escondidos oito milhões de dólares em ouro.

Foram necessários três táxis para levar tudo e, enquanto os carregamos, acenamos, despedindo-nos do imediato e do comandante. Vinte minutos depois,

chegamos à casa de Sugar Cove. Quando tudo estava guardado dentro da vila, batemos as mãos e pulamos no mar.

FIM

nota do autor

Esta é realmente uma obra de ficção, e mais ainda do que o habitual. Praticamente nada do que está nestas trezentas e poucas páginas é baseado em fatos reais. A pesquisa não foi uma prioridade e raramente foi necessária. A precisão não foi considerada crucial. Os longos parágrafos de ficção foram usados para evitar ter de procurar fatos. O campo federal de Frostburg não existe, como não existe (ainda) o processo judicial do urânio; nenhum juiz morto me serviu de inspiração e, pelo que sei, não conheço ninguém que esteja detido e planejando fugir.

Porém, e como é inevitável, até o mais preguiçoso dos autores precisa de alguma fundação para a sua criação, e eu encontro-me muitas vezes na falta dela. Como sempre, apoio-me nos outros. Obrigado a Rick Middleton e Cal Jaffe, do Centro de Direito Ambiental do Sul. Em Montego Bay, fui assistido pelo Ilustre George C. Thomas e pela sua equipe de excelentes jovens advogados.

Agradeço também a David Zanca, John Zunka, Ben Aiken, Hayward Evans, Gaines Talbott, Gail Robinson, Ty Grisham e Jack Genet.

Digitalização: Dores Cunha
Correção: Aida Nascimento